

Maria Cecília Pilati de Carvalho Fritsche

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO CRÍTICO DA TRADUÇÃO
EM LÍNGUA DE ESPECIALIDADE. PROPOSTA DE ANÁLISE
DE DUAS TRADUÇÕES DE LACAN PARA O PORTUGUÊS: DO
LÉXICO À TERMINOLOGIA**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET), como exigência para obtenção de título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel

Coorientadora: Dra. Deise Joelen Tarouco de Freitas

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fritsche, Maria Cecilia Pilati de Carvalho Fritsche
Contribuição para o estudo crítico da tradução em
língua de especialidade. Proposta de análise de duas
traduções de Lacan para o português: do léxico à
terminologia. / Maria Cecilia Pilati de Carvalho
Fritsche Fritsche ; orientador, Dr. Carlos Alberto
Antunes Maciel Maciel, coorientador, Dra. Deise
Joelen Tarouco de Freitas Freitas, 2017.
213 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Hyperbase. 3. Ciências
do Léxico. 4. Psicanálise. 5. Tradução Técnica. I.
Maciel, Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel. II.
Freitas, Dra. Deise Joelen Tarouco de Freitas. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO CRÍTICO DA TRADUÇÃO
EM LÍNGUA DE ESPECIALIDADE. PROPOSTA DE ANÁLISE
DE DUAS TRADUÇÕES DE LACAN PARA O PORTUGUÊS: DO
LÉXICO À TERMINOLOGIA**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET).

Florianópolis, 5 de maio de 2017.

Prof.^a Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel
Orientador e presidente da Banca Examinadora
Université Nice Sophia Antipolis (UNICE-PGET)

Prof.^a Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares
Universidade de São Paulo (USP)

Florianópolis
2017

À Maria Koppe Pilati *in memoriam*
pela força do amor que me conduz.

AGRADECIMENTOS

Durante estes dois anos meio de pesquisa, muitas pessoas participaram para que ela pudesse ser concretizada. A primeira pessoa de que jamais poderia esquecer pela maneira excêntrica e bem-humorada que atendia os alunos é o administrador da PGET, Carlos Fernando Santos, com o seu jeito pragmático me fez realizar a inscrição para a seleção de mestrado no lugar de aluno ouvinte, minha proposta inicial. Agradeço ao Fernando pela indicação daquele que viria a ser meu orientador no mestrado.

Ao prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel, minha enorme gratidão por tudo que me ensinou, pela paciência, pelo companheirismo e o amor que tem pela pesquisa. Agradeço por ter dado atenção ao meu projeto de dissertação e por ter valorizado minha formação, ao dizer que gostava muito de “alunos com dupla graduação, pois têm a mente aberta”. A ele serei sempre grata por ter me ensinado a trabalhar com o programa Hyperbase e especialmente por ter me mostrado a importância e a beleza das palavras.

Agradeço à minha coorientadora, Dra. Deise Joelen Tarouco de Freitas, por me auxiliar na operacionalização do Hyperbase e por seu irrestrito apoio nas horas em que o prof. Carlos estava no exterior.

Sou grata também ao prof. Dr. Alckmar Luis do Santos pela gentileza em abrir as portas do seu laboratório (NUPILL) para que pudesse trabalhar e realizar as supervisões. Agradeço pelas leituras atentas e contribuições dadas em relação à dissertação. Meu obrigado aos amigos que fiz no núcleo e pelas boas risadas nos momentos de descontração.

Agradeço ainda à profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão pela oportunidade de assistir às aulas da disciplina de *Lexicologia e ensino de línguas estrangeiras* (2015), por ter nos dado a oportunidade de publicar um capítulo de livro em lexicologia e pela leitura e contribuição que certamente virão para o aperfeiçoamento desta dissertação.

Ao prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares agradeço pela pesquisa grandiosa que vem realizando no âmbito da tradução e psicanálise e por aceitar ler minha dissertação e contribuir nesta pesquisa.

Minha gratidão ao prof. Dr. Walter Carlos Costa por ter feito parte da banca de qualificação e contribuído para a pesquisa, por indicar o trabalho de Pedro Tavares e por ter me ensinado a usufruir melhor dos serviços da Biblioteca Universitária.

Aos colegas psicanalistas do Fórum do Campo Lacaniano de Florianópolis, o meu agradecimento. Especialmente às amigas Isabela Ka-

rina Santos do Valle e Michele Olinger Brofman, parceiras desde a época da UNISUL, e aos colegas e professores da PGET e da pós-graduação em linguística PPGLIN.

À profa. Jacqueline Virmond Vieira, muito obrigada pela atenção e leitura da dissertação.

À minha família, agradeço pelo apoio emocional e financeiro. Pelo companheirismo da minha pequena Nina, que já tem a UFSC como seu segundo lar. E pela leitura e grande contribuição do meu marido Valmor Fritsche à dissertação.

À CAPES pelo financiamento parcial desta pesquisa e ao prof. Áureo Mafra de Moraes pelo apoio, atenção e disponibilidade.

Agradeço aos meus pais, especialmente à minha mãe, pelo refúgio concedido.

Desse jeito ela nasceu e assim será para sempre: a Noite é o casamento da letra N e de Oito nas línguas todas nascidas na alta Torre de Babel. [...] Fica provado, meninos, que só o amor é capaz de criar o que o senhor não criou nos sete dias. (Ziraldo Alves Pinto, 1993, p. 22)¹

¹ PINTO, Ziraldo Alves. **A letra N e o nascimento da noite**. Editora Melhoramentos: São Paulo, 1993.

RESUMO

A presente dissertação trata-se do estudo crítico e comparativo de *Écrits* (1966) de Jacques Lacan para o português *Escritos* (1978 e 1998) das tradutoras Inês Oseki-Depré e Vera Ribeiro. A ferramenta metodológica utilizada é o programa estatístico e documental francês Hyperbase. Com este programa realizamos a quantificação dos textos em relação as ocorrências (extensão), unidade de vocabulário, as palavras de frequência 1 (hapax) e 2 e as altas frequências nas três obras. Em seguida, pesquisamos a forma *sujet/sujeito* sob os preceitos da lexicologia, a terminologia e o neologismo semântico e por fim as traduções de *sujet/sujeito* e suas variações formais e conceituais. Constatamos ao final, que mesmo se tratando de traduções de uma mesma obra e para a mesma língua de chegada, *Escritos* (1978) e *Escritos* (1998) são obras diferentes.

Palavras chave: Hyperbase 1. Ciências do Léxico 2. Psicanálise 3. Tradução Técnica 4.

RÉSUMÉ

Dans le cadre de ce mémoire de master dans le domaine d'étude critique et comparative des *Écrits* (1966) de Jacques Lacan et ses traductions pour le portugais *Escritos* (1978 et 1998) des traducteurs Inês Oseki-Depré et Vera Ribeiro. L'instrument méthodologique utilisé est le programme statistique et documentaire français Hyperbase. Avec ce programme, nous effectuons la quantification des textes dans les instances des occurrences, unité de vocabulaire, la fréquence des mots hapax (1) et de fréquence 2 et les hautes fréquences dans les trois œuvres. Ensuite, nous recherchons sur les formes plus élevées *sujet/sujeito* du point de vue de la lexicologie, de la terminologie et du néologismo sémantique et enfin, la traduction de *sujet/sujeito* et ses variations formelles et conceptuelles. Finalement, nous avons évalué qu'*Escritos* (1978) et *Escritos* (1998) sont différentes œuvres.

Mots-clés: Hyperbase 1. Sciences des Lexiques 2. Psychanalyse 3. Traduction Technique 4.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da tela em que o programa oferece as opções <i>compléte</i> (versão 10.0) e <i>simplifié</i> (versão 9.0)	30
Figura 2 – Imagem da página inicial do Hyperbase	34
Figura 3 – Imagem de <i>index</i> do Hyperbase	35
Figura 4 – Imagem da lista de vocabulário do Hyperbase	36
Figura 5 – Imagem da representação gráfica da forma <i>cada</i> do Hyperbase	37
Figura 6 – Imagem da frequência total e as sub-frequências da palavra <i>amor</i> no Hyperbase	38
Figura 7 – Formas e lemas da palavra <i>amor</i> no Hyperbase	39
Figura 8 – Imagem dos contextos da forma <i>ódio</i> no Hyperbase ..	40
Figura 9 – Imagem das concordâncias da forma <i>sujeito</i> no Hyperbase	41
Figura 10 – Imagem do quadro em que aparece a opção por <i>formes e lemmes</i>	42
Figura 11 – Imagem da lematização de <i>ódio</i> no Hyperbase	43
Figura 12 – Tabela dos contextos da forma <i>suje</i> t com a indicação para os resultados completos em formatoTXT	44
Figura 13 – Tela do programa Hyperbase - Lematização	44
Figura 14 – Imagem da opção <i>liste</i> com as sub-frequências e as repartições da forma <i>sujeito</i>	46
Figura 15 – Imagem da página inicial de <i>distribution</i>	47
Figura 16 – Imagem das <i>occurrences</i> e <i>vocables</i> no Hyperbase	48
Figura 17 – Imagem de <i>richesse du vocabulaire et hapax</i> do Hyperbase	49
Figura 18 – Imagem das <i>hautes fréquences</i> do Hyperbase	50
Figura 19 – Imagem da tabela de <i>distribution des fréquences</i> do Hyperbase	51
Figura 20 – Grafo em árvore das ocorrências das traduções de 1978 e 1998	52
Figura 21 – Histograma simples fatorial da palavra <i>sujeito</i> nas traduções de 1978 e 1998	53
Figura 22 – Grafo em constelação da forma-polo <i>sujeito</i> nas duas traduções (1978 e 1998)	59

Figura 23 – Histograma de hapax em <i>Escritos</i> (1978 e 1998)	63
Figura 24 – Histograma da ocorrência do termo <i>sujet</i> em <i>Écrits</i> (1966)	129
Figura 25 – Histograma da ocorrência do termo <i>sujeito</i> nas traduções (1978 e 1998)	130
Figura 26 – Grafo em constelação da forma <i>sujet</i> em <i>Écrits</i> (1966)	144
Figura 27 – Histograma das relações mais próximas de <i>sujet</i> em <i>Écrits</i> (1966)	145
Figura 28 – Grafo em constelação da forma <i>sujeito</i> nas traduções de 1978	146
Figura 29 – Histograma das relações mais próximas de <i>sujeito</i> em <i>Escritos</i> (1978)	147
Figura 30 – Grafo em constelação de <i>sujeito</i> na tradução de 1998	148
Figura 31 – Histograma das relações mais próximas de <i>sujeito</i> em <i>Escritos</i> (1998)	149
Figura 32 – Grafo em constelação da forma <i>sujeito</i> nas traduções de 1978 e 1998	150
Figura 33 – Conexão lexical de <i>sujeito</i> em <i>Escritos</i> (1978 e 1998)	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bases integrantes do <i>corpus</i> de <i>Écrits</i> (1966) e <i>Escritos</i> (1978 e 1998)	31
Tabela 2 – Ocorrências em <i>Écrits</i> (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases com pontuação	57
Tabela 3 – Ocorrências em <i>Écrits</i> (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases sem pontuação	58
Tabela 4 – Unidade de vocabulário em <i>Écrits</i> (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases sem pontuação	59
Tabela 5 – Unidade de vocabulário em <i>Écrits</i> (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases com pontuação	60
Tabela 6 – Unidades de vocabulário repartidas nas partes <i>a</i> e <i>b</i> das três obras	61
Tabela 7 – Ocorrências repartidas nas partes <i>a</i> e <i>b</i> das três obras ..	61
Tabela 8 – Hapax em <i>Écrits</i> (1966) e suas traduções (1978 e 1998)	62
Tabela 9 – Total de hapax e palavras de frequência 2 nas traduções para o português	62
Tabela 10 – Diferenças de palavras hapax e palavras de frequência 2 nas traduções para o português	63
Tabela 11 – Frequências das formas iguais e superiores a 70 nas três obras	71
Tabela 12 – Formas substantivas de alta frequência nas obras <i>Écrits</i> (1966) e <i>Escritos</i> (1978 e 1998)	76
Tabela 13 – Formas em <i>Écrits</i> (1966) cujo equivalente é inferior a 70	77
Tabela 14 – Frequência dos termos <i>inconscient, complexe d’Oedipe, résistance, refoulement, sexualité</i> e <i>pulsion</i> do <i>corpus</i> analisado em <i>Écrits</i> (1966)	81
Tabela 15 – Frequência dos termos <i>inconsciente, complexo de Édipo, resistência, recalque, sexualidade</i> e <i>pulsão</i> do <i>corpus</i> analisado em <i>Escritos</i> (1978)	81
Tabela 16 – Frequência dos termos <i>inconsciente, complexo de Édipo, resistência, recalque, sexualidade</i> e <i>pulsão</i> do <i>corpus</i> analisado em <i>Escritos</i> (1998)	82
Tabela 17 – Frequência de <i>sujet</i> e suas variações em <i>Écrits</i> (1966)	128
Tabela 18 – Frequência de <i>sujeito</i> e suas variações em <i>Escritos</i> (1978)	128

Tabela 19 – Frequência de <i>sujeito</i> e suas variações em <i>Escritos</i> (1998)	128
Tabela 20 – Conexões lexicais mais próximas de <i>sujet</i> e <i>sujeito</i> do original e nas traduções de 1978 e 1998	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 METODOLOGIA	27
2.1 FERRAMENTA HYPERBASE	32
3 ESTATÍSTICA LINGUÍSTICA: O ENLACE DOS NÚMEROS COM AS LETRAS	56
3.1 OCORRÊNCIAS (EXTENSÃO)	57
3.2 UNIDADE DE VOCABULÁRIO	59
3.3 HAPAX	61
3.4 ALTA FREQUÊNCIA	69
3.4.1 Na entrada do ‘funil’	70
4 AS FRONTEIRAS DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO	87
4.1 NEOLOGISMO SEMÂNTICO	92
4.2 O LÉXICO <i>SUJET/SUJEITO</i>	95
4.3 O TERMO <i>SUJET/SUJEITO</i>	102
5 O ENLACE ENTRE AUTOR E TRADUTOR	115
5.1 PROBLEMAS TRADUTÓRIOS EM <i>ESCRITOS</i> (1978) E <i>ESCRITOS</i> (1998)	125
5.2 O ESTUDO CRÍTICO DAS TRADUÇÕES DE <i>SUJEITO</i> / <i>SUJET</i> E SUAS VARIAÇÕES	127
5.2.1 A tradução de <i>sujet</i> substantivo para <i>sujeito</i> (1978) e sua reformulação para <i>tema</i> (1998)	132
5.2.2 A tradução de <i>sujet</i> na função adjetiva para <i>assunto</i> (1978) e sua reformulação para <i>tema</i> (1998)	133
5.2.3 A tradução de <i>sujet</i> na função substantiva para <i>assunto</i> (1978) e sua reformulação para <i>tema</i> (1998)	134
5.2.4 A tradução de <i>sujet</i> para <i>assunto</i> (1978 e 1998)	135
5.2.5 A tradução de <i>sujet</i> para <i>tema</i> (1978 e 1998)	135
5.2.6 A tradução de <i>sujet</i> para <i>assunto</i> (1978) e <i>sujeito</i> (1998) ...	136
5.2.7 A tradução de <i>sujet</i> para <i>sujeito</i> (1978) e <i>assunto</i> (1998) ..	137
5.2.8 As traduções de <i>sujets</i> para <i>submetidos</i> (1978 e 1998), <i>temas</i> (1978) e <i>sujeitos</i> (1998)	138
5.2.9 As traduções de <i>sujette</i> e <i>soumise</i> para <i>súdita</i> (1978 e 1998), <i>submetida</i> (1978) e <i>sujeita</i> (1998)	140

5.2.10 As traduções de <i>assujettis</i> para <i>sujeitas</i> (1978 e 1998)	142
5.2.11 O grafo de Luong de <i>sujet</i> (1966) e <i>sujeito</i> (1978 e 1998) e as conexões lexicais	143
CONCLUSÃO	154
REFERÊNCIAS	159
ANEXOS	166
<u>ANEXO A</u> – O LÉXICO <i>SUJET</i> NO DICIONÁRIO <i>TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ</i>	167
<u>ANEXO B</u> – O LÉXICO <i>SUJEITO</i> NO NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO	175
<u>ANEXO C</u> – TABELA HIERÁRQUICA DE FREQUÊNCIA IGUAL OU SUPERIOR A 50 DE <i>ÉCRITS</i> (1966) E <i>ESCRITOS</i> (1978 e 1998) COM SINAIS DE PONTUAÇÃO	176
<u>ANEXO D</u> – AS CONCORDÂNCIAS DE <i>SUJET</i> EM <i>ÉCRITS</i> (1966)	182
<u>ANEXO E</u> – AS CONCORDÂNCIAS DE <i>SUJEITO</i> EM <i>ESCRITOS</i> (1978)	191
<u>ANEXO F</u> – CONCORDÂNCIA DE <i>SUJEITO</i> EM <i>ESCRITOS</i> (1998)	200
<u>ANEXO G</u> – CONCORDÂNCIA DE <i>SUJETS</i> EM <i>ÉCRITS</i> (1966)	210
<u>ANEXO H</u> – CONCORDÂNCIA DE <i>SUJEITOS</i> EM <i>ESCRITOS</i> (1978)	211
<u>ANEXO I</u> – CONCORDÂNCIA DE <i>SUJEITOS</i> EM <i>ESCRITOS</i> (1998)	213

1 INTRODUÇÃO

Disciplinas das áreas sociais, humanas, biológicas e exatas vêm dialogando com o objetivo de compreender o homem na sua totalidade. Japiassu (1976)² afirma que a interdisciplinariedade é uma necessidade das ciências para uma melhor compreensão da realidade do homem. Colocar o problema da interdisciplinariedade nas ciências humanas já é colocar a questão do diálogo das disciplinas. “Isso nos levará à tentativa de formulação de uma interpretação global da existência humana”. (p. 29)

O autor (1976) critica a maneira como o saber vem sendo conduzido na atualidade e argumenta que a proposta da interdisciplinariedade é um protesto “contra um saber fragmentado, em migalhas, pulverizado numa multiplicidade crescente de especialidades, em que cada uma se fecha como que para fugir ao verdadeiro conhecimento”. (JAPIASSU, 1976, p. 43)

Um trabalho interdisciplinar, no entanto, requer o diálogo fluido entre os membros de uma equipe. Por isso, o pesquisador deve estar aberto e observar as particularidades das demais disciplinas sem abandonar a sua especialidade. Nas palavras de Japiassu (1976) “é preciso que cada um esteja impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo para que possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especialidade”. (p. 35)

Esta dissertação exigiu esse caráter interdisciplinar, pois emergiu da dupla graduação desta pesquisadora – Psicologia (2005) e Letras e Literatura francesa (2014) – e possibilitou o diálogo entre estes saberes. Agregou-se a isso, na pós-graduação em Estudos da Tradução, a convergência da linguística, dos preceitos da tradutologia e das ciências do léxico com a estatística computacional. Por meio deste diálogo interdisciplinar, daremos uma contribuição para a análise crítica da tradução de *Escritos* (1978)³, de Inês Oseki-Depré, e *Escritos* (1998)⁴, vertido ao português por Vera Ribeiro, obras editadas no Brasil, comparando-as ao original *Écrits* (1966)⁵, de Jacques Lacan (1901-1981), em francês.

² JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinariedade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

³ LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1978.

⁴ LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁵ LACAN, Jacques. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

Um dos polos pioneiros em trabalhos interdisciplinares está na *Université Nice Sophia Antipolis*, onde se desenvolveu o programa Hyperbase⁶, ferramenta metodológica utilizada nesta dissertação. No Brasil, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), contamos com o Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (Nupill), coordenado pelo professor Dr. Alckmar dos Santos, que tem como proposta o trabalho interdisciplinar. Segundo Cúrcio (2013)⁷, profissionais de áreas como Estatística, Matemática, Linguística, Literatura e Sociologia têm e tiveram muito a contribuir com o desenvolvimento do Hyperbase, num trabalho conjunto, que delinea uma nova comunidade científica interligada pelas novas tecnologias e pelo tipo de pesquisa que elas proporcionam. Cúrcio (2013) confirma essa ideia:

Apesar da incipiência dos estudos estatísticos no âmbito literário, há de se concordar que os estudos tanto linguísticos, quanto literários assistidos por computador têm um caráter interdisciplinar, pois especialistas de diferentes áreas se reúnem para elaborar as ferramentas, utilizá-las, buscando sempre aprimoramento e reflexão. Precisamos de estatísticos, matemáticos, linguistas, críticos literários, sociólogos etc. É um trabalho em equipe que marca uma nova comunidade científica unida pelas novas mídias e pelo tipo de pesquisa que elas proporcionam. (p. 35)

Toda e qualquer pesquisa sobre psicanálise lacaniana exige uma abordagem interdisciplinar, pois Lacan, discípulo da corrente de pensamento estruturalista, mergulhou na filosofia de Platão (427-347 a.C.) e René Descartes (1596-1650) e se ‘inebriou’ no trabalho de Ferdinand de Saussure (1857-1913), na antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e na matemática, com a topologia de Jean-Michel Vappereau e as fórmulas dos alemães August Ferdinand Möbius (1790-1868) e Felix Klein (1849-1925). Além de estar ligado intelectualmente a esses pensadores, o que faz a arte de Lacan ser brilhante é a sua capa-

⁶ BRUNET, Étienne. **Hyperbase**: Logiciel hypertexte pour le traitement documentaire et statistique des corpus textuels. Version 10.0. Nice : Université Nice Sophia Antipolis, 2014.

⁷ CÚRCIO, Verônica Ribas. **Palavras de Rosa**: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa, 2013. 158 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2013.

cidade de usufruir desses intelectuais e de se desfazer deles, mantendo, assim, a sua especialidade. Lacan propõe algo inédito e deixa sua marca na cultura ocidental moderna. Segundo Roudinesco e Plon (1997)⁸,

Em 1950, Lacan começou esse retorno aos textos de Freud, baseando-se, ao mesmo tempo, na filosofia heideggeriana, nos trabalhos da linguística saussuriana e nos de Lévi-Strauss. Da primeira, adotou um questionamento infinito sobre o estatuto da verdade, do ser e do seu desvelamento; da linguística, extraiu sua concepção do significante e de um inconsciente organizado como uma linguagem; do pensamento de Lévi-Strauss deduziu a noção de simbólico, que utilizou em uma tópica (simbólico, imaginário, real: S.I.R.), assim como uma releitura universalista da interdição do incesto e do complexo de Édipo. (p. 448)

Se considerarmos esses e outros aspectos, a proposta desta dissertação é inédita. Comparar o texto em francês *Écrits* (1966), de Jacques Lacan, com as duas traduções brasileiras, de 1978 e 1998, ambas com o título *Escritos*, tendo como suporte a ferramenta metodológica do programa francês Hyperbase é, com efeito, original. Conhecemos a tese de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, *Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias* (2007)⁹, que trabalha com léxico, tradução e psicanálise e utiliza o programa *WordSmith Tools, software* que reúne programas de triagem que auxiliam na compreensão do comportamento das palavras nos textos. E também a de Alba Elena Escalante Alvarez, *Semejantes extranõs: traducción comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo Nazar* (2015)¹⁰, e a pesquisa de Pedro Heliodoro Tava-

⁸ ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

⁹ REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. **Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias**. 2007. 229 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

¹⁰ ALVAREZ, Alba Elena Escalante. **Semejantes extranõs: traducción comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo Nazar**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015.

res (2013)¹¹, que está traduzindo diretamente do alemão para o português as *Gesammelte Werke und Schriften* (1899-1939) de Sigmund Freud. As referidas pesquisas tem como objeto de trabalho a psicanálise, porém de uma forma diferente da proposta metodológica, como bem veremos a seguir.

Além das duas traduções de *Écrits* (1966) publicadas no Brasil, Roudinesco e Plon (1997) afirmam que “A obra de Lacan está traduzida em 16 línguas [...]”. (p. 445). Assim, é possível encontrar o texto, por exemplo, em espanhol, *Escritos I* (1971), Siglo Veintiuno (dois volumes); em italiano, *Scritti* (1974), Einaudi, tradução de di Giacomo B. Contri; em alemão, *Schriften I, II, III* (1975), Quadriga, tradução de Norbert Haas. Há ainda em português a continuação de *Escritos*, obra intitulada *Outros Escritos* (2003)¹², com a tradução de Vera Ribeiro, publicada pela Zahar editora.

Escolhi trabalhar com *Écrits* (1966) por ser um material de próprio punho, escrito por Lacan antes da preparação dos *Seminários*. Segundo Roudinesco e Plon (1997), “Jacques Lacan redigiu cerca de 50 artigos, em geral oriundos de conferências: 34 deles, os mais importantes, foram reunidos pelo editor François Wahl em 1966, em uma imponente obra de 900 páginas, intitulada *Écrits* [...]”. (p. 445). O mesmo não ocorreu com os *Seminários*, organizados pelo seu genro, Jacques-Alain Miller. A primeira tradução *Escritos* (1978), por uma contingência editorial, é considerada parcial (excerto) e conta apenas 342 páginas, em 10 capítulos, além da *Abertura da Coletânea*. Diante da situação, optamos por usar como referência somente os capítulos de *Escritos* (1978) traduzidos por Inês Oseki-Depré, comparando-os com os correspondentes no original e com a segunda tradução, feita por Vera Ribeiro.

Partimos da hipótese de que *Écrits* (1966) e suas traduções *Escritos* (1978) e *Outros Escritos* (1998) são obras divergentes. Embora tenham o original francês como língua de partida e o português como língua de chegada, as duas traduções não resistem a uma comparação mais acurada. Dos fatores que tornam as duas traduções díspares, o mais evidente é a época em que foram publicadas – vinte anos as separam. Poderíamos dizer que se a primeira tradutora, Inês Oseki-Depré, realizasse a tradu-

¹¹ TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, Walter Carlos; PAULA, Marcelo Bueno de (Orgs). **Tradução e Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

¹² LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ção duas décadas depois não teríamos o mesmo resultado tradutório. A subjetividade, somada ao acúmulo de conhecimento do tradutor, já não seria a mesma, e isto interfere na atividade essencialmente humana que é a tradução. Há também no espaço de tempo a modificação no estado da língua. Segundo Biderman (2001)¹³, “o vocabulário de uma língua se renova com grande velocidade no mundo contemporâneo. Segundo a lexicógrafa J. Rey-Debove em 25 anos a renovação vocabular é da ordem de 10%, o que corresponde a 5.000 palavras num conjunto de 50.000 vocábulos”. (p. 18)

Outro aspecto a ser considerado é a trajetória profissional das duas tradutoras. Inês Oseki-Depré é linguísta, brasileira, reside há muito tempo na França, onde fez carreira. *Escritos* (1978) passou pela revisão especializada das psicólogas Regina Schnaiderman e Miriam Schnaiderman. Já Vera Ribeiro, que traduziu *Escritos* (1998), é psicanalista, brasileira, mora e trabalha no Brasil. Sua tradução passou pela revisão técnica dos psicanalistas Antonio Quinet e Angelina Harari.

A delimitação deste estudo crítico e comparativo são os dez capítulos e a *Ouverture de ce recueil* em *Écrits* (1966) e suas traduções para o português *Escritos* (1978) e *Escritos* (1998). O *corpus* de pesquisa desta dissertação foi construído como segue:

Original *Écrits* (1966), de Jacques Lacan:

- 0) Ouverture de ce recueil (p. 9-10);
- 1) Le séminaire sur “la Lettre volée” (p. 11-61);
- 2) Le temps logique et l’assertion de certitude anticipée (p. 197-213);
- 3) Intervention sur le transfert (p. 215-226);
- 4) Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse (p. 237-322);
- 5) Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956 (p. 459-491);
- 6) L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud (p. 493-528);
- 7) La signification du phallus (p. 685-695);

¹³ BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

- 8) Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien (p. 793-827);
- 9) Position de l'inconscient (p. 829-850);
- 10) Appendice II : La Métaphore du Sujet (p. 889-892).

Primeira tradução para o português *Escritos* (1978), de Inês Oseki-Depré:

- 11) Abertura da Coletânea (p. 13-15);
- 12) Seminário Sobre A carta roubada (p. 17-67);
- 13) Tempo Lógico e a Aserção de Certeza Antecipada – Um Novo Sofisma (p. 69-86);
- 14) Intervenção sobre a Transferência (p. 87-99);
- 15) Função de Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise (p. 101-187);
- 16) Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista (p. 189-222);
- 17) A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud (p. 223-259);
- 18) A Significação do Falo (p. 261-273);
- 19) Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano (p. 275-311);
- 20) Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964 (p. 313-335);
- 21) Apêndice II: A Metáfora do Sujeito (p. 337-342).

Segunda tradução de *Escritos* (1998), Vera Ribeiro:

- 22) Abertura desta coletânea (p. 9-11);
- 23) O seminário sobre “A carta roubada” (p. 13-66);
- 24) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (p. 197-213);
- 25) Intervenção sobre a transferência (p. 214-225);
- 26) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (p. 238-324);
- 27) Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 (p. 461-495);
- 28) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (p. 496-533);
- 29) A significação do falo (p. 692-703);

- 30) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (p. 807-842);
- 31) Posição do inconsciente (p. 843-864);
- 32) Apêndice II: A Metáfora do Sujeito (p. 903-907).

Percebe-se, inicialmente, que há uma grande discrepância no número de páginas das obras *Écrits* (1966) e *Escritos* (1998), em comparação a *Escritos* (1978). Isso ocorre porque tanto o original (1966) quanto a tradução publicada em 1998, são obras integrais. Em *Écrits* (1966) temos 920 páginas e na tradução *Escritos* (1998) 934 páginas e a *Nota à edição brasileira*. O mesmo não ocorreu em *Escritos* (1978), que contemplou apenas partes da obra em francês. Além dos dez capítulos em *Escritos* (1978), existem outros em *Écrits* (1966) e *Escritos* (1998) que não serão analisados nesta dissertação. A razão pela qual trabalhamos com a *Abertura da Coletânea* e mais dez capítulos traduzidos por Inês Oseki Depré se explica na matéria de Maurício Santana Dias (2001)¹⁴. Segundo ele, a tradutora impôs ao autor o limite de dez textos:

Na segunda metade dos anos 70 começaram a aparecer as edições brasileiras da obra de Lacan. A primeira delas foi uma antologia de dez textos dos “Escritos” (ed. Perspectiva), lançada em 1976¹⁵ e traduzida por Inês Oseki-Depré. “A Inês foi aluna do Jakobson, e Jakobson disse a Lacan que ela seria uma excelente tradutora de sua obra para o português. Mas Inês se negava a fazer o trabalho, porque era linguista, e não psicanalista. Lacan adorou isso e a convidou para um jantar suntuoso. A partir daí ela aceitou traduzir apenas dez textos, que foram publicados em 1976”, relata o psicanalista Antonio Quinet, que recentemente coordenou a edição integral dos “Escritos” (ed. Jorge Zahar). “Quando saiu a tradução da Inês, publiquei um artigo ponderando que havia alguns problemas no texto”, lembra Leyla Perone-Moisés. “Uma única pessoa, de um único campo do saber, encontrava necessariamente muitas dificuldades naquela tarefa. [...]”

¹⁴ DIAS, Maurício Santana. Em nome do pai: a construção do mito Lacan. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde08042001.htm>> Acesso em: 3 jan. 2017.

¹⁵ A edição é de 1978.

Esta dissertação tem como característica metodológica a análise quantitativa e qualitativa dos textos. Quantitativa porque são tratados dados estatísticos e de frequência na contagem das palavras, mensuráveis num texto, e que se refletem na extensa análise dos valores numéricos. Segundo Muller (1993)¹⁶,

Chacun sait que la statistique n'opère que sur des données numériques. Aucune matière ne peut lui être soumise si elle n'est préalablement quantifiée. Ce qui suppose que l'objet étudié comporte certains caractères quantifiables, et que l'on juge bon d'isoler certains de ces caractères pour les soumettre aux opérations statistiques. (p. 11)

O caráter qualitativo do trabalho está refletido na análise das altas frequências das palavras das três obras e das traduções de *sujet* para o português.

Organizamos a dissertação em cinco partes. No capítulo 1 – *Metodologia* –, explicaremos o percurso metodológico da pesquisa e os termos provenientes da estatística/linguística utilizados pelo programa estatístico e documental Hyperbase. No capítulo 2 – *Estatística Linguística: o enlace dos números com as letras* –, demonstramos a quantificação dos textos que o Hyperbase nos forneceu em relação às ocorrências (extensão), unidade de vocabulário, as palavras de frequência 1 (hapax) e as altas frequências nas três obras. O capítulo 3 – *As fronteiras das ciências do léxico* –, trata da delimitação do campo de estudo da lexicologia, a terminologia e o neologismo semântico. As três áreas têm como objeto de estudo a palavra. No entanto, o que as torna ciências diferentes é o método com o qual o pesquisador observa seu objeto. Aqui, sob a ótica da lexicologia e da terminologia, propomos analisar as palavras *sujet/sujeito*. Pesquisamos os léxicos *sujet* e *sujeito* de maior frequência nas três obras e, em seguida, projetamos cientificamente as relações do termos *sujet/sujeito* com as disciplinas da área social, jurídica, filosófica, psicológica e gramatical para depois constatarmos a diferença do sentido do termo *sujet/sujeito* na psicanálise. O capítulo 4 – *O enlace entre autor e tradutor* – aborda a trajetória profissional das tradutoras Inês Oseki-Depré e Vera Ribeiro e a interferência da língua inglesa e francesa na tradução de *Escritos* (1978 e 1998) e as traduções de *su-*

¹⁶ MULLER, Charles. **Initiation aux méthodes de la statistique linguistique**. Paris: Champion, 1993.

jet/sujeito e suas variações formais e conceituais. Comparamos o termo *sujet* e suas variações da psicanálise na língua francesa *sujet / sujets / sujette / sujettes / assujeittis* com seus equivalentes para o português *sujeito / sujeitos / sujeita / sujeitas / tema / assunto / submetida / súdita* do ponto de vista da tradução. Ao final da dissertação, disponibilizamos ao leitor os anexos com todas as concordâncias das palavras *sujet* e *sujeito* no singular e plural das três obras.

Toda e qualquer tradução deve prever a consulta ao original e, quando há, às traduções para outras línguas. Este exercício faz com que o tradutor/leitor, segundo Walter Carlos Costa (2005)¹⁷, possa “usar as traduções para conhecer melhor o original”. (p. 170)

A principal contribuição do estudo crítico comparativo das duas traduções de 1978 e 1998, em português, com o seu original em francês, poderá surtir efeito nas análises teóricas e na prática dos psicanalistas brasileiros, uma vez que a maioria é lacaniana. Para os psicanalistas que atuam na clínica, na transmissão do saber ou para os estudiosos das obras de Lacan, o estudo dos léxicos e dos termos proporcionará um entendimento aprofundado da teoria. Com apenas um termo, é possível compreender muitos aspectos da teoria de Lacan, e o mesmo deve ocorrer se fizermos este exercício com outros intelectuais. Além disso, nas traduções, a padronização dos termos permite uma boa comunicação entre especialistas e evita desentendimentos e confusões teóricas. Esclarecer os termos pode ajudar no entendimento e na leitura de Lacan, considerada complexa pelos leitores. Nas palavras de Alvarez (2013)¹⁸,

Especialmente no caso do texto lacaniano, com o qual todos já padecemos pela complexidade com que nos apresenta, essa opacidade é o resultado de uma soma de aspectos. Sem pretender ser exaustiva, menciono: o estatuto de escrita adquirido pelo que, de início, era uma fala, mistura de gravações, notas de origem diversa, transcrições, estenotípias e correções de última hora. Além disso, há o uso subversivo que Lacan fazia da língua francesa, enxurrada de referências de campos variados que se colocam como obstáculo para o leitor, produto do desconhecimento de

¹⁷ COSTA, Walter Carlos. Borges, o Original da Tradução. **Cadernos da Tradução**, Florianópolis, n. 5, v. 1, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/.../6131>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

¹⁸ ALVAREZ, Alba Elena Escalante. Traduzir Psicanálise: impasses de um texto. In: **Tradução e Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

certas especificidades das áreas às quais nos remete constantemente Lacan, a frequência de jogos de palavras e construções neológicas, talvez facilitadas pelas características da língua francesa, o próprio processo de erguer uma teorização à qual assistimos sem muitas vezes termos acesso a detalhes que, de fato, facilitariam sua compreensão. (p. 38)

Para os estudos da tradução, esta dissertação servirá como referência e incentivo a futuras pesquisas que tenham como objetivo o exercício comparativo entre traduções de obras. É grande a responsabilidade dos tradutores que se aventuram em transmitir uma teoria numa determinada língua/cultura. Seu trabalho terá influência na compreensão e na difusão de determinada teoria. Parafraseando Rónai (1989)¹⁹, só uma pequena quantidade de leitores são capazes de ler no original as grandes obras universais; os demais, necessariamente, devem lê-las em tradução. “Uma estatística das leituras do leitor médio acusaria sem dúvida 50 por cento ou mais de livros traduzidos, que não deixam de influenciar-lhe a capacidade de expressão e a correção de estilo tanto quanto as obras dos autores originais”. (p. 31). É o mesmo que dizer que a esmagadora maioria das pessoas lê uma tradução com a convicção de que é o original.

Alvarez (2013) indagou a médica, psicanalista, membro da Escola Lacaniana de Psicanálise-RJ e da *École Lettre Lacanienne-Paris*, Teresa Palazzo Nazar, sobre a escolha em trabalhar com as traduções de Lacan e não com os originais. Mesmo que tenha domínio da língua francesa, ela respondeu a pergunta de Alvarez da seguinte forma: “Porque eu gosto de ler na minha língua, na dúvida – acrescenta – consulto o original”. (ALVAREZ, 2013, p. 37)

Em *Elogio da Tradução*, Marcus do Rio Teixeira²⁰ diz que:

Até o mais rigoroso – ou mais pedante – dos lacanianos, na solidão do seu consultório, tendo que optar entre a leitura de um texto de Lacan no original e uma boa tradução, certamente preferirá esta última, cotejando-a eventualmente com o original para dirimir dúvidas em passagens controversas. (1999, p. 11)

¹⁹ RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

²⁰ TEIXEIRA, Marcus do Rio. Elogio da Tradução. In: **Correio da APPOA**. Porto Alegre: 1999, p. 11-15, n. 67, Disponível em: <<http://www.apboa.com.br/uploads/arquivos/correio/correio67.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2017.

Diante disso, concordamos com Paulo Rónai (1989), que fala da responsabilidade do tradutor em relação à transmissão do conteúdo das obras universais como a de Lacan: “É fácil calcular as conseqüências possíveis de um erro na versão de um manual de arquitetura ou de um tratado diplomático. Menos evidente, mas muito mais frequentes, são os estragos dos maus tradutores na língua, patrimônio comum de todos que a falam”. (p. 31)

O exercício de procurar diferenças e afinidades entre línguas proporciona uma maior consciência e compreensão do idioma. Para Ferdinand de Saussure (2006)²¹,

O que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro. Conquanto as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos; os próprios selvagens as percebem, graças aos contatos com outras tribus que falem outra língua. É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma. (p. 221)

O Hyperbase é a ferramenta metodológica empregada nesta dissertação. Mesmo que esta pesquisa não utilize uma grande quantidade de textos, justifica-se o uso desta ferramenta, por conta da análise exaustiva das ocorrências dos termos traduzidos por Lacan em *Écrits* (1966). Sem ele, não seria possível fazer uma análise rigorosa, caso a caso, do original e suas traduções. O método indica os padrões e a quebra destes padrões nas traduções de *Escritos* (1978 e 1998) e *Écrits* (1966) de Jacques Lacan.

Com a ajuda do programa Hyperbase e com os critérios léxico-estatísticos, é possível realizar uma pesquisa menos empírica e subjetiva de *Écrits* (1966) e suas traduções *Escritos* (1978 e 1998). Como observa Biderman (1996)²², “dessa forma, podem-se evitar o empirismo e uma seleção vocabular com base apenas na intuição”. (p. 28)

²¹ SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Che-
lini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

²² BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e Vocabulário Fundamental. **Alfa
revista de linguística**, São Paulo, v. 40, 1996, p. 37-46.

Concordamos com as teses de Cúrcio (2013) e Freitas (2007)²³ de que, ao mesmo tempo em que o Hyperbase possibilita objetividade na pesquisa, não devemos deixar que o excesso dela (objetividade) se sobreponha à sensibilidade de análise do pesquisador em relação à tradutologia. Nas palavras de Cúrcio (2013),

[...] na busca de rigor, pesquisadores das ciências humanas adotem métodos de outras áreas, tal como a estatística; contudo, é necessário prudência para não se deixar levar pelo excesso de objetividade no que diz respeito à quantificação, evitando paradoxalmente os impressionismos que os resultados também podem trazer. (p. 48)

A partir daqui, apresentaremos ao leitor a ferramenta computacional Hyperbase e demonstraremos como foi trabalhado o *corpus* para que a pesquisa pudesse usufruir dos benefícios do programa. Com o Hyperbase, foi desenvolvido o método de pesquisa e a análise desta dissertação.

²³ FREITAS, Deise Joelen Tarouco de. **A composição do estilo do contista Machado de Assis**. 2007. 205 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis: 2007.

2 METODOLOGIA

Assim, ambos – homem e máquina – podem trabalhar como colaboradores para um produto final de melhor qualidade. (BIDERMAN, 1984, p. 24)²⁴

A natureza metodológica desta dissertação é descritiva²⁵, bibliográfica²⁶ e documental²⁷. Descritiva, pois, de acordo com Barros e Lehfeld (1986)²⁸ observamos, registramos, analisamos as traduções para o português e os léxicos e termos *sujet* e *sujeito*. A neutralidade e o rigor do pesquisador em relação a sua pesquisa foi mantida pelo programa Hyperbase²⁹, que nos ofereceu grande amparo. Bibliográfica, pois analisamos o material elaborado *Écrits* (1966) e suas traduções *Escritos* (1978 e 1998). E documental, porque fizemos uma busca das contribuições teóricas já existentes sobre o tema. A característica quantitativa se dá pelos dados estatísticos e os qualitativos pela análise dos textos por meio dos números obtidos. Referendamos Cúrcio (2013) no que tange à

²⁴ BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências da lexicografia. In: _ (Org). **Alfa revista de linguística**. Lexicologia e lexicografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 28 (suplemento), 1984.

²⁵ Para Barros e Lehfeld (1986) a pesquisa de natureza descritiva “é aquela em que o pesquisador observa, registra, analisa, e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis sem manipulá-los)”. (p. 90) “Neste tipo de pesquisa não há a interferência do pesquisador, isto é, ele não manipula o objeto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, característica, causas, relações e conexões com outros fenômenos”. (p. 91)

²⁶ Segundo Gil (1996) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. (p. 48)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

²⁷ Barros e Lehfeld (1986) “O objetivo da pesquisa documental é recolher, analisar e interpretar as contribuições teóricas já existentes sobre determinado fato, assunto ou ideia”. (p. 91)

²⁸ BARROS, Aidil Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia**: um guia para a iniciação científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

²⁹ O Hyperbase é um programa computacional que foi concretizado em 1997 pelo francês Dr. Etienne Brunet (BCL, Universidade de Nice-FR).

inseparabilidade da qualidade quantitativa e qualitativa das pesquisas que utilizam o Hyperbase como ferramenta metodológica.

Pesquisas com o programa Hyperbase vinham ocorrendo na UNESP, até então sob orientação e supervisão da professora Maria Tereza Camargo Biderman (1936-2008), que deixa um valioso legado para a continuidade do trabalho pelas novas gerações de pesquisadores nas ciências do léxico. Na USP também encontramos pesquisas com o Hyperbase na área da terminologia, sob à coordenação da profa. Ieda Alves.

Na UFSC, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), vêm se sucedendo, sob à orientação do prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel (UNICE-PGET) e na Pós-Graduação em Literatura (PPGLIT) do prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos (UFSC), pesquisas que utilizam o Hyperbase como recurso.

Desde que foi criado, há cerca de 30 anos, por meio de um trabalho interdisciplinar, o programa tem passado por melhoramentos e revisões constantes. Segundo o seu manual de instruções do Hyperbase³⁰, na primeira versão não havia, por exemplo, a opção de lematização (versão simplificada e completa). Porém, desde o início do projeto, já se pensava nessa possibilidade. A ferramenta usada na lematização é o TreeTagger³¹.

Desenvolvido a partir da união da linguística, da lexicologia informática e da terminologia, o Hyperbase é um programa de análise lexical e estatística, que permite a contextualização e a comparação dos usos e a análise das formas dos textos lematizados ou não. Na descrição de Cúrcio (2013), o Hyperbase é um programa de análise estatística de textos que realiza a contagem de palavras, mede a distância lexical dos textos e das formas, o desvio padrão, o progresso e o desenvolvimento de vocabulário, a riqueza lexical e a lematização. Dessas análises, são

³⁰ BRUNET, Étienne. **Manuel de référence Hyperbase**: logiciel hypertexte pour le traitement documentaire et statistique des corpus textuels. Nice : Université Nice Sophia Antipolis, 2011.

³¹ O TreeTagger é uma ferramenta de lematização de *corpus*. Ele foi desenvolvido por Helmut Schmid no projeto TC no Instituto de Linguística Computacional da Universidade de Stuttgart. O TreeTagger é utilizado na lematização nas línguas alemão, inglês, francês, italiano, holandês, espanhol, búlgaro, russo, português, galego, chinês, suaíli, eslovaco, esloveno, latina, estoniano, polonês, romeno, cop-tas e antigos textos em francês, e é adaptável a outros idiomas, desde que tenham alfabeto latino. (Tradução nossa). Disponível em: <<http://www.ims.uni-stuttgart.de/projekte/corplex/TreeTagger/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

retirados dados importantes para o estudo comparativo de traduções, pois este é um dos princípios da estatística, permitir comparações.

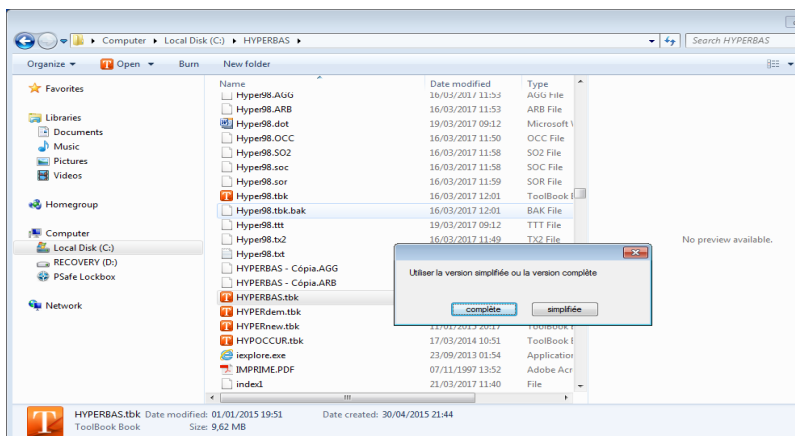
Segundo Brunet (2011) A versão padrão do Hyperbase não é exclusividade dos franceses. Desde que o alfabeto seja latino, é possível utilizar o programa em outros idiomas, além do francês. Na versão em português, batizada de HyperPor.exe, os caracteres específicos da língua devem ser levados em conta, o que torna necessária uma preparação prévia dos dados resultantes da operação e também uma adaptação do *software* para os mesmos resultados³². (p. 185)

Embora em mais de trinta anos de existência o programa tenha sido aprimorado, ainda há obstáculos a superar, entre eles o tratamento das frases ou palavras compostas, os homógrafos e a impossibilidade de inserir textos de diferentes sistemas linguísticos na mesma base – o que, no caso desta pesquisa, exigiu a composição de duas bases separadas de textos no Hyperbase; uma com os textos em francês para *Écrits* (1966) e outra com os dois textos juntos em português para *Escritos* (1978 e 1998). Se pudéssemos ter as três juntas, numa mesma base, ganharíamos tempo, tão precioso em pesquisa, para realizar a comparação de gráficos e textos.

Usamos para esta dissertação duas versões do Hyperbase. A versão 9.0 não lematizada e a 10.0, de 2014, mais atual, com lematização. Foi necessário utilizar a versão 9.0 sem lematização, pois tivemos que formar bases sem pontuação. A versão lematizada 10.0 não permite textos sem pontuação. O programa lematizado entende a falta de ponto nos textos como falta de limite entre as sentenças. Quando o usuário insere as bases, o programa de imediato pergunta se deseja abrir a versão simplificada ou a completa. Se optar por *simplifiée*, o usuário será levado automaticamente para a versão 9.0; se optar por *complète*, será direcionado à versão 10.0.

³² Tradução nossa.

Figura 1: Opções *complète* (versão 10.0) e *simplifiée* (versão 9.0)



Fonte: Hyperbas

A preparação dos textos para o tratamento inicial no Hyperbase requereu um longo e árduo trabalho. Primeiramente, adquirimos as três obras impressas: *Écrits* (1966), Paris: *Seuil*; *Escritos* (1978), São Paulo: Perspectiva e *Escritos* (1998), Rio de Janeiro: Zahar. Em seguida, digitalizamos a *Ouverture/Abertura* e mais dez capítulos publicados em *Escritos* (1978) – considerada uma obra parcial, um excerto – e os capítulos correspondentes em *Escritos* (1998) e *Écrits* (1966), em francês.

Para informação do leitor, no Hyperbase há um acervo com toda a coleção digitalizada, essencialmente na língua francesa, de Balzac, Rabelais, Molière, La Fontaine, Voltaire, Zola, Flaubert, Baudelaire, Proust, Éluard e outros. Como a obra *Écrits* (1966) e as traduções *Escritos* (1978 e 1998) não faziam parte deste acervo, houve a necessidade de digitalizar os dez capítulos e a *Ouverture* de cada obra – para, a seguir, convertê-los em arquivos na extensão PDF e, numa segunda etapa, formatá-los na extensão TXT.

Segundo Brunet (2011) e Freitas (2007), o computador trabalha com sequências de códigos numéricos, ele não é eficiente para discernir uma palavra ou sinal gráfico de outra sequência qualquer de caracteres. Para que o programa interprete um texto, é imprescindível que este passe por um processo de codificação. O programa de preparação, entre outras funções, é o retrato da distribuição de classes de frequências, a declaração de hapax (palavras que aparecem uma só vez no texto) e

muitos outros resultados em relação ao vocabulário e à estrutura do texto.

Na prática, empregam-se alguns princípios gerais que devem ser seguidos para que o usuário possa efetuar os comandos do programa e obter os dados desejados. Atualmente, o programa Hyperbase só consegue trabalhar com um número limitado de textos – basicamente, sua limitação é física, pois não é possível trabalhar em uma tela de computador com uma enorme quantidade de *corpus*. Porém, em termos de extensão, o Hyperbase não apresenta limites e pode suportar até 20 milhões de palavras e 120 textos diferentes. O *corpus* destacado para esta pesquisa pode ser considerado pequeno perto da capacidade do programa Hyperbase.

Para fazer as comparações entre as traduções, foi necessário dividi-las em duas bases iguais. Os critérios que nortearam a divisão do *corpus* não são aleatórios. Segundo Freitas (2007), “eles se baseiam, antes de tudo, na ideia de que um estudo comparativo só pode ser válido se compara objetos de natureza semelhante” (p. 65).

Nossa base são os dez capítulos e a *Ouverture/Abertura*, num total de 11 capítulos, divididos em duas partes; a primeira parte, do capítulo 1 ao 4, e a segunda, do capítulo 5 ao 11, nas três obras. Portanto, foram criadas duas bases: uma na língua francesa de *Écrits* (1966) e outra em língua portuguesa, com as duas traduções para o português, o que possibilitou a comparação entre elas. A seguir vê-se uma tabela com as divisões dos 11 capítulos nas três obras.

Tabela 1: Bases integrantes do *corpus* de *Écrits* (1966) e *Escritos* (1978 e 1998)

ÉCRITS (1966)	1 ao 4 (parte a)	5 ao 11 (parte b)
ESCRITOS (1978)	1 ao 4 (parte a)	5 ao 11 (parte b)
ESCRITOS (1998)	1 ao 4 (parte a)	5 ao 11 (parte b)

Optamos por não analisar as notas de rodapé, pois as informações contidas nelas são de cunho tradutológico. Levamos em conta que o programa Hyperbase não reconhece palavras gregas e nem os gráficos da teoria laciana. Utilizou-se, no lugar, números; para as palavras gregas, usamos 000000; para as equações, 111111 e, para os gráficos, 222222. Para inserir os textos na base, excluímos a numeração das páginas, pois é sabido que cada obra tem uma editoração específica.

Feitas, manualmente, uma a uma, as devidas revisões e alterações e uma vez limpo de qualquer formatação indesejada ou edição, o *corpus*

ficou pronto para ser submetido ao tratamento inicial no Hyperbase. Segundo Freitas (2007),

Quando um texto é escaneado, transformado num arquivo eletrônico e gravado no disco de um computador, ele já passou pela primeira fase dessa codificação. O momento seguinte é o tratamento feito pelo programa de análise textual, que vai transformar os textos que formam nosso *corpus* em uma base de dados textuais. Assim, o *corpus* está preparado para que possamos tirar todas as informações dele, a partir das funções do programa. (p. 68)

Segundo Barros (2004), um *corpus* textual digitalizado pode ser explorado, de modo eficiente, para estudos de natureza diversa. Existem no mercado vários tipos de gerenciamento de bases textuais.

No mercado encontramos várias dessas ferramentas, isto é, *softwares* que possibilitam inúmeras pesquisas qualitativas e quantitativas em *corpora* cujas dimensões parecem não ter limites. Esses programas permitem, entre tantas outras possibilidades, localizar palavras, identificar colocações, fazer estudos estatísticos a respeito do comportamento dessas palavras em contexto, visualizar os contextos ou até ler a integridade do texto em que a palavra se insere. Podemos citar, a título de exemplo, os programas informáticos Xtract, Wordsmith Tools, Folio Views, Tact, Hyperbase e DBT2000. (p. 269)

2.1 FERRAMENTA HYPERBASE

A terminologia utilizada pelo programa Hyperbase é oriunda da estatística e da linguística, conceitos que foram traduzidos para a língua francesa. Para esta dissertação, iremos mencionar de início os termos do Hyperbase em francês e no desenvolvimento do trabalho adotaremos as retraduições destes termos para a língua portuguesa.

A primeira página do programa, chamada *sommaire* (sumário), traz ferramentas que possibilitam uma investigação ordenada da documentação. Segundo Brunet (2011), a primeira página é a encruzilhada à qual

geralmente retornamos após uma operação. É o ponto em que encontramos todos os recursos operacionais³³ (BRUNET, 2011, p.9).. No sumário, encontramos as duas funções principais do programa: *fonctions documentaires* (funções documentais) e *fonctions statistiques* (funções estatísticas). Na região superior e horizontal, temos as funções documentais, onde se pode explorar o *index verborum* (lista de vocabulário), *mot* (palavra)³⁴, *concordance* (concordância)³⁵ e *contexte* (contexto)³⁶. Conforme Freitas (2007),

O Hyperbase tem suas funções divididas em dois tipos: as de natureza documental e as estatísticas. As funções documentais são as listas de palavras contidas no *corpus* ou dicionários que contêm todas as palavras que nele aparecem, seja por ordem de frequência, seja por ordem alfabética. (p. 69) [...] a partir dos números relativos dos principais dados documentais, é possível a produção de gráficos, como análise em árvore e os quadros resultantes de análise fatorial. (p. 69)

³³ Tradução nossa.

³⁴ Local onde encontramos a frequência de cada forma.

³⁵ Concordância é a localização de uma forma no contexto. (FREITAS, 2007)

³⁶ Contexto é a realização da forma e do vocábulo num texto. (MACIEL, 2013)

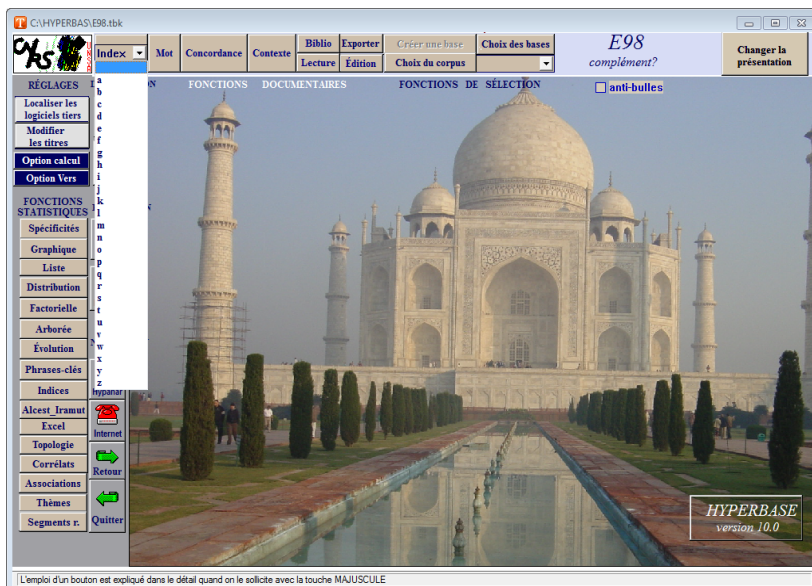
Figura 2: Página principal do Hyperbase



Fonte: Hyperbase 10.0

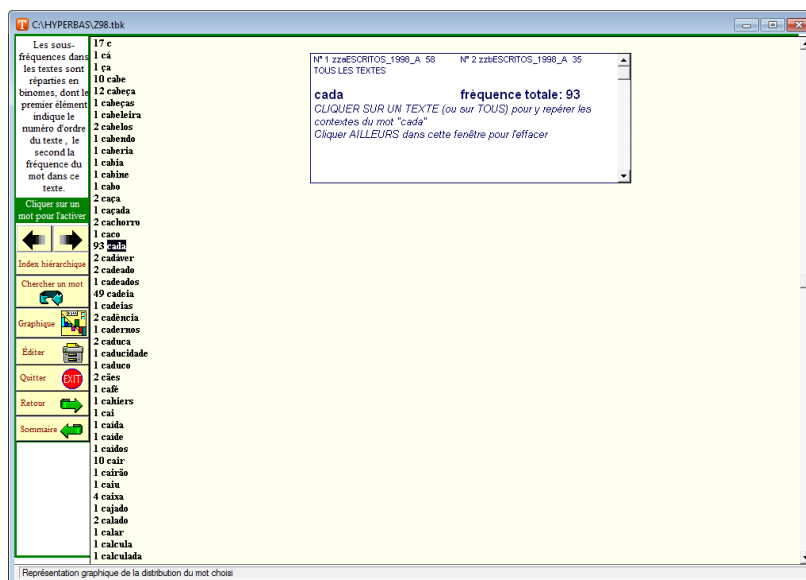
A primeira função que citamos é a lista de vocabulário, uma sequência alfabética com todas as palavras dos textos da base inserida no programa. Como explicam Cúrcio (2013) e Freitas (2007), a lista de vocabulário é um sistema de organização em que se apresentam todas as formas que podem vir acompanhadas de sua frequência e localização no *corpus*. É possível encontrarmos na lista de vocabulário o índice alfabético classificado segundo a ordem lexicográfica.

Figura 3: *Index* do Hyperbase



Fonte: Hyperbase 10.0

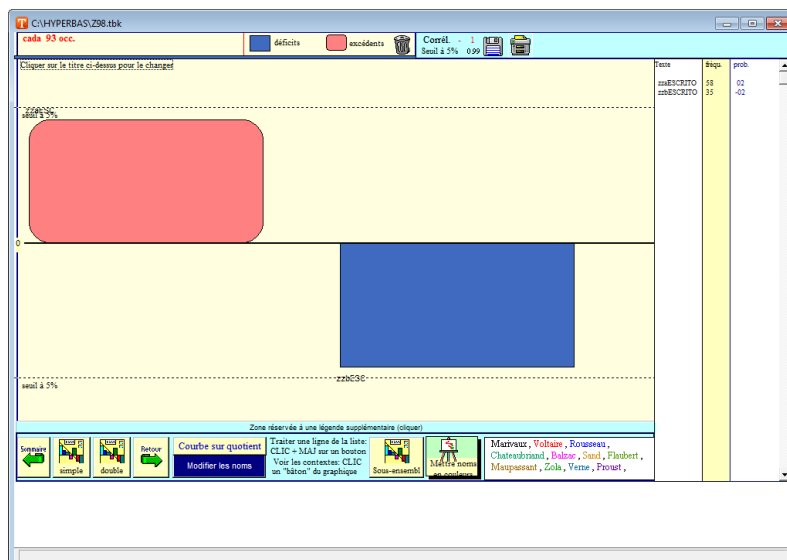
Ao escolher uma letra do alfabeto na lista de vocabulário, abre-se para uma lista com todas as letras do alfabeto. Quando escolhemos uma palavra, ao lado esquerdo, nota-se que há um número que diz respeito à frequência total da forma em relação aos textos.

Figura 4: Lista alfabética do *corpus* de Escritos (1998)

Fonte: Hyperbase 10.0

Ao selecionar uma palavra da lista de vocabulário, podemos acionar a função estatística, clicando num botão do lado esquerdo chamado *graphique*. Como as bases são divididas em duas partes (*a* e *b*), o programa permite realizar comparações, por meio de representação gráfica fatorial, da forma escolhida.

Figura 5: Histograma de distribuição da forma cada



Fonte: Hyperbase 10.0

A função *mot* (palavra) permite a pesquisa específica de uma forma no *corpus*, aponta a frequência, a sub-frequência e a repartição das palavras e, ainda, no caso da comparação entre textos, a frequência de cada texto. Além disso, a opção *palavra* ajuda a encontrar as palavras lematizadas, evitando misturas indesejadas de verbos, por exemplo. Também aqui, ao inserir as iniciais das palavras, é possível encontrar algumas fusões ou formas decorrentes. Ao fornecer a inicial 'am', por exemplo, chega-se indiretamente a todas as formas conjugadas do verbo amar, misturadas, é verdade, com formas estranhas ou derivadas do paradigma proposto.³⁷ (BRUNET, 2011, p. 31)

Quando selecionamos a função *mot* (palavra), surge uma janela solicitando que o pesquisador escolha uma palavra a ser buscada nas bases. Aleatoriamente, escolhemos *amor* e o programa nos apresentou a frequência total 47 e as sub-frequências repartidas nas duas metades dos textos na base.

A forma *amor* apresenta frequência 19 na parte *a* e frequência 28 na parte *b*, num total de 47 frequências. Este dado mostrado pelo pro-

³⁷ Tradução nossa.

grama é importante, pois, desta forma, conseguimos antever, por exemplo, em qual capítulo Lacan desenvolveu mais determinado conceito psicanalítico.

Figura 6: Frequência total da palavra amor e as frequências em cada base (n. 1 e n. 2) do corpus

Formes	Lemmes	Codes	Structures
47 amor	N° 1 a90 19	N° 2 198 28	1 eprdmv
1 amores	TOUS LES TEXTES		1 eprdmv
3 amoresca			1 eprdmv
1 amoresoso	amor	fréquence totale: 47	1 eprdmv
1 amoresocino	CLIQUEZ SUR UN TEXTE (ou sur TOUS) pour y repérer les		3 epra
1 amoresocram	contextes du mot "amor"		1 epp
1 amour	CLIQUEZ AILLEURS dans cette fenêtre pour l'effacer		1 epra
1 ampla			1 eprab
1 amplamente			1 eprasm
1 amplis			1 eprasm
1 amplia			1 eprasm
1 ampliada			1 eprasm
3 amplitudo			1 eprasm
1 ampull			1 eprasm
1 an			1 eprasm
2 anagrama			1 eprasm
4 anal			1 eprasm
1 analista			1 eprasm
1 analibolismo			1 eprasm
1 analisa			1 eprasm
1 analisada			1 eprasm
2 analisado			1 eprasm
3 analisando			1 eprasm
1 analisandos			1 eprasm
1 analisar			1 eprasm
1 analisavel			1 eprasm
125 análise			1 eprasm
1 análises			1 eprasm
1 analisou			1 eprasm
61 analista			1 eprasm
20 analistas			1 eprasm
28 analítica			1 eprasm
1 analíticas			1 eprasm
14 analítico			1 eprasm
1 analítico			1 eprasm
1 analítico			1 eprasm
1 analoga			1 eprasm
6 analogia			1 eprasm
1 analógica			1 eprasm
1 analógica			1 eprasm
1 analogo			1 eprasm
2 analogos			1 eprasm
3 anamuse			1 eprasm
1 ananid			1 eprasm
	1 almanaque_2		1 eprasm
	1 almejar_1		1 eprasm
	1 alocução_2		1 eprasm
	1 alocutório_2		1 eprasm
	1 alojamento_2		1 eprasm
	1 alajar_1		1 eprasm
	1 alargar_1		1 eprasm
	2 altamente_6		1 eprasm
	1 altaneiro_3		1 eprasm
	1 alter_2		1 eprasm
	1 altera_1		1 eprasm
	1 alterado_3		1 eprasm

Fonte: Hyperbase 10.0

Além disso, se clicarmos em CLIQUEZ SUR UN TEXTE (ou sur TOUS) para identificar os contextos da palavra “amor”, o programa nos apresentará a lematização das palavras. Nos *lemmes* (lemas) aparecerem números à esquerda e à direita. Os números do lado esquerdo mostram a frequência dos lemas e do lado direito a classificação gramatical: *verbe* (verbo) 1, *substantif* (substantivo) 2, *adjectif* (adjetivo) 3, *numéral* (numeral) 4, *pronom* (pronome) 5, *adverbe* (advérbio) 6, *déterminant* (artigo) 7, *conjonction* (conjunção) 8, *préposition* (preposição) 9, *interjection* (interjeição) 0.

Figura 7: Formas e lemas da palavra amor do corpus

Formes	Lemmes	Codes	Structures
47 amor	48 amor_2	1 zzzzzzzz	1 cpndshv
1 amores	4 amoroso_3		1 cpndshv_2
3 amorosa	1 amortecimento_2		1 cpndshv_3
1 amorosos	1 amortecimento_2		1 cpndshv_4
1 amortecimento	1 amovr_2		1 cpndshv_5
1 amortecimento_6	1 amortecimento_6		1 cpndshv_6
1 amovr	1 amplia_1		1 cpndshv_7
1 ampla	1 ampliado_3		1 cpndshv_8
1 amplamente	3 amplitude_2		1 cpndshv_9
1 amovr_2	2 amovr_3		1 cpndshv_10
1 amplia_1	1 ampalla_2		1 cpndshv_11
1 ampliado_3	1 an_2		1 cpndshv_12
3 amplitude_2	2 anagrama_2		1 cpndshv_13
1 ampalla	4 anal_3		1 cpndshv_14
1 an	1 analabetismo_2		1 cpndshv_15
2 anagrama	1 analabeto_3		1 cpndshv_16
4 anal	1 analisandos_3		1 cpndshv_17
1 analbeta	9 analisar_1		1 cpndshv_18
1 analbetismo	1 analisavel_3		1 cpndshv_19
1 analica	126 analise_2		1 cpndshv_20
1 analisada	76 analista_2		1 cpndshv_21
2 analisado	5 analista_3		1 cpndshv_22
3 analisando	3 analitico_2		1 cpndshv_23
1 analisandos	41 analitico_3		1 cpndshv_24
1 analisar	6 analogia_2		1 cpndshv_25
1 analisavel	2 analogico_3		1 cpndshv_26
125 analise	4 analogo_3		1 cpndshv_27
1 analises	3 ananese_2		1 cpndshv_28
1 analisou	1 ananké_2		1 cpndshv_29
61 analista	1 anatemala_3		1 cpndshv_30
20 analistas	3 anatomia_2		1 cpndshv_31
28 analitica	6 anatomico_3		1 cpndshv_32
1 analiticas	1 ancestral_2		1 cpndshv_33
14 analitico	1 ancio_2		1 cpndshv_34
1 analiticos	2 and_2		1 cpndshv_35
1 analoga	2 andar_2		1 cpndshv_36
6 analogia	1 andere_2		1 cpndshv_37
1 analogica	4 andorinha_2		1 cpndshv_38
1 analogico	1 andorinzado_1		1 cpndshv_39
1 analogo	1 andre_2		1 cpndshv_40
2 analogos	1 andré_2		1 cpndshv_41
3 ananese	1 anecota_2		1 cpndshv_42
1 ananké	10 anel_2		1 cpndshv_43

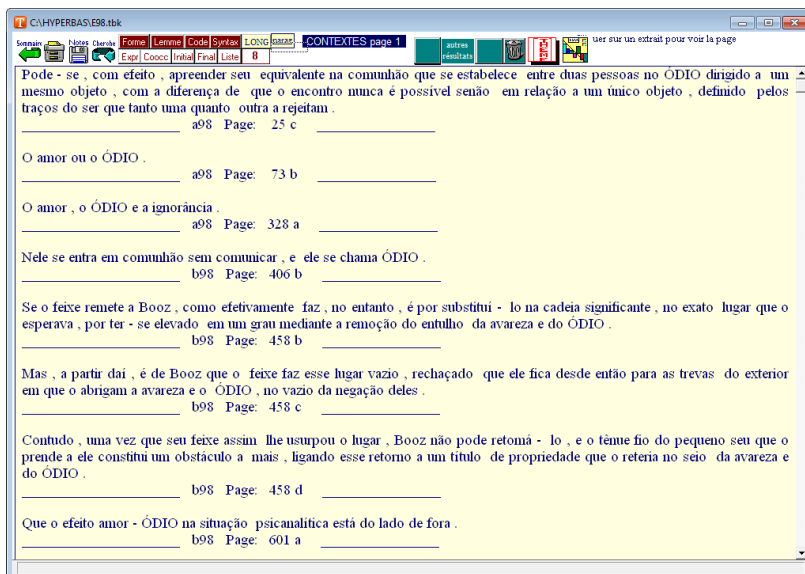
Fonte: Hyperbase 10.0

As funções *contexte* (contexto) e *concordance* (concordância) são muito exploradas nesta dissertação, pois permitem a comparação dos contextos das obras. Contexto e concordância cumprem os mesmos princípios de indicar a palavra em seu contexto (BRUNET, 2011, p. 27)³⁸, porém com uma apresentação diferente. Em contexto, temos o parágrafo em que a forma aparece e em concordância somente a linha com algumas palavras ao lado direito e esquerdo da palavra perdida.

No sumário do Hyperbase, clicamos em contexto e depois em *formes* (forma), o programa nos pede para escolher uma palavra e em seguida nos dá os parágrafos em que a forma aparece nos textos em letras capitais.

³⁸ Tradução nossa.

Figura 8: Resultado do programa contexto para a forma ódio em Escritos (1998)



Fonte: Hyperbase 10.0

Em concordância, o caminho é o mesmo do contexto, com a diferença de que, em concordância, encontramos somente a linha em que a forma escolhida aparece. Isso foi muito útil para demonstrarmos os termos nos anexos da dissertação. Segundo Cúrcio (2013),

O concordance também apresenta uma contextualização, contudo mais restrita, apresenta a ocorrência da palavra centrada na lista de linhas (não mais de parágrafo), acompanhada de um número mínimo de palavras para a direita e para a esquerda de sua posição no enunciado, ou seja, parte de seu contexto [...]. (p. 44)

Figura 9: Resultado do programa concordâncias para a forma sujeito em Escritos (1998)

The screenshot shows a window titled 'CONCORDANCE' with a search for the word 'sujeito'. The results are displayed in a table with columns: 'Forme', 'Lemme', 'Code', 'Syntaxe', 'Exp', 'Initial', 'Final', 'Chain', 'Liste', 'Tour', and 'Nb'. The text in the 'Exp' column is a detailed linguistic analysis of the word 'sujeito' in the context of Lacanian psychoanalysis, discussing its relationship to the signifier, the subject, and the Other.

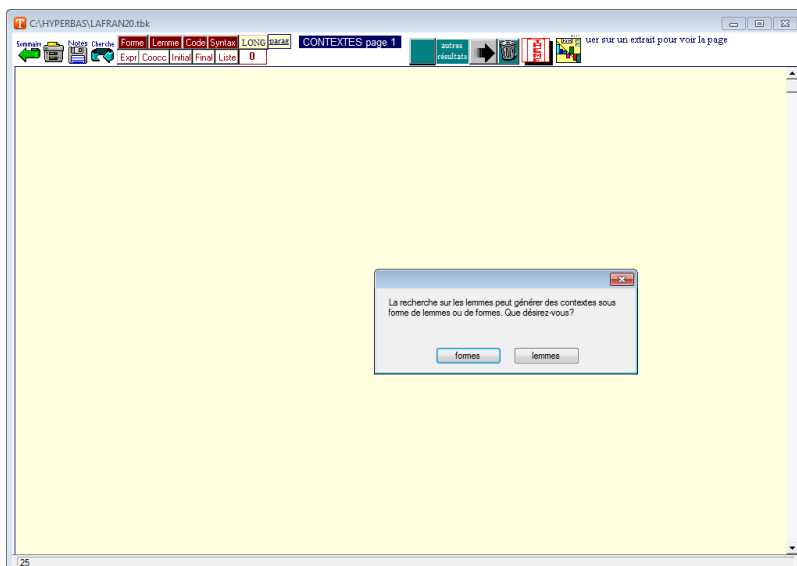
Forme	Lemme	Code	Syntaxe	Exp	Initial	Final	Chain	Liste	Tour	Nb
al 6a	vemos			a sustentar a estrutura do sujeito . É exatamente aí que nosso						
al 6b	o ,			a divisão onde se verifica o sujeito pelo fato de um objeto o atrav						
al 6d	, como			causa do desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do						
al 6d	ito se			eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber						
al 7c	rico)			em que convivemos situamos o sujeito do inocente, se devemos						
al 8b	canalíticos			determinantes para o sujeito , tais como a foreclosure (Ve						
al 9a	bólica			que é constituinte para o sujeito , demonstrando - lhes numa h						
al 9b	a			determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um sign						
al 26a	que			por isso a comunicação de um sujeito com outro , no interior da mul						
al 27b	ividade .			Situa - se ali onde o sujeito nada pode captar senão a próp						
al 28b	a			supremacia do significante no sujeito . Assim opera Dupin, quando						
al 48c	indica			o título, é o verdadeiro sujeito do conto : é por poder sofre						
al 49a	o			texto que comentamos, é que o sujeito segue o veio do simbólico, m						
al 49a	impressionante :			Não é apenas o sujeito , mas os sujeitos , tornados						
al 69b	ilidade			que provém justamente do sujeito . É isso que vai dar sentido						
al 69c	primacia			do significante sobre o sujeito . No entanto, fato é que um						
al 77b	uma			linguagem formal determina o sujeito . Mas o interesse de tal por						
al 77b	é			simplex, já que supõe que um sujeito só cumprirá colocando algo d						
al 78b	para			explicar a si mesmos seu sujeito de todos os dias - seu pacien						
al 79a	0000			e 000000 não são sem que um sujeito se lembre deles, objetam - n						
al 80c	gressão			da crítica kantiana, o sujeito benevolente em dar um destino						
al 81a	r			que responder à pergunta de um sujeito senão fazendo - o primeiro de						
al 98b	ele			pode entrar nessa ordem como sujeito . Mas ele só pode fazer essa						
al 98b	a ,			reproduz - se toda vez que o sujeito se dirige ao Outro como abso						
al 99b	,			esquema , entre esse esquema do sujeito e esse para - além do Outro e						
al 101b	inam			os a abranger a estrutura do sujeito (S de nosso esquema L) , na						
al 102c	em			nosso esquema L, simbolizando o sujeito suposto completado pelo Es fr						
al 102c	completado			peelo Es freudiano, o sujeito da sessão psicanalítica, por						
al 103b	como			tal . É também dali que o sujeito S recebe sua mensagem sob for						
al 104a	de			uma memorização primordial no sujeito e de uma estruturação em que é						
al 105c	se			denuncia o engodo . Ali, o sujeito é o interrogado : Ele respon						
al 106d	siderado			peelo adversário como um sujeito que o objetiva , pois é verda						
al 106d	,			pois é verdade que ele é esse sujeito ;						
al 108b	divinhamo			, isto é , se eu for o sujeito ativo , meu estorço consistir						
al 109b	saiba ,			modula as escolhas de um sujeito , venha a ganhar acima de que						
al 111c	firmamos			o significante sobre o sujeito . Se há nisso uma verdade ,						
al 119a	meiro			argumento . Chamamos a o sujeito real que vem concluir por si						
al 126c	por			um processo lógico em que o sujeito transformou as três combinaç						
al 127a	aplicam			deixe de se produzir num sujeito de pura lógica, e fazer com						

Fonte: Hyperbase 10.0

Quando usa a versão lematizada, o pesquisador deverá saber que o texto será, segundo Cúrcio (2013), “submetido a regras que identifiquem as mesmas formas gráficas correspondentes às diferentes flexões de um mesmo lema, tais como, levar as formas verbais ao infinitivo, os substantivos ao singular, os adjetivos ao masculino singular etc”. (p. 47)

Para obter os textos lematizados, no sumário, clicamos em contexto e depois em lema. Nesse momento, surge um quadro com a opção forma ou lema, conforme demonstramos.

Figura 10: Opção para formas e lemas



Fonte: Hyperbase 10.0

Optando por lema, dois quadros aparecerão. O primeiro pedirá que o usuário escolha uma forma a ser lematizada, conforme o contexto de seu aparecimento. Os contextos são constituídos dos lemas com seus códigos. Nessa mesma página, ao lado direito do ícone *forme* temos *lemme*. Ao clicar em *lemme*, encontramos todos os contextos da palavra *ódio* lematizados. Os números que seguem as palavras se referem à classificação das classes gramaticais.

Figura 11: O texto e sua lematização em Escritos (1998)

The screenshot shows the Hyperbase 10.0 interface. The top menu bar includes 'Système', 'Fichier', 'Edition', 'Code-Lemma', and 'Page'. The status bar at the bottom indicates 'verbe 1, substantif 2, adjectif 3, numéral 4, pronom 5, adverbe 6, déterminant 7, conjonction 8, préposition 9, interjection 0'.

Text on the left:

Basta recorrer aos dados tradicionais que os budistas nos fornecerão , se é que eles não são os únicos , para reconhecer nessa forma da transferência o erro próprio da existência , e sob três categorias que eles assim enumeram :

O amor , o ódio e a ignorância

Portanto , é como contra - efeito do movimento analítico que entenderemos sua equivalência no que se chama uma transferência originalmente positiva - cada qual encontrando meios de se esclarecer pelos outros dois quanto a esse aspecto existencial , se não excetuamos o terceiro , geralmente omitido por sua proximidade do sujeito .

Evocamos aqui a invectiva pela qual alguém nos tomou por testemunhas da incontinência de que dava mostras um certo trabalho (já demasiadamente citado por nós) em sua objetivação insensata do funcionamento dos instantos na análise , alguém cuja dívida para conosco reconheceremos pelo uso exato que ali fez do termo real .

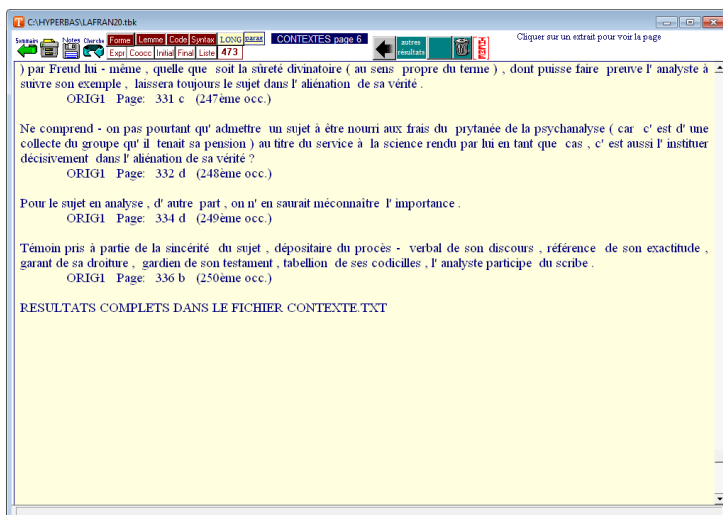
Text on the right (lemmatized):

bastar_1 recorrer_1 a_9 dado_2 tradicional_3
 que_5 o_7 budista_2 nos_5 fornecer_1 , se_5 ser_1
 que_8 ele_5 não_6 ser_1 o_7 único_2 , para_9 reconhecer_1
 em_9 forma_2 de_9 transferência_2 o_7 erro_2 próprio_3
 de_9 existência_2 , e_8 sob_9 três_4 categoria_2
 que_5 ele_5 assim_6 enumerar_1 :
 o_7 amor_2 , o_7 ódio_2 e_8 a_7 ignorância_2 .
 portanto_8 , ser_1 como_8 contra_9 - efeito_2 de_9
 movimento_2 analítico_3 que_5 entender_1
 sua_3 equivalência_2 em_9 que_5 se_5 chamar_1 uma_7
 transferência_2 originalmente_6 positivo_3 -
 cada_5 qual_5 encontrar_1 meio_2 de_9 se_5 esclarecer_1
 por_9 outro_3 dois_4 quanto_6 a_9 esse_7 aspecto_2
 existencial_3 , se_5 não_6 excetuar_1 o_7 terceiro_4 ,
 geralmente_6 omitir_1 por_9 sua_3 proximidade_2
 de_9 sujeito_2 .
 evocar_1 aqui_6 a_7 invectiva_2 por_9 qual_5 alguém_5
 nos_5 tomar_1 por_9 testemunha_2 de_9 incontinência_2
 de_9 que_5 dar_1 mostrar_1 um_7 certo_3 trabalho_2 (
 já_6 demasiadamente_6 citar_1 por_9 nós_5) em_9
 sua_3 objetivação_2 insensata_3 de_9 funcionamento_2
 de_9 instanto_2 em_9 análise_2 , alguém_5 cuja_5
 dívida_2 para_9 conosco_5 reconhecer_1 por_9
 uso_2 exato_3 que_5 ali_6 fazer_1 de_9 termo_2 real_3 .

Fonte: Hyperbase 10.0

O Hyperbase nos deu todos os contextos em que a forma *sujet* apareceu nas bases; e ao final da última tela ele nos remeteu para um outro documento, fora da tela do Hyperbase, em formato TXT, chamado CONTEXTE.

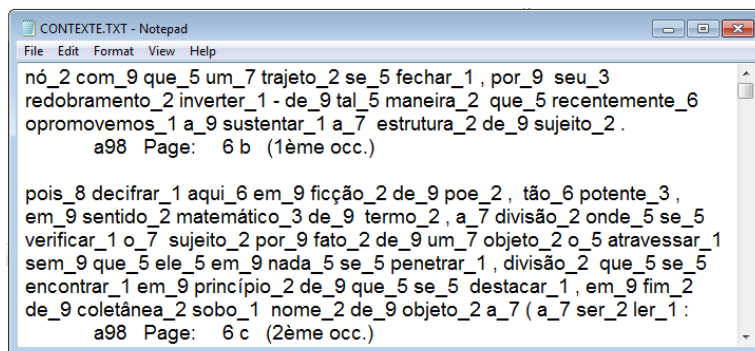
Figura 12: Resultado do programa contexto da forma *sujet* com a opção em txt para os resultados completos



Fonte: Hyperbase 10.0

No documento CONTEXTE.txt encontramos todos os contextos de *sujet* lematizados. Como se observa no quadro, o Hyperbase separa palavra por palavra, analisando sua classificação gramatical. Ao lado direito de cada palavra a classificação é identificada por um número.

Figura 13: Lematização



Fonte: Hyperbase 10.0

Cúrcio (2013) afirma que

A lematização atua como uma espécie de filtro que evita, em partes, a ambiguidade dos vocábulos homógrafos, de modo que impeça a sua repetição, opera nas diferentes conjugações de um mesmo verbo, tornando as flexões todas em infinitivo e inferindo também tanto no número como no gênero das formas. A lematização garimpa o texto, de modo que as formas sejam contabilizadas mais estritamente. (p. 47-48)

A maleabilidade que o programa oferece ao pesquisador de escolher se quer a forma simplificada ou lematizada é honesta, pois, segundo Cúrcio (2013), a lematização não é um método obrigatório para os tratamentos estatísticos de texto, além disso, a lematização apresenta margem de erro fazendo com que o pesquisador esteja sempre atento as formas. A autora (2013) cita como exemplo uma pesquisa que analisa o estilo de determinado escritor. Nesse caso, a versão lematizada poderá limitar a leitura. A análise estilística a partir dos tempos verbais mais colocados por um dado autor, por exemplo, será inviabilizada pela lematização, uma vez que todas as conjugações serão trocadas pelos seus infinitivos. Uma outra inviabilização ocorreu na lematização das variações formais de *sujet*, como, *sujets/sujette/sujette*, pois o princípio do programa é transformar as formas em número singular e gênero masculino.

Freitas (2007) afirma que um dos principais problemas enfrentados pelo pesquisador é a ambiguidade. A lematização demonstrou ser de grande valia ao pesquisador na solução desse problema. Além disso, para evitar a ambiguidade, optamos por analisar as palavras substantivas e plenas de sentido, o que demonstraremos no próximo capítulo *Estatística Linguística - o enlace dos números com as letras*.

As funções estatísticas exploradas nesta dissertação são: a *liste* (lista de frequência), *distribution* (distribuição) e *associations* (associações).

Em lista de frequência podemos usufruir das repartições de uma determinada forma. A frequência total da forma *sujeito* no *corpus* de *Escritos* (1998) é 485. Em lista podemos verificar que na parte *a* do capítulo 1 ao 4 a forma *sujeito* tem frequência 278 e na parte *b*, do capítulo 5 ao 11, frequência de 207. Com base nesses dados, é possível inferir que é nos capítulos iniciais que Lacan aborda com mais frequência a temática de *sujet*.

Figura 14: A lista com as sub-freqüências e as repartições da forma sujeito nas duas bases do corpus

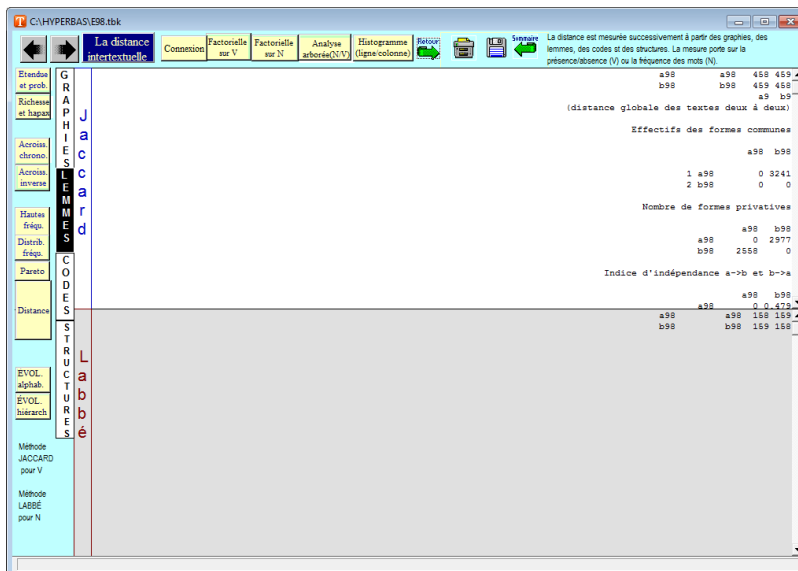
The screenshot shows the Hyperbase 10.0 software interface. The main window displays a list of words and their sub-frequencies and distributions. The word 'sujeto' is selected, and its sub-frequencies and distributions are shown in the table below.

Word	Sub-frequency 1	Sub-frequency 2	Sub-frequency 3	Distribution
sujeto	270	207	485	sujeto
sujeto	278	207	485	sujeto

Fonte: Hyperbase 10.0

A função estatística distribuição nos permitiu analisar as ocorrências (*etendue et prob.*), a riqueza do vocabulário e as palavras hapax (*richesse et hapax*), as altas frequências (*hautes fréquence*) e a distribuição das frequências (*distribution freq.*).

Figura 15: Distribuição



Fonte: Hyperbase 10.0

Na opção *etendue et prob.*, o Hyperbase nos fornece a extensão dos textos, ou seja, a quantidade total de caracteres registrados nos textos das bases. Os números da distribuição nos fornecem todos os tipos de entrada no programa: os substantivos, verbos, numerais, artigos, pronomes, conjunções, pontuação, advérbios, preposição etc. São computadas as palavras plenas e instrumentais. E também a extensão dos vocábulos. Segundo Maciel (2013), a mesma forma pode aparecer uma única vez ou n vezes num texto. “Diremos que se trata, no entanto, de uma única unidade de léxico (ou de vocabulário).” (p. 202). (MACIEL, 2013, p. 202)³⁹

³⁹ MACIEL, Carlos Alberto Antunes. Tratamento Estatístico de Textos. In: **Literatura, Arte e tecnologia**. 2013, Florianópolis, Simpósio: UFSC, 2013.

Figura 16: Ocorrência e vocábulo dos textos do corpus

N°	TITRE	OCCURRENCES	VOCABLES	Prob P	Prob Q	ABBREGE	CODE
1	a98	66880	8944	.54	.46	a98	a1
2	b98	66976	8068	.46	.54	b98	b2
	TOTAL	123856	13090				

Tableau de l'étendue des textes du corpus et calcul des probabilités

Fonte: Hyperbase 10.0

A ocorrência informa o número de vezes que a palavra *inconscient* se apresenta no *corpus*. Independentemente de quantas vezes uma forma apareça, o vocabulário será contabilizado apenas uma vez. Barros (2004) detalha:

Como palavras-ocorrência elas são contadas cada vez que se apresentam no texto (**seis vezes**)⁴⁰, mas como vocábulos são contadas apenas uma vez. Essa relação se dá por se compreender vocábulo como um método de realização das palavras que o representam no texto. Assim, a palavra é uma unidade do texto e o vocábulo é uma unidade do léxico. O conjunto de vocábulos de um texto é chamado *conjunto vocabular*. (p. 41)

⁴⁰ Adaptação nossa.

Quadro 2: Exemplo de ocorrência e unidade de vocabulário no texto

Mais dans un cas comme dans l'autre, l'efficience de l'**inconscient** ne s'arrête pas au réveil. L'expérience psychanalytique n'est pas autre chose que d'établir que l'**inconscient** ne laisse aucune de nos actions hors de son champ. Sa présence dans l'ordre psychologique, autrement dit dans les fonctions de relation de l'individu, mérite pourtant d'être précisée : elle n'est nullement coextensive à cet ordre, car nous savons que, si la motivation **inconsciente** se manifeste aussi bien dans des effets psychiques conscients que dans des effets psychiques **inconscients**, inversement c'est un rappel élémentaire que de faire remarquer qu'un grand nombre d'effets psychiques que le terme d'**inconscient**, au titre d'exclure le caractère de la conscience, désigne légitimement, n'en sont pas moins sans aucun rapport de leur nature avec l'**inconscient** au sens freudien. Ce n'est donc que par un abus de terme que l'on confond psychique et **inconscient** en ce sens, et qu'on qualifie ainsi de psychique un effet de l'**inconscient** sur le somatique par exemple.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quando uma palavra aparece somente uma vez na extensão do texto, ela será denominada de palavra hapax. Segundo Freitas (2007),

Quando uma palavra é de frequência 1, ou seja, só aparece uma vez em todo o corpus, ela ganha uma denominação especial: ela é um hapax, outro conceito importante para nosso programa. O número de hapax em um corpus pode denotar a riqueza ou a pobreza de seu vocabulário. (p. 68-69)

Figura 17: Riqueza de vocabulário e hapax do corpus

Richezza et prob.	n°	réel	théo	écart réduit	Hapax réduit	Titre
1	8944	9162	-218	-2.28	3952	0.16 a98
2	8068	8314	-246	-2.70	3354	-0.16 b98
Tot	13093				7306	

Richezza et hapax	n°	réel	théo	écart réduit	Hapax réduit	Titre
1	6218	6442	-224	-2.79	2244	-1.46 a98
2	5799	5921	-122	-1.59	1999	1.46 b98
Tot	8716				4243	

Fonte: Hyperbase 10.0

As *hautes fréquences* (altas frequências) serão bastante exploradas nesta pesquisa, pois são as formas mais usadas no *corpus* da obra.

Figura 18: As altas frequências do corpus

The screenshot shows the CAHYPERBAS E98.tbk interface. The main window displays a table titled "Les hautes fréquences" with three columns: "rang", "frq mot", and "Lemmes". The table lists 47 items, each with a rank, frequency, and a list of lemmas. The interface includes a sidebar with various analysis tools like "Richesse et hapax", "Acron.", "Hauts fréq.", "Distrb. fréq.", "Distance", "EVOL alphab.", and "EVOL hierarch".

	rang	frq mot	Lemmes	rang	frq mot
	1	9896 ,	1 9896 ,	1	23987 nom
	2	5484 que	2 8528 de_9	2	18176 verb2
	3	4295 a	3 4529 que_5	3	10336 prep
	4	4002 de	4 3864 am_9	4	10229 det
	5	3859 o	5 3591 a_7	5	10197 adj
	6	3259 .	6 3540 _7	6	9890 ,
	7	2234 se	7 3271 -	7	8478 prppdet
	8	2085 do	8 2856 ser_1	8	6628 pron
	9	1759 -	9 2272 a_9	9	6409 adv
	10	1692 e	10 2110 am_5	10	5343 prel
	11	1666 é	11 1789 -	11	4460 coor
	12	1620 da	12 1694 e_9	12	3169 .
	13	1468 em	13 1656 par_9	13	1724 -
	14	1320 não	14 1317 não_6	14	1046 prpp
	15	1150 um	15 1138 um_7	15	951 sub
	16	1076 para	16 1059 para_9	16	764 card
	17	1065 por	17 1000 sua_3	17	478 :
	18	966 uma	18 967 uma_7	18	356)
	19	883 sua	19 951 que_8	19	344 (
	20	871 no	20 888 seu_3	20	217 ?
	21	838 na	21 828 ele_5	21	111 ;
	22	828 como	22 823 com_9	22	34 !
	23	823 com	23 802 como_8	23	
	24	731 so	24 574 poder_1	24	
	25	700 seu	25 533 sujeito_2	25	
	26	699 ele	26 525 mais_6	26	
	27	595 nos	27 483 ser_1	27	
	28	543 os	28 478 :	28	
	29	535 mais	29 477 mas_8	29	
	30	485 sujeito	30 474 ou_5	30	
	31	481 mas	31 457 nos_5	31	
	32	478 :	32 410 ele_5	32	
	33	474 ou	33 385 qual_5	33	
	34	462 ser	34 379 fazer_1	34	
	35	449 à	35 358 esse_7	35	
	36	433 as	36 357 :	36	
	37	387 dos	37 349 (37	
	38	362 ele	38 347 dizer_1	38	
	39	357)	39 340 esse_7	39	
	40	349 esse	40 323 entrar_1	40	
	41	349 (41 323 o_5	41	
	42	327 essa	42 322 fraud_2	42	

Liste des mots fréquents (par fréquences décroissantes)

Fonte: Hyperbase 10.0

No próximo capítulo, *Estatística Linguística: o enlace dos números com as letras*, faremos uma análise minuciosa das tabelas de altas frequências nas três obras.

Em *distribution de fréquences* (distribuição de frequência) encontramos ao lado esquerdo as frequências e ao lado direito a quantidade destas palavras no texto. Por exemplo, na tradução *Escritos* (1998) há 7.306 palavras hapax e assim sucessivamente.

Figura 19: Distribuição de frequência do corpus

	Formes					Lemmes				
	1 7306	21 21	41 9	61 2	81 0	1 4243	21 25	41 10	61 7	81 0
	2 2070	22 21	42 5	62 3	82 4	2 1346	22 15	42 6	62 1	82 4
	3 998	23 27	43 4	63 3	83 0	3 718	23 28	43 5	63 3	83 0
Acroasis	4 542	24 17	44 7	64 2	84 1	4 415	24 19	44 5	64 8	84 0
Acroasis inversa	5 349	25 15	45 7	65 1	85 0	5 299	25 22	45 5	65 2	85 3
	6 258	26 15	46 9	66 2	86 1	6 201	26 16	46 5	66 3	86 0
Hapton	7 206	27 15	47 5	67 2	87 2	7 190	27 16	47 4	67 1	87 2
Hapton fréq.	8 153	28 17	48 5	68 2	88 2	8 128	28 16	48 4	68 3	88 2
Distich	9 115	29 10	49 4	69 4	89 0	9 104	29 16	49 5	69 5	89 2
Distich fréq.	10 92	30 10	50 3	70 4	90 0	10 87	30 10	50 2	70 3	90 1
	11 84	31 9	51 5	71 2	91 2	11 64	31 13	51 4	71 0	91 3
	12 74	32 12	52 6	72 1	92 1	12 73	32 14	52 6	72 1	92 4
	13 57	33 4	53 4	73 5	93 2	13 60	33 7	53 7	73 3	93 0
Distance	14 50	34 8	54 4	74 2	94 0	14 51	34 13	54 7	74 2	94 0
	15 60	35 4	55 5	75 2	95 0	15 56	35 14	55 1	75 2	95 4
	16 44	36 7	56 5	76 3	96 1	16 42	36 7	56 7	76 4	96 0
	17 32	37 6	57 7	77 1	97 1	17 48	37 4	57 3	77 0	97 0
EVOL	18 21	38 9	58 7	78 2	98 2	18 31	38 7	58 4	78 1	98 0
alpha	19 19	39 4	59 0	79 4	99 3	19 25	39 1	59 2	79 1	99 1
hierarch	20 25	40 5	60 3	80 2	100 3	20 26	40 9	60 4	80 1	100 0

Fonte: Hyperbase 10.0

Podemos ter acesso às representações gráficas tanto nas funções de estatística quanto nas funções documentais. O recurso gráfico nos auxilia na análise do léxico e do termo, na compreensão das distâncias lexicais entre eles e na correlação entre as obras, por meio de representações gráficas, mais especificamente os histogramas (BRUNET, 2011). O método de análise com representações gráficas faz parte do grupo dos métodos de estatística descritiva multidimensional. Mesmo sabendo que os recursos do Hyperbase são grandes, nesta dissertação nos limitaremos a utilizar os histogramas que são gráficos de análise fatorial, que podem ser simples e/ou duplo, o grafo em árvore e em constelação, ambos de Xuan Luong⁴¹.

No Hyperbase, contamos com a combinação de mais de um método que acaba por ser complementar, tornando a análise mais eficaz, como é o caso do método de representação gráfica. Com a análise em árvore de Luong (2003) é possível calcularmos as semelhanças entre os

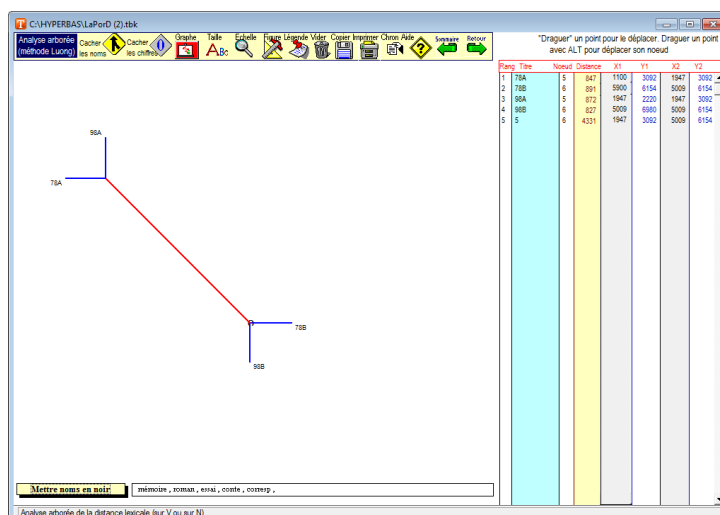
⁴¹ LUONG, Xuan; MELLET, Sylvie. Mesures de distances grammaticale entre les textes, **Corpus**, 2003. Disponível em: <<http://corpus.revues.org/34>>. Acesso em: 7 out. 2016.

diferentes textos e por conseguinte a distância lexical. Nas palavras de Luong e Mellet (2003)

Le calcul de distance entre les textes, développé à des fins de classification ou d'attribution d'auteur, est la démarche par laquelle on tente d'évaluer la plus ou moins grande ressemblance entre divers textes en prenant appui sur des éléments susceptibles d'être mesurés ou dénombrés, qui permettront d'une part de quantifier et ordonner ces degrés de ressemblance, d'autre part de reproduire le calcul autant de fois qu'on le souhaite sur différents types de textes en éliminant tout impact de la subjectivité. (p. 1)

Para comparar as distâncias lexicais das traduções (1978 e 1998), dividimos o *corpus* em duas partes iguais e as denominamos de subdivisões *a* e *b*. A análise em árvore de Luong (2003) mostrou que a parte *a*, em azul, da tradução de 1978, aproxima-se da parte *a* da tradução de 1998, em relação ao vocabulário, e o mesmo ocorreu com a parte *b* em ambas as traduções.

Figura 20: Análise em árvore (método Luong) das distâncias lexicais das traduções de 1978 e 1998



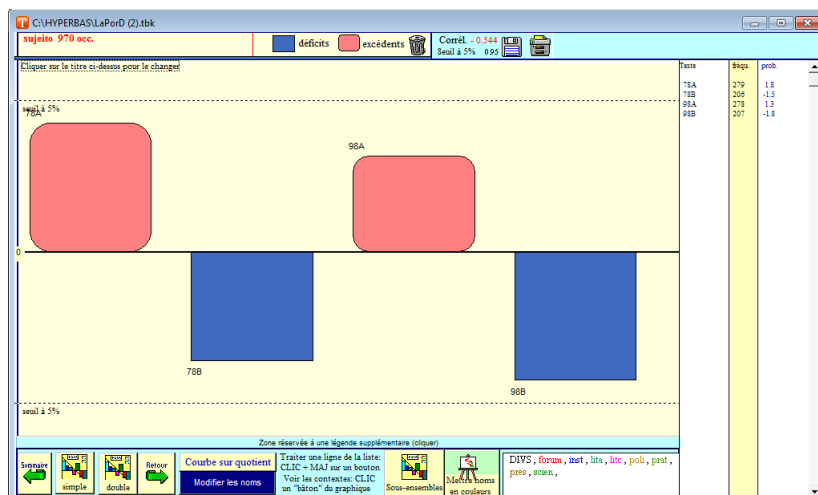
Fonte: Hyperbase 10.0

Segundo Cúrcio (2013), a distância lexical é a análise feita pelo programa Hyperbase que considera o vocabulário completo de cada um dos textos do *corpus*, com a classificação de todas as classes gramaticais e sua respectiva frequência. Contudo, a distância lexical não se preocupa com a frequência dos vocábulos, apenas com a presença ou a ausência de uma determinada palavra no texto em análise. Procura, igualmente, a ligação entre dois textos ou mais, dependendo do tamanho do *corpus*, por meio de uma palavra, pois ela pode colaborar com a aproximação desses textos (se ela for comum aos dois) ou aumentar a distância (caso essa palavra seja exclusiva de um texto apenas).

Segundo Luong e Mellet (2003), “Longtemps les analyses de distance lexicale se sont faites en termes de *présence / absence* : il s’agissait de comparer le vocabulaire de deux textes et de faire le rapport entre le vocabulaire commun aux deux et le vocabulaire spécifique à chacun”. (LUONG e MELLET, 2003, p. 3)

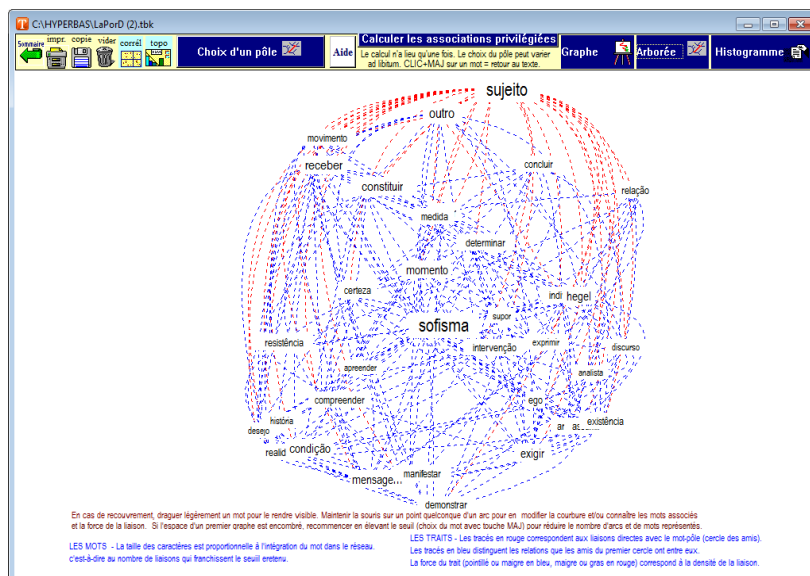
Os histogramas fatoriais podem ser simples ou duplos e representam a distribuição das formas nas obras. Na figura X, a forma *sujeito* foi comparada nas duas traduções de *Escritos* (1978 e 1998), aonde cada uma delas foi subdividida em duas partes (*a* e *b*) de cada obra, como já exposto.

Figura 21: Histograma simples da palavra *sujeito* nas traduções de 1978 e 1998



Com o grafo constelação, a análise do léxico e termo *sujeito/sujeito* nas três obras é representada graficamente de uma outra maneira. O método em gráfico ramificado, desenvolvido inicialmente pelo matemático Xuan Luong e lematizado por Dominique Labbé, só se encontra disponível na versão 10.0 lematizada do Hyperbase. Cúrcio (2013) observa que “o algoritmo de Luong, *grosso modo*, produz gráficos que refletem a proximidade dos objetos estudados (textos) a partir de uma distância (cuja elaboração é de Labbé)” (p. 129). Com esta representação gráfica, podemos analisar as proximidades das formas em relação à determinada palavra, como no exemplo *sujeito*. Os traços em vermelho correspondem às ligações diretas com a forma-polo. Os traços azuis mostram as relações entre as outras formas. A força do traço pontilhado, grosso ou fino, corresponde à densidade da relação entre as formas.

Figura 22: Grafo da forma *sujeito* nas duas traduções (1978 e 1998)



Fonte: Hyperbase 10.0

A análise deste grafo será desenvolvida no capítulo *Tradução de sujet e sujeito e suas variações* em que abordaremos as relações de *sujeito* com as demais formas. É possível adiantar que o *sujeito* nas traduções de 1978 e 1998 não é o mesmo.

No capítulo *Estatística Linguística: o enlace dos números com as letras*, são demonstrados os resultados parciais das ocorrências, vocabulário, hapax e palavras de frequência 2 e as altas frequências das três obras, a fim de tornar possível a comparação entre textos de dissemelhantes extensões.

3 ESTATÍSTICA LINGUÍSTICA: O ENLACE DOS NÚMEROS COM AS LETRAS

Embora os estudos envolvendo textos e números já existam há muito tempo, desde a época dos gramáticos alexandrinos (CÚRCIO, 2013), Biderman (1978)⁴² observa que a partir do início do século XX ganha força a concepção da Estatística Linguística, ciência fundamentalmente interdisciplinar:

Por essa razão, desenvolveu-se nesses últimos 50 anos uma ciência interdisciplinar – a Estatística Linguística - com abundantes e eficazes resultados sobre as mais diversas línguas do mundo, tendo ela chegado a conclusões expressivas de natureza universal. Em todas as línguas estudadas constatou-se a estabilidade dos símbolos linguísticos: letras, fonemas, palavras, categorias gramaticais manifestam uma recorrência tão regular que tornam possível a sua previsibilidade. (p. 4)

Desde então, pesquisas estatísticas na área da linguística, da literatura e da tradução vêm se expandindo no meio acadêmico. Atualmente, é possível encontrar diversos programas estatísticos voltados ao trabalho com análise lexical de *corpus* textuais, como o IRAMUTEQ, desenvolvido por Pierre Ratinaud; o *WordSmith Tools*, concebido por Mike Scott; o *Alceste*, de Max Reinert; o *Lexico*, criado por *André Salem*, e o *Hyperbase*, idealizado pelo francês Étienne Brunet.

Com a ajuda do Hyperbase, analisamos nas três obras as ocorrências (extensão), unidades de vocabulário, as palavras de frequência 1 (hapax) e as altas frequências.

⁴² BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

3.1 OCORRÊNCIAS (EXTENSÃO)⁴³

Constatamos em *Écrits* (1966) 131.189 ocorrências, em *Escritos* (1978) 121.080 ocorrências e em *Escritos* (1998) 123.856 ocorrências. Do ponto de vista quantitativo, os resultados mostram o total de entradas das formas de cada base de texto. Observa-se que o número de formas em *Écrits* (1966) é superior ao de suas traduções. As duas traduções também não coincidem no número de formas, com uma diferença de 2.776 ocorrências. A diferença entre o original e a tradução de 1978 é de 10.109 ocorrências e do original para a tradução de 1998 é de 7.333 ocorrências um número bastante elevado a nosso ver. Para chegarmos a estes números usamos as bases com pontuação.

Tabela 2: Ocorrências em *Écrits* (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases com pontuação

	Ocorrências (Extensão)
<i>Écrits</i> (1966)	131.189
<i>Escritos</i> (1978)	121.080
<i>Escritos</i> (1998)	123.856
Diferença entre a ocorrência do original e da tradução de 1978	10.109
Diferença entre a ocorrência do original e da tradução de 1998	7.333
Diferença entre a ocorrência das duas traduções	2.776

Diante dos números apresentados, achamos por bem verificarmos melhor as bases e então resolvemos fazer uma segunda base das três obras, agora sem a pontuação. Detalhe que com a retirada da pontuação, a versão 10.0 lematizada não aceita os textos para formar a base. Pelo fato de não haver limites dos parágrafos por causa da falta do ponto, o Hyperbase diz que os textos têm estrutura infinita. Só foi possível formarmos a bases na versão 9.0 simplificada, sem lematização e ela não

⁴³ **Palavra-ocorrência:** Segundo Freitas (2007) vocábulos repetidos ou não com suas respectivas frequências. Segundo Barros (2004), “Quando se trata de estatística linguística, usa-se *palavra-ocorrência*, ou seja, ao se analisar um texto do ponto de vista quantitativo, verifica-se um dado número de palavras que ocorrem no mesmo. De modo prático, essas são identificadas pelos espaços em branco existentes entre uma e outra sequência fonético-fonológica. Esse é, aliás, o principal critério utilizado pelo computador para estabelecer o número de palavras existentes no texto”. (p. 40)

aceitou os textos das traduções de 1978 e 1998 juntas. Para atestarmos este resultado, realizamos uma segunda base, agora excluindo todos os sinais de pontuação (, . ; : ? ! “ ’ () < > - — + / = { } [] ...), que são considerados sinais delimitadores e podem causar confusão no cálculo das quantidades, somente as palavras nos interessaram. Dessa vez, o número de ocorrências em *Écrits* (1966) foi de 117.296 ocorrências, na tradução de 1978, 106.817 ocorrências e na tradução de 1998, 107.150 ocorrências. Com diferença de 10.479 ocorrências do original com a primeira tradução 1978 e 10.146 ocorrências do original e a segunda tradução de 1998. Entre as traduções, as diferenças da extensão de texto foi de 333 ocorrências. As frases são mais segmentadas na tradução de 1998. Na tabela a seguir, está o resultado.

Tabela 3: Ocorrências em *Écrits* (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases sem pontuação

	Ocorrências (Extensão)
<i>ÉCRITS</i> (1966)	117.296
<i>ESCRITOS</i> (1978)	106.817
<i>ESCRITOS</i> (1998)	107.150
Diferença entre a ocorrência do original e da tradução de 1978	10.479
Diferença entre a ocorrência do original e da tradução de 1998	10.146
Diferença entre a ocorrência das duas traduções de 1978 e 1998	333

Ao retirar a pontuação das obras, constatamos que sua extensão diminuiu, se comparadas aos textos com pontuação. Porém, a diferença entre as ocorrências aumenta quando comparamos os números do original com as duas traduções.

Inclui-se na ocorrência todas as entradas no texto: pontuação, substantivos, verbos, adjetivos, pronomes, conjunções e as palavras instrumentais. A base de textos usada é a sem pontuação. A hipótese, neste caso, pela estrutura gramatical das línguas francesa e portuguesa, é de que há mais formas no original *Écrits* (1966) do que em suas traduções. Por exemplo, para ‘há’ no português usamos ‘il y a’ no francês, duas formas a mais. Destacamos o pronome sujeito, essencial na língua francesa e dispensável na língua portuguesa, como no exemplo, ‘il a pleut’ (língua francesa), que em português é simplesmente ‘chove’. Outra questão importante se refere às estruturas de frase; no francês, mais

segmentadas, e, no português, mais longas, além do fato de que na língua portuguesa os partitivos inexistem.

3.2 UNIDADE DE VOCABULÁRIO⁴⁴

Verificamos que existem diferenças nas unidades de vocabulário nas três obras. O original *Écrits* (1966) apresenta um menor número de registros: 11.648. Na primeira tradução da obra para o português, *Escritos* (1978), aparecem 12.419 unidades de vocabulário; na segunda tradução, *Escritos* (1998), são registradas 13.003 entradas de unidades de vocabulário. A diferença numérica de vocabulário entre o original e a tradução de 1978 é de 771 unidades de vocabulário. Já entre o original e a tradução de 1998 a diferença é de 1.355 unidades de vocabulário. Entre as duas traduções, há uma diferença de 584 unidades. Significa dizer que houve uma maior diversidade lexical na tradução de 1998, com 584 vocábulos a mais que a tradução de 1978. Com efeito, ambas as traduções superam em unidades de léxico o original. Com base nos dados gerados pelo Hyperbase, é possível concluir que na obra *Écrits* (1966) há uma maior repetição de vocabulário do que mudança de vocábulos, quando comparada às traduções para o português. Podemos antever que as traduções modificaram a obra, notadamente a de 1998.

Talvez isso ocorra pela própria estrutura de raciocínio do intelectual francês refletida na sua escrita, mais precisa e enxuta.

Tabela 4: Unidade de vocabulário em *Écrits* (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases sem pontuação

	Unidades de vocabulário
ÉCRITS (1966)	11.648
ESCRITOS (1978)	12.419
ESCRITOS (1998)	13.003
Diferença de vocabulário do original com a tradução de 1978	771
Diferença de vocabulário do original com a tradução de 1998	1.355
Diferença de vocabulário entre as traduções	584

⁴⁴ **Vocabulário (v):** é o conjunto das realizações discursivas das mesmas unidades do léxico. (BIDERMAN, 1996)

Tabela 5: Unidade de vocabulário em *Écrits* (1966) e traduções (1978 e 1998) das bases com pontuação

	Unidades de vocabulário
ÉCRITS (1966)	11.673
ESCRITOS (1978)	12.449
ESCRITOS (1998)	13.075
Diferença de vocabulário do original com a tradução de 1978	776
Diferença de vocabulário do original com a tradução de 1998	1.402
Diferença de vocabulário entre as traduções	626

Embora as duas traduções (1978 e 1998) estejam englobadas no sistema linguístico da língua portuguesa, a tradução de 1998 demonstra ter uma extensão de vocabulário maior que a tradução de 1978. Deve-se prever que o mais longo terá um vocabulário de extensão superior em relação ao mais curto. Porém, podemos afirmar que o vocabulário mais extenso corresponde também a um léxico mais extenso; contudo, essa extensão não significa, necessariamente, riqueza de vocabulário.

Observa-se que os dados de ocorrência e de unidade de vocabulário não caminharam juntos nas três obras. Mesmo tendo o maior número de ocorrências, a obra *Écrits* (1966) apresenta a menor quantidade de unidades de vocabulário.

Cúrcio (2013) explica que o crescimento do vocabulário ocorre a partir da contagem das palavras que compõem um *corpus*, obtendo assim um valor numérico N (número total de palavras), a exata medida de extensão do texto.

Desse modo, o programa associa cada uma dessas palavras a um vocábulo (forma), para obter-se um segundo valor numérico, V (número de vocábulos que têm ao menos uma ocorrência no texto). V está em função de N , ou seja, V tende a crescer com N , mas é evidente que V cresça de modo mais lento que N , pois, cada palavra que aumenta o corpus pode ser um vocábulo que já estava presente nele. Desse modo, diminui a proporção entre as quantidades V e N , ou seja, entre o número de palavras não repetidas e a totalidade delas. Ao iniciar uma contagem de um texto, Muller repara que V é igual a N até a primeira repetição de um vocábulo qualquer. (p. 49-50)

Há uma maior concentração de formas na parte *a* das três obras. Em relação à unidade de vocabulário, a parte *a* do original apresenta 8.061 unidades e a parte *b* 7.244 unidades de vocabulário; na tradução de 1978, encontramos na parte *a* 8.516 unidades e na parte *b* 7.741 unidades; e, na tradução de 1998, 8.897 unidades de vocabulário na parte *a* e 8.009 na parte *b*.

Tabela 6: Unidades de vocabulário repartidas nas partes *a* e *b* das três obras

	<i>Écrits</i> (1966)	<i>Escritos</i> (1978)	<i>Escritos</i> (1998)
Capítulos 1 ao 4 (parte <i>a</i>)	8.061	8.516	8.897
Capítulos 5 ao 11 (parte <i>b</i>)	7.244	7.741	8.009

Maior concentração de ocorrências é na parte *a* das três obras. No original na parte *a* constam 63.470 ocorrências e na parte *b* 53.826, na tradução de 1978 na parte *a* 57.710 e parte *b* 49.107 e na tradução de 1998 na parte *a* 57.784 e na parte *b* 49.366.

Tabela 7: Ocorrências repartidas nas partes *a* e *b* das três obras

	<i>Écrits</i> (1966)	<i>Escritos</i> (1978)	<i>Escritos</i> (1998)
Capítulos 1 ao 4 (parte <i>a</i>)	63.470	57.710	57.784
Capítulos 5 ao 11 (parte <i>b</i>)	53.826	49.107	49.366

Os dados apontam para o seguinte raciocínio: ao mesmo tempo em que existe maior quantidade de palavras, há também maior diversificação do vocabulário na parte *a* das três obras.

3.3 HAPAX⁴⁵

Ao comparar os dados de hapax com os dados de ocorrência nas três obras, constata-se que mais da metade do vocabulário das três obras é de palavras de frequência 1 (hapax). Isso quer dizer que existe uma estrutura de léxico diferente em *Écrits* (1966) se comparado as suas traduções. Não podemos afirmar o mesmo em relação às traduções, pois o conjunto de léxico do *corpus* está inserido no sistema linguístico do

⁴⁵ **Hápx:** “Quando uma palavra é de frequência 1, ou seja, só aparece uma vez em todo o *corpus*, ela ganha uma denominação especial: ela é um hápx [...]” (FREITAS, 2007, p. 68-69)

português. São as variações das traduções entre as obras *Escritos* (1978 e 1998) que nos interessam.

Tabela 8: Hapax em *Écrits* (1966) e suas traduções (1978 e 1998)

	HAPAX (fl)
ÉCRITS (1966)	6.269
ESCRITOS (1978)	6.824
ESCRITOS (1998)	7.245

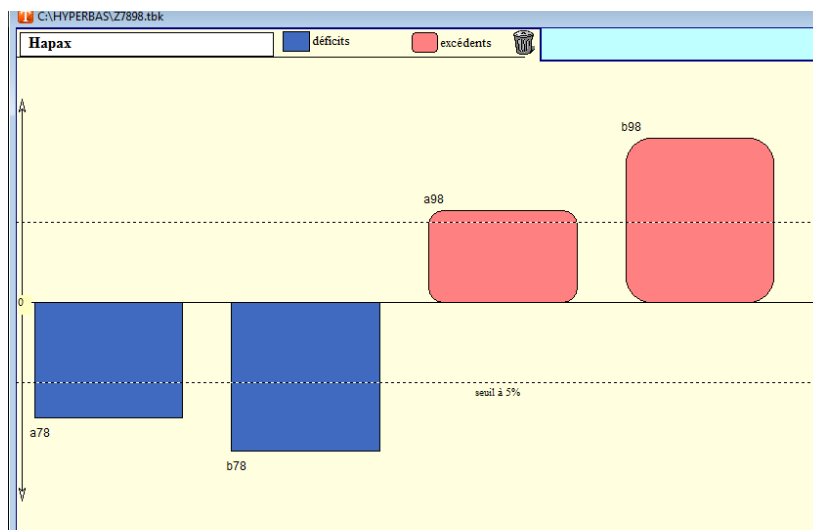
O que surpreende nesses dados são as diferenças de hapax entre as traduções de 1978 e 1998. Como se tratam de traduções de uma mesma obra, esperava-se que o vocabulário fosse traduzido aos pares, ou seja, que uma forma, presente no original, tivesse a mesma equivalência nas duas traduções, e, portanto, na comparação das traduções, houvesse um número reduzido de hapax.

Comparando as traduções *Escritos* (1978 e 1998) constatou-se que existem diferenças nas traduções em relação às palavras de frequência 1 e 2, como demonstramos no quadro abaixo:

Tabela 9: Total de hapax e palavras de frequência 2 nas traduções para o português

	V1 (HAPAX)	V2 (palavra de freq. 2)	TOTAL (V1 e V2)
ESCRITOS (1978)	6.824	1.966	8.790
ESCRITOS (1998)	7.245	2.065	9.310

O histograma abaixo representa o número inferior de palavras hapax na tradução de 1978 quando comparada com a tradução de 1998.

Figura 23: Histograma de hapax em *Escritos* (1978 e 1998)

Fonte: Hyperbase 10.0

Ao fazer a comparação entre as palavras de frequência 1 e 2 (V1 e V2) – a diferença entre o número de hapax (1f) de *Escritos* (1998) e dos *Escritos* (1978) –, temos que a tradução de 1998 possui 421 hapax a mais que a de 1978. Cotejando as palavras (2f), temos que *Escritos* de (1998) tem 99 palavras de frequência 2 a mais que a primeira tradução. As diferenças entre V1 e V2 somam 520, número que se aproxima de 584, diferença de vocabulário entre as duas traduções, demonstrada acima, na tabela unidade de vocabulário. Dessa forma, tudo indica que existem palavras de frequência 1 e 2 e, quiçá, de frequência 3, nas traduções que não foram traduzidas aos pares.

Tabela 10: Diferenças de palavras hapax e palavras de frequência 2 nas traduções para o português

	V1 (HAPAX)	V2 (palavra de freq. 2)	TOTAL das diferenças de V1 e V2
ESCRITOS (1978)	6.824	1.966	
ESCRITOS (1998)	7.245	2.065	
TOTAL das diferenças	421	99	520

Por intermédio do Hyperbase, encontrarmos expressões que foram traduzidas nas duas obras 1978 e 1998 de maneira diferente. Como é o caso de *poudre aux yeux* (1966), expressão traduzida literalmente por *areia nos olhos* (1978) e *cortina de fumaça* (1998), melhor opção para o português a nosso ver.

Quadro 3: Contexto da expressão *poudre aux yeux*

A pousser un peu ce sentiment de **poudre aux yeux**, nous en serions bientôt à nous demander si, de la scène inaugurale que seule la qualité de ses protagonistes sauve du vaudeville [...].

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 4: Contexto da expressão *areia nos olhos*

Ao exagerar mais um pouco esse sentimento de **areia nos olhos**, brevemente viríamos a nos perguntar se, da cena inaugural que somente a qualidade de seus protagonistas salva do vaudeville [...].

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 5: Contexto da expressão *cortina de fumaça*

Exagerando um pouco essa sensação de **cortina de fumaça**, logo estaríamos a nos perguntar se - da cena inaugural, que apenas a qualidade dos protagonistas salva do vaudeville [...].

Fonte: *Escritos* (1998)

Outra questão importante a se destacar é que a obra de 1978 mantém as palavras no alfabeto grego, como no original, e na tradução de 1998 as mesmas palavras passaram por uma transformação por transliteração. Ou seja, *ἀληθής* (1978) foi transliterado do alfabeto grego para o latino, formando então, *alethés* (1998), cujo significado é *verdade*.

Situações que podem ter concorrido para as diferenças nos dados numéricos em ocorrência, unidade de vocabulário e hapax e no caso da tradução de carta. Na edição de 1998, a tradutora titubeia na tradução de *lettre* e usa *carta/letra* no seu texto. De uma frequência de 100 para carta encontramos em 24 contextos o uso de *carta/letra* pela tradutora. Tomemos este trecho de *Escritos* (1998),

Quadro 6: Contexto de *carta/letra*

A linguagem profere seu veredito a quem sabe ouvi-la: pelo uso do artigo, empregado como partícula partitiva. É aí mesmo que, não menos singularmente, o espírito, se o espírito é a significação viva, aparece mais propenso à quantificação do que a **carta/letra**. A começar pela própria significação, que suporta que digamos: esse discurso pleno de signification, do mesmo modo que reconhecemos de l'intention em um ato, deploramos que não haja mais **d'amour**, acumulamos **de la haine** e dispensamos **du dévouement** e que tanta **d'infatuation** se concilie com o fato de sempre haver **de la cuisse (pernil)** para vender e **du rifici (confusão)** entre os homens.

Fonte: *Escritos* (1998)

A tradutora parece deixar para o leitor a solução do problema da ambiguidade da tradução de *lettre* e ainda mantém palavras em francês

com o partitivo, pois, tudo indica, não conseguiu esclarecer sua dúvida durante o processo de tradução. Vera Ribeiro acrescenta em *Escritos* (1998) em nota de rodapé a seguinte observação no primeiro registro de *carta/letra*. “Ou ‘o Verbo’, outra acepção possível de *lettre*, que, sobretudo a partir desse ponto do texto, convém ter em mente em suas diferentes significações (carta, letra)”. (N.E.) (*Escritos*, 1998, p. 26)

Na obra *Escritos* (1998), na parte final, a equipe de tradução destina duas páginas a *notas à edição brasileira*. Nela encontramos algumas explicações tradutológicas a respeito de *carta/letra* deixadas por Vera Ribeiro.

Nessa perspectiva, foram deixadas algumas palavras e expressões em francês no próprio texto em português, acompanhadas de notas explicativas; outros trechos traduzidos são restituídos em notas como se encontram no original; em outros, foram utilizadas duas palavras em português para traduzir uma palavra-chave em francês (como mestre/senhor para maître ou carta/letra para lettre); foram adotadas notas de esclarecimento sobre algumas referências próprias a cultura francesa e notas justificativas de certas traduções propostas. E encontra-se indicada, em numeração entre colchetes, na margem das páginas da presente edição, a página correspondente da edição francesa original. Foi respeitada a evolução cronológica da terminologia empregada por Lacan, procurando-se encontrar seu equivalente em português (como instinto e pulsão, rejeição e forclusão). As palavras estrangeiras (i.e., não em francês) utilizadas por Lacan foram preservadas, e sua tradução em português acrescentada em nota quando necessário. Foram mantidas todas as notas de rodapé da edição francesa original; as que foram acrescentadas estão assinaladas por (N.E.), Nota da Edição brasileira. (*Escritos*, 1998, p. 935 - 936)

Na tradução de 1998 encontramos os partitivos *d'amour, de la haine, du dévouement, d'infatuation, de la cuisse, du rîfîfi*. Vera Ribeiro escolhe por manter os partitivos com as palavras em francês e acrescenta em nota de rodapé: “Essa acepção caiu em desuso em português, transformando-se num arcaísmo, mas antecede tudo o que é indivisível em francês”. (N.E.). (*Escritos*, 1998, p. 27)

No mesmo parágrafo outro fato ocorreu com a palavra *cuisse* que foi traduzida por *pernil* em português. Segundo o dicionário *Trésor de la langue française*⁴⁶, *cuisse*, no feminino, significa *partie du corps*, no caso de uma pessoa e não de um porco.

No mesmo contexto, na tradução de 1978, a tradutora mantém no meio das frases um “(d)” para em seguida explicar em nota de rodapé: “O emprego do partitivo é considerado um arcaísmo desueto em nossa língua, ao passo que em francês ele precede tudo que é divisível”. (N. da T.). (*Escritos*, 1978, p. 31)

As duas tradutoras trazem informações opostas ao leitor sobre o partitivo da língua francesa em nota de rodapé. A tradutora de 1978 diz que os partitivos antecedem tudo o que é divisível e a tradutora de 1998 diz que os partitivos antecedem tudo o que é indivisível. A tradução deste trecho traz mais problemas ao leitor do que esclarecimentos.

Quadro 7: Contexto de *carta*

A linguagem produz sua sentença a quem sabe ouvi-la: pelo uso do artigo empregado como partícula partitiva. É aliás exatamente aí que o espírito, se o espírito é a significação viva, aparece não menos singularmente oferecido à quantificação do que a *carta*. A começar pela própria significação que suporta que se diga: esse discurso cheio de significação, da mesma forma que se reconhece (*d*) a intenção em um ato, que se lamenta que não haja mais (*d*) amor, que se acumule (*d*) ódio e que se gaste (*d*) devotamento, e que tanta (*d*) infatuação se ajuste ao fato de que haverá sempre (*d*) o pernil para revender e (*d*) o rífifi entre os homens. (*Escritos*, 1978)

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 8: Contexto de *lettre*

Le langage rend sa sentence à qui sait l'entendre : par l'usage de l'article employé comme particule partitive. C'est même bien là que l'esprit, si l'esprit est la vivante signification, apparaît non moins singulièrement plus offert à la quantification que la *lettre*. A commencer par la signification elle-même qui souffre qu'on dise : ce discours plein de signification, de même qu'on reconnaît de l'intention dans un acte, qu'on déplore qu'il n'y ait plus d'amour, qu'on accumule de la haine et qu'on dépense du dévouement, et que tant d'infatuation se raccommode de ce qu'il y aura toujours de la *cuisse* à revendre et du rífifi chez les hommes.

Fonte: *Écrits* (1966)

Encontramos também o termo *caïde*, que foi traduzido como *califa* (1978) e *caïde* (1998). A palavra *caïde* não está dicionarizada na língua portuguesa. Porém, no Dicionário Aurélio, encontramos que *califa* “é um vigário, lugar-tenente; sucessor; título de soberano mulçumano”. No dicionário francês TILF, *caïd* é um léxico originário do norte da África que significa “notable qui cumule des fonctions administratives,

⁴⁶ DENDIEN, Jacques. **Trésor de la Langue Française informatisé**. ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em : <<http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso 25 fev. 2016.

judiciaires, financières; chef de tribu(s)”. Será que *califa* tem o mesmo sentido que *caïde* do francês e pode ser um bom equivalente?

Quadro 9: Contexto de *califa*

Pois mesmo que tivesse aparecido na andorinha algum *califa* da colônia que, engolindo o peixe simbólico diante do bico hiante das outras andorinhas, inaugurasse essa exploração da andorinha pela andorinha de que nos divertimos um dia a tecer a fantasia, isso não bastaria absolutamente para reproduzir entre elas esta fabulosa história, imagem da nossa, da qual a epopéia alada nos manteve cativos na ilha dos pingüins, e faltaria algo para fazer um universo andorinizado.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 10: Contexto de *caïde*

Pois, mesmo que aparecesse entre as andorinhas algum *caïde* da colônia que, sorvendo o peixe simbólico do bico hiante das outras andorinhas, inaugurasse a exploração da andorinha pela andorinha, cuja fantasia um dia nos comprazemos em tecer, isso não bastaria para reproduzir entre elas a fabulosa história, imagem da nossa, cuja epopéia alada nos manteve cativos na ilha dos pingüins, e faltaria alguma coisa para criar um universo andorinizado.

Fonte: *Escritos* (1998)

Quadro 11: Contexto de *caïd*

Car même apparût-il chez l'hirondelle quelque *caïd* de la colonie qui, en gobant le poisson symbolique au bec béant des autres hirondelles, inaugurat cette exploitation de l'hirondelle par l'hirondelle dont nous nous plûmes un jour à filer la fantaisie, ceci ne suffirait point à reproduire parmi elles cette fabuleuse histoire, image de la nôtre, dont l'épopée ailée nous tint captifs en l'île des pingouins, et il s'en faudrait de quelque chose pour faire un univers « hirundinisé ».

Fonte: *Écrits* (1966)

Outra questão interessante foi como a forma francesa *cachette* e sua variação formal para o plural *cachettes* foram traduzidas. *Cachette* (*s*) foram traduzidas por *esconderijo* e por *lacrada* nas traduções de 1978 e 1998. No dicionário TLIF *cachette* é *Lieu, endroit propre à cacher quelque chose ou quelqu'un, à se cacher*. Não encontramos o sentido de *lacrado* para *cachette*.

A tradutora de 1998 em nota de rodapé comenta que, “Lacan explora a homofonia e a polissemia de *cachet* (sinete, lacre, estilo de autor, selo, caráter peculiar) e *cacheter* (selar, lacrar uma carta). *Lettre de cachet* significa carta régia, carta imperial, ordem de prisão”. (N.E.) (*Escritos*, 1998, p. 28). Na tradução de 1978 não encontramos nenhuma nota da tradutora sobre esta questão.

Quadro 12: Contexto de *cachettes*

Tout est fait pour nous induire à la notion de l'imbécillité du personnage. Et on l'articule puissamment du fait que lui et ses acolytes n'iront jamais à concevoir, pour cacher un objet, rien qui dépasse ce que peut imaginer un fripon ordinaire, c'est-à-dire précisément la série trop connue des *cachettes* extraordinaires : dont on nous donne la revue, des tiroirs dissimulés du secrétaire au plateau démonté de la table, des garnitures décosuées des sièges à leurs pieds évidés, du revers du tain des glaces à l'épaisseur de la reliure des livres. (*Écrits*, 1966)

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 13: Contexto de *esconderijos*

Tudo é feito para nos induzir à noção da imbecilidade do personagem. E articulamo-la vigorosamente pelo fato de que ele e seus acólitos jamais virão a conceber, para esconder um objeto, nada que ultrapasse o que pode imaginar um malandro ordinário, isto é, precisamente a série bem conhecida dos *esconderijos* extraordinários: dos quais nos dão o repertório, das gavetas dissimuladas da escrivaninha à superfície desmontada da mesa, dos forros descozidos dos assentos a seus pés esvaziados, do avesso do estanho dos espelhos até a espessura da capa dos livros.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 14: Contexto de *esconderijos*

Tudo é feito para nos induzir à noção da imbecilidade do personagem. E ela é vigorosamente articulada pelo fato de ele e seus acólitos jamais conceberem, para esconder um objeto, nada que ultrapasse o que um malandro comum poderia imaginar, isto é, precisamente a série por demais conhecida dos *esconderijos* extraordinários que nos é passada em revista: desde gavetas dissimuladas da escrivaninha até o tampo desmontável da mesa, dos forros descozidos dos assentos até seus pés ocios, das chapas por trás do estanho dos espelhos até a espessura da encadernação dos livros.

Fonte: *Escritos* (1998)

Quadro 15: Contexto de *cachettes*

Et comment en effet, pour revenir à nos policiers, auraient-ils pu saisir la lettre, ceux qui l'ont prise à la place où elle était cachée ? Dans ce qu'ils tournaient entre leurs doigts, que tenaient-ils d'autre que ce qui ne répondait pas au signalement qu'ils en avaient ? A letter, a litter, une lettre, une ordure. On a équivoqué dans le cénacle de Joyce sur l'homophonie de ces deux mots en anglais. La sorte de déchet que les policiers à ce moment manipulent, ne leur livre pas plus son autre nature de n'être qu'à demi déchiré. Un sceau différent sur un cachet d'une autre couleur, un autre cachet du graphisme de la suscription sont là les plus infrangibles des *cachettes*. Et s'ils s'arrêtent au revers de la lettre où, comme on sait, c'est là qu'à l'époque l'adresse du destinataire s'inscrivait, c'est que la lettre n'a pas pour eux d'autre face que ce revers.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 16: Contexto de *esconderijos*

E como com efeito, voltando aos nossos policiais, teriam podido se apoderar da carta, aqueles que a pegaram no lugar em que ela estava escondida? Naquilo que reviravam entre os dedos, que mais tinham senão o que *não respondia* à descrição que conheciam? *A letter, a litter*, uma carta, um lixo. Equivocou-se no cenáculo de Joyce sobre a homofonia dessas duas palavras em inglês. A espécie de detrito que os policiais manipulam nesse momento não lhes fornece tampouco sua outra natureza por estar só meio rasgado. Um sinete diferente sobre um carimbo de uma outra cor, um outro carimbo do grafismo do sobrescrito são aí os *esconderijos* mais infrangíveis. E se eles se detêm no reverso da carta onde, como se sabe, era lá que na época o endereço do destinatário se inscrevia, é que a carta para eles só tem esse reverso como outra face.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 17: Contexto de *esconderijos*

E com efeito, voltando a nossos policiais, como poderiam eles apoderar-se da carta, eles que a apanharam no lugar onde estava escondida? Naquilo que reviravam entre os dedos, que outra coisa seguravam eles senão o que *não correspondia* à descrição que tinham dela? *A letter, a litter*, uma carta, uma letra, um lixo. Fizeram-se trocadilhos, no cenáculo de Joyce, com a homofonia dessas duas palavras em inglês. A espécie de dejetos que os policiais manipulam nesse momento tampouco lhes revela sua outra natureza por estar apenas meio rasgada. Um sinete diferente sobre um lacre de outra cor, e um outro estilo de grafismo no sobrescrito são, ali, o mais inquebrantável dos *esconderijos*. E, se eles se detêm no reverso da carta, que, como sabemos, era onde se inscrevia na época o endereço do destinatário, é porque, para eles, a carta não tem outra face senão esse reverso.

Fonte: *Escritos* (1998)

Quadro 18: Contexto de *cachette*

Ainsi apprenons-nous d'abord qu'à son tour le ministre a retourné la lettre, non certes dans le geste hâtif de la Reine, mais d'une façon plus appliquée, à la façon dont on retourne un vêtement. C'est en effet ainsi qu'il lui faut opérer, d'après le mode dont à l'époque on plie une lettre et la *cachette*, pour déga-ger la place vierge où inscrire une nouvelle adresse.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 19: Contexto de *lacra*

Assim ficamos sabendo primeiro que por sua vez o ministro *virou do avesso* a carta, não, logicamente, no gesto apressado da Rainha, mas de maneira mais aplicada, da maneira pela qual se vira do avesso uma roupa. É em verdade assim que lhe é preciso operar, segundo o modo pelo qual na época se dobra uma carta e se *lacra*, para liberar o lugar virgem onde inscrever um novo endereço.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 20: Contexto de *lacrada*

Assim, logo ficamos sabendo que, por sua vez, o ministro *virou* a carta, certamente não com o gesto precipitado da Rainha, porém de maneira mais aplicada, à maneira como se vira uma roupa pelo avesso. Foi assim de fato que ele teve de operar, à maneira como na época uma carta era dobrada e *lacrada*, para liberar o lugar virgem onde escrever um novo endereço.

Fonte: *Escritos* (1998)

Além disso, algumas formas foram mantidas na língua francesa na tradução de 1978, como *mise en scène*, expressão traduzida para *encenação* na tradução de 1998. Por ora, nos limitaremos a mostrar somente estes contextos, pois se continuarmos pesquisando veremos, assim como estes, outro contextos interessantes do ponto de vista da tradução.

Diante das discrepâncias entre as traduções e a obra original, cabe a pergunta: qual a influência das traduções na compreensão da leitura da obra de Lacan? Sabendo que a maioria dos psicanalistas brasileiros é lacaniana, qual a influência dessas traduções no trabalho do psicanalista brasileiro? Será mesmo que a leitura de Lacan é confusa e complexa?

3.4 ALTA FREQUÊNCIA

Nesta importante etapa da dissertação, usando como metáfora um funil, iremos mencionar as altas frequências em *Écrits* (1966) e *Escritos* (1978 e 1998). Em seguida, numa tabela à parte, escolheremos os vocábulos substantivados e plenos de sentido, para depois mencionarmos algumas diferenças na frequência dos termos nas traduções de 1978 e 1998. Sem sermos exaustivos, faremos algumas alusões aos termos freudianos considerados ancoradouros da psicanálise em *Écrits* (1966) e suas traduções em *Escritos* (1978 e 1998). E por fim, optamos em analisar sob os preceitos das ciências do léxico a forma de maior frequência nas três obras: *sujet/sujeito*.

O ponto de partida é a análise das altas frequências nas três obras. Barros (2004) chama os termos de alta frequência de “termo privilegiado” (p. 197). A terminologia sugerida pela autora nos parece bastante apropriada, pois o termo mais repetido é considerado um termo importante na obra. Nas palavras de Barros (2004), “[...] uma unidade terminológica de uso corrente, atual, de alta frequência, distribuição regular nos discursos analisados e preferida ou recomendada por autoridades do domínio especializado em questão é chamada *privilegiada* (*termo privilegiado*) [...]” (p. 197)

Pelo fato de ainda não estarmos tratando dos termos, adaptamos o que Barros (2004) chama de termo privilegiado por léxico privilegiado.

3.4.1 Na entrada do ‘funil’

Segundo Barros (2004), um dos critérios que utilizamos para a análise desta pesquisa é a frequência da unidade léxica nos textos.

Para a elaboração de qualquer tipo de obra é necessária a adoção de critérios ao mesmo tempo quantitativos e qualitativos. Um dos critérios mais utilizados tem sido o da frequência de realização, ou seja, quantas vezes a unidade léxica/terminológica foi efetivamente empregada nos discursos analisados. Uma vez feito o levantamento, as unidades são colocadas em ordem decrescente de frequência, permitindo estudos estatísticos e percentuais. Para esse trabalho, a Terminologia conta com precioso apoio da *lexicometria* ou *lexicoestatística*. Os estudos lexicométricos são úteis em diversos campos e não se resumem a levantamentos estatísticos com valor em si mesmos: sua importância se evidencia nas análises qualitativas dos textos e dos discursos [...] (p. 195)

Dispomos em ordem decrescente as palavras de frequência igual ou superior a 70 da base sem pontuação nas três obras. Ao seguir este critério, o Hyperbase nos deu uma diferenciação de distribuição das três obras. Em *Écrits* (1966), há 158 formas, em *Escritos* (1978) 163 formas e, em *Escritos* (1998), 169 formas, de acordo com o critério de frequência estabelecido. De início, o programa pôs em relevo vocábulos iguais ou superiores a 70. Nesta lista estão incluídas todas as entradas registradas no Hyperbase: palavras instrumentais, substantivos, adjetivos, con-

junções, verbos e pronomes, exceto a pontuação. Em anexo, mostramos a lista de palavras com frequência igual ou superior a 50 dos textos com a pontuação. Na tabela a seguir, listamos as frequências das formas iguais ou superiores a 70 nas três obras:

Tabela 11: Frequências das formas iguais e superiores a 70 nas três obras

	<i>Écrits (1966)</i>	<i>Frequência (f)</i>	<i>Escritos (1978)</i>	<i>Frequência (f)</i>	<i>Escritos (1998)</i>	<i>Frequência (f)</i>
1	<i>a</i>	672	<i>a</i>	4073	<i>a</i>	4230
2	<i>à</i>	2904	<i>à</i>	578	<i>à</i>	517
3	<i>ainsi</i>	161	<i>ái</i>	460	<i>ái</i>	103
4	<i>ait</i>	75	<i>ainda</i>	129	<i>ainda</i>	135
5	<i>analyse</i>	120	<i>além</i>	74	<i>além</i>	76
6	<i>au</i>	761	<i>análise</i>	118	<i>ali</i>	105
7	<i>aussi</i>	172	<i>antes</i>	73	<i>análise</i>	125
8	<i>autant</i>	96	<i>ao</i>	876	<i>antes</i>	87
9	<i>autre</i>	356	<i>aos</i>	100	<i>ao</i>	729
10	<i>autres</i>	85	<i>aqui</i>	235	<i>aos</i>	97
11	<i>aux</i>	212	<i>as</i>	425	<i>apenas</i>	152
12	<i>avec</i>	222	<i>às</i>	81	<i>aqui</i>	204
13	<i>avoir</i>	89	<i>assim</i>	207	<i>as</i>	422
14	<i>avons</i>	126	<i>atê</i>	98	<i>às</i>	74
15	<i>bien</i>	306	<i>bem</i>	176	<i>assim</i>	183
16	<i>c</i>	791	<i>cada</i>	107	<i>atê</i>	150
17	<i>car</i>	252	<i>carta</i>	107	<i>bem</i>	100
18	<i>cas</i>	84	<i>caso</i>	85	<i>cada</i>	93
19	<i>ce</i>	1333	<i>com</i>	587	<i>carta</i>	100
20	<i>ceci</i>	103	<i>como</i>	756	<i>caso</i>	74
21	<i>celle</i>	134	<i>cuja</i>	72	<i>com</i>	822
22	<i>celui</i>	120	<i>da</i>	1683	<i>como</i>	829
23	<i>ces</i>	206	<i>dar</i>	78	<i>cuja</i>	82
24	<i>cet</i>	131	<i>das</i>	289	<i>cujo</i>	78
25	<i>cette</i>	512	<i>de</i>	3896	<i>da</i>	1621
26	<i>ceux</i>	71	<i>desde</i>	125	<i>das</i>	294
27	<i>chez</i>	91	<i>desejo</i>	147	<i>de</i>	4003
28	<i>comme</i>	548	<i> dessa</i>	93	<i>desde</i>	70
29	<i>d</i>	1621	<i> desse</i>	114	<i>desejo</i>	150
30	<i>dans</i>	1586	<i>deve</i>	86	<i> dessa</i>	92
31	<i>de</i>	5326	<i>discurso</i>	147	<i> desse</i>	114
32	<i>déjà</i>	97	<i>dizer</i>	157	<i>deve</i>	71
33	<i>des</i>	799	<i>do</i>	2209	<i>discurso</i>	145
34	<i>dès</i>	103	<i>dois</i>	107	<i>disso</i>	77

35	<i>désir</i>	150	<i>dos</i>	386	<i>dizer</i>	155
36	<i>deux</i>	160	<i>dúvida</i>	71	<i>do</i>	2087
37	<i>dialectique</i>	73	<i>e</i>	1583	<i>dois</i>	107
38	<i>dire</i>	276	<i>é</i>	1852	<i>dos</i>	387
39	<i>discours</i>	145	<i>feito</i>	190	<i>e</i>	1611
40	<i>dit</i>	144	<i>feitos</i>	98	<i>é</i>	1756
41	<i>donc</i>	102	<i>ego</i>	81	<i>feito</i>	165
42	<i>donne</i>	70	<i>ela</i>	434	<i>feitos</i>	100
43	<i>dont</i>	450	<i>ele</i>	780	<i>ela</i>	363
44	<i>doute</i>	81	<i>eles</i>	140	<i>ele</i>	694
45	<i>du</i>	1526	<i>em</i>	1425	<i>eles</i>	135
46	<i>effet</i>	224	<i>então</i>	117	<i>em</i>	1460
47	<i>effets</i>	100	<i>entre</i>	105	<i>então</i>	74
48	<i>elle</i>	577	<i>essa</i>	302	<i>entre</i>	132
49	<i>en</i>	1678	<i>esse</i>	326	<i>essa</i>	329
50	<i>encore</i>	128	<i>esses</i>	77	<i>esse</i>	349
51	<i>entre</i>	105	<i>esta</i>	89	<i>esses</i>	72
52	<i>est</i>	2127	<i>está</i>	102	<i>está</i>	156
53	<i>et</i>	1484	<i>estrutura</i>	81	<i>estrutura</i>	79
54	<i>était</i>	82	<i>eu</i>	141	<i>eu</i>	147
55	<i>été</i>	79	<i>experiência</i>	125	<i>experiência</i>	127
56	<i>être</i>	471	<i>fala</i>	183	<i>fala</i>	179
57	<i>expérience</i>	124	<i>fato</i>	130	<i>fato</i>	171
58	<i>faire</i>	199	<i>faz</i>	123	<i>faz</i>	119
59	<i>fait</i>	328	<i>fazer</i>	110	<i>fazer</i>	101
60	<i>faut</i>	117	<i>foi</i>	78	<i>foi</i>	149
61	<i>fonction</i>	152	<i>forma</i>	139	<i>forma</i>	129
62	<i>forme</i>	125	<i>freud</i>	321	<i>freud</i>	322
63	<i>freud</i>	321	<i>função</i>	153	<i>função</i>	156
64	<i>histoire</i>	83	<i>há</i>	77	<i>há</i>	124
65	<i>homme</i>	168	<i>homem</i>	164	<i>história</i>	81
66	<i>ici</i>	231	<i>inconsciente</i>	171	<i>homem</i>	166
67	<i>il</i>	1634	<i>isso</i>	198	<i>inconsciente</i>	172
68	<i>ils</i>	194	<i>isto</i>	114	<i>isso</i>	317
69	<i>inconscient</i>	154	<i>já</i>	99	<i>isto</i>	102
70	<i>je</i>	182	<i>la</i>	126	<i>já</i>	173
71	<i>jusqu</i>	75	<i>lá</i>	72	<i>la</i>	120
72	<i>l</i>	3512	<i>lhe</i>	177	<i>lhe</i>	201
73	<i>la</i>	4323	<i>linguagem</i>	153	<i>linguagem</i>	154
74	<i>là</i>	229	<i>lo</i>	222	<i>lo</i>	168
75	<i>langage</i>	153	<i>lugar</i>	170	<i>lugar</i>	161
76	<i>le</i>	2732	<i>mais</i>	577	<i>mais</i>	536

77	<i>les</i>	1167	<i>maneira</i>	79	<i>mas</i>	482
78	<i>lettre</i>	134	<i>mas</i>	492	<i>me</i>	82
79	<i>leur</i>	271	<i>me</i>	80	<i>medida</i>	88
80	<i>logique</i>	92	<i>medida</i>	88	<i>menos</i>	131
81	<i>lui</i>	371	<i>menos</i>	137	<i>mesmo</i>	280
82	<i>mais</i>	496	<i>mesma</i>	108	<i>modo</i>	97
83	<i>même</i>	487	<i>mesmo</i>	395	<i>momento</i>	115
84	<i>moi</i>	79	<i>momento</i>	114	<i>muito</i>	102
85	<i>moins</i>	147	<i>na</i>	804	<i>na</i>	838
86	<i>moment</i>	105	<i>nada</i>	155	<i>nada</i>	168
87	<i>mort</i>	73	<i>não</i>	1550	<i>não</i>	1320
88	<i>n</i>	834	<i>nas</i>	85	<i>nas</i>	99
89	<i>ne</i>	858	<i>nem</i>	106	<i>nela</i>	73
90	<i>ni</i>	76	<i>nesse</i>	75	<i>nele</i>	82
91	<i>non</i>	164	<i>no</i>	829	<i>nem</i>	132
92	<i>nos</i>	89	<i>nos</i>	565	<i>nesse</i>	76
93	<i>notre</i>	276	<i>nós</i>	108	<i>no</i>	873
94	<i>nous</i>	1207	<i>nossa</i>	152	<i>nos</i>	592
95	<i>objet</i>	150	<i>nosso</i>	137	<i>nós</i>	95
96	<i>on</i>	651	<i>numa</i>	73	<i>nossa</i>	163
97	<i>ont</i>	82	<i>o</i>	3582	<i>nosso</i>	125
98	<i>ou</i>	282	<i>objeto</i>	150	<i>num</i>	100
99	<i>où</i>	576	<i>onde</i>	339	<i>numa</i>	138
100	<i>par</i>	723	<i>os</i>	579	<i>o</i>	3374
101	<i>parole</i>	155	<i>ou</i>	337	<i>objeto</i>	149
102	<i>part</i>	72	<i>outra</i>	78	<i>onde</i>	151
103	<i>pas</i>	859	<i>outro</i>	277	<i>ordem</i>	70
104	<i>peut</i>	353	<i>outros</i>	81	<i>os</i>	544
105	<i>place</i>	97	<i>para</i>	1007	<i>ou</i>	475
106	<i>plus</i>	551	<i>pela</i>	209	<i>outra</i>	98
107	<i>point</i>	75	<i>pelo</i>	234	<i>outro</i>	274
108	<i>pour</i>	1037	<i>pode</i>	297	<i>outros</i>	72
109	<i>pourtant</i>	73	<i>pois</i>	285	<i>para</i>	1076
110	<i>propre</i>	93	<i>ponto</i>	81	<i>pela</i>	242
111	<i>psychanalyse</i>	101	<i>por</i>	846	<i>pelo</i>	262
112	<i>qu</i>	1769	<i>porque</i>	73	<i>pode</i>	262
113	<i>quand</i>	110	<i>preciso</i>	118	<i>podemos</i>	80
114	<i>que</i>	2293	<i>primeiro</i>	72	<i>pois</i>	278
115	<i>quelque</i>	97	<i>própria</i>	90	<i>ponto</i>	84
116	<i>question</i>	92	<i>próprio</i>	117	<i>por</i>	1067
117	<i>qui</i>	1540	<i>psicanálise</i>	100	<i>portanto</i>	75
118	<i>quoi</i>	141	<i>quais</i>	76	<i>preciso</i>	78

119	<i>raison</i>	77	<i>qual</i>	356	<i>própria</i>	111
120	<i>relation</i>	92	<i>quando</i>	123	<i>próprio</i>	103
121	<i>reste</i>	90	<i>quanto</i>	131	<i>psicanálise</i>	101
122	<i>rien</i>	157	<i>que</i>	5438	<i>quais</i>	73
123	<i>s</i>	894	<i>questão</i>	85	<i>qual</i>	312
124	<i>sa</i>	639	<i>razão</i>	95	<i>qualquer</i>	134
125	<i>sans</i>	257	<i>real</i>	82	<i>quando</i>	126
126	<i>savoir</i>	141	<i>realidade</i>	73	<i>quanto</i>	170
127	<i>se</i>	840	<i>relação</i>	150	<i>que</i>	5492
128	<i>sens</i>	198	<i>saber</i>	138	<i>quem</i>	93
129	<i>serait</i>	87	<i>são</i>	161	<i>quer</i>	76
130	<i>ses</i>	240	<i>se</i>	2533	<i>razão</i>	88
131	<i>seulement</i>	110	<i>segundo</i>	81	<i>real</i>	79
132	<i>si</i>	342	<i>seja</i>	175	<i>relação</i>	143
133	<i>signifiant</i>	227	<i>sem</i>	257	<i>saber</i>	80
134	<i>soit</i>	202	<i>sempre</i>	73	<i>são</i>	153
135	<i>son</i>	761	<i>senão</i>	180	<i>se</i>	2237
136	<i>sont</i>	197	<i>sentido</i>	191	<i>segundo</i>	79
137	<i>sous</i>	164	<i>ser</i>	399	<i>seja</i>	235
138	<i>structure</i>	81	<i>seria</i>	86	<i>sem</i>	237
139	<i>sujet</i>	491	<i>seu</i>	733	<i>sempre</i>	70
140	<i>sur</i>	366	<i>seus</i>	173	<i>senão</i>	98
141	<i>symbolique</i>	108	<i>significante</i>	263	<i>sentido</i>	185
142	<i>t</i>	72	<i>só</i>	112	<i>ser</i>	462
143	<i>tant</i>	128	<i>sob</i>	156	<i>será</i>	73
144	<i>tel</i>	70	<i>sobre</i>	323	<i>seria</i>	86
145	<i>telle</i>	74	<i>somente</i>	162	<i>seu</i>	700
146	<i>temps</i>	159	<i>sua</i>	887	<i>seus</i>	185
147	<i>terme</i>	98	<i>suas</i>	110	<i>si</i>	91
148	<i>toujours</i>	87	<i>sujeito</i>	485	<i>significante</i>	260
149	<i>tous</i>	71	<i>tal</i>	129	<i>só</i>	235
150	<i>tout</i>	249	<i>tão</i>	107	<i>sob</i>	107
151	<i>toute</i>	142	<i>tem</i>	117	<i>sobre</i>	141
152	<i>un</i>	1273	<i>tempo</i>	164	<i>sua</i>	884
153	<i>une</i>	1020	<i>ter</i>	94	<i>suas</i>	122
154	<i>va</i>	76	<i>termo</i>	93	<i>sujeito</i>	485
155	<i>vérité</i>	128	<i>termos</i>	82	<i>tal</i>	112
156	<i>voire</i>	93	<i>toda</i>	124	<i>também</i>	87
157	<i>vous</i>	120	<i>todo</i>	118	<i>tão</i>	133
158	<i>y</i>	663	<i>todos</i>	70	<i>tem</i>	121
159			<i>tudo</i>	71	<i>tempo</i>	151
160			<i>um</i>	1206	<i>ter</i>	99

161	<i>uma</i>	1004	<i>termo</i>	82
162	<i>verdade</i>	169	<i>termos</i>	70
163	<i>vez</i>	76	<i>toda</i>	75
164			<i>todos</i>	73
165			<i>trata</i>	73
166			<i>um</i>	1153
167			<i>uma</i>	967
168			<i>verdade</i>	156
169			<i>vez</i>	122

Segundo Barros (2004),

A frequência de realização e a distribuição regular das unidades linguísticas nos textos analisados constituem normalmente apenas o ponto de partida, que permite ao pesquisador decidir proceder a uma delimitação mais rigorosa do objeto de estudo. Diante dos resultados do levantamento estatístico, o terminólogo pode se questionar se todos os termos levantados são pertinentes ao tipo de pesquisa em desenvolvimento. A experiência mostra que, em geral, as unidades mais frequentes são os morfemas gramaticais independentes, tais como artigos definidos e indefinidos, conjunções, preposições, pronomes etc. Estes teriam uma real importância para o estudo em questão? Seria o caso de desconsiderá-los? Cabe ao pesquisador avaliar. (p. 196)

A partir da lista completa de altas frequências, desconsideramos as palavras instrumentais, os verbos, os artigos, os pronomes, e adotamos como referência a obra original em francês *Écrits* (1966). Elegemos para análise 38 palavras de caráter substantivo, para Biderman (1996), “[...] lexemas de valor lexical (as palavras plenas) [...]”. (p. 33)

Apertando um pouco mais o funil, fizemos uma triagem dos léxicos de importância na teoria psicanalítica e chegamos a alguns dados interessantes no que diz respeito às diferenças de frequência das palavras. Na tabela abaixo, disponibilizamos os vocábulos conforme o original *Écrits* (1966) e, tomando-o como referência, colocamos os equivalentes ao lado, lembrando que a ordem é em frequência do original *Écrits* (1966).

Tabela 12: Formas substantivas de alta frequência nas obras *Écrits* (1966) e *Escritos* (1978 e 1998)

	<i>Écrits (1966)</i>	<i>frequência</i>	<i>Escritos (1978)</i>	<i>frequência</i>	<i>Escritos (1998)</i>	<i>frequência</i>
1	<i>sujet</i>	491	<i>sujeito</i>	485	<i>sujeito</i>	485
2	<i>être</i>	471	<i>ser</i>	399	<i>ser</i>	462
3	<i>autre</i>	356	<i>outro</i>	277	<i>outro</i>	273
4	<i>Freud</i>	321	<i>Freud</i>	321	<i>Freud</i>	322
5	<i>signifiant</i>	227	<i>significante</i>	262	<i>significante</i>	259
6	<i>effet</i>	224	<i>efeito</i>	190	<i>efeito</i>	165
7	<i>sens</i>	198	<i>sentido</i>	191	<i>sentido</i>	185
8	<i>homme</i>	168	<i>homem</i>	164	<i>homem</i>	166
9	<i>temps</i>	159	<i>tempo</i>	164	<i>tempo</i>	151
10	<i>rien</i>	157	<i>nada</i>	155	<i>nada</i>	168
11	<i>parole</i>	155	<i>fala</i>	183	<i>fala</i>	177
12	<i>inconscient</i>	154	<i>inconsciente</i>	170	<i>inconsciente</i>	171
13	<i>langage</i>	153	<i>linguagem</i>	153	<i>linguagem</i>	154
14	<i>fonction</i>	152	<i>função</i>	153	<i>função</i>	156
15	<i>objet</i>	150	<i>objeto</i>	150	<i>objeto</i>	149
16	<i>désir</i>	150	<i>desejo</i>	147	<i>desejo</i>	150
17	<i>discours</i>	145	<i>discurso</i>	147	<i>discurso</i>	145
18	<i>savoir</i>	141	<i>saber</i>	138	<i>saber</i>	80
19	<i>lettre</i>	134	<i>carta</i>	107	<i>carta</i>	100
20	<i>vérité</i>	128	<i>verdade</i>	169	<i>verdade</i>	156
21	<i>forme</i>	125	<i>forma</i>	139	<i>forma</i>	129
22	<i>expérience</i>	124	<i>experiência</i>	125	<i>experiência</i>	127
23	<i>analyse</i>	120	<i>análise</i>	118	<i>análise</i>	125
24	<i>symbolique</i>	108	<i>X</i>	X	<i>X</i>	X
25	<i>effets</i>	99	<i>efeitos</i>	98	<i>efeitos</i>	100
26	<i>terme</i>	98	<i>termo</i>	93	<i>termo</i>	82
27	<i>place</i>	97	<i>lugar</i>	170	<i>lugar</i>	161
28	<i>question</i>	92	<i>questão</i>	85	<i>X</i>	<i>X</i>
29	<i>logique</i>	92	<i>X</i>	X	<i>X</i>	<i>X</i>
30	<i>relation</i>	91	<i>relação</i>	150	<i>relação</i>	143

31	<i>histoire</i>	83	X	X	<i>história</i>	81
32	<i>structure</i>	81	<i>estrutura</i>	81	<i>estrutura</i>	79
33	<i>doute</i>	81	<i>dúvida</i>	71	X	X
34	<i>moi</i>	79	<i>ego</i>	81	X	X
35	<i>raison</i>	77	<i>razão</i>	95	<i>razão</i>	88
36	<i>point</i>	75	<i>ponto</i>	81	<i>ponto</i>	84
37	<i>mort</i>	73	X	X	X	X
38	<i>dialectique</i>	73	X	X	X	X

O símbolo X utilizado na tabela refere-se à falta do equivalente dentro do critério estabelecido de frequência igual ou superior a 70. A seguir, a tabela dos léxicos das traduções que tiverem frequência inferior a 70.

Tabela 13: Formas em *Écrits* (1966) cujo equivalente é inferior a 70

<i>Écrits</i> (1966)	<i>Escritos</i> (1978)	<i>Escritos</i> (1998)
<i>symbolique</i> 108(f)	<i>simbólico</i> 49(f)	<i>simbólico</i> 49(f)
<i>logique</i> 92(f)	<i>lógica</i> 45(f)	<i>lógica</i> 53(f)
<i>moi</i> 79(f)	<i>ego</i> 81(f)	<i>ego</i> 23(f)
<i>histoire</i> 83(f)	<i>história</i> 67(f)	<i>história</i> 81(f)
<i>mort</i> 73(f)	<i>morte</i> 58(f)	<i>morte</i> 57 (f)
<i>dialectique</i> 73(f)	<i>dialética</i> 61(f)	<i>dialética</i> 60(f)
<i>doute</i> 81(f)	<i>dúvida</i> 71(f)	<i>dúvida</i> 65(f)

Afunilando ainda mais um pouco, diante dos números da tabela acima, escolhemos três palavras, para demonstrar as disparidades tradutórias. Em *moi* e *ego* observamos que a tradutora de *Escritos* (1998) optou por traduzir para o português o termo da psicanálise freudiana por *eu*, como demonstramos abaixo:

Quadro 21: Contexto de *moi*

Il est pourtant difficile de tenir pour une excursion, moins encore pour un faux-pas, de la doctrine freudienne, l'œuvre qui y prélude précisément à la nouvelle topique, celle que représentent les termes de *moi*, de ça et de surmoi, devenus aussi prévalents dans l'usage théoricien que dans sa diffusion populaire.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 22: Contexto de *ego*

É no entanto difícil considerar como uma excursão, menos ainda como um passo em falso, da doutrina freudiana, a obra que aí preludia precisamente a nova tópica, aquela que representam os termos de *ego*, de *id* e de *superego*, tornados tão prevalentes no uso teórico quanto em sua difusão popular.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 23: Contexto de *eu*

No entanto, é difícil tomar por uma digressão, e menos ainda um passo em falso da doutrina freudiana, a obra que nesta é precisamente o prelúdio da nova tópica, representada pelos termos *eu*, *isso* e *supereu*, que se tornavam tão predominantes no uso teórico quanto em sua difusão popular.

Fonte: *Escritos* (1998)

No entanto, observamos que a tradutora de 1998, em outros momentos utiliza na sua tradução a terminologia freudiana *ego*. Variações deste tipo ocorreram nas traduções dos termos. Esta é uma possível explicação para as diferenças nas frequências das obras.

Inês Oseki-Depré (2011)⁴⁷ afirma que o próprio Lacan sugeriu a tradução *le moi* por *o eu*, demonstrando seu desconhecimento em relação aos termos em português. Oseki-Depré (2011), questionou-se: “Que fazer então do *le je*”?... O Eu com maiúscula?” (p. 15)

A revisão psicanalítica brasileira tomou a decisão de conservar a terminologia do Vocabulário: eu/o eu; ego/o ego... o que equivale a destruir toda a formulação da teoria lacaniana da enunciação (talvez não toda a própria teoria). No que diz respeito ao “ne”, um outro problema se colocou, o português ignorando a nuance entre “je crains qu’il vienne” e “je crains qu’il NE vienne”. A tradução só podendo ser: “receio (temo) que venha” com ausência do sujeito do enunciado (o shifter) e ausência (inexistência) da partícula negativa. Na versão brasileira, o exemplo permanece em francês. Que acontece então com o sujeito do desejo em português? (OSEKI-DEPRÉ, 2011, p. 16).

Quadro 24: Contexto de *ego*

Cet *ego*, dont nos théoriciens définissent maintenant la force par la capacité de soutenir une frustration, est frustration dans son essence.

Fonte: *Écrits* (1966)

⁴⁷ OSEKI-DÉPRÉ, Inês. A tradução brasileira dos Escritos de Jacques Lacan: de uma libra de carne. *Revue Silène*, 2011. Disponível em: <http://www.revue-silene.com/f/index.php?sp=comm&comm_id=72>. Acesso em: 13 ago. 2014.

 Quadro 25: Contexto de *ego*

Esse *Ego*, cuja força nossos teóricos definem agora pela capacidade de suportar uma frustração, é frustração em sua essência.

Fonte: *Escritos* (1978)

 Quadro 26: Contexto de *ego*

Esse *ego*, cuja força nossos teóricos definem agora pela capacidade de suportar uma frustração, é frustração em sua essência.

Fonte: *Escritos* (1998)

Segundo os preceitos terminológicos, num contexto de língua de especialidade, devemos manter um padrão na tradução dos termos. Divergências deste tipo podem interferir na leitura da obra lacaniana e causar confusões no entendimento dos termos, tão importantes para a compreensão da obra.

Constatou-se nas traduções de *symbolique* que ocorreu uma modificação de função para o equivalente português. Em ambas as traduções, surge a palavra *simbólica*, com frequência 59. Ao somarmos 49 que é a frequência de *simbólico* com os 59 que é a frequência de *simbólica*, totaliza em 108 frequências do léxico original *symbolique*.

 Quadro 27: Contexto de *symbolique*

L'enseignement de ce séminaire est fait pour soutenir que ces incidences imaginaires, loin de représenter l'essentiel de notre expérience, n'en livrent rien que d'inconstant, sauf à être rapportées à la chaîne *symbolique* qui les lie et les oriente.

Fonte: *Écrits* (1966)

 Quadro 28: Contexto de *simbólica*

O ensino deste seminário serve para sustentar que essas incidências imaginárias, longe de representarem o essencial de nossa experiência, nada fornecem que não seja inconsistente, a menos que sejam relacionadas à cadeia *simbólica* que as liga e as orienta.

Fonte: *Escritos* (1998)

 Quadro 29: Contexto de *simbólica*

O ensinamento desse seminário é de molde a sustentar que essas incidências imaginárias, longe de representarem o essencial de nossa experiência, não mostram mais do que o inconsistente, salvo ao serem relacionadas à cadeia *simbólica* que as liga e as orienta.

Fonte: *Escritos* (1978)

Encontramos variações nas traduções de *doute*. Em um contexto específico, a tradutora de 1978, usou *dúvida* no verbo infinitivo *duvidar*. O mais preocupante foi a tradutora de 1998 ter usado *afirmar* no lugar de *duvidar*. É óbvia a diferença de sentido entre estas duas palavras.

Quadro 30: Contexto de *doute*

Au moins témoignerons-nous qu'à l'inverse de ce dont Poe semble avoir l'expérience, il nous arrive parfois devant notre ami Riguet qui vous est ici le garant par sa présence que nos incursions dans la combinatoire ne nous égarent pas, de nous laisser aller à des incartades aussi graves (ce qu'à Dieu ne dût plaire selon Poe) que de mettre en *doute* que « 111111 ne soit peut-être pas absolument égal à q », sans jamais, nous en donnons à Poe le démenti, avoir eu à nous garder de quelque sévère inopiné.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 31: Contexto de *duvidar*

Pelo menos testemunharemos que, ao contrário daquilo de que Poe parece ter experiência, acontecere-nos às vezes diante do nosso amigo Riguet que é aqui, para os senhores, a garantia por sua presença, de que nossas incursões na combinatória não nos perdemos, abandonarmo-nos a despropósitos tão graves (o que, segundo Poe, não deve ter agradado a Deus) como *duvidar* que “111111 não seja talvez de modo algum igual a q ”, sem nunca, darmos a Poe o desmentido, termos tido que nos preservar de quaisquer maus-tratos inopinados.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 32: Contexto de *afirmar*

Pelo menos, atestamos que, ao contrário do que parece ser a experiência de Poe, sucede-nos às vezes diante de nosso amigo Riguet - que é aqui para vocês, por sua presença, a garantia de que nossas incursões pela análise combinatória não fazem com que nos extraviemos -, deixarmos-nos levar por extravagâncias tão graves (Deus nos livre!, segundo Poe) quanto *afirmar* que “111111 talvez não seja exatamente igual a q ”, sem jamais ter tido (e deixamos a Poe desmenti-lo) que nos precaver contra alguma violência inopinada.

Fonte: *Escritos* (1998)

Em pesquisas futuras pretendemos aprofundar o que anunciamos: os “pilares” teóricos da psicanálise que dão sustentação à teoria psicanalítica. Roudinesco e Plon (1997) afirmam que os pilares teóricos da psicanálise são: *inconsciente, complexo de Édipo, resistência, recalque e sexualidade*. Na língua de Freud *Unbewusste, Ödipuskomplex, Widerstand, Verdrängung e Sexualität*, traduzidos e recriados por Lacan para a língua francesa, respectivamente: *inconscient, complexe d'Oedipe, résistance, refoulement e sexualité*, em *Écrits* (1966). Nas palavras de Roudinesco e Plon (1997),

Foi em 1922, em ‘Dois verbetes de enciclopédia: (A) Psicanálise, (B) Teoria da libido’, que Freud deu sua definição mais precisa do contexto da análise, sublinhando que seus ‘pilares’ teóricos eram o inconsciente, o complexo de Édipo, a resistência, o recalque e a sexualidade: ‘Quem não os aceita não deve incluir-se entre os psicanalistas’. (p. 604)

Acrescentamos ao pilar teórico o polêmico termo alemão *Trieb*, traduzido nas *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* por

pulsão. *Pulsion* foi um neologismo criado por Lacan e finalmente adotado como *pulsão* no português. Este termo é bastante discutido entre os especialistas por se tratar de um ‘divisor de águas’ da psicanálise devido a sua faceta biologicista e pelo fato de as traduções do termo serem ainda discutíveis.

Nos inquietamos em relação às traduções destes termos por se tratar da base teórica da psicanálise e pensarmos, inicialmente, na falta de um adequado tratamento tradutológico, podendo comprometer o estudo teórico e prático dos analistas lacanianos brasileiros. Seguem os dados do Hyperbase dos termos *inconscient*, *complexe d’Oedipe*, *résistance*, *refoulement*, *sexualité* e *pulsion* – em *Écrits* (1966) – e *inconsciente*, *complexo de Édipo*, *resistência*, *recalque*, *sexualidade*, *pulsão* – em *Escritos* (1978 e 1998).

Tabela 14: Frequência dos termos *inconscient*, *complexe d’Oedipe*, *résistance*, *refoulement*, *sexualité* e *pulsion* do corpus analisado em *Écrits* (1966)

<i>Écrits</i> (1966)	Frequência (f)
<i>inconscient</i>	154
<i>complexe d’Oedipe</i>	0
<i>résistance</i>	20
<i>refoulement</i>	7
<i>sexualité</i>	15
<i>pulsion</i>	20

Tabela 15: Frequência dos termos *inconsciente*, *complexo de Édipo*, *resistência*, *recalque*, *sexualidade* e *pulsão* do corpus analisado em *Escritos* (1978)

<i>Escritos</i> (1978)	Frequência (f)
<i>inconsciente</i>	171
<i>complexo de Édipo</i>	0
<i>resistência</i>	20
<i>recalque</i>	3
<i>sexualidade</i>	15
<i>pulsão</i>	2

Tabela 16: Frequência dos termos *inconscient*, *complexo de Édipo*, *resistência*, *recalque*, *sexualidade* e *pulsão* do *corpus* analisado em *Escritos* (1998)

<i>Escritos</i> (1998)	Frequência (f)
<i>inconscient</i>	172
<i>complexo de Édipo</i>	0
<i>resistência</i>	20
<i>recalque</i>	7
<i>sexualidade</i>	15
<i>pulsão</i>	20

A título de curiosidade, pois esse não é o recorte desta pesquisa, mas por se tratar da psicanálise, achamos que a exemplificação é pertinente. Os termos *inconscient* e seu equivalente *inconscient*, um dos pilares teóricos da psicanálise e, como vimos, um dos termos de alta frequência das obras analisadas. Observa-se, em *Écrits* (1966), que o uso do termo *inconscient* é trocado por *inconscient* por uma questão funcional da língua francesa. Esta pode ser uma das explicações da frequência inferior deste termo em relação às traduções para o português.

Quadro 32: Contexto de *inconscient*

Réaction sur laquelle on peut ironiser, venant d'analystes dont toute la technique repose sur la détermination *inconscient* que l'on y accorde à l'association dite libre, - et qui peuvent lire en toutes lettres, dans l'ouvrage de Freud que nous venons de citer, qu'un chiffre n'est jamais choisi au hasard.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 33: Contexto de *inconscient*

Reação sobre a qual se pode ironizar, vindo de analistas cuja técnica toda se baseia sobre a determinação *inconscient* que se atribui à associação dita livre - e que podem ler expressamente, na obra de Freud que acabamos de citar, que um número não é jamais escolhido ao acaso.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 34: Contexto de *inconscient*

Reação com a qual se pode ironizar, vindo ela de analistas cuja técnica repousa inteiramente na determinação *inconscient* que se atribui à associação dita livre - e que podem ler com todas as letras, na obra de Freud que acabamos de citar, que um número nunca é escolhido ao acaso.

Fonte: *Escritos* (1998)

Nos termos *refoulement* ou *recalque* também há diferença no total de frequência. A tradução de 1978 traduz *refoulement* como *recalcamento* e a tradução de 1998 traduz por *recalque*. Como observamos abaixo:

Quadro 35: Contexto de *refoulement*

Mais nous posons que c'est la loi propre à cette chaîne qui régit les effets psychanalytiques déterminants pour le sujet : tels que la forclusion (*Verwerfung*), le **refoulement** (*Verdrängung*), la dénégation (*Verneinung*) elle-même, - précisant de l'accent qui y convient que ces effets suivent si fidèlement le déplacement (*Entstellung*) du signifiant que les facteurs imaginaires, malgré leur inertie, n'y font figure que d'ombres et de reflets.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 36: Contexto de *recalcamento*

Mas afirmamos que é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito: tais como a forclusão (*Verwerfung*), o **recalcamento** (*Verdrängung*), a própria negação (*Verneinung*), - dando ênfase a como aí convém que esse efeito sigam tão fielmente o deslocamento (*Entstellung*) do significante que os fatores imaginários, malgrado sua inércia, não figuram aí senão como sombras e reflexos.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 37: Contexto de *recalque*

Mas nós estabelecemos que é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito, tais como a forclusão (*Verwerfung*), o **recalque** (*Verdrängung*) e a própria denegação (*Verneinung*), - acentuando com a ênfase que convém que esses efeitos sigam tão fielmente o deslocamento (*Entstellung*) do significante que os fatores imaginários, apesar de sua inércia, neles não figuram senão como sombras e reflexos.

Fonte: *Escritos* (1998)

Encontramos a contextualização do termo *pulsion* em *Écrits* (1966) e constatamos que a tradução de 1978 utilizou o termo *impulso* e a tradução de 1998 usa o neologismo *pulsão*. Optamos por mostrar o contexto abaixo, pela importância que este detém na concretização do termo *pulsion* no ensino de Lacan.

Quadro 38: Contexto de *pulsion*

Nous relevons ici le gant du défi qu'on nous porte à traduire du nom d'instinct ce que Freud appelle *Trieb*: ce que drive traduirait assez bien en anglais, mais qu'on y évite, et ce pour quoi le mot dérive serait en français notre recours de désespoir, au cas où nous n'arriverions pas à donner à la bâtarde du mot ***pulsion*** son point de frappe.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 39: Contexto de *impulso*

Levantamos aqui a luva do desafio que nos lançam - traduzirmos pelo nome de instinto o que Freud chama de *Trieb*: O que drive traduziria bastante bem em inglês, mas que se evita, e pelo qual a palavra dérive seria em francês nosso recurso de desespero, no caso em que não conseguíssemos dar à bastardia da palavra ***impulso*** seu ponto de impressão.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 40: Contexto de *pulsão*

Topamos aqui a parada do desafio que nos fazem, ao traduzir pelo substantivo instinto o que Freud chama de *Trieb*: O que drive traduziria muito bem em inglês, mas que é evitado ali, e razão por que a palavra dérive [deriva] seria em francês nosso último recurso, caso não conseguíssemos dar à bastardia da palavra ***pulsão*** seu ponto de cunhagem. (*Escritos*, 1998)

Fonte: *Escritos* (1998)

Chama à atenção, no início do parágrafo acima, a forma coloquial da tradução de 1998: “Topamos aqui a parada do desafio...”. A tradução de uma obra em língua de especialidade, não pode ser traduzida como uma obra literária. Desse ponto de vista, esse nível de língua é discutível neste tipo de tradução.

Maior ainda é a confusão quando constatamos que em *Escritos* (1978) há dois contextos em que a tradutora usa *pulsão* no lugar de *impulso*. Na tradução dos termos é necessário que as traduções sejam mantidas até o final da obra. Seguindo este preceito da terminologia, Oseki-Depré, deveria ter traduzido até a última linha *pulsion* de Lacan por *impulso*.

Quadro 41: Contexto de *pulsão*

A mulher é o objeto impossível de se separar de um primitivo desejo oral e onde é preciso entretanto que ela aprenda a reconhecer sua própria natureza genital. (Espanta-nos aqui que Freud não veja que a determinação da afonia durante as ausências do Sr. K... (p. 63) exprime o violento apelo da *pulsão* erótica oral no “enfim sós” com a Sra K... sem que seja preciso invocar a percepção da *fellatio* experimentada pelo pai (p. 44), quando todo mundo sabe que o *cunnilingus* é o artifício mais comumente adotado pelos “senhores de fortuna” cujas forças começam a diminuir.)

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 42: Contexto de *pulsão*

Disso resulta uma tendência centrífuga da *pulsão* genital na vida amorosa, que torna no homem a impotência muito menos suportada, ao mesmo tempo que a *Verdrängung* inerente ao desejo é mais importante.

Fonte: *Escritos* (1978)

Tradutores e psicanalistas como Pedro Heliodoro Tavares, Paulo César de Souza e Renato Zwick abordam com profundidade o termo *Trieb* nas suas traduções. O filósofo Renato Zwick aceitou traduzir os volumes *O futuro de uma ilusão*, *O mal-estar na cultura* e *Interpretação dos sonhos* de Freud para a editora L&PM. Em entrevista concedida ao site da L&PM⁴⁸, Zwick (2010) fala dos critérios de escolhas em relação aos termos já consagrados de Freud: *Trieb* e *Es*, *Ich* e *Über-Ich*. Zwick (2010) comenta:

Em *A questão da análise leiga*, Freud afirma que preferiu designar as instâncias psíquicas inferidas pe-

⁴⁸ A TAREFA de verter Freud diretamente do alemão pelo tradutor Renato Zwick. LPM, Porto Alegre, mar. 2010. Disponível em: <
http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=816261&SubsecaoID=618848&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=945260>.
 Acesso em: 19 jan. 2017.

la psicanálise com meros pronomes em vez de apelar para sonoros nomes gregos. Parece-me que o uso de “eu”, “isso” e “supereu” tem em português a mesma naturalidade de Ich, Es e Über-Ich no alemão. É verdade que “ego”, “id” e “superego” se tornaram bastante populares, mas se temos equivalentes em português, para que usar palavras em latim? É o mesmo caso de *Trieb*. Acho que o uso de um neologismo só se justificaria se não tivéssemos um bom equivalente como “impulso”. E se a ideia é traduzir Freud diretamente do alemão para o português, não vejo por que fazer paradas no lacanês, por exemplo.

De fato, as traduções de neologismos não são aconselháveis. Segundo Cabré (1993)⁴⁹,

Desde el punto de vista de su función, los neologismos se clasifican en neologismos referenciales y neologismos expresivos. Los primeros aparecen porque son necesarios, es decir, porque es preciso cubrir una laguna denominativa en un determinado campo de especialidad; el segundo tipo nace simplemente para introducir nuevas expresivas en la comunicación. (p. 447)⁵⁰ (ver em nota de rodapé a tradução de Barros)

A seguir, prosseguimos ao capítulo desta dissertação que esclarece as semelhanças e as diferenças entre lexicologia, terminologia e neologismo. Adiantamos que as três disciplinas têm como objeto de estudo a palavra, porém se diferem na forma como observam o mesmo fenômeno. Como bem afirmam Oliveira e Isquierdo (2001)⁵¹, enquanto a lexicologia estuda os problemas teóricos do léxico, a terminologia está

⁴⁹ CABRÉ, Maria Tereza. **La terminología**: Teoría, Metodología, Aplicaciones. Barcelona, Editorial Antártida/Empúries, 1993.

⁵⁰ Cabré distingue os neologismos, de acordo com sua função, em *referenciais e expresivos*: “Os primeiros aparecem porque são necessários, isto é, porque é preciso cobrir uma lacuna denominativa em um determinado campo de especialidade; o segundo tipo nasce simplesmente para introduzir novas formas expressivas de comunicação”. (tradução de Barros, 2004, p. 249).

⁵¹ OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

voltada ao objeto de estudo do termo, da palavra especializada em diferentes áreas de especialidade. Pesquisar o neologismo semântico é importante em *Écrits* (1966) e suas traduções, pois, resumindo Alves (1990)⁵², os lexicólogos concordam que há maior incidência de neologia lexical no vocabulário técnico e científico do que no vocabulário geral, principalmente nas terminologias científicas do Brasil.

⁵² ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

4 AS FRONTEIRAS DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Barros (2004) afirma que

Cada povo recorta a realidade objetiva de modo diferente e procede a delimitações conceptuais, que são expressas por palavras. Os elementos e fenômenos da natureza e suas representações sociais, os instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, armas para defesa pessoal e caça, instrumentos de pesca, instituições sociais, fontes de energia, sentimentos, crenças, religião e todos os elementos do mundo em que vivem são designados por unidades lexicais que, consideradas como signos linguísticos de domínios específicos da atividade da comunidade sociocultural em questão, podem ser consideradas como unidades terminológicas. (p. 78)

Ao iniciar uma busca pela definição do que é lexicologia, terminologia e neologismo, o pesquisador se depara com dificuldades. Logo de início, percebe-se o quanto estas disciplinas estão interligadas e o quanto é tênue a fronteira entre elas. Biderman (2001) afirma que a “terminologia deve estabelecer uma relação entre a estrutura conceptual e a estrutura léxica dessa língua”. (p. 19) Pesquisadores como Barros (2004) defendem que a lexicografia e a terminologia são áreas complementares.

Nas palavras de Barros (2004),

Os diferentes discursos científicos interagem sempre numa relação de alimentação e realimentação. A Terminologia não escapa a essa cooperação entre as ciências e particularmente em relação à Terminografia, à Lexicologia e à Lexicografia. Com efeito, as três têm por objeto de estudo a “palavra”, o que lhes garante uma proximidade científica. Embora trabalhem com a mesma “matéria-prima”, cada uma a recorta diferentemente. Modelos teóricos e métodos de análise específicos, além de uma metalinguagem particular, garantem a cada uma dessas ciências ou disciplinas uma identidade científica própria. (p. 60)

Entretanto, Andrade (2001)⁵³ toma como princípio de organização a hierarquia das ciências do léxico. A autora (2001) considera a terminologia um subconjunto da lexicologia. Na visão de Andrade (2001),

Na realidade, a língua apresenta uma linguagem geral, comum a todos os falantes de inúmeras linguagens especializadas, sejam regionais, profissionais, sociais, técnicas ou científicas. Essas linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos que, evidentemente, mantêm coincidências parciais com o código e subcódigo da língua comum, caracterizando-se por algumas peculiaridades, específicas de cada uma delas. Talvez seja ocioso lembrar que, tanto os discursos relativos às diferentes normas linguísticas gerais quanto os discursos das linguagens especializadas, utilizam-se das unidades lexicais que, no seu conjunto, constituem universo lexical da língua. (p. 193)

Para a autora (2001), o que dá especificidade à determinada língua é o uso de termos próprios em determinada área. Nas palavras de Andrade (2001),

As linguagens especializadas se caracterizam pelo emprego da terminologia, que representa a estrutura conceptual de determinada matéria, enquanto os termos denominam os conceitos da rede estruturada da matéria em questão. A diferença fundamental entre um texto da língua geral e outro, de uma linguagem especializada, está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especificidade, em distintos níveis de especialização, conforme o tipo de matéria e seu grau de abstração. (p. 193)

Barros (2004) esclarece que os estudos terminológicos e as línguas de especialidade estão situados no nível da norma e os estudos dos léxicos estão situados no nível do sistema. Nas suas palavras (2004), “as

⁵³ ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 191-2000.

línguas de especialidade e os estudos terminológicos se situam no nível da (s) norma (s) de universo de discurso correspondentes a domínios especializados, profissionais, científicos e técnicos e os estudos lexicológicos se situam no nível do sistema (língua geral)". (p. 63)

Andrade (2001) concorda com Barros (2004): "Quanto ao objeto, portanto, observa-se que, enquanto a lexicologia trata da palavra e do seu conteúdo conceptual, na língua comum, geral, a terminologia se ocupa do termo, ou seja, da palavra especializada, dos conceitos inerentes às diversas matérias especializadas". (p. 192)

Percebe-se que é delicada a caminhada entre estes campos do saber e há divergências teóricas entre os especialistas da área. Sem entrar no mérito, para fins didáticos, tentaremos explicar a diferença metodológica entre a lexicologia e a terminologia e, em seguida, num subtópico, desenvolveremos os neologismos e/ou neoterms.

Andrade (2001) define lexicologia como

[...] o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma 'visão de mundo', de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (p. 191)

Para Barros (2004), a diferença entre a lexicologia e a terminologia situa-se

[...] no nível de atualização da unidade lexical, ou seja, a Lexicologia estuda a palavra no nível do sistema linguístico (língua global) e a Terminologia a estuda em nível da (s) norma (s) de universos de discursos especializados (línguas de especialidade). (p. 61)

Barros (2004) e Andrade (2001) afirmam que, sob o ponto de vista da lexicologia, o olhar do pesquisador será dirigido pelo processo semasiológico, ele parte da forma para o conteúdo das definições das palavras. No âmbito da terminologia, o sentido será inverso, num processo onomasiológico, a observação se dará do conceito para a denominação, como explica Andrade (2001):

Outro ponto de divergência entre as duas disciplinas diz respeito à metodologia do trabalho, mais especificamente, aos conceitos operacionais: a lexicografia parte de uma lista de *palavras*, que constitui o inventário de uma obra lexicográfica e passa a descrevê-la semanticamente, por meio das definições. O processo é semasiológico, parte da forma para o conteúdo. Na terminologia, o trabalho se realiza no sentido inverso: a partir de uma lista de *conceitos*, procura-se a denominação para cada um. Este é o processo onomasiológico, parte do conceito ou reconhecimento e compreensão da forma signica para a denominação. (p. 194)

Nas palavras de Barros (2004),

Boa parte da bibliografia especializada em Terminologia define esta última como a disciplina científica das denominações, por oposição à Lexicografia, disciplina científica das definições. O percurso metodológico da pesquisa terminológica seria, segundo diversos autores, onomasiológico e o da Lexicografia, semasiológico. Em outras palavras, a Terminologia partiria do conceito (ou noção) para chegar à designação, ao passo que a Lexicografia seguiria o caminho inverso. (p. 65)

Pelo fato de ter a função de decodificar um vocábulo, a lexicologia se caracteriza como descritiva. A terminologia, ao contrário, tem como função codificar o vocábulo e se caracteriza como normativa. Nas palavras de Andrade (2001),

Assim sendo, no que diz respeito aos conceitos operacionais, verifica-se que a lexicologia tem por meta definir um vocábulo, caracterizando-o funcional e semanticamente, ou seja, tem por função

decodificar, ao passo que a terminologia desempenha a função inversa, a de *codificar*, pois tem por objetivo nomear um fato, uma noção ou conceito. Deduz-se portanto, que a lexicologia é descritiva, enquanto a terminologia é normativa. [...]. (p. 194)

Barros (2004) mostra a unidade lexical *ferro* para exemplificar como a lexicologia e a terminologia abordam o mesmo objeto. A lexicologia estudará todas as acepções desta unidade lexical. A terminologia analisará *ferro* no sentido do domínio específico (em metalurgia, por exemplo). Para Barros (2004), “assim, a unidade lexical *ferro* é estudada pela lexicologia em todas as suas acepções, de acordo com o nível da língua (popular, familiar), de acordo com os domínios especializados (o que significa em química, na metalurgia), em seus sentidos denotativos e conotativo, do ponto de vista da dinâmica de criação lexical, e por outros aspectos”. (p. 61)

A polissemia e a monosssemia são outras duas tendências que se distinguem na lexicologia e na terminologia. O léxico tende a ser polisêmico e o termo tende a ser monossêmico. Segundo Andrade (2001),

Daí afirmar-se que, ao contrário da palavra, que é fundamentalmente polissêmica, o termo tende à monosssemia, pois, mesmo quando participa da terminologia de várias áreas (caso de *variável*), no trabalho terminológico considera-se apenas a significação referente ao tema escolhido”. (p. 198)

Diante disso, contudo, é possível traçar uma linha tracejada entre lexicologia e terminologia, pois ao mesmo tempo em que cada uma delas tem uma identidade científica própria, também tem contato influenciando uma a outra. A primeira atua nas definições dos léxicos, sua natureza metodológica é semasiológica, visa à descrição e tende à polissemia. A terminologia, por sua vez, age na denominação do termo, sua natureza metodológica é onomasiológica, visa às normas e tende à monosssemia.

4.1 NEOLOGISMO SEMÂNTICO

Ao pensar em neologismo, temos como primeira impressão a ideia de que são palavras novas, que não existiam até então. Carvalho (1984)⁵⁴ afirma que esse fato não é verdadeiro. Segundo ela, temos essa impressão pela própria natureza do significado da palavra *neologismo*, um “[...] composto híbrido do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra)” (CARVALHO, 1984, p. 8). Os neologismos surgem a partir de algo que já existe na língua, seja por empréstimo de uma língua estrangeira ou por transformações dentro da própria língua. “Assim, ele se vale de termos preexistentes, ligados a determinadas noções, e os utiliza em novas formações, estabelecendo uma ligação com conhecimentos anteriores” (CARVALHO, 1984, p. 21). Assim como os homens nascem em contexto, os neologismos também nascem.

Segundo Carvalho (1984),

Já falei muito em neologismo, criação e surgimento. Isto pode dar a falsa impressão de que é uma inovação, que surge a partir do nada, o que não é verdade. Parece que só mesmo Deus criou o mundo a partir do nada. O homem normalmente cria a partir de algo preexistente, necessitando sempre de matéria-prima. (p. 21)

Alves (1990)⁵⁵ afirma que chamamos de *neologia* o processo de criação lexical. O resultado deste processo, chamamos de *neologismo*. Os neologismos são originários de uma nova acepção já existente em alguma palavra ou podem ser emprestados de um sistema linguístico estrangeiro.

Conforme Alves (2001)⁵⁶, foi a partir da década de 70 que a neologia começou a estreitar suas relações com a terminologia. O conceito de neologia, que até então se referia apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, começa a se tornar polissêmico. Tal fato dá lugar ao aparecimento de denominações específicas para o

⁵⁴ CARVALHO, Nelly Medeiros de. **O que é Neologismo**. São Paulo: Editora brasileira, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

⁵⁵ ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

⁵⁶ ALVES, Ieda Maria. Neologia e Tecnoletos. In: **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 25-31.

neologismo terminológico, como **neônimo**, nome adotado por Guy Rondeau, e **neotermo**, usado por Jean-Claude Boulanger.

Barbosa (2001)⁵⁷ afirma que os neologismos fazem parte do campo da lexicologia e os neônimos são usados por um grupo de especialistas. Nas palavras de Barbosa (2001),

[...] Neologismos são produzidos concomitantemente a recortes culturais, articulados aos quais sustentam a ‘visão de mundo’ e o sistema de valores de uma comunidade linguística, a partir da análise dos dados da experiência comuns e gerais, do grupo social; neônimos são gerados, via de regra, no âmbito de um grupo restrito de especialistas, do seu universo de discurso específico – tecnoleto –, correspondem a recortes culturais efetuados – como re-recortes procurados – sobre uma zona bem delimitada e circunscrita da substância semântica, sustentam uma ‘visão de mundo’ segunda, obrigatoriamente de caráter metalinguístico (no sentido de construção de uma metalinguagem). (p. 46)

Guilbert (1975)⁵⁸ define os neologismos como do tipo fonológico, semântico ou conceptual, por empréstimo ou sintagmático⁵⁹. Nesta dissertação, propomos analisar os neologismos semânticos ou conceituais de *sujet* em *Écrits* (1966) e seu equivalente *sujeito* nas traduções de 1978 e 1998.

O neologismo semântico tem como regra a polissemia. Segundo Barbosa (2001), “a neologia semântica parece ser o processo mais frequente e mais produtivo na dinâmica de ampliação de renovações lexicais; isso explica o fato de ser a polissemia a regra, e a monosseμία, a exceção, no amplo conjunto dos lexemas que integram o Universo Léxico”. (p. 41)

Guilbert (1975) observa que a neologia semântica é definida pela possibilidade de variação da combinação dos semas:

⁵⁷ BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 33-51.

⁵⁸ GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris : Librairie Larousse, 1975.

⁵⁹ Tradução nossa.

On a l'habitude d'employer les termes monosémie et polysémie pour caractériser le mode de signification des mots, non sans une certaine ambiguïté. Car en vérité, tout mot dans sa face "signifié", se définit par un complexe de sèmes et jamais par un sème unique. Ce qu'on entend par polysémie et monosémie, c'est que certains mots se définissent par un seul faisceau de sèmes stables, permanents correspondant à la forma signifiante, tandis que dans certains cas, la même forme signifiante, est liée à plusieurs faisceaux de sèmes ou sémemes, diversifiés par des combinaisons différentes de sèmes. Les premiers sont donc dits monosémiques et les seconds polysémiques. C'est précisément cette possibilité de la variation dans la combinaison des sèmes qui définit la néologie sémantique. (p. 65)

De acordo com Alves (1990), não é uma condição para a existência de neologismo semântico a modificação da base formal das palavras.

O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque ..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais. (p. 62)

Muitos neologismos são criados na língua portuguesa sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo modelo. (p. 62)

A língua portuguesa recebe um grande fluxo de neologismos por influência das culturas grega e latina e dos idiomas inglês, francês, espanhol, italiano e árabe. Segundo Carvalho (1984), "os termos novos da linguagem técnica são geralmente internacionalizados". (p. 33). Nas palavras de Carvalho (1984),

As culturas grega e latina (sobretudo a primeira) formam a base do saber do Ocidente e permane-

cem, através de seus idiomas, sendo a fonte inesgotável a que recorreremos, sempre que necessário, para a formação de compostos eruditos. Fornecem os radicais para os novos compostos da linguagem técnico-científica, como foi visto, e para a nomenclatura filosófica e linguística. (p. 40)

4.2 O LÉXICO *SUJET/SUJEITO*

São três os motivos para a escolha da palavra *sujet* como objeto de análise desta dissertação. Primeiro por se tratar de um termo integrante da terminologia lacaniana. Segundo pelo fato de *sujet* ser uma palavra antiga e consagrada na língua francesa. O terceiro motivo é que *sujet/sujeito* é a palavra de maior frequência nas três obras. Em *Écrits* (1966), ela tem frequência 491; em *Escritos* (1978) registra a frequência 485 e, em *Escritos* (1998), tem também frequência 485.

No processo semasiológico, iniciamos a análise do léxico *sujet* na língua francesa e *sujeito* na língua portuguesa. Usamos como referência para a definição dos léxicos – conforme se vê no anexo desta dissertação – o dicionário *Trésor de la langue française informatisé*⁶⁰ e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*⁶¹.

Com base em Andrade (2001), o que pretendemos abordar neste capítulo é o estudo do léxico *sujet* e *sujeito* no âmbito da lexicologia com a intenção de examinar suas relações com o universo social e cultural. Na lexicologia as palavras são vistas como um instrumento de estrutura e da revelação de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; a lexicologia é tida como geradora e reflexo de sistemas culturais.

Como aconselha Barros (2004), pesquisamos *sujet/sujeito* no âmbito do direito, da filosofia, do social, das artes, da gramática e das ciências investigativas; todas estas áreas atribuem sentido a *sujet/sujeito*.

⁶⁰ Resumindo Cúrcio (2013), século XX, no contexto francês, surgiram no final dos anos 50 entre Besançon e Estrasburgo, no *Centre d'Études du Vocabulaire Français de Besançon* uma contagem mecanizada da obra de Corneille feita pelo pesquisador francês Charles Muller. Foi em conferência na cidade de Estrasburgo, que se deu a origem ao projeto *Trésor de la Langue Française* (TLF) que engloba a frequência de todas as palavras presentes na base textual FRANTEXT.

⁶¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio 7.0**. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010, CD-ROM.

Além disso, nos referimos ao nível da língua (popular, familiar) em que são mencionados.

Sujet e sujeito são palavras consagradas e de uso corrente na cultura ocidental. É possível encontrar o léxico em muitas línguas. Além do português, existe *sujeito* no grego **ὕποκειμενον**; no latim *subjectum, suppositum*; na língua inglesa *subject*; no francês *sujet*; no alemão *subjekt*; e no italiano *soggetto*. (ABBAGNANO, 2000)⁶²

Iniciamos pela filosofia, na qual encontramos os primeiros registros da palavra *sujeito*, definido pela primeira vez por Platão, aluno do filósofo Aristóteles. Já naquela época, os filósofos gregos discorriam sobre o significado de *sujeito*. Do ponto de vista da filosofia, há dois significados fundamentais para o termo. O primeiro, atrelado às características gramaticais, considera sujeito “[...] o objeto real ao qual são inerentes ou ao qual se referem as determinações predicáveis (qualidade, quantidade etc.)” (ABBAGNANO, 2000, p. 930). O segundo, com origem em Aristóteles, entende assim o termo *sujeito*: “a) como a matéria de que se compõe uma coisa, p. ex. o bronze; b) como a forma da coisa, como p. ex. o desenho de uma estátua; c) como a união de matéria e forma, como p. ex. a estátua (*Ibid.*, 1029 a 1)”. (ABBAGNANO, 2000, p. 930)

Registros encontrados em obras medievais indicam que, neste período, os intelectuais adotavam as premissas de Aristóteles no que diz respeito a *sujeito*: “chamam a substância de *subjectum* ou *suppositum* porquanto a ela inerem as qualidades ou as outras determinações.” (ABBAGNANO, 2000, p. 930). Uma outra acepção da palavra *sujeito* do período medieval foi encontrada no dicionário organizado por Deonísio da Silva (2009)⁶³: “O vocábulo designou na Idade Média o indivíduo subordinado ao senhor feudal”. (p. 931)

Sujeito, no sentido político, está impregnado de características do período medieval. No discurso político, *sujeito* tem o sentido de súdito: “[...] o súdito é oposto a soberano e designa o indivíduo à autoridade absoluta do Estado”. (DUROZOI e ROUSSEL, 1996, p. 456)⁶⁴

⁶² ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

⁶³ SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras**: origens e curiosidades da língua portuguesa. 16 ed. São Paulo: Novo Século, 2009.

⁶⁴ DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Papirus, 1996.

Depois de muito tempo, surge uma segunda concepção de *sujeito*, com início em Immanuel Kant (1724-1804). Nos seus escritos, Kant teve em mente a oposição entre subjetivo e objetivo.

Para Kant, sujeito é o *eu penso* da consciência ou autoconsciência que determina e condiciona toda atividade cognoscitiva: ‘Em todos os juízos sou sempre o sujeito determinante da relação que constitui o juízo’. ‘Para o eu, para o ele ou para aquilo (a coisa) que pensa, a representação é apenas de sujeito transcendental dos pensamentos, =x que só é conhecido através dos pensamentos que são seus predicados e dos quais, à parte estes, não podemos ter o menor conceito’ (*Crítica da Razão Pura*, Dial transcendental, II, cap.1, *apud* ABBAGNANO, 2000, p. 930).

Kant exerceu uma grande influência na cultura ocidental. Até mesmo Lacan destinou ao filósofo um capítulo em *Écrits* (1966), chamado *Kant avec Sade* (1962).

O eu é sujeito na medida em que seus pensamentos lhe são inerentes como predicados: este é ainda o significado tradicional do termo. Mas o eu é sujeito na medida em que determina a união entre sujeito e predicado nos juízos, na medida em que é atividade sintética ou judicante, espontaneidade cognitiva, portanto consciência, autoconsciência ou apercepção; e este é o novo significado do sujeito. (ABBAGNANO, 2000, p. 930)

Por fim, as duas definições da filosofia para *sujeito*:

Ambos esses significados se mantêm no uso corrente do termo: o primeiro na terminologia gramatical e no conceito de sujeito como **tema** ou **assunto**⁶⁵ do discurso; o segundo no conceito de sujeito como capacidade autônoma de relações ou de iniciativas, capacidade que é contraposta ao simples ser ‘objeto’ ou parte passiva de tais relações. (ABBAGNANO, 2000, p. 929-930)

⁶⁵ Destacamos o *tema* ou *assunto*, porque é um dos equivalentes para *sujeito* nas traduções de 1978 e 1998 de *Écrits* (1966).

No dicionário Aurélio, encontramos o *sujeito* na acepção da filosofia,

O indivíduo real, que é portador de determinações e que é capaz de propor objetivos e praticar ações. Na relação de conhecimento, o correlato objeto, isto é, o que conhece, em oposição ao que é conhecido: o pensamento, a percepção, a intuição, etc. Agente, fonte de atividade.

No dicionário *Trésor de la Langue Française informatisé*, consta que o *sujet* da filosofia é:

[...] o ser ou princípio ativo possuidor de qualidades e capaz de agir. *Sujet* do conhecimento é o ser que sabe, considerado, não em suas peculiaridades individuais, mas como uma condição necessária para a unidade de vários elementos representativos, unidade em que estas representações parecem constituir um objeto. Kant começou a estudar o *sujet* transcendental que age sobre o real e determina as experiências.⁶⁶

O uso gramatical do léxico *sujeito* teve início no séc. II d. C.; Lúcio Apuleio (125 d.C.-170 d.C.) “[...] já chamava de *subjectiva* ou *subdita* a parte do discurso que os antigos chamavam de nome, e de *declarativa* a parte que os antigos chamavam de verbo [...]” (ABBAGNANO, 2000, p. 930). Durozoi e Roussel (1996) descrevem em seu dicionário esta fase como de “o sujeito lógico – oposto ao predicado – é aquele do qual se afirma ou se nega algo numa proposição” (p. 455). Encontramos

⁶⁶ Être ou principe actif susceptible de posséder des qualités ou d’effectuer des actes. La raison n’est pas subjective ; le sujet, c’est le moi, c’est la personne, la liberté, la volonté (COUSIN, Hist. Philos. mod., t.1, 1846, p. 139). Sujet de la connaissance. Être qui connaît, considéré, non dans ses particularités individuelles, mais en tant que condition nécessaire à l’unité d’éléments représentatifs divers, unité en vertu de laquelle ces représentations apparaissent comme constituant un objet (LAL. 1968). Kant entreprit de faire porter sur le sujet même de la connaissance les recherches qui jusque-là ne s’étaient appliquées qu’à ses objets (COUSIN, Philos. Kant, 1857, p. 33). En partic. [Chez Kant] sujet transcendental. Faculté a priori qui en tant que telle agit sur le réel et détermine les conditions de l’expérience (THINÈS-LEMP. 1975). (<<http://atilf.atilf.fr/>>)

ainda no dicionário Aurélio o *sujeito* lógico, “[...] termo de que se nega ou se afirma alguma coisa”.

Tanto na gramática da língua francesa quanto na da língua portuguesa *sujet e sujeito*, ambos têm a função de suporte do predicado. Podemos encontrar *sujet e sujeito* como *sujeito composto, sujeito determinado, sujeito indeterminado, sujeito oculto, sujeito simples e sujeito zero*.⁶⁷

Segundo Silva (1986) no *Dicionário de ciências sociais* (1986)⁶⁸, na história o *sujeito* é “**sujeito histórico** foi objeto de duas teses fundamentais ao longo da história: a tese individualista e a tese grupal. Cabeiria acrescentar outra corrente: a dos que negam a história”. (SILVA, 1986, p. 1194)

A concepção de *sujeito histórico* teve grande influência na teoria social de Herbert Spencer (1820-1903), Émile Durkheim (1858-1917) e Karl Marx (1818-1883). (SILVA, 1986)

Na língua francesa *sujet* pode ser usado quando um indivíduo é submetido a uma observação científica, biológica, psicológica ou sociológica⁶⁹. O *sujet* da psicologia trata-se “do processo inconsciente que tem energia suficiente para executar uma ação no ego sem atingir a consciência. É uma espécie de consciência secundária que representa um componente da personalidade dissociada do ego consciente primário”.⁷⁰

Na língua portuguesa, encontramos em Durozoi e Roussel (1996) a concepção de *sujeito* na prática clínica do psicólogo. “Para o psicólogo e o clínico, o sujeito é o indivíduo submetido a uma observação ou a uma experiência. Por extensão, é aquele do qual se trata e nesse sentido se torna sinônimo do objeto (sujeito de reflexão)”. (p. 455 e 456)

⁶⁷DENDIEN, Jacques. **Trésor de la Langue Française informatisé**. ATILF - CNRS & Université de Lorraine e FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio 7.0**. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010,CD-ROM.

⁶⁸SILVA, Benedicto (coord. Geral). **Dicionário de ciências sociais**. 1 ed. Editora da Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1986.

⁶⁹Être soumis à l’observation scientifique, notamment biologique, psychologique, sociologique. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 19 fev 2017.

⁷⁰Sujet secondaire. Processus inconscient qui possède une énergie suffisante pour exercer une action sur la conscience du Moi sans parvenir à la prise de conscience. Il constitue une sorte de conscience secondaire qui représente une composante de la personnalité dissociée du Moi conscient primaire (VIREL Psych. 1977). Tradução nossa. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso 19 fev 2017.

No dicionário Aurélio, encontramos no léxico português o *sujeito* jurídico definido pelo “titular de um direito. Cada uma das pessoas vinculadas a uma relação jurídica”.

No sistema léxico francês encontramos *sujet* em muitas áreas de conhecimento como na categorização de assuntos da biblioteca, em revistas e jornais, na literatura, nas artes plásticas, na dança, na música, na pintura e fotografia e na medicina.⁷¹ E no sistema léxico português encontramos *sujeito* somente na música.

No dia-a-dia usamos o léxico *sujeito* nas nossas comunicações e não imaginamos que por trás dele há um mundo de significações. Quando Lacan, na sua teoria, atribui a *sujet* a posição do homem em relação ao mundo em que está inserido é porque teve acesso à função adjetiva desse léxico.

Constatamos que *sujet e sujeito* têm duas entradas tanto na língua francesa quanto na portuguesa. Na língua francesa, segundo o dicionário *Trésor de la Langue Française informatisé*, *sujet*, na função adjetiva, tem como definição “submissão no sentido de alguém que está submetido a uma autoridade soberana ou submetido a uma força da natureza”⁷². Quando o usamos na função substantiva, ganha outra acepção: “um problema, tema ou motivo de uma atividade ou condição. É aquilo que se propõe a reflexão, estudo, crítica, debate, dar a opinião sobre um assunto”⁷³. O complemento de *sujet* no substantivo designa “manifestação, domínio, o resultado da reflexão”.⁷⁴

No dicionário da língua portuguesa *Aurélio*, *sujeito*, na função adjetiva, tem sua origem no “latim *subjectu*, ‘posto debaixo’, súdito, escravizado, cativo, obrigado, constrangido, adstrito, que se sujeita à vontade dos outros; obediente, dócil, dependente, submetido, exposto e

⁷¹ Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 19 fev 2017.

⁷² Qui est soumis à une autorité souveraine. Le compl. désigne une force, un agent déterminant et inévitable. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 19 fev 2017.

⁷³ Ce qui constitue la matière, le thème ou bien le motif d’une activité ou d’un état. Ce qui constitue la matière, le thème principal d’une activité intellectuelle ou artistique, indépendamment de l’interprétation qui en est faite ou du résultat obtenu. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 19 fev 2017.

⁷⁴ [Le compl. désigne la manifestation, l’expression, le domaine, le résultat de la réflexion] Sujet de débat, de discussion ; sujet d’une conférence, d’un discours, d’un exposé. Lorsque le sujet de la conversation fut épuisé, le comte me mit en core en scène au détriment de Monsieur de Chessel (BALZAC, Lys, 1836, p. 51). Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 19 fev 2017.

passível”. O *sujeito* com função substantiva significa “indivíduo indeterminado, ou cujo nome se quer omitir”. “Súdito, vassalo, assunto, tema, indivíduo que não se nomeia”.

Na obra *De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*⁷⁵, *sujeito* é definido da seguinte maneira:

[...] do latim *subjectus*, sujeito, dominado, posto sob comando ou ordem. O vocábulo designou na Idade Média o indivíduo subordinado ao senhor feudal. Passou depois a indicar qualquer pessoa de identidade indeterminada. Houve um longo percurso na palavra para que largasse no caminho o sentido pejorativo, mas a raiz do vocábulo, no português e em outros idiomas neolatinos, aponta para significados de domínio conexo, que indicam sujeição, domínio. “Sujeito” também faz sua viagem repleta de sutis complexidades e resgatou a soberania para o vocábulo, passando a designar, em linguagem jurídica, pessoa detentora de direitos soberanos. A transformação do significado tem a ver com a valorização de feudos e condados, alguns depois unidos e transformados em reinos, como foi o caso de Portugal, quando a figura do vassalo adquiriu valor semântico positivo, a ponto de indicar honra ao indivíduo apresentar-se como súdito ou vassalo de algum soberano. (SILVA, 2009, p. 931)

No Brasil, *sujeito* é “a designação que davam os sertanejos aos escravos”. No sentido pejorativo é “um indivíduo reles, imprestável, mau”.⁷⁶ Não encontramos este mesmo sentido em *sujet* na língua francesa.

Percebemos que *sujet* ou *sujeito* são formas polissêmicas que influenciam muitas áreas do conhecimento ocidental, principalmente na filosofia, nas ciências sociais, políticas e da saúde. Pela proximidade da raiz etimológica do léxico e pela proximidade do significado, podemos afirmar que *sujeito* é um equivalente adequado para *sujet* de Lacan.

⁷⁵ SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. 16. ed. Novo Século: São Paulo, 2009.

⁷⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio 7.0**. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010, CD-ROM.

Como vimos, não houve a necessidade de criar um neologismo na tradução do termo *sujet*, pois já havia o equivalente *sujeito* na língua portuguesa, com significado muito próximo ao original *sujet*.

Conforme Barros (2004), deparamo-nos com uma unidade lexical de um texto, *Écrits* (1966) e suas traduções *Escritos* (1978 e 1998), em uma língua de especialidade, a psicanálise. Consideramos *sujet/sujeito* como termo, pois o identificamos como a designação de um conceito próprio do domínio em questão. Embora *sujeito/sujet* façam parte da língua geral de todos os falantes do francês e do português, quando um psicanalista fala nestes termos já não se trata mais do mesmo léxico que circula no cotidiano. O mesmo ocorre com o profissional da área do direito, que fala de um *sujeito* diferente do sentido corriqueiro. Neste momento, o trajeto da pesquisa se faz em dois sentidos, o semasiológico e o onomasiológico. Veremos também qual a significação dada pela psicanálise ao termo *sujet/sujeito*.

4.3 O TERMO *SUJET/SUJEITO*

Como ensina Barros (2004), o trabalho terminológico consiste numa atividade de sistematização e de denominação dos conceitos, assim como na apresentação das terminologias, segundo os princípios e os métodos estabelecidos pelos terminólogos. Os conceitos e suas características são fundamentais na terminologia.

Investigaremos o termo *sujet* e seu equivalente *sujeito* num exame dito por Boutin-Quesnel (1985)⁷⁷ *conceptual*. Para a autora (1985), esse tipo de análise “determina as características de um conceito, de sua compreensão, de sua extensão e das relações que o mesmo mantém com outros conceitos”. (p. 26)

Cabré, no prefácio da obra de Barros (2004), afirma que

Um programa de terminologia não pode deixar, por exemplo, de transmitir conhecimentos sobre a natureza multidisciplinar e poliédrica dos termos, na qualidade de unidades constituem o foco da disciplina, tampouco pode deixar de lado as distintas dimensões da comunicação especializada, como o contexto do termo, nem as conexões da

⁷⁷ BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec, Publications du Québec, 1985 (Cahiers de l'office de la Langue Française). Tradução de Barros (2004, p. 106).

terminologia, como disciplina, com as ciências mais próximas: as da linguagem e as cognitivas. (p. 16)

Lacan teve forte influência da corrente de pensamento estruturalista, em que os intelectuais formulam e compreendem seu objeto de análise por meio de ligações com os saberes de outras áreas. Freud não teve a mesma trajetória; seu desejo era tornar a psicanálise científica do ponto de vista médico. Lacan articulou sua obra com os estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure, com a moderna filosofia e com as ciências sociais e humanas, principalmente na antropologia de Claude Lévi-Strauss e na topologia da matemática. (OUTHWAITE e BOTTOMORE, 1996)⁷⁸

Sujet é mencionado pela primeira vez por Lacan em *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien* (*Écrits*, 1966). A ideia do que seria *sujet* para a psicanálise lacaniana teve início nas construções teóricas de Freud quando este expôs sua hipótese de inconsciente.

Em psicanálise, Sigmund Freud empregou o termo, mas somente Jacques Lacan, entre 1950 e 1965, conceituou a noção lógica e filosófica do sujeito no âmbito de sua teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo. Foi em 1960, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, que Lacan, apoiando-se na teoria saussuriana do signo linguístico, enunciou sua concepção da relação do sujeito com o significante: “Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante.” Esse sujeito, segundo Lacan, está submetido ao processo freudiano da clivagem (do eu). (ROUDINESCO E PLON, p. 742)

Iniciado por Freud e denominado por Lacan, o termo *sujet* é um dos conceitos mais importantes e complexos de toda a obra lacaniana e o termo de maior frequência em *Écrits* (1966) e *Escritos* (1978 e 1998), o

⁷⁸ OUTHWAITE, William. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Trad. Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1996.

que faz dele um destacado componente do conjunto da língua de especialidade lacaniana.

Lacan elabora e re-elabora o termo *sujet* em todo o seu ensino, e, segundo Kaufmann (1996)⁷⁹, Lacan o chamará “meu sofisminha pessoal” (p. 502). Abaixo listamos os *Seminários* e os capítulos de *Écrits* (1966) em que Lacan desenvolve o termo *sujet*.

- a) *Les écrits techniques de Freud (Seminário I, 1953);*
- b) *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse (Seminário II, 1954);*
- c) *Problèmes cruciaux de la psychanalyse (Seminário XII, 1955);*
- d) *Les structures freudiennes dans les psychoses (Seminário III, 1955);*
- e) *Formations de l'inconscient (Seminário V, 1957);*
- f) *Le désir et son interprétation (Seminário VI, 1958);*
- g) *Le transfert dans sa disparité subjective, sa prétendue situation, ses excursions techniques (Seminário VII, 1960);*
- h) *L'identification (Seminário IX, 1961);*
- i) *Le transfert (Seminário VIII, 1964);*
- j) *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, (Seminário XI, 1964);*
- k) *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien (Écrits, 1966);*
- l) *Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée (Écrits, 1966).*

A primeira discussão sobre o termo *sujeito* de que temos registro ocorreu num simpósio promovido pelo filósofo Sócrates, transcrito em *O Banquete* (1997)⁸⁰, por seu discípulo Platão por volta de 380 a.C. cujo tema era *Eros, o amor*. Lacan se concentra na forma como Sócrates conduziu a discussão: “Ele se apresenta como nada sabendo a não ser as coisas do amor, e quando é sua vez de falar disso, não consegue fazer outra coisa senão citar as palavras do outro, Diotima.” (KAUFMANN,

⁷⁹ KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan.** Trad. Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 1996.

⁸⁰ PLATÃO. **O Banquete ou do amor.** Trad. J. Cavalcante de Souza. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

1996, p. 504). Dessa forma, Sócrates demonstra seu caráter exemplar quanto à posição do analista e expõe sua divisão de sujeito: “Não pode falar do que sabe a menos que permaneça na zona do ‘ele não sabia’” (p. 504). Sócrates não pode dizer nada de si como desejante, no lugar onde é desejado, sob pena de passar para o registro da demanda. “Lacan reconhece assim [...] a impossibilidade em que está o sujeito de nomear seu desejo, e isso a partir da noção de desejo do analista”. (KAUFMANN, 1996, p. 504)

Para compreender o *sujeito* da psicanálise, nos baseamos na obra de Joël Dor (1989)⁸¹, que discorre sobre a fórmula lacaniana ‘necessidade-desejo-demanda’, inspirada na primeira experiência de satisfação de Freud. Após o nascimento, a primeira necessidade do bebê é a alimentação. Inicialmente, ele sente um desprazer (fome) ocasionado por uma tensão orgânica que deverá ser saciada. Sem que o bebê peça ou busque, pois de início ele mesmo não sabe do que se trata, o adulto lhe dá o seio ou a mamadeira e isto o satisfaz, alivia a sua tensão (DOR, 1989). É importante ressaltar que, nestas condições, “[...] a criança que nasce é constitutivamente submetida, em seu ser, à ordem das exigências da necessidade”. (p. 144)

O desejo surgirá na medida em que a necessidade apareça outras vezes para este bebê e por volta dos três meses de vida, geralmente, o médico pediatra instrui a mãe que comece a espaçar as mamadas de três em três horas. Neste momento, o bebê irá chorar (demandar) e não será correspondido no seu desejo; ele estará no registro do *Real* para Lacan. Esta falta será estruturante na vida deste candidato a *sujeito* e é a partir dela que Lacan desenvolve o conceito de *sujeito barrado*, o qual explicaremos mais à frente. O fato deste bebê já ter o modelo da primeira experiência de satisfação na sua memória permitirá que ele busque um objeto suscetível de proporcionar-lhe esta satisfação. Normalmente, o bebê substituirá a falta do seio pela chupeta, dedo ou fralda. Percebe-se então que não há mais a necessidade alimentar e sim um prazer de órgão. (DOR, 1989)

Na análise da obra de Lacan, Dor (1989) desenvolve o tema:

Com Lacan, a dimensão do desejo aparece como intrinsecamente ligada a uma *falta* que não pode ser preenchida por nenhum objeto real. O objeto pulsional só pode ser, portanto, um objeto *meto-*

⁸¹ Dor, Joël. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. Trad. Carlos Eduardo Reis. Artmed: Porto Alegre, 1989.

nimico do objeto do desejo. É, aliás, a reflexão que Lacan empreende a partir do conceito freudiano de pulsão que permite elucidar esta noção de desejo e fundar seu dinamismo no quadro de uma relação com o Outro. (p. 142)

Ainda segundo Dor (1989), é por meio desta demanda, que a criança confirma sua entrada no universo de desejo que se registra sempre entre a demanda e a necessidade.

O sujeito tem de descobrir a que Outro, isto é, um mundo de símbolos, ele se dirige verdadeiramente ainda que não o saiba, e Lacan supõe, respondendo por detrás do mundo da linguagem, ‘verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos’, com os quais há relações ‘autenticamente intersubjetivas’. (KAUFMANN, 1996, p. 502 - 503)

Lacan afirma que pelo fato do bebê ser incapaz de satisfazer sozinho essas imposições orgânicas, requer e justifica a presença de um adulto. Essas manifestações corporais da criança tomam imediatamente valor de *signos* para o adulto, uma vez que é ele que interpreta as manifestações do recém-nascido. Quando estas manifestações fazem sentido para o adulto e este age, isto quer dizer que existe aí uma relação de comunicação. A criança é inserida num universo semântico e de discurso do adulto e neste ponto o adulto assumirá a função simbólica de Outro em relação a ela. (DOR, 1989)

‘O Outro não é um sujeito, é um lugar para o qual tentamos, diz Aristóteles, transferir o saber do sujeito’. Ao denunciar a ilusão do sujeito suposto saber, a concepção do Outro como sujeito, que havia prevalecido, cai. O outro como sujeito é a ilusão do sujeito que supostamente sabe. O sujeito do inconsciente, o sujeito dividido, desvanescente... é o sujeito representado por um significante para um outro significante. Algo que se assemelha provisoriamente a uma bipartição do sujeito sustenta nesse momento a *démarche* de Lacan. É apenas num segundo tempo, em 1964, que ele colocará os efeitos de transferência na dependência do sujeito suposto saber. (KAUFMANN, 1996, p. 504)

É neste momento que o bebê é promovido ao lugar de *sujeito* pelo fato de estar inscrito no registro de uma relação simbólica com o Outro. A demanda do bebê é uma projeção do desejo do Outro. (DOR, 1989)

Se a demanda é antes de mais nada expressão do desejo, é de imediato dupla. Para além da demanda de satisfação da necessidade, perfila-se a demanda do ‘a mais’ que é antes de tudo demanda de amor. De uma maneira geral, a demanda é, portanto sempre *formulada e endereçada a outrem*. Ainda que ela incida sobre o objeto de necessidade, é fundamentalmente ‘inessencial’ (Lacan), porquanto demanda de amor na qual a criança deseja ser o único objeto do desejo do Outro que satisfaz suas necessidades. (DOR, 1989, p. 145)

É dessa maneira que se relacionam as pessoas pelo mundo. Elas demandam a aceitabilidade em grupos sociais, no trabalho e na família. Porém, há diferentes formas de relacionamento. O lugar do grande Outro é especial, para os demais Lacan propõe dizermos outro (pequeno). A partir da transferência, podemos dizer que o psicanalista ocupa a função de Outro para o analisante – o paciente, no dizer de Lacan. O analisante demanda ao analista um saber sobre si, e diante disso, Lacan conceitua o *sujeito-suposto-saber*. Apoiando-se na figura de Sócrates, Lacan fala sobre a transferência, porém sua fórmula só se desenvolveu a partir de Descartes no ato cartesiano da certeza do sujeito no *cogito*. (KAUFMANN, 1996) Nas palavras de Kaufmann (1966) “[...] o inconsciente é um saber, se um saber é uma conexão de significantes, se o significante representa um sujeito (do inconsciente) para um outro significante e o sujeito é por definição suposto, que distingue então o sujeito do inconsciente do sujeito suposto saber?”. (KAUFMANN, 1996, p. 508)

Sócrates não conhecia o inconsciente, foi Descartes (1596-1650), com *Discurso do Método* (1637), que lançou as bases do pensamento que viria a modificar toda a história da filosofia. Na opinião de Streckler (2014)⁸², Descartes rompeu com a tradição aristotélica e com o pensa-

⁸² STRECKER, Heidi. René Descartes: o método cartesiano e a revolução da história da filosofia. (2014) Publicado na sessão **Pedagogia e Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-da-filosofia.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

mento escolástico, que dominou a filosofia no período medieval. A separação entre sujeito e objeto do conhecimento foi fundamental para toda a filosofia moderna e funda o sujeito da ciência. Kaufmann (1996) argumenta que foi com o *cogito* que o sujeito da ciência teve início. “O *cogito* é o ponto de partida lógico da explicação do real pelo impossível, ele liga o fundamento de uma ciência à certeza de um sujeito. É nisso que o sujeito do *cogito*, correlato da ciência, é também o sujeito sobre o qual operam os psicanalistas”. (p. 509)

O cogito só é verdadeiro enquanto o sujeito o pensa. Sua existência é frágil, instável. Ele precisa, do procedimento de Descartes, ser garantido pela prova da existência e Deus. Somente então o cogito adquire uma certeza que faz dele um fundamento científico. Descartes põe nas mãos do arbitrário divino, figura do sujeito suposto saber, a tarefa de garantir as verdades eternas. [...] Na brecha aberta por Descartes, a ciência progride instituindo um saber que não tem mais que se preocupar com seus fundamentos de verdade. A partir de Descartes, é saber aquilo que pode servir para aumentar o saber, e a verdade é uma outra questão, bem diferente. (KAUFMANN, 1996, p. 509)

Lacan distingue o *sujeito* da filosofia do *sujeito* da psicanálise. O *sujeito* para a filosofia é a consciência do ser pensante. Segundo Roudinesco e Plon (1997),

Em filosofia, desde René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859- 1938), o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos. É, pois, a essência da subjetividade humana, no que ela tem de universal e singular. Nessa acepção, própria da filosofia ocidental, o sujeito é definido como sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência, seja essa consciência empírica, transcendental ou fenomênica. (p. 742)

Para a psicanálise, o *sujeito* é do inconsciente. Lacan inverte a máxima de Descartes – “Penso, logo existo.” – e a reformula para “Pen-

so onde não existo e existo onde não penso”. Para a psicanálise, só temos acesso ao *sujeito* quando não pensamos.

Da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure (1857-1913), o psicanalista vai ao ‘encontro’ do linguista, em busca de uma resposta sobre a questão deixada por Freud sobre o inconsciente. Lacan irá desenvolver a teoria de Saussure no terreno da psicanálise; tomará de empréstimo princípios e conceitos cunhados por Saussure e fará a sua própria concepção sobre *sujeito* (DOR, 1989). Na visão de Kaufmann (1996),

No momento em que expôs sua ‘hipótese do inconsciente’, Freud formulou uma pergunta que podia ser repetida como objeção: ‘como chegar ao conhecimento do inconsciente? Evidentemente, só o conhecemos como consciente depois que sofreu uma transposição ou tradução em consciente’ (‘O inconsciente’). Só teríamos escolha, então, entre pensar o inconsciente em termos de uma segunda consciência ou permanecer condenados a nada dizer que o pudesse designar como tal? (KAUFMANN, 1996, p. 501)

No início do século XX, Ferdinand de Saussure em *Cours de linguistique générale* (1916), expõe o algoritmo estrutural da linguagem, baseando-se, inicialmente, na noção de *signo linguístico*. Nas palavras de Saussure (2006),

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dêle nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (p. 80)

Segundo Arrivé (1994)⁸³ “A teoria do significante é igualmente inseparável da teoria do sujeito. É preciso lembrar a recorrente e enigm-

⁸³ ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. Trad. Mário Laranjeira e Alain Mouzat. São Paulo: EDUSP, 1994.

mática fórmula: “o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante”. Ou, menos enigmática, mas por certo, ou pouco falta, equivalente, esta descrição:” (p. 97)

É neste contexto que Lacan fará algumas modificações nas teses saussurianas sobre significante e significado. E desta forma dará início ao percurso intelectual em busca da resposta para a pergunta de Freud: “Como chegar ao conhecimento do inconsciente?” Inicialmente, o esquema do signo linguístico será invertido na escrita lacaniana. Ao contrário de Saussure, Lacan propõe S/s significante (imagem acústica)/significado (conceito). (DOR, 1989). Arrivé (1994) afirma que “[...] Lacan anota o S do significante por uma prestigiosa maiúscula romana, enquanto o s do significado se contenta com uma modesta minúscula itálica: fenômeno de diferenciação hierárquica totalmente impensável em Saussure”. (p. 106)

Nas palavras de Arrivé (1994)

Em Saussure há, fundamentalmente, uma teoria do signo; a teoria do significante integra-se nessa teoria do signo: sem signo, não há significante (nem significado). Em Lacan, as coisas são bem diferentes. Até que há, marginalmente, uma teoria do signo. Mas ela não se articula com a teoria do significante: significante (e significado) de um lado, signo de outro estão disjuntos. A ponto de ser possível, na terminologia lacaniana, dizer que o significante é um signo [...], o que, em dialeto saussuriano, fica excluído. A teoria lacaniana do signo? Encontramo-la de maneira muito esparsa cronologicamente, mas conceitualmente muito homogênea. (p. 98)

Partindo da fórmula *necessidade-desejo-demanda*, Lacan mostra que primeiro existe o significante que terá por função representar o significado e não o contrário como propõe Saussure. O sujeito para a psicanálise lacaniana é um significante. No dizer de Kaufmann (1996), “‘o significante, ao inverso do signo, não é o que representa alguma coisa para alguém, é o que representa precisamente o sujeito para um outro significante’. O significante representa o sujeito cuja essência, como veremos, é o corte”. (p. 504)

Claude Lévi-Strauss, leitor e estudioso de Freud, influenciou a psicanálise lacaniana com suas críticas e apropriações. “Na corrente do estruturalismo, a linguística e a matemática (topologia), ambas apresen-

tadas a Lacan por intermédio de Lévi-Strauss, constituem referências privilegiadas ao desenvolvimento desta psicanálise [...]”. (BAIRRÃO e GODOY, 2015, p. 9)⁸⁴

Em 1972, com a contribuição do matemático e psicanalista Jean-Michel Vappereau, Lacan desenvolve a topologia do *nó borromeano*. Trata-se de três anéis intercalados de uma tal forma que se soltarmos um deles os demais se desprendem também. Lacan mostra nesta topologia a relação das três dimensões (REAL-IMAGINÁRIO-SIMBÓLICO), constitutivas do *sujeito* da psicanálise.

Para Lacan a primeira dimensão que se forma é o *real*, depois vem a formação do *imaginário*, no momento em que a criança começa a se reconhecer no espelho, e por último entra o *simbólico*. Com o Outro na relação, teremos a formação do simbólico e então a constituição do *sujeito*. No meio dos anéis, há o vazio denominado *objeto a*. O *sujeito* de Lacan entraria juntamente com a linguagem, numa relação de alteridade no último anel, o simbólico, para se fazer no vazio do *objeto a*.

Arrivé (1994)

Significaria isso que o significado está livre de qualquer amarração com o significante? Não mesmo, e Lacan vai, no *Seminário III* (1981), até ao ponto de pensar numa tipologia dos modos de ligação do significante ao significado baseada no número de seus nós. Quando o número de pontos de ligação desce abaixo de certo patamar cai-se na psicose: (p. 105)

Segundo o dicionário especializado de Psicanálise (1998), o conceito de *real* “designa a realidade própria da psicose (delírio, alucinação), na medida em que é composto dos significantes foracluídos (rejeitados) do simbólico” (p. 645). Quando em surto, o psicótico teria um excesso de realidade, o delírio e a alucinação não estão simbolizados.

Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simulta-

⁸⁴ GODOY, Daniela Bueno de Oliveira de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Estrutura e Inconsciente de Lévi-Strauss a Lacan: uma articulação topológica. In: _ **Cultures-Kairós: Revue d'anthropologie des pratiques corporelles et des arts vivants**. n. 5, 2015. Maison des Sciences de l'Homme, Paris Nord. Disponível em: < <http://revues.mshparisnord.org/cultureskairós/pdf/1156.pdf> >. Acesso em: 27 fev. 2017.

neamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 644 e 645)

O *imaginário* é formado quando a criança começa a ter uma percepção de si mesma por intermédio do Outro, momento este definido por Lacan como *estágio do espelho*. O *imaginário* é o lugar do *eu*.

[...] o termo é correlato da expressão estágio do espelho e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. Associado ao real e ao simbólico no âmbito de uma tópica, a partir de 1953, o imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão captação e engodo. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 371).

No último anel, Lacan insere o *simbólico* sob influência dos estudos antropológicos estruturais, que se baseiam na linguagem de Claude Lèvi-Strauss. Se o *imaginário* é o lugar do *eu*, o *simbólico* é o lugar do *ele*. Nas palavras de Kaufmann (1996), “para o ‘eu’ que fala, o sujeito do inconsciente é um ‘ele’ e não um ‘eu’”. (p. 502)

[...] termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 714)

Utilizado em 1953 no quadro de uma tópica, o conceito de simbólico é inseparável dos de imaginário e real, formando os três uma estrutura. Assim, designa tanto a ordem (ou função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto a própria psicanálise, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apóia na fala. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 714)

No meio do *nó borromeano* há o vazio denominado por Lacan de objeto *a*. É neste vazio, na falta estruturante, que o objeto é desejado pelo sujeito e que o *simbólico* se faz.

Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de tornar um ‘resto’ não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma ‘falha-a-ser’, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 551)

Lacan irá se distanciar de Lévi-Strauss quando conceitua o Outro vazio, o não encontro entre sujeito e Outro, muito comum nos casos de psicose que marca a ruptura do pensamento lacaniano com o pensamento do antropólogo (GODOY e BAIRRÃO, 2015). Lacan fala do *agra-phage* (agrafo) do significante,

O recurso ao termo significante (em lugar de ‘símbolo’), tomado de Saussure, leva Lacan a renunciar à noção de ‘relações intersubjetivas’. É no seminário *Les structures freudiennes dans les psychoses* (1955) que Lacan introduz esse termo, definindo-o como ‘um signo que remete ao outro signo’ ausente. (KAUFMANN, 1996, p. 503)

Como vimos, os termos *sujeito* do inconsciente e *sujeito suposto saber* não têm uma fronteira clara e visível. Lacan usa da topologia do matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius (1790-1868), cuja *faixa de Möbius* é seu trabalho mais conhecido, ainda hoje presente na cultura popular. Em 1858, Möbius colou duas extremidades de uma fita depois de dar meia volta numa delas, obtendo uma única curva contínua. O estudo prendia-se à noção de orientabilidade, ainda pouco compreendida na época, e analisava objetos geométricos do ponto de vista topológico, ramo da matemática considerado uma extensão da geometria.

Como na *faixa de Möbius*, que, ao contrário de uma fita qualquer, tem somente um lado contínuo, Lacan demonstra que o *sujeito* da psicanálise é interno e externo. É *sujeito do inconsciente* e *sujeito-suposto-*

saber ao mesmo tempo (KAUFMANN, 1996). Outro matema utilizado foi a *garrafa de Klein* do matemático Felix Klein.

De fato, a banda de Moebius não tem nenhuma superfície, é apenas uma (única) borda e, se a referendamos pelo meio, isso não engendra duas novas bandas semelhantes; continua havendo uma só e mesma banda, mas não semelhante, pois lhe falta a propriedade moebiana; a banda Moebius é esse corte pelo qual, querendo se capturar, ela desaparece e deixa o intervalo do corte. Se o corte é precisamente o real, o impossível de ser simbolizado do sujeito, então é legítimo dizer que a banda de Moebius não figura ou metaforiza o sujeito, e sim que é o sujeito, ou antes, o corte, constituindo de fato o que ela efetua em ato. (KAUFMANN, 1996, p. 505)

Com a topologia da faixa ou banda de Möbius, Lacan mostra que o *sujeito* sofre um corte (*Verwerfung*) chamado por ele de *sujeito barrado*. A barra representa a ação do significante sobre o *sujeito*; para Kaufmann (1996), “[...] devemos chamar precisamente de um real, simbolizado por nada.” (p. 504). “É portanto ali mesmo onde há corte, real, foraclusão do sujeito, que Lacan situa o ser do sujeito, seu ser puro”. (KAUFMANN, 1996, p. 504)

Depois de completar todo esse movimento, podemos concluir que Lacan fez uma boa escolha ao chamar de *sujeito* aquele que está submetido a uma rede de significantes do Outro. O termo é usado no sentido adjetivado de submissão. Verificamos que pelo fato de *sujeito* e *sujeito* pertencerem ao mesmo tronco linguístico e pelo fato dos idiomas português e francês serem vizinhos, os dois léxicos são equivalentes e correspondem na tradução dos termos.

Se considerarmos a possibilidade de um neologismo/neotermo em *sujeito* e *sujeito* este é da classe semântica e não sintática. A análise do neologismo em *sujeito* poderá ser aprofundada em futura pesquisa.

A seguir, vem o capítulo *O enlace entre autor e tradutor* que aborda o encontro entre tradutor e autor e a influência do intercâmbio cultural no processo tradutório. Por conta disso, não podemos deixar de investigar a trajetória profissional de Inês Oseki-Depré e Vera Ribeiro e suas relações com a psicanálise de Jacques Lacan.

5 O ENLACE ENTRE AUTOR E TRADUTOR

Como no amor, em que os aspectos idiossincráticos ganham um certo cunho de visceralidade, cada interpretação é única, marcada pelo encontro de um sujeito particular com outro sujeito singular, de um certo conferencista com um determinado tradutor, ‘o porque era ele e porque era eu naquele espaço-tempo da relação’, adquirem, aqui, também o caráter do único, do insubstituível, também na língua, nas línguas, há um encontro que assinala sua irreduzibilidade. Há algo do sujeito em cada um que só se diria ali, naquele encontro. (PIETROLUONGO, 2013, p. 54)⁸⁵

A tradução de uma obra como *Écrits* (1966), de Jacques Lacan, tem grande impacto na pesquisa e na prática de estudiosos em áreas como filosofia, psicologia, psicanálise, psiquiatria, antropologia e linguística, que se beneficiam desse saber para conduzir seu trabalho. Por esse motivo, quando lemos uma obra traduzida, faz uma grande diferença na compreensão do conteúdo transmitido, conhecer, mesmo que superficialmente a trajetória profissional do tradutor. Arrojo (1993)⁸⁶ afirma que o leitor/tradutor é um sujeito e, como tal, não pode deixar de lado o seu contexto histórico e presente no ato da tradução. É impossível imaginar uma neutralidade no trabalho tradutório.

O leitor de um texto não pode proteger os significados originais de um autor porque, a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções e de todas as variáveis que permitiriam a produção e a divulgação de seu texto. Da mesma forma, no momento da leitura, o leitor não poderá deixar de lado aquilo que o constitui como sujeito e como leitor – suas circunstâncias, seu momento histórico, sua visão de mundo, seu próprio inconsciente. Em outras palavras, o

⁸⁵ PIETROLUONGO, Márcia Atálla. Experiências Subjetivas em Interpretação de Eventos de Psicanálise Lacaniana. In: **Tradução e Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013, p. 47-54.

⁸⁶ ARROJO, Rosemary. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

leitor somente poderá estabelecer uma relação com o texto (como todos nós, a todo momento e em todas as relações), que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais ‘criativo’ do que ‘conservador’, muito mais ‘produtor’ do que ‘protetor’. (p. 19)

Barros (2004) concorda com Arrojo (1993) ao ressaltar o peso da subjetividade no trabalho de quem traduz os conceitos e definições de um texto técnico.

É importante ressaltar o fato de que há sempre um certo grau de subjetividade no que concerne à elaboração das definições, seja em qual for o tipo de repertório. A respeito da definição em dicionários terminológicos (DT), convém destacar as condições de produção, as quais envolvem elementos objetivos (*corpora* orais, em papel ou digitalizados, ferramentas informáticas, fichas e fichários terminológicos e todo o aparato material necessário ao trabalho de criação do repertório) e subjetivos, como área de conhecimento, terminólogos, público-alvo, objetivos da obra e outros. (BARROS, 2014, p. 161)

A partir do escasso material de que dispomos, buscamos conhecer um pouco da trajetória profissional das tradutoras de *Écrits* (1966) para o português. Inês Oseki-Depré foi a primeira tradutora da obra (1978) do francês para o português; sua tradução pode ser definida como “tradução *interlingual* ou *tradução propriamente dita*”, como afirma Jakobson (2010, p. 81)⁸⁷. Segundo o linguista (2010), esse tipo de tradução “[...] consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”. (p. 81) Afirma ainda que “[...] tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte”. (p. 82)

Para Pietroluongo (2013), o trabalho da tradução em obras universais consiste na busca em traduzir um pensamento num outro discurso. “É nisso que reside o trabalho de tradução, na busca em traduzir a invenção de um pensamento em seu singular sistema de discurso. Assim

⁸⁷ JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

operando, a tradução funda-se numa poética e numa ética próprias a serviço da subjetivação de ambos os sujeitos implicados no processo tradutório”. (p. 52)

Quando esteve no Brasil, Inês concedeu uma entrevista às professoras Ana Helena Rossi e Germana Henriques Pereira de Sousa⁸⁸, na Universidade de Brasília (UnB). O texto, publicado em 2012 na revista *Traduzires*, apresenta assim a tradutora:

Pesquisadora e teórica na área dos Estudos da Tradução, professora universitária, tradutora e ensaísta, Inês Oseki-Depré nasceu em São Paulo e é diplomada pelo Conservatório Dramático de São Paulo. Em 1971, conclui o doutorado sobre a obra de Michel Butor: “Les recherches formelles dans l’oeuvre de Michel Butor”. Ela segue sua carreira na França como Professeur agrégée de Português no segundo grau, e em seguida na Université de Provence. (p. 138)

Sobre suas publicações, há um relato na mesma entrevista (2012):

A autora tem vários artigos e livros publicados tanto na França quanto no Brasil, dentre os quais: *Théories et pratiques de la traduction littéraire* (1999), *De Walter Benjamin à nos jours... (Essai de traductologie)* (2007), dentre outros. Inês Oseki-Depré traduziu vários autores de língua portuguesa para o francês: Antônio Vieira (*Le ciel en damier d'étoiles*), Fernando Pessoa (*Livre de l'inquiétude*), Guimarães Rosa (*Les premières histoires*), Lygia Fagundes Telles (*Structure de la bulle de savon*), Carlos Drummond de Andrade (*Conversation extraordinaire avec une dame de ma connaissance*) Haroldo de Campos (*Galaxies, Poèmes d'Haroldo de Campos, Haroldo de Campos: une anthologie*), Lygia Clark (*Catálogo*) entre outros. A autora também traduziu os *Écrits de Jacques Lacan* (1ª edição 1976, Editora Perspectiva). Ela é membro de várias instituições de tradução e de pesquisa em literatura: ATLAS (Associação

⁸⁸ ROSSI, Ana Helena; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Entrevista com a profa. Inês Oseki-Dépré. **Revista Traduzires**, Brasília, n. 2, 2012.

ção dos Tradutores Literários em Arles), SFLGC (Société Française de Littérature Générale et Comparée), CIELAM (Centre interdisciplinaire d'études littéraires d'Aix-Marseille), comitê consultativo internacional da revista TTR (McGill University, Montréal, Québec) para a difusão das teorias contemporâneas da tradução, do conselho de administração do CIPM (Centre International de Poésie de Marseille). Inês Oseki-Depré colaborou com várias revistas: *Impressions du Sud*, *Docks*, *Banana Split*, *Poésie*, *If*, *CCP*,... A autora realizou várias missões e participou de colóquios internacionais : UFMG, UFSC, PUC-SP, USP, UnB, UFPB (Brasil), Universidad de La Havana (Cuba), Universidade de Hanoi (Vietnam), Université de Marrakech (Maroc), Universidade de Alger (Argélia), Universidade de Varsóvia (Pologne), Centro Cultural francês de Budapest (Hungria), Université de Provence (França), Università de Bolonha (Itália), Università de Catania, Università de Ragusa (Itália)... (p. 138)

Inês Oseki-Depré relata no colóquio *A tradução brasileira dos Escritos de Jacques Lacan: de uma libra de carne* (2011) que seu encontro com o psicanalista Jacques Lacan foi marcado por uma escolha. Ao saber que a aluna de Jakobson não era psicanalista, Lacan, na sua excentricidade, tinha a convicção de que ela seria a pessoa certa para introduzir *Écrits* (1966) na língua portuguesa:

[...] O próprio Lacan, ao me propor traduzi-lo, estava consciente de que minha missão consistia em instaurar, introduzir uma ciência em língua estrangeira. O que equivale a dizer que além de criar um discurso teórico ao mesmo tempo muito próximo do discurso original, encontrei-me diante da necessidade de inovar lá onde há o novo, de se distinguir dos velhos discursos existentes na disciplina ou disciplinas que ele utiliza, visto que a psicanálise inclui, como vimos, outras disciplinas. (p. 10)

Barros (2004) destaca o conhecimento que o tradutor deve ter quando se põem a traduzir textos técnicos, científicos e especializados bilíngues. Como foi o caso de Inês Oseki-Depré que, mesmo sendo

linguista e conhecedora do sistema linguístico francês e português, precisou se apropriar dos termos psicanalíticos lacanianos para traduzi-los adequadamente. Nas suas palavras,

Ao trabalhar textos técnicos, científicos e especializados, o tradutor entra no campo dos estudos terminológicos bilíngues. Esse processo implica a compreensão do texto em língua de partida e o conhecimento das unidades terminológicas especializadas, uma vez que é basicamente por meio de sua terminologia que esse tipo de texto veicula seus conhecimentos específicos. Isso significa que um tradutor deve ter domínio dos conteúdos da área cujo texto traduz. Necessita, outrossim, de um bom domínio da língua de chegada, especialmente da terminologia do campo em questão. (BARROS, 2004, p. 71)

Vera Lucia Avellar Ribeiro foi a segunda tradutora de *Écrits* (1966) para o português. Sua tradução trouxe a versão integral de *Escritos* (1998). Pelo fato de Vera Ribeiro ter realizado sua tradução vinte anos após a primeira, Jakobson (2010) consideraria que as retraduições dos dez artigos e a *Abertura dessa coletânea* foram reformuladas por Vera Ribeiro. Para Jakobson (2010) trata-se de uma “*tradução intralingual ou reformulação*” (p. 81). Segundo o linguista (2010), a tradução intralingual utiliza signos da mesma língua. Um tradutor usa uma palavra mais ou menos sinônima, ou apela para um circunlôquio.

Em a *Nota à edição brasileira* de *Escritos* (1998), a equipe editorial publica o agradecimento a todos aqueles que influenciaram na tradução de 1998, dentre eles se encontra o nome de Inês Oseki-Depré. Este registro prova o reconhecimento de Vera Ribeiro ao trabalho pioneiro de Inês Oseki-Depré.

Agradecemos, por sua colaboração, a Elisa Monteiro, Elza Freitas, Inês Autran Dourado Barbosa, **Ines Oseki-Depré**⁸⁹, Jairo Gerbase, Jorge Forbes, Luiz de Souza Dantas Forbes, Marcus André Vieira, Maria Anita Carneiro Ribeiro, Romildo do Rego Barros, Silmia Sobreira, Sonia Alberti, Vera Avellar Ribeiro, Vera Dantas de Souza Motta e

⁸⁹ Grifo nosso.

Vera Pollo; pela transliteração dos termos em grego, agradecemos a Mario da Gama Kury. (*Escritos*, 1998, p. 937).

Das poucas informações disponíveis sobre sua trajetória profissional e seu método tradutório, tem-se que Vera é psicanalista, membro do Campo Freudiano do Brasil e colaboradora da Editora Zahar. Vera Ribeiro traduziu *O Seminário*, livro 5, *As formações do inconsciente* (1999) e *Outros Escritos* (2003). Foi uma das tradutoras para o português das *Obras Completas de Freud* (1970-1980), traduzindo o volume VI *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)* e o volume VII *Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*, *Dicionário de Psicanálise* (1997), de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon. Vera Ribeiro também traduziu obras fora do campo da psicanálise como *A menina que roubava livros* (2007), de Markus Zusak, *A Odisseia Final* (1997), de Arthur C. Clarke, *O Guardião de Memórias* (2007), de Kim Edwards e *O Mundo Pós-Aniversário* (2009), de Lionel Shriver.

Ao constatar que Vera Ribeiro foi uma das tradutoras das *Obras Completas de Freud* (1970-1980), sem sermos exaustivos, realizamos uma pesquisa das traduções *Gesammelte Werke und Schriften* (1899-1939) para a língua inglesa e para a língua francesa na busca de alguma influência tradutológica no original *Écrits* (1966) e na tradução para o português de *Escritos* (1998).

A tradução para o português de *Gesammelte Werke und Schriften* (1899-1939), de Sigmund Freud, foi feita a partir da tradução inglesa *The Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (1953-1974), do tradutor James Strachey. Sobre esse trabalho Souza (2010) observa:

Gerações de psicanalistas se formaram tendo por base o texto de Strachey. Anna Freud chegou a dizer que se tratava de um caso extraordinário em que a versão fazia concorrência ao original. As referências bibliográficas da imensa maioria da produção psicanalítica de língua inglesa, e de boa parte daquela em outras línguas, remetem à *Standard* - que também serviu de modelo para a nova edição castelhana, de texto-base para a *Standard* brasileira, e teve seu aparato editorial reproduzido, no todo ou em parte, na “Edição para estudos”

(*Studienausgabe*) alemã, na edição italiana e na nova edição francesa. (p. 84)

Segundo Souza (2010)⁹⁰, Freud tinha em alta estima a tradução feita por Strachey, e “[...] achava que as traduções deste eram extremamente cuidadosas e fiéis, que não necessitavam de revisão por parte de Jones, podendo ir diretamente para a gráfica”. (p. 90)

Marcamos este fato, pois os termos freudianos da língua inglesa podem ter tido influência nas traduções da obra de Lacan para o português, principalmente porque a tradução de 1998 foi realizada pela tradutora Vera Ribeiro, que traduziu também alguns artigos das *Obras Completas de Freud* como relatado acima.

Por essa razão, podemos afirmar que o convívio próximo de Vera Ribeiro com a língua inglesa pode influenciado o texto de *Escritos* (1998). Berman (2007)⁹¹ afirma que atualmente a “língua-rainha” daqueles que pretendem traduzir para o português é o inglês. O inglês substitui o latim como “língua-rainha”. No dizer de Berman (2007),

Se a escrita literária se estende no horizonte de uma outra língua hierarquicamente superior, ao mesmo tempo origem e duplo ideal da língua materna, a do tradutor se estende no horizonte de uma *terceira* língua que ocupa também a posição de língua-rainha. A primeira permite a escrita na língua materna, a segunda a tradução nela. De onde, talvez, que toda tradução tende a ser polilíngüe, que é essencial para um tradutor traduzir ou viver em *várias* línguas, ser polítradutor. [...] A tradução talvez não seja possível, em uma forma mais elaborada, sem a operação escondida de uma terceira língua que vem *mediatizar* a relação entre duas línguas em contato. Talvez, sem ela, a língua materna na qual se traduz não poderia abrir-se nunca por inteiro a uma outra língua. (p. 106)

⁹⁰ SOUZA, Paulo César de. **As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁹¹ BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o albergue do longíquo**. Tradução Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

Alves (1990) confirma a influência e a imposição da língua inglesa no Brasil. “Contemporaneamente, é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico” (p. 6). Carvalho (1984) lembra que por um período a França exerceu importante influência na vida cultural no Brasil. Atualmente, mesmo tendo espaço para outros idiomas, sofremos brutal influência da cultura norte-americana (EUA).

Segundo Berman (2007),

Para [Assis] Chateaubriand, esta terceira língua mediadora era (como parte da tradição) o *latim*. O papel do latim na tradução ocidental ainda está para ser estudado. Apontarei aqui somente a relação da tradução com uma outra língua diferente da língua para a qual se traduz (materna), esta outra língua sendo ela mesma uma língua-de-tradução, mas entendida como superior em relação à primeira. Esta língua superior, é *a língua rainha na qual se traduz*. Trata-se de uma dimensão complexa, pois a escrita supõe, também, uma outra língua-rainha, que foi o latim durante muito tempo. (p. 105)

As traduções de Freud para a língua francesa ocorreram diretamente do alemão e tiveram início em 1988, sendo concluídas recentemente, em 2015. Este fato é interessante, pois a sociedade intelectual psicanalítica francesa é uma referência aos estudos psicanalíticos no mundo e a tradução das *Oeuvres Complètes* (1988-2015) “dirigida por Jean Laplanche, André Bourguignon e Pierre Cotet, essa é, sem dúvida, a mais ambiciosa tradução das obras de Freud” (SOUZA, 2010, p. 147). A tradução francesa saiu bastante tardiamente em comparação com traduções para outras línguas. Lacan, conhecedor da língua alemã, lê Freud no original e publica sua obra *Écrits* (1966), muito antes das *Oeuvres Complètes* (1988-2015) surgirem na França. Isso o transforma numa referência para as obras de Freud e poderíamos supor certa influência dos termos lacanianos nas *Oeuvres Complètes*. Sobre o assunto, Souza (2010) assinala:

Na França, a fortuna dos escritos de Freud foi inteiramente outra. Nunca houve uma edição uniforme e completa em francês, as traduções foram realizadas por muitas pessoas e lançadas por diferentes editores. Apenas há alguns anos teve início a publicação das *Oeuvres complètes*, de que saí-

ram até o momento [1994] seis volumes. [...] Tem a ambição de ser a mais fiel, a mais bela, a mais bem cuidada edição do mais discutido pensador de nossa época. Para alcançar esse fim, conta com enormes recursos financeiros e mobiliza dezenas de especialistas (não apenas tradutores e editores, mas também germanistas, lexicógrafos e psicanalistas). Tem igualmente a vantagem de aparecer décadas depois da *Standard*, podendo se beneficiar de muita coisa realizada na prática e na teoria da tradução - realizada inclusive por aqueles que nela trabalham: Jean Laplanche, por exemplo, além de ser coautor do *Vocabulário de psicanálise* (1967), fez sua primeira tradução de Freud em 1957. (p. 147)

Segundo Rider (2002)⁹², a psicanálise freudiana no contexto francês foi marcada pela personalidade de Jacques Lacan. Nas palavras de Rider (2002),

En France, l'histoire de la psychanalyse freudienne a été profondément marquée par la personnalité de Jacques Lacan. C'est en particulier le cas des traductions des textes freudiens. Lacan, artiste de la langue, maître du mot d'esprit, génie de la formule inoubliable, avait sous les yeux quelques exemples du supplice chinois que la traduction de l'allemand rendait désormais inexorable. (p. 5)

O psicanalista francês reformulou quase todos os conceitos freudianos, assim como reinterpretou os grandes casos (Herbert Graf-Hans, Ida Bauer, Serguei Constantinovitch Pankejeff, Ernst Lanzer e Daniel Paul Schreber) e acrescentou ao *corpus* psicanalítico sua própria conceitualidade. Como já sabemos, as traduções de *Gesammelte Werke und Schriften* (1899-1939) para a língua francesa foram publicadas na França com certo atraso. Embora não reconhecida por parte da equipe de tradução, a influência de Lacan está presente na tradução da obra de

⁹² RIDER, Jacques Le. Les traducteurs de Freud à l'épreuve de l'étranger. **Éditions Érès**, Toulouse, n. 9, 2002, p. 5 - 14. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-essaim-2002-1-page-5.htm>> Acesso em: 3 ago. 2016.

Freud. Tavares (2012)⁹³ fala sobre a ascendência do psicanalista na tradução para o francês da *Gesammelte Werke und Schriften* (1899-1939).

Fortemente influenciada pela leitura que Jacques Lacan (1901-1981) propõe nos meados do século XX – do que ele chamou de ‘retorno a Freud’, a partir de recursos como a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure – a intelectualidade francófona propôs a necessidade de recuperar em Freud o rigor dos elementos de linguagem, sobrepondo o simbólico ao enfoque médico e positivista dado pelos britânicos e norte-americanos. Diante dessa necessidade surge a tradução dirigida por Jean Laplanche, Pierre Cotet e André Bourguignon, que terá um viés claramente terminológico e conceitual, fortemente influenciado pelas ideias dos intelectuais franceses em voga no período. Essa tradução influenciada pelas apropriações lacanianas da linguística, primará pela ‘fidelidade ao significante’, tornando-se uma tradução ‘terminológica’, sobrepondo o conceitual ao estilo do autor. (p. 144-145)

São esses contatos linguísticos que desenvolvem o conjunto lexical de uma língua. As influências da língua e da cultura francesa e da língua e da cultura norte-americana, pensando na recepção de *Écrits* (1966), alargaram o léxico da língua portuguesa. Como bem aponta Alves (1990), “o léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua”. (p. 72)

Da mesma forma, o léxico da língua portuguesa sofre influência e empréstimos de outras línguas, “empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola e italiana)”. (ALVES, 1990,

⁹³ TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia. In: *TradTerm*. v. 19, 2012, p. 109-126. Disponível em: <<http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

p. 6). Alves (1990) lembra da influência marcante da língua francesa no idioma português:

A influência francesa sobre o léxico português manifesta-se desde o século XVIII e foi muito marcante na primeira metade do século XX, tendo desencadeado, como consequência, uma atitude reacionária por parte de jornalistas, escritores e gramáticos, conhecidos como ‘puristas’, que se insurgiram contra o emprego de tantos francesismos em nosso idioma. (p. 6)

Muitos dos termos psicanalíticos já se encontram no léxico da comunidade em geral. Como é possível observar, por exemplo, nos gibis de Maurício de Sousa destinados ao público infanto-juvenil *Turma da Mônica Jovem*. Os Monstros do Id⁹⁴ é uma das histórias de ficção da revista, contada em cinco partes, em cujo enredo constam os termos psicanalíticos latinos *id*, *ego* e *superego*, o que demonstra a inserção do repertório freudiano na cultura popular.

“[...] A ciência e a técnica não têm pátria [...]”. (CARVALHO, 1984, p. 34), há intercâmbio entre os termos e qualquer descoberta é logo pulverizada no mundo inteiro.

5.1 PROBLEMAS TRADUTÓRIOS EM *ESCRITOS* (1978) E *ESCRITOS* (1998)

Nas primeiras páginas da sua tradução *Escritos* (1978), Inês Oseki-Depré presenteia o leitor com as *Notas da tradutora* (p. 7-9). São dez problemas particulares com os quais a tradutora se confrontou no curso de seu trabalho. Faremos um resumo dos pontos mais importantes citados por ela.

Oseki-Depré (1978) afirma que traduzir *Écrits* (1966) foi um trabalho mais árduo que a tradução “[...] do mais audacioso texto poético de vanguarda” (p. 9). A maior dificuldade da tradutora foi traduzir a metalinguagem de Lacan para a língua-meta, ou seja, traduzir as outras linguagens que constam no texto de Lacan. “A tradução-transformação deve se fazer sem perda de informação (seja no nível semântico-conceitual, seja no nível significante). A metalinguagem na língua-meta

⁹⁴ SOUSA, Maurício de. **Monstros do ID**. Editora Maurício de Sousa: São Paulo, n. 15, 2009.

não deve representar o empobrecimento do texto original – e muito menos uma escolha interpretativa – mas possuir o mesmo *alcance* daquele”. (OSEKI-DEPRÉ, 1978, p. 9)

A dificuldade da metalinguagem, mencionada por Inês, é algo inerente à atividade da tradução e não é uma dificuldade exclusiva daqueles que se propõem a traduzir *Écrits* (1966). Arrivé (1994) afirma que “toda linguagem é metalinguagem” (p. 127) e, no caso da tradução, todas preveem uma língua-meta.

Nos seminários da rue d’Ulm, Lacan tinha como objetivo formar psicanalistas. Por esse motivo, em *Écrits* (1966), ele não separa a teoria da prática. A tradutora vê esse fato como uma dificuldade no exercício da tradução. Nas suas palavras (1978), “a prática se vê incluída no discurso teórico sobre a linguagem pelas ilustrações que esse mesmo discurso em sua forma oferece” (p. 8). Oseki-Depré afirma que encontrou problemas para traduzir as inúmeras criações lexicais (neologismos), a subversão dos textos de Lacan e as reformulações, que, segundo a tradutora, são do mais alto grau. “De *Écrits* a *Escritos*, uma nova transformação linguística, que não se limita à passagem de uma língua à outra (de Sistema a Sistema), mas que a todo momento corre o risco de privilegiar um dos níveis do discurso lacaniano”. (OSEKI-DEPRÉ, 1978, p. 8).

No colóquio *A tradução brasileira dos Escritos de Jacques Lacan: uma libra de carne* (2011), Oseki-Depré afirma que na tradução de *Écrits* (1966) teve como referência teórica *Langage et Psychanalyse, Linguistique et Inconscient* (1994), de Michel Arrivé. Arrivé (1994) afirma que “[...] a linguagem como a qual está estruturado o inconsciente não se confunde com a linguagem tal como a concebem os linguistas”. (p. 96)

Para Arrivé (1994) entre a linguística e a psicanálise existe uma barreira permeável. Inês relata que a porosidade entre estas duas disciplinas foi um dos pontos de dificuldade na tradução de *Écrits* (1966). “A tarefa do tradutor se torna portanto duplamente delicada; o que privilegiar: o discurso sobre a linguagem do inconsciente? ou a linguagem do discurso de Lacan, cujo fito é o de conduzir o leitor através dos meandros de uma forma (forma/fôrma) frequentemente barroca à *verdade* freudiana?” (OSEKI-DEPRÉ, 1978, p. 8).

No mesmo colóquio, Inês Oseki-Depré relata que encontrou obstáculos estilísticos, epistemológicos e interculturais na tradução de *Écrits* (1966).

Desse modo, dois tipos de problemas aparecem com a tradução do texto lacaniano; o primeiro,

que poderíamos chamar de estilístico no sentido definido por Granger (estilo = trabalho, forma e conteúdo), o segundo, científico ou epistemológico (tradução dos conceitos remanejados e renovados na medida em que a psicanálise é apesar de tudo uma prática muito antiga). Uma terceira dificuldade aparece na tradução de Lacan nas línguas como o japonês (a interculturalidade). (OSEKI-DEPRÉ, 2011, p. 5)

Em *Escritos* (1998), há no final um texto chamado *Nota à edição brasileira* (p. 935- 937), em que a tradutora faz alguns comentários a respeito das escolhas tradutológicas, bem como inclui um pequeno “glossário” de termos, cuja tradução foi adotada na versão brasileira dos *Escritos* (1998).

Tributário do inconsciente, o estilo de Lacan traz dificuldades especiais à tradução de seus escritos. Não só por ser particularmente resistente à compreensão, convocando o leitor à decifração, quanto por seu uso particular do poder evocador do cristal da língua francesa e suas referências na cultura. Nesta versão em português, tentou-se ficar o máximo possível próximo do sentido do texto original, sem negligenciar no entanto certo grau de ‘ilegibilidade’ assumido posteriormente pelo próprio autor. (*Escritos*, 1998, p. 935)

Ao final de *Nota à edição brasileira*, a equipe editorial de *Escritos* (1998) demonstra abertura para modificações e aperfeiçoamentos a partir de correções ou melhores soluções propostas pelos leitores em futuras edições. (*Escritos*, 1998)

5.2 O ESTUDO CRÍTICO DAS TRADUÇÕES DE *SUJEITO/SUJET* E SUAS VARIAÇÕES FORMAIS E CONCEITUAIS.

Por meio do Hyperbase, constatamos que em *Écrits* (1966) temos *sujet* com frequência 491 e nas traduções de 1978 e 1998 *sujeito* com frequência 485. A análise do texto nos apresentou as variações do termo *sujet* e *sujeito* em relação a número e gênero. Na língua francesa, temos *sujets* com frequência 58 em *Écrits* (1966); na língua portuguesa *sujeitos* com frequência 56 na tradução de 1978 e 57 na tradução de 1998.

No gênero feminino temos na língua francesa *sujette* hapax; não há registro de entrada de *sujeita* na tradução de 1978 e na tradução de 1998 temos *sujeita* com frequência 2. Não há entrada do léxico *sujettes* em *Écrits* (1966) e nas duas traduções *sujeitas* é hapax. Para esta dissertação, o objetivo é analisar as seis entradas de *sujet* que não foram traduzidas pelo seu equivalente *sujeito*. Deixamos de lado a análise dos outros tantos contextos em que *sujet* foi traduzido por *sujeito*, porém acrescentamos em anexo todas as concordâncias de *sujet* e *sujeito* para que o leitor possa ter acesso às informações.

Tabela 17: Frequência de *sujet* e suas variações formais em *Écrits* (1966)

<i>Écrits</i> (1966)	frequência
<i>Sujet</i>	491(f)
<i>Sujets</i>	58(f)
<i>Sujette</i>	1(f)
<i>Sujettes</i>	0(f)

Tabela 18: Frequência de *sujeito* e suas variações formais em *Escritos* (1978)

<i>Escritos</i> (1978)	frequência
<i>Sujeito</i>	485(f)
<i>Sujeitos</i>	56(f)
<i>Sujeita</i>	0(f)
<i>Sujeitas</i>	1(f)

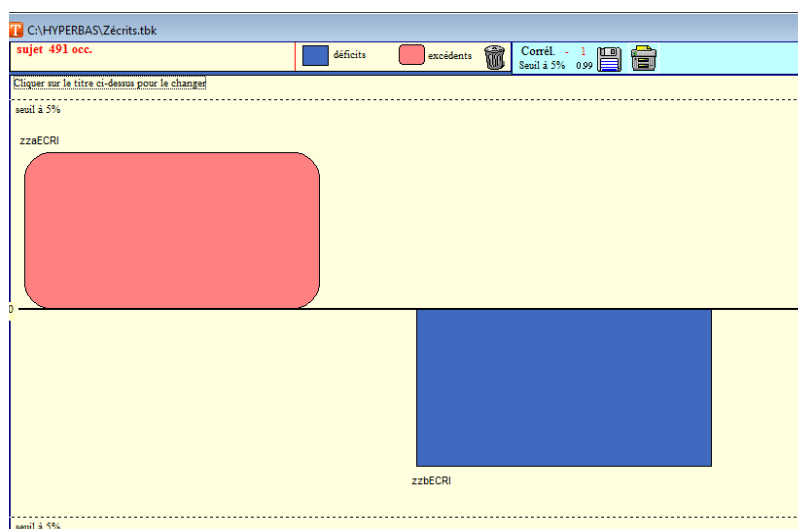
Tabela 19: Frequência de *sujeito* e suas variações formais em *Escritos* (1998)

<i>Escritos</i> (1998)	frequência
<i>Sujeito</i>	485(f)
<i>Sujeitos</i>	57(f)
<i>Sujeita</i>	2(f)
<i>Sujeitas</i>	1(f)

Encontramos nas três obras maior ocorrência de *sujet* e *sujeito* na primeira parte do *corpus*. Lembramos que dividimos os textos do *corpus* em duas partes. Em *Écrits* (1966) na parte *a* temos 279 ocorrências de *sujet* e, na parte *b*, 212 ocorrências. No histograma apresentado a seguir,

é possível visualizar a mais elevada frequência de *sujet* na primeira parte do *corpus*: *Ouverture de ce recueil*; *Le séminaire sur “La Lettre volée*; *Le temps logique et l’assertion de certitude anticipée*; *Intervention sur le transfert*. E é possível visualizarmos frequência inferior de *sujet* na segunda parte do *corpus*: *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*; *Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956*; *L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud*; *La signification du phallus*; *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien*; *Position de l’inconscient*; *Appendice II : La Métaphore du Sujet*.

Figura 24: Histograma da ocorrência do termo *sujet* das partes a e b em *Écrits* (1966)



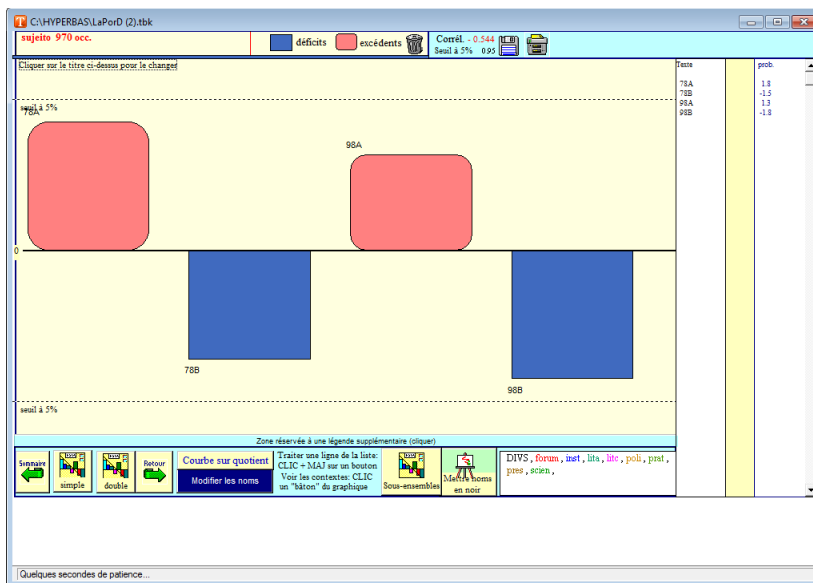
Fonte: Hyperbase 10.0

O Hyperbase representou o mesmo gráfico com *sujeito* nas traduções de 1978 e 1998. Em *Escritos* (1978), na parte *a*, *sujeito* apresenta 279 ocorrências e, na parte *b*, 206 ocorrências. Em *Escritos* (1998) na parte *a* são 278 e na parte *b* 207. Na cor rosa, o gráfico representa maior ocorrência de *sujeito* na primeira parte do *corpus* das duas traduções: *Abertura da Coletânea*; *Seminário Sobre A carta roubada*; *Tempo Lógico e a Asserção de Certeza Antecipada – Um Novo Sofisma*; *Intervenção sobre a Transferência*. E na cor azul, o gráfico representa ocorrência inferior, quando comparada à primeira parte, de *sujeito* na segunda

parte do *corpus* das duas traduções: *Função de Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise; Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista; A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud; A Significação do Falo; Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano; Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964; Apêndice II: A Metáfora do Sujeito.*

Por meio dos gráficos, podemos inferir que nos quatro primeiros capítulos Lacan aborda com mais frequência o termo *sujet* do que nos sete capítulos restantes. Portanto, com os dados de ocorrência que o Hyperbase nos forneceu, exemplificados no histograma, podemos pensar que nos quatro primeiros capítulos *sujet/sujeito* é tematicamente mais forte na parte *a* do *corpus*.

Figura 25: Histograma da ocorrência do termo *sujet* nas subdivisões a e b das traduções (1978 e 1998)



Fonte: Hyperbase 10.0

Conforme Barros (2004), em lexicologia a análise dos signos pode ser feita sob diferentes perspectivas, dependendo do recorte no tempo-espço. A análise das unidades de léxico e dos termos pode ocorrer a partir do ponto de vista sincrônico, diacrônico ou ainda pancrônico;

sintópico ou diatópico, dependendo do recorte da pesquisa. Nesta dissertação, trabalharemos com os vocábulos e termos do ponto de vista sincrônico, pois abordaremos somente as diferenças tradutórias no tempo presente das traduções.

Segundo Barros (2004), quando analisamos os termos de uma língua de especialidade, como é o caso de *sujet/sujeito* da psicanálise lacaniana, os conhecimentos resultantes desses estudos básicos poderão dar sustentação teórica ao trabalho de diversas ciências aplicadas. Para a autora (2004), “[...] é no contexto e no discurso que o termo é investido de valor” (p. 50):

Como signo linguístico das línguas de especialidade, o termo pode ser analisado em seus diferentes aspectos: do ponto de vista do significante e do significado, das relações de sentido que mantém com os outros termos (sinônimos, homônimos etc.), de seu valor sociolinguístico (usos, preferências, conotações, processo de banalização etc.) e outros. (p. 40)

Constatamos uma diferença de seis ocorrências a mais da forma *sujet* em *Écrits* (1966), em relação às traduções (1978 e 1998). Mais adiante, listaremos os seis contextos em que a forma *sujet* foi traduzida por equivalentes diferentes de *sujeito* no português.

Jakobson (2010) afirma que frequentemente não há completa equivalência entre unidades de código entre línguas. Considerando que a língua francesa faz parte do mesmo tronco linguístico da língua portuguesa, as traduções são consideradas interpretações adequadas das unidades de código.

Mais frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. [...] Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes. (JAKOBSON, 2010, p. 82)

Sujet na língua francesa é um equivalente adequado para *sujeito* na língua portuguesa, porém eles não são sinônimos, pois existem algumas situações na língua francesa em que não é permitido o uso de *sujet*, enquanto na língua portuguesa encontramos no cotidiano e também nos dicionários o uso de *sujeito* para designar indivíduo.

A seguir, apresentaremos os seis contextos em que *sujet* não foi traduzido como *sujeito* nas traduções e, mostraremos igualmente, os contextos das variações formais e conceituais quanto ao número e gênero de *sujet* e *sujeito* mencionadas nas tabelas acima. Para realizarmos a comparação entre as traduções (1978 e 1998), optou-se em utilizar a lematização, tendo em vista a margem de erro. Usamos a lematização da obra original em francês, pois este é nosso ponto de referência. Não usufruímos do lematizador do Hyperbase em todos os contextos, porque quando há a lematização as variações formais *sujets/sujette/sujettes* são convertidas para o gênero masculino no singular.

5.2.1 A tradução de *sujet* substantivo para *sujeito* (1978) e sua reformulação para *tema* (1998)

Neste primeiro contexto, de acordo com o lematizador do Hyperbase, o uso de *sujet* é substantivado. Consta no dicionário francês *Trésor de la langue française informatisé* que *sujet* substantivado tem o sentido de *ce qui constitue la matière, le thème ou bien le motif d'une activité ou d'un état*. Usa-se *sujet* na língua francesa como *sujet de débat, de discussion; sujet d'une conférence; d'un discours, d'un exposé*. Já na língua portuguesa, embora seja possível encontrar no dicionário Aurélio o uso de *sujeito* como equivalente para *tema* e *assunto*, é quase impossível encontrar no cotidiano uma frase do tipo *O sujeito da conferência de hoje é Direito Ambiental*. Isso soa estranho para o brasileiro. O mais usual no português é *O assunto da conferência de hoje é Direito ambiental*. A tradução mais adequada para este contexto no português é *tema* e *assunto*. No caso desta tradução e neste contexto, o tradutor deveria usar *sujeito* somente quando este se referir ao *sujeito* específico da psicanálise lacaniana; nos demais contextos, usa-se *assunto* ou *tema*.

Segundo Oseki-Depré (2011), o sujeito lacaniano é um sujeito bem específico: “[...] ele o é na medida em que ‘surge seu desejo’, ‘Sujeito do desejo’, que encontra o ‘desejo do sujeito’ [...]” (p. 13). Nesse caso, concordamos que o significado do léxico *sujeito* é bem diferente do significado do termo psicanalítico.

Quadro 43: Contexto de *sujet*

<p>C'est ainsi que pour démontrer à nos auditeurs ce qui distingue de la relation duelle impliquée dans la notion de projection, une intersubjectivité véritable, nous nous étions déjà servi du raisonnement rapporté par Poe lui-même avec faveur dans l'histoire qui sera le <u>sujet</u> du présent séminaire, comme celui qui guidait un prétendu enfant prodige pour le faire gagner plus qu'à son tour au jeu de pair ou impair.</p>

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 44: Contexto lematizado de *sujet*

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticais convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbo, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

<p>ce_5 être_1 ainsi_6 que_8 pour_9 démontrer_1 à_9 notre_5 auditeur_2 ce_5 qui_5 distinguer_1 de_9 le_7 relation_2 duel_3 impliquer_1 dans_9 le_7 notion_2 de_9 projection_2 , un_7 intersubjectivité_2 véridable_3 , nous_5 nous_5 être_1 déjà_6 servir_1 du_9 raisonnement_2 rapporter_1 par_9 Poe_3 lui_5 - même_6 avec_9 faveur_2 dans_9 le_7 histoire_2 qui_5 être_1 le_7 sujet_2 du_9 présent_3 séminaire_2 , comme_8 celui_5 qui_5 guider_1 un_7 prétendu_3 enfant_2 prodige_2 pour_9 le_5 faire_1 gagner_1 plus_6 que_8 à_9 son_5 tour_2 au_9 jeu_2 de_9 pair_2 ou_8 impair_2.</p>
--

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 45: Contexto de *sujeito*

<p>É assim que para demonstrar a nossos ouvintes o que distingue da relação dual implicada na noção de projeção, uma intersubjetividade verdadeira, tínhamos já nos servido do raciocínio relatado por Poe ele-próprio graciosamente na estória que será o sujeito do presente seminário, como aquele que guiava um pretenso filho pródigo para fazê-lo ganhar mais do que na sua vez no jogo de par ou ímpar.</p>

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 46: Contexto de *tema*

<p>Foi assim que, para demonstrar a nossos ouvintes o que distingue da relação dual implicada na noção de projeção uma verdadeira intersubjetividade, já nos tínhamos servido do raciocínio proveitosamente relatado pelo próprio Poe, na história que será o tema deste seminário, como sendo aquele que guiava um suposto menino prodígio para fazê-lo ganhar com mais freqüência do que é comum no jogo do par ou ímpar.</p>
--

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.2 A tradução de *sujet* na função adjetiva para *assunto* (1978) e sua reformulação para *tema* (1998)

O contexto abaixo que iremos apresentar é o primeiro parágrafo do capítulo *Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956*. Por meio da lematização do Hyperbase recebemos a informação de que *sujet*, neste contexto, é adjetivado na língua francesa, como podemos perceber *sujet* de *notre double sujet* é substantivado, o que indica que a lematização do Hyperbase falhou. Neste caso, a tradução de *sujet* deve ser *assunto* e *tema* como foi interpretado em *Escritos* (1978 e 1998).

Quadro 47: Contexto de *sujet*

<p>Le centenaire de la naissance est rare à célébrer. Il suppose de l'œuvre une continuation de l'homme qui évoque la survie. C'est bien ce dont nous aurons à dénoncer les apparences dans notre double sujet.</p>
--

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 48: Contexto lematizado de *sujet*

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticas convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbe, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

ce_5 être_1 bien_6 ce_5 dont_5 nous_5 avoir_1 à_9 dénoncer_1 le_7 apparence_2 dans_9
notre_5 double_2 **sujet_3**.

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 49: Contexto de *assunto*

É raro celebrar o centenário de um nascimento. Ele supõe da obra uma continuação do homem que evoca a sobrevivência. É bem disso que viremos denunciar as aparências em nosso duplo **assunto**.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 50: Contexto de *tema*

Um centenário de nascimento é algo raro de celebrar. Ele supõe na obra uma continuação do homem que evoca a sobrevivência. É disso mesmo que teremos que denunciar as aparências em nosso **tema** duplo.

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.3 A tradução de *sujet* na função substantiva para *assunto* (1978) e sua reformulação para *tema* (1998)

No contexto a seguir, *sujet* em *Écrits* (1966) tem função substantiva, como mostra a lematização do Hyperbase. Neste caso, a tradução para *assunto* e *tema* é adequada do ponto de vista do léxico português.

Quadro 51: Contexto de *sujet*

Quel concours unanime n'obtiendrait-on pas à collapser psychanalyse et formation pour annoncer l'étude de la situation du psychanalyste ? Et combien édifiant serait-il de la pousser jusqu'aux effets de son style de vie ? Nous ne ferons que toucher un instant à sa relation au monde, pour introduire notre **sujet**.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 52: Contexto lematizado de *sujet* lematizado

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticas convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbe, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

nous_5 ne_6 faire_1 que_8 toucher_1un_7 instant_2 à_9 son_5 relation_2 au_9 monde_2,
pour_9 introduire_1 notre_5 **sujet_2**.

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 53: Contexto de *assunto*

Que a afluência unânime não se obteria ao colapsarmos psicanálise e formação para anunciar o estudo da situação do psicanalista? E quão edificante seria impeli-la até os efeitos de seu estilo de vida? Não faremos mais do que tocar um instante em sua relação com o mundo, para introduzirmos nosso **assunto**.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 54: Contexto de *tema*

Que afluência unânime não se obteria ao colapsar psicanálise e formação para anunciar o estudo da situação do psicanalista! E quão edificante seria estendê-lo até os efeitos de seu estilo de vida! Tocaremos tão-somente por um instante em sua relação com o mundo, para introduzir nosso *tema*.

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.4 A tradução de *sujet* para *assunto* (1978 e 1998)

Para tentar compreender o sentido de *sujet* no contexto abaixo, buscamos no texto de *Écrits* (1966) o parágrafo anterior a esse contexto. Lacan menciona ali o debate entre Hélène Deutsch, Karen Horney e Ernest Jones⁹⁵ (ver nota de rodapé). O psicanalista faz um resumo do debate dos três intelectuais e, na sequência, desenvolve as argumentações de Ernest Jones. O *sujet* mencionado por Lacan refere-se ao assunto que Jones vem desenvolvendo. Diante disso, considerando que o Hyperbase lematizou *sujet* como substantivo, neste contexto, *assunto* é uma tradução apropriada para *sujet*.

Quadro 55: Contexto de *sujet*

La succession des trois articles que ce dernier a consacrés au *sujet*, est spécialement suggestive : ne serait-ce que de la visée première sur laquelle il bâtit et que signale le terme par lui forgé d'aphanisis.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 56: Contexto lematizado de *sujet*

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticas convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbe, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection.

le_7 succession_2 du_9 trois_4 article_2 que_8 ce_5 dernier_3 avoir_1 consacrer_1 au_9 **su-
jet_2**, être_1 spécialement_6 suggestif_3: ne_6 être_1-ce_5 que_5 de_9 le_7 visée_2 premier_4 sur_9
lequel_5 il_5 bâtit_1 et_8 que_8 signaler_1 le_7 terme_2 par_9 lui_5 forger_1 de_9 aphanisis_2.

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 57: Contexto de *assunto*

A sucessão dos três artigos que este último consagrou ao *assunto* é especialmente sugestiva: pelo menos pela mira primeira sobre a qual ele constrói e que é indicada pelo termo *aphanisis* por ele forjado.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 58: Contexto de *assunto*

A sucessão dos três artigos que este último consagrou ao *assunto* é especialmente sugestiva, nem que seja pela visada primordial sobre a qual elaborou, e que marca o termo *aphanisis* por ele forjado.

Fonte: *Escritos* (1998)

⁹⁵A seulement en résumer le débat, on ne pourrait qu'altérer la diversité authentique des positions prises par une Hélène Deutsch, une Karen Horney, un Ernest Jones, pour nous limiter aux plus éminents. (*Écrits*, 1966, p. 687).

5.2.5 A tradução de *sujet* para *tema* (1978 e 1998)

No quinto contexto, o *sujet* de Lacan refere-se à teoria, conhecimento, doutrina e ensino. As tradutoras traduzem *sujet* por *tema* que tem como definição, segundo o Aurélio, o sentido de *proposição*.

Quadro 59: Contexto de *sujet*

Car le manque théorique que nous pointons dans la doctrine, nous met au défaut de l'enseignement, qui réciproquement en répond. Soit au deuxième *sujet* de notre propos où nous sommes passés depuis un moment.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 60: Contexto lematizado de *sujet*

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticas convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbo, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

soit_8 au_9 deuxième_4 *sujet*_2 de_9 notre_5 propos_2 où_5 nous_5 être_1 passer_1 depuis_9 un_7 moment_2.

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 61: Contexto de *sujet*

Pois a ausência teórica que apontamos na doutrina, nos põe em discordância com o ensino, que reciprocamente a isso responde. Ou seja no segundo *tema* de nosso trabalho para o qual passamos desde há pouco.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 62: Contexto de *tema*

Pois o erro teórico que apontamos na doutrina coloca-nos na falha do ensino, que lhe corresponde reciprocamente. Ou seja, no segundo *tema* de nossa formulação, no qual entramos há pouco.

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.6 A tradução de *sujet* para *assunto* (1978) e *sujeito* (1998)

No contexto lematizado abaixo, *sujet* apresenta função substantiva. A tradutora de 1978 traduziu corretamente o termo por *assunto*; já a tradutora de 1998 traduziu por *sujeito*, que a nosso ver foi uma interpretação inadequada, pois não se trata do *sujeito* específico da psicanálise.

Quadro 63: Contexto de *sujet*

Le résumer ainsi a l'intérêt de nous présenter une médiation aisée pour situer le *sujet* : d'un rapport au savoir.

Fonte: *Écrits* (1966)

 Quadro 64: Contexto lematizado de *sujet* em *Écrits* (1966)

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticais convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbe, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

le_5 résumer_1 ainsi_8 avoir_1 le_7 intérêt_2 de_9 nous_5 présenter_1 un_7 médiation_2 ai_sé_3 pour_9 situer_1 le_7 **sujet_2**: de_9 un_7 rapport_2 au_9 savoir_2.

Fonte: Hyperbase 10.0

 Quadro 65: Contexto de *assunto*

Resumi-lo assim tem o interesse de nos apresentar uma mediação cômoda para situar o **assunto**: por uma relação com o saber.

Fonte: *Escritos* (1978)

 Quadro 66: Contexto de *sujeito*

Resumi-lo, assim, tem o interesse de nos apresentar uma mediação fácil para situar o **sujeito**: por uma relação com o saber.

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.7 A tradução de *sujet* para *sujeito* (1978) e *assunto* (1998)

Indagamo-nos em relação a um contexto das traduções. Considerando que a frequência da forma *sujeito* em ambas as traduções é 485 (f), que no contexto demonstrado acima *sujet* foi traduzido por *assunto* em 1978 e por *sujeito* em 1998, diremos que, pela lógica, existe algum outro contexto em que *sujet* foi traduzido por *sujeito* em 1978 e por outro equivalente em 1998. Nesse caso, encontramos o referido contexto que apresentaremos a seguir. Neste contexto, a lematização de *sujet* tem função substantiva e tem o sentido de *assunto* como demonstra a tradução de 1998.

 Quadro 67: Contexto de *sujet*

A suivre en effet le procès des sept premières séances qui nous sont intégralement rapportées du cas de l'homme aux rats il paraît peu probable que Freud n'ait pas reconnu les résistances en leur lieu soit là même où nos modernes techniciens nous font leçon qu'il en ait laissé passer l'occurrence puisque c'est son texte même qui leur permet de les pointer manifestant une fois de plus cette exhaustion du **sujet** qui dans les textes freudiens nous émerveille sans qu'aucune interprétation en ait encore épuisé les ressources.

Fonte: *Écrits* (1966)

 Quadro 68: Contexto lematizado de *sujet* em *Écrits* (1966).

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticais convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbe, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

à_9 suivre_1, en_9 effet_2, le_7 procès_2 du_9 sept_4 premier_4 séance_2 qui_5 nous_5 être_1 intégralement_6 rapporter_1 du_9 cas_2 de_9 le_7 homme_2 au_9 rat_2, il_5 paraître_1 peu_6 probable_3 que_8 Freud_2 ne_6 avoir_1 pas_6 reconnaître_1 le_7 résistance_2 en_9 leur_5 lieu_2, soit_8 là_6 -même_6 où_6 notre_5 moderne_3 technicien_2 nous_5 faire_1 leçon_2 que_5 il_5 en_5 avoir_1 laisser_1 passer_1 le_7 occurrence_2, puisque_8 ce_5 être_1 son_5 texte_2 même_3 qui_5 lui_5 permettre_1 de_9 le_7 pointer_2, - manifester_1 un_7 fois_2 de_9 plus_6 ce_5 exhaustion_2 du_9 **sujet_2** qui_5, dans_9 le_7 texte_2 freudien_3, nous_5 émerveiller_1 sans_9 que_8 aucun_5 interprétation_2 en_5 avoir_1 encore_6 épuiser_1 le_7 ressource_2.

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 69: Contexto de *sujeito* em *Escritos* (1978)

Ao seguir como efeito o processo das sete primeiras sessões que nos são integralmente narradas do caso do homem dos ratos parece pouco provável que Freud não tenha reconhecido as resistências em seu lugar ou seja lá mesmo onde nossos modernos técnicos nos ensinam que ele tenha deixado passar a ocorrência visto que é seu texto mesmo que lhes permite apontá-los manifestando uma vez mais essa exaustão do *sujeito* que nos textos freudianos nos maravilha sem que qualquer interpretação tenha ainda esgotado os recursos.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 70: Contexto de *assunto*

Com efeito acompanhando o processo das primeiras sete sessões que nos são integralmente narradas no caso do Homem dos Ratos parece pouco provável que Freud não tenha reconhecido as resistências instauradas nelas isto é ali mesmo onde nossos técnicos modernos nos dão a lição de que Freud deixou passar a ocasião uma vez que é seu próprio texto que lhes permite apontá-las manifestando mais uma vez o esgotamento do *assunto* que nos deslumbra nos textos freudianos sem que nenhuma interpretação haja ainda esgotado seus recursos.

Fonte: *Escritos* (1998)

Nos sete contextos analisados, em que encontramos as diferenças tradutórias de *sujet*, somente uma vez aparece o *sujet* adjetivado. Neste caso, *sujet*, com sentido de submetido, foi traduzido por *assunto* em 1978 e *tema* em 1998. Nos demais contextos, aparece *sujet* na função substantiva, com sentido de *assunto* e *tema*; estes foram traduzidos como tal ou mantidos como *sujeito* o que não estaria inadequado, como já demonstramos; porém, seu uso é pouco comum e inesperado para os brasileiros.

5.2.8 As traduções de *sujets* para *submetidos* (1978 e 1998), *temas* (1978) e *sujeitos* (1998)

Sujet tem suas variações. Dependendo do contexto, é possível encontrar *sujets* e *sujeitos* no plural nas duas traduções. Por meio do Hyperbase, verificamos que em *Écrits* (1966) a frequência de *sujets* é 58. Na tradução de 1978, *sujeitos* tem frequência 56 e na tradução de 1998 *sujeitos* tem frequência 57. Analisaremos os dois *sujets* que não foram traduzidos por *sujeitos* nas obras em português. Lembramos que estamos analisando uma pequena quantidade de contextos, somente as diferenças tradutórias; os demais contextos de *sujets/sujeitos* estarão à disposição do leitor nos anexos desta dissertação. A lematização do Hyperbase acusou que *sujet* no contexto abaixo tem função substantiva. No entanto, consideramos que, da maneira como se apresenta, fazendo referência ao pronome *ils* e seguido de verbo, não caberia a função substantiva, ou seja, o lematizador do Hyperbase deu um resultado equivocado, *sujet* neste caso tem função adjetiva. Em relação ao original, são

duas as diferenças para a tradução de 1978 e uma para a tradução de 1998.

Quadro 71: Contexto de *sujets*

Ce caractère est en tout cas incommensurable avec aucun des effets connus en psychologie authentiquement expérimentale, et qui, quels que soient les délais ou retards à quoi ils soient *sujets*, viennent comme toute réaction vitale à s'amortir et à s'éteindre.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 72: Contexto lematizado de *sujet* em *Écrits* (1966)

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticas convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbo, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numeral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection

ce_5 caractère_2 être_1 en_9 tout_5 cas_2 incommensurable_3 avec_9 aucun_5 du_9 effet_2 connaître_1 en_9 psychologie_2 authentiquement_6 expérimental_3, et_8 qui_5, quel_5 que_8 être_1 le_7 délai_2 ou_8 retard_2 à_9 quoi_5 il_5 être_1 *sujet_2*, venir_1 comme_6 tout_5 réaction_2 vital_3 à_9 se_5 amortir_1 et_8 à_9 se_5 éteindre_1.

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 73: Contexto de *submetidos*

Esse caráter é, em todo caso, incomensurável com qualquer dos efeitos conhecidos em psicologia autenticamente experimental, e que, quaisquer que sejam os prazos ou atrasos a que sejam *submetidos*, vêm como toda reação vital a se amortecer e a se extinguir.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 74: Contexto de *submetidos*

Esse caráter, em todo caso, e incomensurável com qualquer dos efeitos conhecidos na psicologia autenticamente experimental, e que, sejam quais forem as demoras ou atrasos a que sejam *submetidos*, acabam, como qualquer reação vital, por se amortecer e se extinguir.

Fonte: *Escritos* (1998)

No contexto abaixo, *sujets* tem função substantiva. No parágrafo acima deste contexto, em *Écrits* (1966), Lacan discursa para seus alunos sobre a temática *règle et certitude*⁹⁶ (ver nota de rodapé). Pelo fato de se tratar de um discurso, a lematização do Hyperbase acusa *sujets* como um nome substantivo. A tradutora de 1978 o traduz por *temas* e a tradutora de 1998 o traduziu por *sujeitos* o que, convenhamos, ficou um tanto bizarro. Além de estranho, *sujeitos* na tradução de 1998 pode levar o leitor ao entendimento equivocado da sentença dando a entender que *autonomia dos sujeitos* é o *sujeito* específico da psicanálise. Neste último quadro, mostramos o contexto de *sujeitos*, termo que a tradutora de

⁹⁶ Puisque ses auditeurs étaient ces étudiants qui attendent de nous la parole, c'est avant tout à leur adresse qu'il a fomenté son discours, et pour renoncer à leur endroit aux règles qui s'observent entre augures de mimer la rigueur par la minutie et de confondre *règle et certitude*. (*Écrits*, 1966, p. 238)

1998 escolheu usar no lugar de *temas* ou *assuntos* totalizando na diferença de frequência das traduções. Contribuindo assim para acentuar a diferença da frequência no total de vocábulos presentes nas traduções.

Quadro 75: Contexto de *sujets*

Dans le conflit en effet qui les avait menés à la présente issue, on avait fait preuve quant à leur autonomie de *sujets*, d'une méconnaissance si exorbitante, que l'exigence première en ressortait d'une réaction contre le ton permanent qui avait permis cet excès.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 76: Contexto lematizado de *sujets* em *Écrits* (1966)

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticas convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbo, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection.

dans_9 le_7 conflit_2 en_9 effet_2 qui_5 le_5 avoir_1 mener_1 à_9 le_7 présent_3 issue_2, on_5 avoir_1 faire_1 preuve_2 quant_9 à_9 leur_5 autonomie_2 de_9 **sujet_2**, de_9 un_7 méconnaissance_2 si_6

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 77: Contexto de *temas*

No conflito, com efeito, que os conduzirá à presente saída, comprovara-se quanto à autonomia de *temas*, um desconhecimento tão exorbitante, que a exigência primeira advinha de uma reação contra o tom permanente que tinha permitido esse excesso.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 78: Contexto de *sujeitos*

No conflito, com efeito, que os levara ao atual desfecho, tinham-se dado mostras, quanto à sua autonomia de *sujeitos*, de um desconhecimento tão exorbitante que a exigência primordial advinha de uma reação contra o tom permanente que permitira esse excesso.

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.9 As traduções de *sujette e soumise* para *súdita* (1978 e 1998), *submetida* (1978) e *sujeita* (1998)

Em *sujette* temos frequência hapax em *Écrits* (1966), em *Escritos* (1978) frequência nula e em *Escritos* (1998) frequência 2. Demonstramos os contextos de *sujette* que não foram traduzidas por *sujeita*. No quadro abaixo, *sujette* foi traduzida por *submetida* em português. No entanto, a lematização do Hyperbase não contribuirá para a análise desta forma, pois, quando ocorre a lematização, o programa transforma as palavras em masculino, singular e infinitivo, quando verbo. *Sujette* é um termo com função adjetiva neste contexto, o que torna perfeitamente possível que seu equivalente de variação conceitual seja *submissa*, *súdita*, *submetida*. Como demonstrado abaixo:

Quadro 79: Contexto de *sujette*

Or ces termes, loin de tolérer l'accent décrié qu'ils ont dans la comédie bourgeoise, prennent un sens éminent de désigner son souverain, à qui la lie la foi jurée, et de façon redoublée puisque sa position de conjointe ne la relève pas de son devoir de *sujette*, mais bien l'élève à la garde de ce que la royauté selon la loi incarne du pouvoir : et qui s'appelle la légitimité.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 80: Contexto lematizado de *sujette* em *Écrits* (1966)

Os números ao lado das palavras referem-se as classes gramaticais convencionadas e distribuídas da seguinte forma: 1 verbo, 2 substantif, 3 adjectif, 4 numéral, 5 pronom, 6 adverbe, 7 déterminant, 8 conjonction, 9 préposition e 0 interjection.

or_2 ce_5 terme_2, loin_6 de_9 tolérer_1 le_7 accent_2 décrié_1 que_8 il_5 avoir_1 dans_9 le_7 comédie_2 bourgeois_3, prendre_1 un_7 sens_2 éminent_3 de_9 désigner_1 son_5 souverain_2, à_9 qui_5 la_5 lier_1 le_7 foi_2 juré_3, et_8 de_9 façon_2 redoubler_1 puisque_8 son_5 position_2 de_9 conjoint_3 ne_6 la_5 relever_1 pas_6 de_9 son_5 devoir_2 de_9 **sujet_2**, mais_8

Fonte: Hyperbase 10.0

Quadro 81: Contexto de *súdita*

Ora, esses termos, longe de tolerarem o acento depreciado que têm na comédia burguesa, tomam um sentido eminente de designar seu soberano, a quem a liga a fé jurada, e de maneira redobrada, visto que sua posição de cônjuge não a libera de seu dever de *súdita* mas ao contrário a eleva à vigilância daquilo que a realza, segundo a lei, encarna de poder: e que se chama legitimidade.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 82: Contexto de *súdita*

Ora, esses termos, longe de tolerar o toque de depreciação que têm na comédia burguesa, assumem o sentido eminente de designar seu soberano, a quem a liga seu juramento de fidelidade, e de maneira redobrada, já que sua posição de cônjuge não a exime de seu dever de *súdita*, mas antes a eleva à guarda daquilo que a realza, segundo a lei, encarna do poder: e que se chama legitimidade.

Fonte: *Escritos* (1998)

Ao buscar os pares de equivalentes, deparamo-nos com o vocábulo francês *soumise*. Segundo o dicionário francês *Trésor de la langue française informatisé*, *soumise*, na posição adjetiva, é *qui est sans autorité, dominé, dépendant*. *Sujette* e *soumise* são bons equivalentes na língua francesa. Já no dicionário *Aurélio* encontramos a definição de *submissão*: “substantivo feminino. Ato ou efeito de submeter-se a uma autoridade, a uma lei”. *Soumise* é um verbo francês cujo infinitivo é *soumettre*. Dessa maneira, *submissa* e *sujeita* são equivalentes adequados à tradução de *soumise*.

Quadro 83: Contexto de *soumise*

L'homme parle donc, mais c'est parce que le symbole l'a fait homme. Si en effet des dons surabondants accueillent l'étranger qui s'est fait connaître, la vie des groupes naturels qui constituent la communauté est *soumise* aux règles de l'alliance, ordonnant le sens dans lequel s'opère l'échange des femmes, et aux prestations réciproques que l'alliance détermine : comme le dit le proverbe Sironga, un parent par alliance est une cuisse d'éléphant.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 84: Contexto de *submetida*

O homem fala então, mas é porque o símbolo o fez homem. Se com efeito dons superabundantes acolhem o estrangeiro que se fez conhecer, a vida dos grupos naturais que constituem a comunidade é *submetida* às regras da aliança, ordenando o sentido no qual se opera a troca das mulheres, e às prestações recíprocas que a aliança determina: como o diz o provérbio Sironga, um parente por aliança é uma perna de elefante.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 85: Contexto de *sujeita*

O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem. Se, com efeito, dons superabundantes acolhem o estrangeiro que se deu a conhecer, a vida dos grupos naturais que constituem a comunidade está *sujeita* às regras da aliança, as quais ordenam o sentido em que se efetua a troca das mulheres, e aos préstimos recíprocos que a aliança determina: como diz o provérbio sironga, um parente por aliança é uma coxa de elefante.

Fonte: *Escritos* (1998)

Quadro 86: Contexto de *soumise*

Ce mode de multiplication n'est pas sans trouver dans la situation des affinités favorables. Car n'oublions pas que l'entrée dans la communauté est *soumise* à la condition de la psychanalyse didactique, et il y a bien quelque raison pour que ce soit dans le cercle des didacticiens que la théorie qui fait de l'identification au moi de l'analyste la fin de l'analyse, ait vu le jour.

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 87: Contexto de *submetida*

Esse modo de multiplicação não vai sem encontrar na situação afinidades favoráveis. Pois não esqueçamos que a entrada na comunidade é *submetida* à condição da psicanálise didática, e há bem alguma razão para que seja no círculo dos didáticos que a teoria que faz da identificação com o Ego do analista o fim da análise, tenha sido dada à luz.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 88: Contexto de *sujeita*

Esse modo de multiplicação não deixa de encontrar nessa situação afinidades favoráveis. Pois não nos esqueçamos de que a entrada na comunidade está *sujeita* à condição da análise didática, e há mesmo uma certa razão para que tenha sido no círculo dos didatas que veio à luz a teoria que faz da identificação com o *eu* do analista a finalidade da análise. (*Escritos*, 1998)

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.10 As traduções de *assujettis* para *sujeitas* (1978 e 1998)

Outra variação formal de *sujet* adjetivado é *sujettes*. Em *Écrits* (1966) encontramos frequência nula para *sujettes*, na tradução de *Escritos* (1978 e 1998) *sujeitas* é hapax em ambas as traduções. Nas nossas pesquisas, vimos que *assujettis* é uma derivação de *sujet*. No dicionário francês *TLFI*, *assujettis* são *personnes soumises à un impôt, affiliées à un régime de sécurité sociale. Imposer quelque chose soit en obligeant ou en contraignant, soit simplement en assurant l'immobilité et la stabilité de l'objet*. No dicionário *Aurélio*, não há entrada para o verbete,

porém no dicionário *Priberam*⁹⁷ *assujeitar* é o mesmo que *sujeitar*. Na lematização do Hyperbase *assujettis* é o verbo *assujettir*. Neste contexto, Lacan se refere a uma posição de necessidade imposta àquele que demanda algo para alguém. Traduzir *assujettis* por *sujeitas* foi uma tradução adequada a nosso ver.

Quadro 89: Contexto de *assujettis*

Examinons dès lors les effets de cette présence. Ils sont d'abord d'une déviation des besoins de l'homme du fait qu'il parle, en ce sens qu'aussi loin que ses besoins sont *assujettis* à la demande, ils lui reviennent aliénés. Ceci n'est pas l'effet de sa dépendance réelle (qu'on ne croie pas retrouver là cette conception parasite qu'est la notion de dépendance dans la théorie de la névrose), - mais bien de la mise en forme signifiante comme telle et de ce que c'est du lieu de l'Autre qu'est émis son message. (*Écrits*, 1966)

Fonte: *Écrits* (1966)

Quadro 90: Contexto de *sujeitas*

Examinemos agora os efeitos dessa presença. Eles são primeiramente de um desvio das necessidades do homem pelo fato de que ele fala, no sentido em que, por mais longe que suas necessidades sejam *sujeitas* à demanda, elas a ele voltam alienadas. Isso não é o efeito de sua dependência real (e não pensem reencontrar aí a concepção parasita que é a noção de dependência na teoria da neurose), - mas é precisamente do enformar significante como tal e do que é o lugar no Outro que sua mensagem é emitida.

Fonte: *Escritos* (1978)

Quadro 91: Contexto de *sujeitas*

Examinemos, portanto, os efeitos dessa presença. Eles são, para começar, os de um desvio das necessidades do homem pelo fato de ele falar, no sentido de que, por mais que suas necessidades estejam *sujeitas* à demanda, elas lhe retornam alienadas. Isso não é efeito de sua dependência real (que não se suponha reencontrar aí a concepção parasita que é a noção de dependência na teoria da neurose), mas da configuração significante como tal e de ser do lugar do Outro que sua mensagem é emitida. (*Escritos*, 1998)

Fonte: *Escritos* (1998)

5.2.11 O grafo de Luong de *sujet* (1966) e *sujeito* (1978 e 1998) e as conexões lexicais

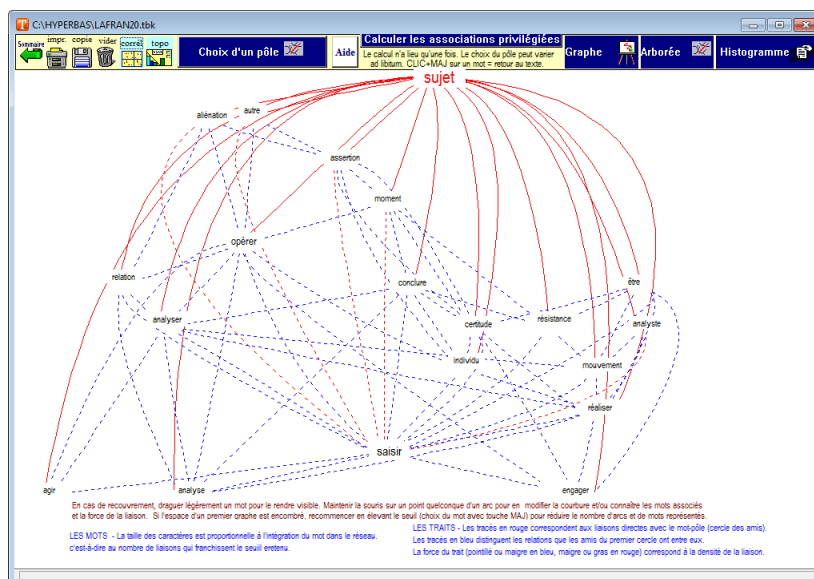
O chamado grafo em constelação de *sujet/sujeito* nos mostra o universo lexical das formas e suas conexões dentro do *corpus* pesquisado. A forma *sujet* em *Écrits* (1966) mantém relações com outras formas que estão interligadas, da mesma forma que *sujeito* em *Escritos* (1978 e 1998) mantém relações mais ou menos próximas com outras formas. Estas relações são representadas pelo traçado vermelho e azul. São dois tipos de relações lexicais: o traço na cor vermelha mostra as relações da forma *sujet* e o traço na cor azul mostra as relações entre as formas que

⁹⁷ DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). 2008. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

estão relacionadas a forma *sujet*. Quanto mais grosso for o traço mais forte é o relacionamento entre as formas.

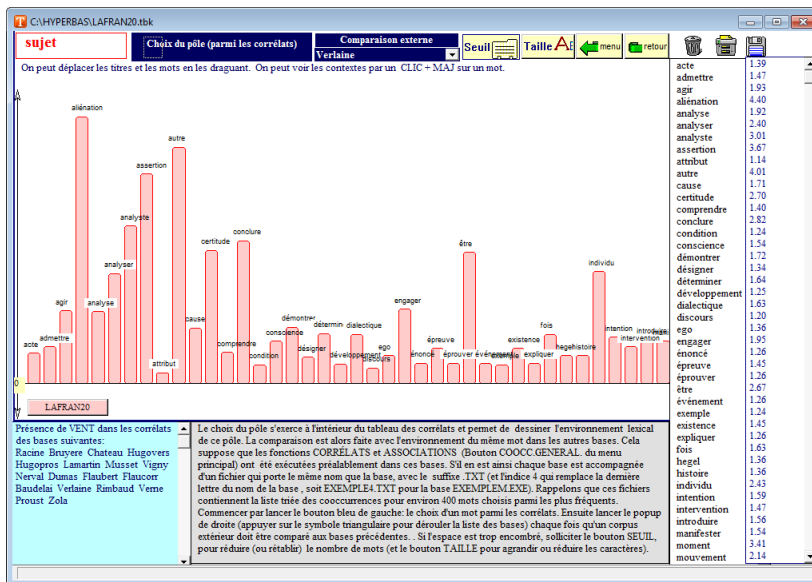
O grafo de *sujet* em *Écrits* (1966) nos mostra a forte relação de *sujet* com *autre*, *aliénation*, *assertion*, *relation*, *moment*, *conclure*, *certitude*, *individu*, *résistance*, *mouvement*, *opérer*, *être*, *analyste*, *analyser*, *analyse*, *agir*, *engager*, *réaliser* e *saisir*. É possível averiguarmos que *saisir* é um ponto de referência entre as conexões lexicais de *sujet* e tem relação com todas as formas que se relacionam a *sujet*. Segundo o dicionário francês TLFJ *saisir* significa *prendre quelqu'un/quelque chose vivement*. Observa-se no grafo, a relação entre *sujet* com uma outra forma e a finalização em *saisir*, como demonstramos agora: *sujet-moment-saisir*, *sujet-autre-saisir*, *sujet-aliénation-saisir*, *sujet-assertion-saisir* e *sujet-analyste-saisir*.

Figura 26: Grafo da forma *sujet* em *Écrits* (1966)



Fonte: Hyperbase 10.0

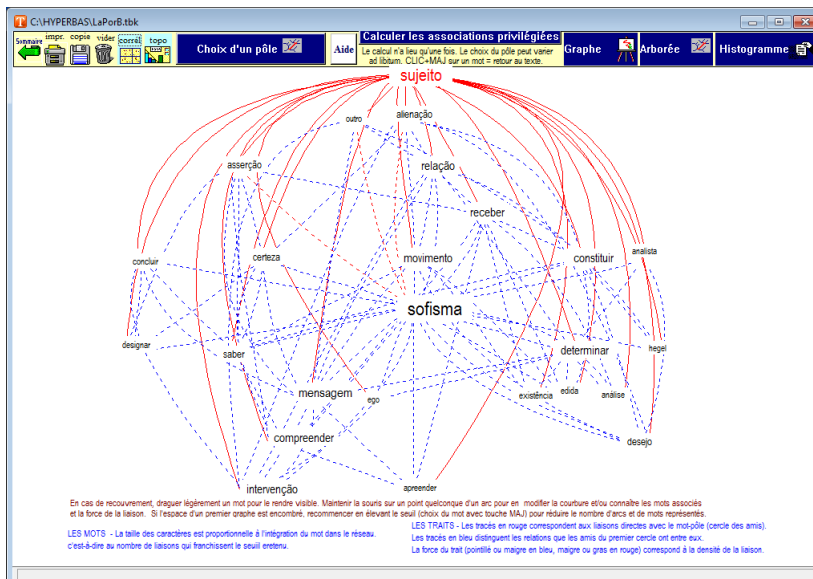
O Hyperbase disponibiliza ao usuário as informações contidas no grafo na opção barra. Por meio do histograma, podemos demonstrar a relação das três formas *aliénation*, *autre* e *assertion* com *sujet* em *Écrits* (1966). Formas estas que tem relação com o conceito específico de *sujet* na teoria da psicanálise lacaniana.

Figura 27: Conexão lexical de *sujeito* em *Écrits* (1966)

Fonte: Hyperbase 10.0

O grafo de *sujeito* na tradução de 1978 indica uma forte relação de *sujeito* com *concluir*, *designar*, *asserção*, *intervenção*, *saber*, *certeza*, *compreender*, *mensagem*, *ego*, *outro*, *alienação*, *movimento*, *relação*, *receber*, *apreender*, *determinar*, *existência*, *análise*, *constituir*, *analista*, *Hegel*, *medida*, *desejo* e *sofisma*. Averiguamos que *sofisma* é um ponto de referência entre as conexões lexicais de *sujeito* e tem relação com todas as formas que se relacionam a *sujeito* na tradução de 1978. Segundo o dicionário da língua portuguesa *Priberam*, *sofisma* significa *argumento capcioso com que se pretende enganar ou fazer calar o adversário*. Por meio do grafo, observa-se a relação entre *sujeito-asserção-sofisma*, *sujeito-outro-sofisma*, *sujeito-alienação-sofisma*.

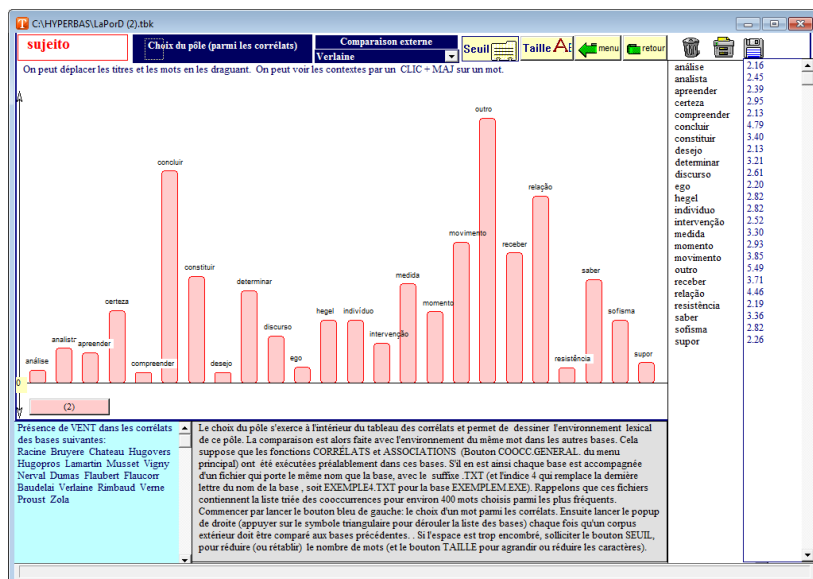
Figura 28: Grafo da forma sujeito em Escritos (1978)



Fonte: Hyperbase 10.0

Por meio do histograma abaixo, podemos demonstrar a relação das três formas *outra*, *alienação*, *asserção* com *sujeito* em *Escritos* (1978). *Alienação* e *outra* são formas que estão fortemente relacionadas a denominação do termo *sujeito* da psicanálise.

Figura 29: Conexão lexical de sujeito em Escritos (1978)

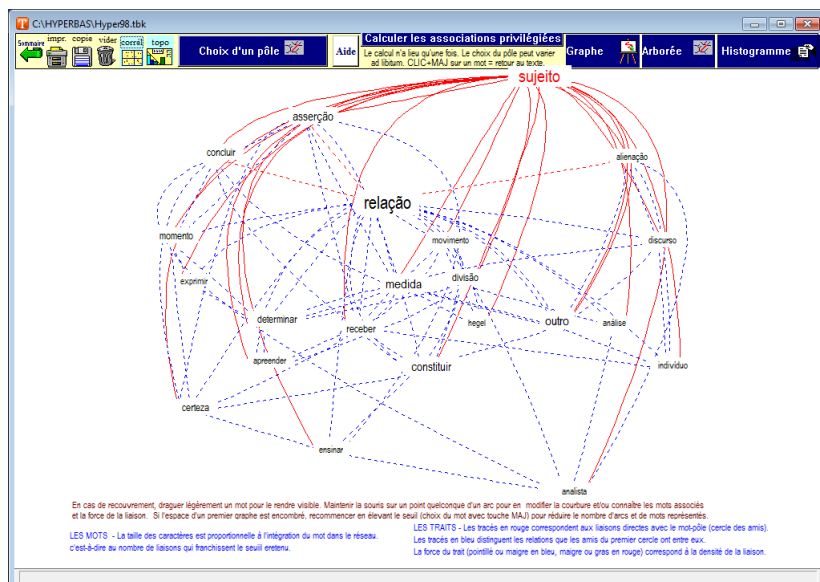


Fonte: Hyperbase 10.0

Sujeito na tradução de 1998 está firmemente relacionado com *concluir*, *asserção*, *alienação*, *momento*, *certeza*, *expressar*, *apreender*, *determinar*, *ensinar*, *receber*, *medida*, *movimento*, *divisão*, *constituir*, *Hegel*, *outro*, *análise*, *discurso*, *indivíduo*, *relação* e *analista*.

É possível averiguarmos que em *Escritos* (1998) *sujeito* tem um especial vínculo com a forma *relação* que se relaciona com outras formas do discurso de *Escritos* (1998). O grafo abaixo exhibe que *relação* tem relacionamento direto com *sujeito-concluir-relação*, *sujeito-asserção-relação*, *sujeito-alienação-relação*.

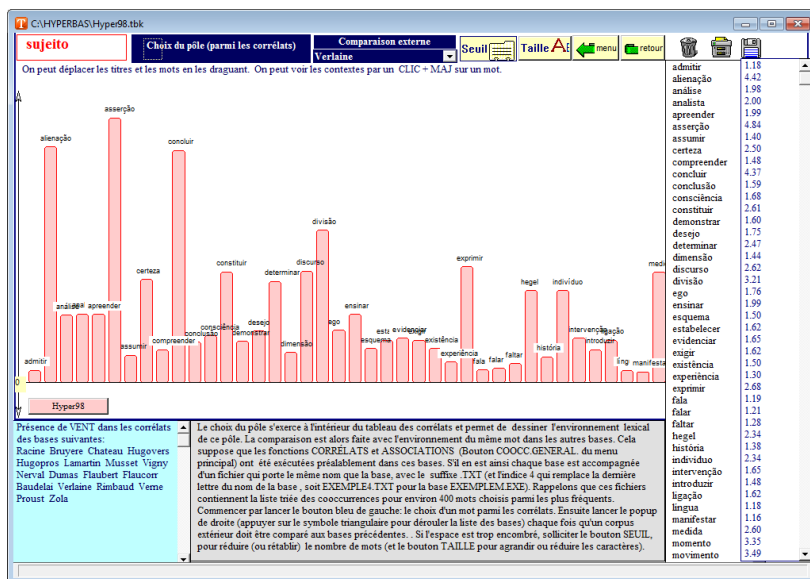
Figura 30: Grafo de sujeito em Escritos (1998)



Fonte: Hyperbase 10.0

Salientamos que as palavras consideradas pontos de conexão nas três obras têm significados diferentes. Segundo o dicionário francês TLFi *saisir* (1966) significa *prendre quelqu'un/quelque chose vivement*. No dicionário da língua portuguesa *Priberam* encontramos *sofisma* (1978) com significado de *argumento capcioso com que se pretende enganar ou fazer calar o adversário* e *relação* (1998) que seria *analogia entre factos ou discursos = conexão*. Diante disso, nos perguntamos se as conexões de *sujet-alienation-saisir* são as mesmas conexões da tradução de 1978 *sujeito-alienação-sofisma* e *sujeito-alienação-relação* da tradução de 1998. Supomos que não são as mesmas, pois a formas *sofisma*, *relação* e *saisir* não são as mesmas.

Figura 31: Conexão lexical de sujeito em Escritos (1998)

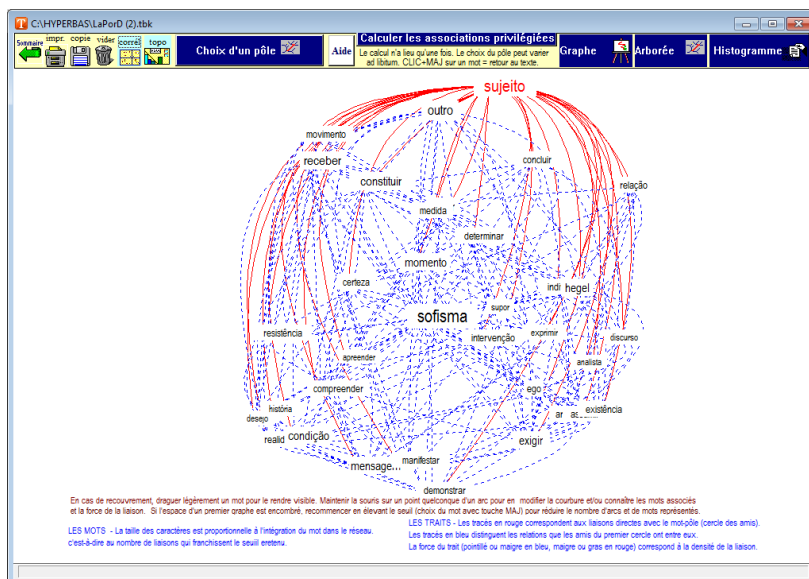


Fonte: Hyperbase 10.0

No histograma de conexão lexical em barra confirma-se a relação das três formas mais fortes de *sujeito* em 1998: *asserção*, *outro* e *alienação* são formas mais próximas de *sujeito* na tradução de 1998.

Por fim, o grafo das conexões lexicais de *sujeito* em ambas as traduções.

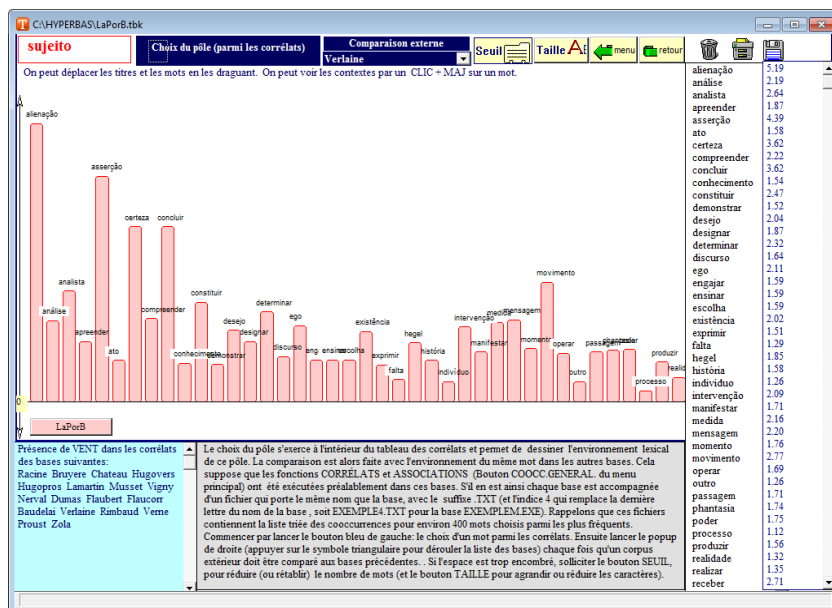
Figura 32: Grafo da forma sujeito em Escritos (1978 e 1998)



Fonte: Hyperbase 10.0

Neste último histograma de conexão lexical em barra das duas traduções, confirma-se a relação das formas mais fortes de *sujeito* em 1978 e 1998: *movimento, desejo, receber, resistência, história, realidade, condição, outro, constituir, certeza, apreender, compreender, mensagem, medida, momento, sofisma, determinar, concluir, intervenção, supor, individuo, exprimir, demonstrar, Hegel, ego, exigir, analista, relação, discurso e existência.*

Figura 33: Conexão lexical de sujeito em Escritos (1978 e 1998)



Fonte: Hyperbase 10.0

Tabela 20: Quadro com as conexões lexicais mais próximas de *sujet* e *sujeito* do original e nas traduções de 1978 e 1998

Écrits (1966)	Escritos (1978)	Escritos (1998)
<i>conclure</i>	<i>concluir</i>	<i>concluir</i>
X	<i>designar</i>	X
<i>assertion</i>	<i>asserção</i>	<i>asserção</i>
X	<i>intervenção</i>	X
X	<i>saber</i>	X
<i>certitude</i>	<i>certeza</i>	<i>certeza</i>
X	<i>comprender</i>	X
X	<i>mensagem</i>	X
X	<i>ego</i>	X
<i>autre</i>	<i>outro</i>	<i>outro</i>
<i>aliénation</i>	<i>alienação</i>	<i>alienação</i>

<i>mouvement</i>	<i>movimento</i>	<i>movimento</i>
<i>relation</i>	<i>relação</i>	<i>relação</i>
<i>X</i>	<i>receber</i>	<i>receber</i>
<i>X</i>	<i>apreender</i>	<i>apreender</i>
<i>X</i>	<i>determinar</i>	<i>determinar</i>
<i>X</i>	<i>existência</i>	<i>X</i>
<i>analyse</i>	<i>análise</i>	<i>análise</i>
<i>X</i>	<i>constituir</i>	<i>constituir</i>
<i>analyste</i>	<i>analista</i>	<i>analista</i>
<i>X</i>	<i>Hegel</i>	<i>Hegel</i>
<i>X</i>	<i>medida</i>	<i>medida</i>
<i>X</i>	<i>desejo</i>	<i>X</i>
<i>X</i>	<i>sofisma</i>	<i>X</i>
<i>moment</i>	<i>X</i>	<i>momento</i>
<i>individu</i>	<i>X</i>	<i>indivíduo</i>
<i>résistance</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>opérer</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>être</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>analyser</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>agir</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>engager</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>réaliser</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>saisir</i>	<i>X</i>	<i>X</i>
<i>X</i>	<i>X</i>	<i>expressar</i>
<i>X</i>	<i>X</i>	<i>ensinar</i>
<i>X</i>	<i>X</i>	<i>divisão</i>
<i>X</i>	<i>X</i>	<i>discurso</i>

Fonte: Hyperbase 10.0

Surpreendemo-nos com a grande diversidade das formas nas conexões das três obras. Felizmente, termos de importância fundamental para a constituição do *sujet/sujeito* da psicanálise como *outro/autre*; *aliénation/alienação*; *relação/relation*; *analyse/análise*; *analyste/analista* foram encontrados nas três obras. Porém, em *Écrits* (1966) encontramos termos que não foram mencionados nas traduções como:

résistance, opérer, être, analyser, agir, engager, réaliser e saisir. Destacamos que nas traduções surgem termos que não foram mencionados no original como: *receber, apreender, determinar, constituer, Hegel e medida* e entre as traduções também encontramos termos que foram mencionados em uma obra e excluídos de outra, como, *designar* (1978), *intervenção* (1978), *saber* (1978), *compreender* (1978), *mensagem* (1978), *ego* (1978), *existência* (1978), *desejo* (1978), *sofisma* (1978), *exprimir* (1998), *ensinar* (1998), *divisão* (1998) e *discurso* (1998). Destacamos os nomes *Hegel, saber, ego, existência, desejo, divisão* e *discurso* termos essenciais na formulação de *sujet/sujeito* da teoria psicanalítica lacaniana e que não apresentam relações com uma das obras. Diante do exposto, podemos inferir que *sujet* e *sujeito* levam o leitor a caminhos diferentes.

CONCLUSÃO

Como todo leitor de boa fé, tínhamos uma ideia de que *Écrits* (1966) e suas traduções *Escritos* de 1978 e 1998 eram obras distintas. A princípio, esta ideia era mera suspeita. Com o desenvolvimento da pesquisa e o apoio do Hyperbase, a ideia que era inicialmente empírica, se transformou numa hipótese científica e acabou sendo confirmada: *Écrits* (1966) e suas traduções para o português *Escritos* (1978 e 1998) são obras divergentes.

A análise do fenômeno tradutório só foi possível com o apoio do programa Hyperbase, software que permitiu contabilizar os vocábulos das bases e verificar sua extensão. Na primeira etapa, usamos textos com pontuação e formamos as primeiras bases. Nelas encontramos diferenças consideráveis no número de ocorrências entre as três obras estudadas. Foi registrada entre o original *Écrits* (1966) e a tradução de 1978 uma diferença de extensão de 10.109; entre o original e a tradução de 1998 encontramos uma diferença de extensão de 7.333 e entre as traduções encontramos uma diferença de extensão de 2.776. Números bastante elevados a nosso ver.

Diante disso, achamos por bem fazer uma segunda base das três obras, agora sem a pontuação. Retiramos as pontuações, pois o nosso objetivo foi a análise das palavras plenas das três obras, e na análise dos números das ocorrências e dos vocábulos a pontuação seria desnecessária. Submetemos ao software novas bases e chegamos a outros valores. Desta vez, a diferença de extensão do original para a tradução de 1978 totalizou 10.479; a diferença de extensão do original para a tradução de 1998 foi de 10.146 e a diferença de extensão entre as traduções foi de 333. O que nos surpreendeu foi que a diferença de extensão entre o original e as traduções, não diminuiu – ao contrário, aumentou.

Em busca de uma explicação plausível para esse fato, nas bases sem pontuação, passamos à análise das unidades de vocabulário das três obras e foi constatada uma diferença de 771 unidades de vocabulário entre o original e a tradução de 1978; 1.355 unidades de vocabulário do original para a tradução de 1998; e 584 unidades de vocabulário entre as duas traduções (1978 e 1998).

Na investigação das unidades de vocabulário constatamos que existem palavras de frequência 1 e 2 nas traduções que não foram traduzidas aos pares. Explico: esperávamos que ao encontrar uma palavra que tem somente uma aparição em *Écrits* (1966) encontraríamos seu equivalente na tradução de 1978, e de preferência, o mesmo equivalente na tradução de 1998. Esse fato correu em diferentes momentos. Em várias

situações um hapax encontrado no original aparece com frequência 2 em uma tradução e frequência 3 na outra, totalizando em 4 frequências nas traduções de determinada palavra para uma no original, por exemplo. O mesmo se deu nas palavras de frequência 2 encontradas na obra de 1966 que aparecem com frequências diferentes nas traduções. O número de hapax é considerável; por meio do Hyperbase temos no original 6.269, na tradução de 1978 o número de hapax é de 6.824 e o número de hapax na tradução de 1998 é superior aos outros dois: 7.245.

Em uma tradução de língua de especialidade, como é o caso das traduções de *Écrits* (1966), a melhor opção é manter um padrão nas traduções que esteja próximo do original. A diferença de hapax entre as duas traduções foi de 584 hapax; ou seja, na tradução de 1998 existem 584 hapax sem o mesmo correspondente na tradução de 1978. Dessa forma, tudo indica que existem palavras de frequência 1, 2 e até 3 ou mais nas versões que não foram traduzidas aos pares em 1978 e 1998. A partir dos resultados fornecidos pelo programa, já era possível supor que a diferença de palavras de frequência baixa que encontramos nas traduções poderia ser uma justificativa das diferenças das ocorrências.

Com o apoio do programa Hyperbase, encontramos expressões traduzidas de maneira diferente nas duas obras, de 1978 e 1998 – caso de *poudre aux yeux* (1966), traduzido literalmente por *areia nos olhos* (1978) e interpretado, em 1998, como *cortina de fumaça*.

A forma francesa *cachette* e sua variação para o plural *cachettes* foi traduzida por *esconderijo* e por *lacrada* nas traduções de 1978 e 1998, respectivamente. Na tradução de 1998, das 100 ocorrências encontradas para a forma *carta*, em 24 contextos a tradutora usou *carta/letra*, deixando ao leitor a tarefa de escolher a palavra mais adequada ao contexto. Encontramos variações na tradução de *doute*. Em um contexto específico, a tradutora de 1978 usou *dúvida* na forma verbal infinitiva *duvidar*. O que mais chamou a atenção foi encontrar na tradução de 1998 o termo *afirmar* no lugar de *duvidar*. É clara a discrepância de sentido entre estas duas formas.

A falta de precisão na tradução de alguns termos da psicanálise pode confundir o leitor, ainda mais em se tratando de um texto técnico. A palavra *pulsion* em francês, por exemplo, foi traduzida por *pulsão* (1998) e *impulso* na tradução de 1978, porém na tradução de 1978, por meio do Hyperbase, encontramos dois contextos onde ocorreu a tradução de *pulsion* para *pulsão*. Em língua de especialidade, uma maior rigidez se faz necessária para que a tradução de certos termos seja uniforme da primeira à última página. Para ilustrar, pinçamos o termo *ego*, traduzido por *eu*, na obra de 1998, onde mais adiante se encontra a pala-

vra *ego* no mesmo sentido. Diversas variações desse tipo ocorreram na tradução dos termos nas duas obras, o que pode explicar as diferenças em ambas as versões.

Mudanças de nível de língua também foram detectadas. Na tradução de 1998, “Topamos aqui a parada do desafio...” difere radicalmente de “Levantamos aqui a luva do desafio...”, da tradução de 1978. A tradução de uma obra em língua de especialidade não pode ser feita como numa obra literária. Sob esse ponto de vista, o rigor ao nível de língua é imprescindível numa tradução desse porte.

Outro aspecto observado na pesquisa foi o uso do alfabeto grego, transliterado para o latino na tradução de 1998, mas mantido como no original na versão de 1978. Ainda nessa linha, vimos que na tradução de 1978 algumas formas foram mantidas na língua original, como *mise en scène*, expressão traduzida para *encenação* no trabalho de Vera Ribeiro, em 1998. Discrepâncias desse tipo – onde se vê claramente o tradutor incidindo no texto – contribuíram para as diferenças no número de ocorrências e de unidades de vocabulário nas três obras.

Apesar das previsíveis dificuldades enfrentadas na hercúlea tarefa de traduzir Lacan para o português, é possível dizer que o trabalho das tradutoras enriqueceu a obra, principalmente na versão de 1998, em razão da maior quantidade de vocábulos registrada. As traduções certamente contribuíram para ampliar o vocabulário da obra de Lacan. Mas a falta de constância dos termos e a mudança do nível de língua nas traduções de 1978 e 1998 possivelmente transgrediram o texto. *Escritos* (1978 e 1998) são traduções boas e ruins a sua maneira.

Sobre a trajetória profissional das tradutoras, percebe-se que tanto a linguista quanto a psicanalista se permitiram desvios nas suas traduções. Fica a dúvida se para uma tradução técnica o melhor seria um conhecedor da língua ou um especialista na área.

Cada tradução é não só uma nova versão, uma nova leitura do texto original em função das singularidades de seu autor (autor da tradução, bem entendido), como também vem depois de outras – são como trechos de uma análise que são diferentes não só porque o psicanalista é outro, mas pelos outros trechos já ocorridos previamente. (BERLINER, 2013, p. 28).

Depois de analisar as palavras de baixa frequência, apontamos nosso olhar para as palavras de alta frequência. Numa lista hierárquica,

selecionamos as palavras de frequência igual ou superiores a 70, de função substantiva e plenas de sentido, e obtivemos uma classificação com frequência variada entre as obras. Como referência, elegemos as palavras do original *Écrits* (1966). Das palavras selecionadas, notamos que em algumas há variação de frequência e em alguns casos não há a palavra equivalente no português. Retornamos ao programa e constatamos que as palavras tem ocorrências diferentes. Uma palavra francesa que apresenta frequência 70 o seu equivalente na tradução de 1978 apresenta frequência 72 e na tradução de 1998 frequência 65, por exemplo. Concluimos que havia disparidades nas altas frequências das traduções.

“Dê-me uma palavra que percorrerei o mundo!”, assim fala o professor Carlos Maciel, orientador desta dissertação. Com este norte, saímos em busca do universo existente numa única palavra. O eleito para a análise foi o de maior frequência nas três obras e conceito de importância fundamental na teoria da psicanálise de Lacan: *sujet / sujeito*. Sob a ótica da lexicologia, pesquisamos a definição desta palavra em dicionários especializados da língua francesa e portuguesa. Constatamos que *sujet / sujeito* tem projeção científica em muitas disciplinas em áreas como filosofia, gramática, história, psicologia, direito, artes plásticas, dança, música e medicina. Na língua francesa e portuguesa *sujet / sujeito* são palavras próximas e equivalentes na tradução.

Pesquisamos a palavra também no âmbito da terminologia, em dicionários especializados de psicanálise, e percebemos que *sujet / sujeito* faz parte do conjunto de termos de língua de especialidade e, ao mesmo tempo, estão inseridos no conjunto de vocábulos de uso comum.

Por fim, analisamos a distribuição de uso de *sujet* nos seis contextos em que encontramos diferenças nas traduções. Nestes seis contextos *sujet* foi traduzido por *sujeito/ tema/ assunto*. Analisamos também as variações formais de *sujet: sujets/ sujette /assujettis* que foram traduzidos por *submetido /temas/ sujeitos/ súdita / sujeita/ submetida/ sujeitas* e investigamos igualmente a variação conceitual de *sujet* para *soumise* em *Écrits* (1966) que foi traduzida para *submetida/ sujeita*. Estes resultados são considerados parciais, pois não analisamos todas as formas equivalentes de *sujet*, mas tão somente as seis diferenças. A partir da análise das relações lexicais, por meio das representações gráficas e do grafo em constelação de Luong, foi possível observar que as duas traduções de *sujeito* nos direcionaram para caminhos diversos do *sujet* de Lacan.

Finalmente, o pesquisador que quiser adotar o Hyperbase como ferramenta metodológica na sua pesquisa, saberá que se trata de um método extremamente minucioso, porém trabalhoso. O programa está

em constante desenvolvimento e já dispomos da lematização dos textos com a possibilidade de acesso *online*. Mas o mérito maior do Hyperbase é o amparo metodológico que oferece à pesquisa. O software imprime objetividade e rigor ao trabalho, pois atenua o empirismo e evita os ‘achismos’ habituais nas ciências humanas, especialmente na tarefa específica de seleção vocabular, muitas vezes baseada apenas na intuição do pesquisador.

Sem a contribuição do Hyperbase poderíamos manualmente buscar nas bases textuais os contextos e concordâncias de palavras, porém, com dispêndio maior de tempo e com uma margem de erro muito maior do que a do Hyperbase. Seria muito mais difícil trabalharmos com palavras de frequências 491 – caso de *sujet* – e compará-las com outras obras, ou então, encontrar palavras que apareceram somente uma vez em toda a extensão do *corpus*. Embora o *software* ofereça uma gama de recursos, apenas algumas das ferramentas foram utilizadas nesta dissertação, recursos esses que poderão ser explorados numa futura pesquisa. Temos a expectativa de que os programas destinados à análise de léxicos e de textos na tradução continuem sendo aperfeiçoados e difundidos.

Da mesma forma, esperamos que esta pesquisa contribua para análise crítica da tradução e que outros trabalhos desse tipo surjam daqui para frente. Para o futuro, legamos tabelas de termos de alta frequência que aguardam análises aprofundadas, conforme ocorreu com *sujet*. Percorrendo o mundo, como sugere o professor Carlos Maciel, é possível ainda pesquisar as traduções de *sujet* para o espanhol, o italiano ou o alemão e, indo mais além, trabalhar nesta proposta metodológica com os *Seminários* de Jacques Lacan.

Por fim, encerro citando novamente o jornalista e ilustrador Ziraldo, em *A letra N e o nascimento da noite* (1993), uma fábula que narra a inusitada união de uma palavra com um número. O enlace da ficção infantil remete inevitavelmente à companhia inseparável da minha recente jornada – o Hyperbase, que nasceu de um estranho casamento.

[...] no exato momento em que N
beijou o Oito a noite nasceu!!! (Ziraldo
Alves Pinto, 1993, p. 20).

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRUNET, Étienne. **Hyperbase** : Logiciel hypertexte pour le traitement documentaire et statistique des corpus textuels. Version 10.0. Nice : Université Nice Sophia Antipolis, 2014.

BRUNET, Étienne. **Hyperbase** : Logiciel hypertexte pour le traitement documentaire et statistique des corpus textuels. Version 9.0. Nice : Université Nice Sophia Antipolis, 2011.

ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

ALVAREZ, Alba Elena Escalante. Traduzir Psicanálise: impasses de um texto. In: **_Tradução e Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

ALVES, Ieda Maria. Neologia e Tecnoletos. In: **_As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 25-31.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: **_As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 191-200.

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. Trad. Mário Laranjeira e Alain Mouzat. São Paulo: EDUSP, 1994.

ARROJO, Rosemary. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada as ciências sociais**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: **_As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 33-51.

BARROS, Aidil Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia**: um guia para a iniciação científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o albergue do longíquo**. Tradução Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: **_As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

BRUNET, Étienne. **Manuel de référence Hyperbase**: logiciel hypertexte pour le traitement documentaire et statistique des corpus textuels. Nice : Université Nice Sophia Antipolis, 2011.

CABRÉ, Maria Tereza. **La terminología**: Teoria, Metodología, Aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **O que é Neologismo**. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

DENDIEN, Jacques. **Trésor de la Langue Française informatisé**. ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em : <<http://atilf.atilf.fr/>>

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). 2008. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. Trad. Carlos Eduardo Reis. Artmed: Porto Alegre, 1989.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1996.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. 16. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio 7.0**. Curitiba: Editora Positivo, 2010, CD-ROM.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris : Librairie Larousse, 1975.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinariedade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Trad. Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 1996.

- LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MULLER, Charles. **Initiation aux méthodes de la statistique linguistique**. Paris: Champion, 1993.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- OUTHWAITE, William. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Trad. Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1996.
- PIETROLUONGO, Márcia Atálla. Experiências Subjetivas em Interpretação de Eventos de Psicanálise Lacaniana. In: **Tradução e Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013, p. 47-54.
- PINTO, Ziraldo Alves. **A letra N e o nascimento da noite**. Editora Melhoramentos: São Paulo, 1993.
- PLATÃO. **O Banquete ou do amor**. Trad. J. Cavalcante de Souza. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Benedicto (coord. Geral). **Dicionário de ciências sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. 16. ed., São Paulo: Novo Século, 2009.

SOUSA, Mauricio de. **Monstros do ID**. São Paulo: Editora Mauricio de Sousa, n. 15, 2009.

SOUZA, Paulo César de. **As palavras de Freud o vocabulário freudiano e suas versões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, Walter Carlos; PAULA, Marcelo Bueno de (Orgs). **Tradução e Psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

Teses e dissertações

ALVAREZ, Alba Elena Escalante. **Semejantes extranôs**: Traducción comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo Nazar. 2015. 394 f. Tese. (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015.

CÚRCIO, Verônica Ribas. **Palavras de Rosa**: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa. 2013. 158 f. Tese. (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2013.

FREITAS, Deise Joelen Tarouco de. **A composição do estilo do contista Machado de Assis**. 2007. 205 f. Tese. (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis: 2007.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. **Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias**. 2007. 229 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Periódicos

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e Vocabulário Fundamental. **Alfa revista de linguística**, São Paulo, v. 40, 1996, p. 37 – 46.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências da lexicografia. In: _ (Org). **Alfa revista de linguística**. Lexicologia e lexicografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 28 (suplemento), 1984.

COSTA. Walter Carlos. Borges, o Original da Tradução. **Cadernos da Tradução**, Florianópolis, n. 5, v. 1, 2005. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/.../6131>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

GODOY, Daniela Bueno de Oliveira de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Estrutura e Inconsciente de Lévi-Strauss a Lacan: uma articulação topológica. In: **Cultures-Kairós: Revue d'anthropologie des pratiques corporelles et des arts vivants**. 2015. Maison des Sciences de l'Homme, Paris Nord. Disponível em: <<http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

LUONG, Xuan; MELLET, Sylvie. Mesures de distances grammaticale entre les textes, **Corpus**, 2003. Disponível em: <<http://corpus.revues.org/34>>. Acesso em: 7 out. 2016.

MACIEL, Carlos Alberto Antunes. Tratamento Estatístico de Textos. In: **Literatura, Arte e tecnologia**. 2013, Florianópolis, Simpósio: UFSC, 2013.

OSEKI-DEPRÉ, Inês. A tradução brasileira dos Escritos de Jacques Lacan: de uma libra de carne. **Revue Silène**, 2011. Disponível em: <http://www.revue-silene.com/f/index.php?sp=comm&comm_id=72>. Acesso em: 13 ago. 2014.

RIDER, Jacques Le. Les traducteurs de Freud à l'épreuve de l'étranger. **Éditions Érès**, Toulouse, n. 9, 2002, p. 5-14. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-essaim-2002-1-page-5.htm>> Acesso em: 3 ago. 2016.

STRECKER, Heidi. René Descartes: o método cartesiano e a revolução da história da filosofia. (2014) Publicado na sessão **Pedagogia e Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-da-filosofia.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia. In: **TradTerm: USP**, v. 19, 2012, p. 109-126. Disponível em: <<http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Elogio da Tradução. In: **Correio da AP-POA**. Porto Alegre: 1999, p. 11-15 n. 67. Disponível em : <<http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/correio/correio67.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2017.

Entrevista

A TAREFA de verter Freud diretamente do alemão pelo tradutor Renato Zwick. **LPM**, Porto Alegre, mar. 2010. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=816261&SubsecID=618848&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=945260>. Acesso em: 19 jan. 2017.

DIAS, Maurício Santana. Em nome do pai: A construção do mito Lacan. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde08042001.htm>> Acesso em: 3 jan. 2017.

ROSSI, Ana Helena; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Entrevista com a profa. Inês Oseki-Depré. **Revista Traduzires**, Brasília, n. 2, 2012.

Sites

TREETAGGER. Disponível em: <<http://www.ims.uni-stuttgart.de/projekte/complex/TreeTagger/>>. Acesso em: mar. 2017.

ANEXOS

ANEXO A – O LÉXICO SUJET NO DICIONÁRIO TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ

SUJETI, -ETTE, adj. et subst.

I. Adjectif

A. Rare. [En parlant d'une pers. ou d'une collectivité] Qui est soumis à une autorité souveraine. Le peuple est souverain, dit-on; et de qui? De lui-même apparemment. Le peuple est donc SUJET (J. DE MAISTRE, Souveraineté, 1821, p. 311).

P. métaph. Ces sortes de grandeurs n'appartiennent qu'à ces illustres et sublimes trompeuses, elles restent royales encore là où les autres femmes deviennent SUJETtes (BALZAC, Secrets Cadignan, 1839, p. 363).

B. [En parlant d'une pers. ou d'une chose] SUJET à

1. [Le compl. désigne une force, un agent, un phénomène, un processus ou son effet indésirable, une règle, une obligation] Soumis à.

a) [Le compl. désigne une force, un agent déterminant et inévitable] Lorsque les pays traversés sont SUJETS à des hivers rigoureux, ces stations intermédiaires sont munies de dispositifs de réchauffage (CHARTROU, Pétroles natur. et artif., 1931, p. 69). Le seul bien qui ne soit pas SUJET au hasard est celui qui est hors du monde (S. WEIL, Pesanteur, 1943, p. 111).

Rem. On dit pop. être SUJET à sa bouche, pour dire, avoir l'habitude de la gourmandise` (J.-F. ROLLAND, Dict. mauv. lang., 1813, p. 126).

Domaine de la pathol. Qui est fréquemment soumis à un mal ou à un trouble donné. SUJET à des maux de tête, au vertige. Elle fit signe à son mari qu'elle avait un saignement de nez, accident auquel elle était assez sujette (STENDHAL, Nouv. inéd., 1842, p. 365). Nerveuse et SUJETte à des vapeurs, elle jetait des cris pour un claquement de porte et se lamentait au son de l'angélus (COLETTE, Mais. Cl., 1922, p. 153).

Rare. [Dans un cont. favorable] Ne soyez pas triste, répondit-elle, je suis SUJETte aux bons souvenirs (L. DE VILMORIN, Julietta, 1951, p. 230).

b) [Le compl. désigne un phénomène, un processus dont l'être ou l'objet désigné par le subst. déterminé est exposé à subir les effets contraires] Ta qualité de fille du fils naturel de mon beau-père pourrait rendre des dispositions testamentaires faites en ta faveur SUJETtes à contestation (BALZAC, U. Mirouët, 1841, p. 181). Dans le cas d'un texte long et SUJET à controverse (LIDDERDALE, Parlement fr., 1954, p. 200).

c) [Le compl. désigne une règle, une obligation] La Reine des provinces est SUJETte au tribut (CHATEAUBR., Martyrs, t. 3, 1810, p. 47).

SUJET à caution*.

2. Disposé à.

a) [Suivi d'un subst.] J'ai ouvert un gros dictionnaire, comptant y retremper ma mémoire SUJETte à l'erreur (COLETTE, Pays. et portr., 1954, p. 250).

b) [Suivi d'un inf.]

[En parlant de pers. ou d'animaux] Vingt-quatre lévriers barbaresques, plus véloces que des gazelles, mais sujets à s'emporter (FLAUB., St Julien l'Hospitalier, 1877, p. 88). Plus nous nous rapprochons du sommeil plein, plus nous sommes SUJETS à confondre ce qui vient de nous avec ce qui vient des autres (ALAIN, Propos, 1921, p. 331).

Vieilli. [En parlant de choses] Les ébauches épaisses sont (...) SUJETtes à se fendre en séchant (Al. BRONGNIART, Arts céram., t. 1, 1844, p. 163). Tous ces métaux étant sujets à se trouver dans les roches éruptives (ÉLIE DE BEAUMONT, B. de la Sté géol. Fr., t. 4, 1847, p. 18).

II. Substantif

A. Celui, celle qui est soumis(e) à une autorité souveraine, absolue. SUJET fidèle; fidèle SUJET. Par scrupule religieux, les souverains de Russie ne prenaient femme (..) que parmi leurs SUJETtes, et la beauté était le principal titre au choix du prince (MÉRIMÉE, Hist. règne Pierre le Gd ds Journal des Savants, 1867, p. 361). L'échec retentissant de Joseph II avait encouragé ses sujets à la révolte, au point que l'État habsbourgeois paraissait se décomposer quand son souverain mourut en février 1790 (LEFEBVRE, Révol. fr., 1963, p. 221).

P. anal. Rien ne démontrera mieux la singulière puissance que communiquent les vices, et à laquelle on doit les tours de force qu'accablissent de temps en temps les ambitieux, les voluptueux, enfin tous les SUJETs du diable (BALZAC, *Cous. Bette*, 1846, p. 126).

P. métaph. Qu'est-ce que la vie? un amas de petites circonstances, et les plus grandes passions en sont les humbles SUJETtes (BALZAC, *Œuvres div.*, t. 3, 1846, p. 648).

B. Ressortissant(e) d'un État donné. Synon. citoyen. Il existe désormais un « Anglicanisme » japonais et chinois, dont les chefs et les fidèles, sans répudier la dette spirituelle qu'ils ont contractée envers les Églises-mères d'Europe ou d'Amérique, n'ont point pour autant le sentiment d'être devenus SUJETs britanniques ou américains (Philos., *Relig.*, 1957, p. 50-13).

Prononc. et Orth.: [], fém. [-]. Att. ds Ac. dep. 1694. Étymol. et Hist. 1. Ire moit. XIIe s. « soumis, subordonné » sugete a Deu (Psautier Oxford, 61, 1 ds T.-L.); en partic. 1155 « soumis à une autorité politique » a un rei ... suget (WACE, Rou, éd. I. Arnold, 13666); d'où 1325 subst. « celui qui est sous la domination d'un prince ou d'un état souverain » commandons à touz nos subgjes (Lettre de Jeanne, comtesse de Rethel... ds Trésor des Chartes du Comté de Rethel, éd. G. Saige et H. Lacaille, t. 1, p. 697); 2. a) 1485 « astreint par la loi à une obligation, à une charge » (Myst. Vieux Testament, 31197, éd. J. de Rothschild, t. 4, p. 181: Tu es subject de la garder [la femme de ton servent] Ainsi comme ung pasteur son ouaille); b) 1579 subject à caution (H. ESTIENNE, *La Précéllence du langage françois*, éd. E. Huguet, p. 16); 3. a) 1485 « astreint par sa condition à une nécessité de nature » (Myst. Vieux Testament, 1933, t. 1, p. 77); b) 1485 « exposé par sa constitution à éprouver certaines maladies, à présenter certains états » subjects sommes a la malladie (ibid., 34820, t. 4, p. 337); c) 1536 « porté par une tendance naturelle ou l'habitude de ressentir, subir ou faire quelque chose » subject n'estoit à nulle tromperye (R. DE COLLERYE, *Épitaphe de feu noble ... Estienne Fichet ds Œuvres*, éd. Ch. d'Héricault, p. 282); 4. a) 1531 « (d'un inanimé) exposé par sa nature à présenter certains inconvénients » Vostre argent ... est subject à la pince (MAROT, *Épître*, XXV, 48, éd. C. A. MAYER, p. 173); b) 1579 « qui fournit matière ou occasion à, qui donne lieu à » subjectes à preuve (H. ESTIENNE, *op. cit.*, p. 184). Empr. au lat. class. subjectus « soumis, asUJETti », part. passé adj. de subjicere « placer dessous, mettre sous, soumettre, asUJETtir » comp. du préf. sub-, v. l'élément formant sub- et de « jeter ».

SUJET2, subst. masc.

I. Ce qui constitue la matière, le thème ou bien le motif d'une activité ou d'un état.

A. Ce qui constitue la matière, le thème principal d'une activité intellectuelle ou artistique, indépendamment de l'interprétation qui en est faite ou du résultat obtenu. Anton. objet. Beau, bon, excellent, grand SUJET; SUJET concret, difficile, important, grave; SUJET historique, religieux; choisir, traiter un SUJET.

1. Ce qui est proposé à la réflexion, à l'étude, à la critique, au débat. SUJET de comparaison, de méditation(s), de recherche(s), de réflexion; SUJET brûlant, délicat, inépuisable; SUJET d'actualité; bibliographie sur un SUJET donné; aborder, connaître, épuiser le SUJET; donner son opinion sur un SUJET. L'hyperthyroïdien passe allégrement d'un SUJET à l'autre, tour à tour affirme et nie (MOUNIER, *Traité caract.*, 1946, p. 168):

1. Chaque jour, il [l'élève] reçoit de la nature une leçon nouvelle; chaque proie qu'il poursuit lui est un SUJET d'étude, chacun de ses repas est le prix de son adresse ou de ses réflexions.

LACLOS, *Éduc. femmes*, 1803, p. 436.

SUJET (battu et) rebattu. SUJET déjà très souvent traité et qui ne présente plus d'intérêt. M. Cazin a trouvé moyen de faire, avec des SUJETs battus et rebattus depuis des siècles, une œuvre très originale, très hardie (HUYSMANS, *Art mod.*, 1883, p. 156).

SUJET tabou*.

[Le compl. désigne la manifestation, l'expression, le domaine, le résultat de la réflexion] SUJET de débat, de discussion; SUJET d'une conférence, d'un discours, d'un exposé. Lorsque le SUJET de la conversation fut épuisé, le comte me mit encore en scène au détriment de Monsieur de Chessel (BALZAC, *Lys*, 1836, p. 51). Dans certains d'entre eux [les bulletins paroissiaux], on trouve des articles bien documentés sur des SUJETs d'histoire locale (Civilis. écr., 1939, p. 16-14).

SUJET à + subst. Tout lui était SUJET à dissertation lorsqu'il entreprenait quelqu'un (AYMÉ,

Brûlebois, 1926, p. 116).

Rare. [Le compl. désigne la matière traitée] Si je voulais, non pas épuiser le SUJET des facultés réceptives, mais seulement le traiter un peu à fond (BROUSSAIS, Phrérol., leçon 17, 1836, p. 624).

Rem. SUJET est parfois empl. dans un sens voisin de celui de objet, SUJET désignant plutôt ce dont il s'agit, et objet ce qu'on en dit. Il arrive que les deux mots soient empl. à peu près indifféremment: Cependant l'amour qui avait fait le principal objet des conversations de la matinée était dans l'air de la journée. Il revint tout naturellement dans l'entretien: c'est avec l'ambition le SUJET de prédilection des jeunes hommes (VAILLAND, Drôle de jeu, 1945, p. 101).

BIBLIOTHÉCON., DOCUMENTOL. Classement par SUJETs. Un catalogue par SUJETs ne peut être établi que dans des conditions rarement réalisées. Les rédacteurs doivent être assez au fait des diverses disciplines scientifiques pour distinguer nettement le SUJET de chaque œuvre (Civilis. écr., 1939, p. 52-1).

PRESSE. „Thème de reportage. Thème de la prise de vue en général. Toute partie d'une émission formant un tout`` (CFPJ Presse 1982).

2. Locutions

a) À ce SUJET. En ce qui concerne ce thème de réflexion ou de débat. Synon. à ce propos. Les travaux modernes (...) ont conduit à abandonner les idées anciennes à ce SUJET (MAURAIN, Météor., 1950, p. 60).

b) Loc. prép. Au SUJET de. À propos de, en ce qui concerne.

[Le subst. déterm. désigne un animé] Déjà d'infâmes suggestions s'élevaient au SUJET des combattants (VILLIERS DE L'I.-A., Contes cruels, 1883, p. 169). Hubert te demanda je ne sais plus quel renseignement au SUJET de Dreyfus (MAURIAC, Nœud vip., 1932, p. 109).

[Le subst. déterm. désigne un inanimé] Je posai à Swann, au SUJET de cette autre partie de la maison, des questions savamment voilées (PROUST, J. filles en fleurs, 1918, p. 529).

C'est au SUJET de qqn/qqc.; c'est à quel SUJET? Ce n'est pas au SUJET de ma femme que je viens vous voir (SIMENON, Vac. Maigret, 1948, p. 108).

3. [Dans le domaine de l'enseign., de l'apprentissage, dans le cadre d'une compétition] Matière, thème imposé sur lequel porte un exercice, l'épreuve d'un examen, d'un concours. Ce n'est pas le SUJET; hors SUJET.

[Le compl. désigne la forme de l'épreuve] SUJET de dissertation, de mémoire, de thèse. Que les collègues qui donnent des SUJETs de diplôme choisissent, sans attendre le client, des SUJETs moins académiques que « la route de Trifouillis à Cucugnan » (Colloque géogr. appl., 1962, p. 87).

[Le compl. désigne la matière à traiter] SUJET de mathématiques. Avoir obtenu le diplôme d'études supérieures sur un SUJET de français (Encyclop. éduc., 1960, p. 370).

[Le compl. désigne un examen, un concours, un prix] SUJET d'agrégation, de licence, de maîtrise. Un Corps savant vient de proposer, cette année, pour SUJET de prix, de rechercher s'il existe une circulation dans les radiaires (LAMARCK, Philos. zool., t. 2, 1809, p. 129). V. proposer I B I ex. de Encyclop. éduc.

4. LITT., ARTS

a) LITT. Fond principal, historique ou fictif, d'une œuvre. SUJET d'un livre, d'une pièce; SUJET intimiste, légendaire, mythologique. Un thème fréquent est l'exaltation des gens humbles mais honnêtes, qui constitue également un SUJET favori de notre littérature enfantine (LOWIE, Anthropol. cult., trad. par E. Métraux, 1936, p. 223):

2. Les SUJETs choisis par M. Zola sont toujours très généraux, peuvent être compris de tout le monde, n'ont rien de spécial, d'exceptionnel, de « curieux »: c'est l'histoire d'une famille d'ouvriers qui sombre dans l'ivrognerie, d'une fille galante qui affole et ruine les hommes, d'une fille sage qui finit par épouser son patron, d'une grève de mineurs, etc...

LEMAITRE, Contemp., 1885, p. 282.

b) MUS. Thème principal d'une œuvre contrapuntique, notamment d'une fugue. [La fugue est une] forme de composition à plusieurs parties, entièrement basée sur le principe de l'imitation et dans laquelle un thème principal, ou SUJET, et un ou plusieurs thèmes secondaires, ou contre-

SUJETs, semblent fuir sans cesse de voix en voix (BRENET Mus. 1926, p. 166).

P. anal., CHORÉGR. Thème principal d'un ballet. J'étais libre de choisir le SUJET et le scénario du ballet (STRAVINSKY, Chron. vie, 1931, p. 127).

c) ARTS PLAST. „Se dit de l'ensemble d'objets, ou de l'événement que le peintre ou le sculpteur prétendent imiter ou représenter, ou dont ils s'inspirent pour exécuter une décoration quelconque" (HAVARD 1890):

3. Un signe plastique est, toujours, une reconstitution et jamais une restitution. La double recherche qui conduit à faire l'inventaire des SUJETs figuratifs entrant en combinaison et la reconstitution du processus mental qui a suscité l'activité combinatoire de l'artiste créateur est possible.

Traité sociol., 1968, p. 290.

DESSIN, PEINT. Élément dominant d'une figure, d'un tableau. Des peintures sans SUJET, sinon le plus général, le plus anonyme: la servante, la montagne, le torchon, quelques murs, quelques pommes, et finalement les cônes et les cylindres. Rapprochons de ces SUJETs les SUJETs du cubisme. Car il faut, dans toute école, étudier ses SUJETs puisqu'il y a toujours SUJET, même lorsque cette école a résolu de Déprécier et de restreindre le SUJET (CASSOU, Arts plast. contemp., 1960, p. 178).

P. anal., PHOT. Les limites du SUJET photographié sont déterminées par l'angle de champ (PRINET, Phot., 1945, p. 25).

SCULPT., GRAV. Les stalles sont autant de merveilles; elles représentent des SUJETs de l'Ancien Testament en bas-reliefs (GAUTIER, Tra los montes, 1843, p. 44). La différence entre le SUJET gravé sur le premier sceau, anonyme, et celui gravé sur le second sceau, nominatif (L'Hist. et ses méth., 1961, p. 419).

En partic. Nom qu'on donne aux groupes allégoriques, emblématiques ou historiques, qui ornent certains meubles, les pendules, principalement" (HAVARD 1890). Pendule à SUJET. A-t-elle beaucoup souffert? demanda Lucy, qui s'était absorbée devant le SUJET de la pendule, les trois Grâces, nues (ZOLA, Nana, 1880, p. 1479). P. métaph. SUJET de pendule. V. pendule2.

P. ext. Représentation souvent miniaturisée de personnages ou d'animaux dans l'évocation d'une scène, dans un décor. SUJET de crèche. Fort garni de SUJETs en aluminium (Catal. jouets (Trois-Quartiers), 1936).

B. [Souvent dans un cont. à connotation défavorable] Motif, raison.

1. [Suivi d'un compl. déterminatif]

a) [À propos de choses] SUJET d'affliction, d'alarme, d'amertume, de chagrin, de crainte, de discorde, d'émerveillement, d'étonnement, de fierté, d'inquiétude, de jalousie, de joie, de mécontentement. D'après les économistes, les partisans de la balance du commerce devront être satisfaits; ils n'auront plus aucun SUJET de plainte (PROUDHON, Syst. contrad. écon., t. 2, 1846, p. 70). Aussitôt que des situations se présenteront qui paraîtront menacer le bien-être général, elles devront être un SUJET de préoccupation pour l'assemblée générale (Charte Nations Unies, 1946, p. 22).

b) [À propos d'une pers.] Lucien, dit madame Chardon à son fils, tu as beaucoup à réparer ici. Parti pour être un SUJET d'orgueil pour ta famille, tu nous a plongés dans la misère (BALZAC, Illus. perdues, 1843, p. 650).

2. a) Avoir (grand, tout) SUJET de + inf. J'ai eu tout SUJET de m'applaudir (...) de mon courage (DELACROIX, Journal, 1850, p. 404). La Suisse n'a donc pas, en définitive, grand SUJET de craindre les radicaux (GOBINEAU, Corresp. [avec Tocqueville], 1850, p. 118). Ma chère maman (...) demanda si l'on a bien SUJET de dire que les perroquets sont gais (A. FRANCE, Pt Pierre, 1918, p. 158).

b) Donner SUJET de + inf. Blanchet voulut le renvoyer, et il pleura, ce qui donna SUJET à son père de dire qu'il était mal élevé (SAND, Fr. le Champi, 1848, p. 78).

3. Sans SUJET. Rire sans SUJET. Lorsque ces jeunes personnes sont attaquées de cette maladie (...), elles aiment à dormir, et sont tristes sans SUJET (GEOFFROY, Méd. prat., 1800, p. 219).

Rem. [Par jeu sur le sens A et B] Margerie, géologue et savant, a lu les livres, les mémoires, les articles que Margerie bibliographe a recensés (nouveau SUJET de réflexion et d'étonnement) (L. FEBVRE, De Margerie, [1924] ds Combats, 1953, p. 315).

C. LOG., LING.

1. LOG. (log. class.). Support du prédicat. V. prédicat A et infra I C 2 d.

2. LINGUISTIQUE

a) SUJET (grammatical)

[En gramm. traditionnelle] Fonction qui désigne l'être ou la chose qui fait l'action exprimée par un verbe, que détermine un verbe d'état ou qui supporte l'action exprimée par un verbe au passif. Accord du SUJET et du verbe; inversion, place du SUJET:

4. Nous avons trouvé dans les mots qui composent les langues parlées, les interjections qui expriment des propositions tout entières, les noms et pronoms qui expriment les SUJETs des propositions, et les verbes qui expriment les attributs de ces mêmes propositions.

DESTUTT DE TR., Idéol. 2, 1803, p. 102.

SUJET apparent, SUJET réel. Dans les constructions dites impersonnelles (il m'est impossible de finir ce travail, il n'est pas étonnant qu'il soit malade), on appelle SUJET réel la complétive (qu'il soit malade) ou l'infinitif (de finir ce travail); quant au il, on l'appelle SUJET apparent (d'apr. Ling. 1972).

En appos.

Cas SUJET. En ancien français, cas exprimant la fonction grammaticale de SUJET ou d'attribut du SUJET (le cas SUJET est marqué dans le plus grand nombre de déclinaisons par la désinence s). À une certaine époque presque toutes les formes de l'ancien cas SUJET ont disparu en français (...). C'est la notion particulière de cas SUJET qui a été atteinte et sa disparition a entraîné naturellement celle de toute une série de formes (SAUSS. 1916, p. 132).

Fonction SUJET (p. oppos. à substantif, pronom, proposition... SUJET, qui désignent non pas la fonction mais l'élément qui la remplit). Des phrases (...) où la fonction SUJET et la fonction prédicat sont réalisées, non par un mot, mais par un groupe de mots, un syntagme (GREV. 1986, § 227).

[Dans une ling. fonctionnaliste] Syntagme nominal qui détermine l'accord du verbe et qui constitue avec lui un énoncé minimal (Pierre lit un livre peut se réduire à Pierre lit, mais non à lit un livre ou à lit).

Rem. Dans l'énoncé minimum à deux termes, l'un, qui désigne normalement un état de choses ou un événement sur lequel on attire l'attention, reçoit le nom de prédicat (...) l'autre, dit SUJET, désigne un participant, actif ou passif (...). Formellement (...) le SUJET est toujours caractérisé soit par un monème fonctionnel, soit par sa position (...) (MARTINET 1969, pp. 125-126). Ce qui le distingue des compléments, c'est sa présence obligatoire dans un certain type d'énoncé (ibid.).

[En gramm. générative] Fonction du SN (syntagme nominal) dans la règle de base qui réécrit P (symbole de la phrase) par SN + SV (SV = syntagme verbal). On distingue le SUJET de la phrase de structure profonde du SUJET de la phrase de structure de surface. Dans la phrase La voiture renverse le passant, la voiture est en même temps le SUJET de la structure profonde et le SUJET de la structure de surface dérivée. Mais dans la phrase passive Le passant est renversé par la voiture, le SUJET de la structure de surface le passant n'est pas le SUJET de la structure profonde (Ling. 1972).

[Dans une ling. sémantico-logique; p. oppos. à SUJET profond (v. infra I C 2 b), SUJET thématique ou thème, SUJET logique (v. infra I C 2 d)] Fonction du syntagme nominal qui, dans la phrase active, exprime la donnée première, le point de départ de la prédication (le prédicat verbal est considéré comme une relation orientée dont le SUJET représente le premier argument). Voir R. MARTIN, Pour une log. du sens, 1983, pp. 217-218.

b) SUJET profond. Représentation de l'agent, de celui qui fait l'action (le SUJET grammatical se confond souvent avec le SUJET profond: Pierre a appris à Marie que..., mais pas toujours: Pierre a appris (par Marie) que...). Synon. agent. Le « SUJET profond » est le premier argument qui suit le prédicat le plus élevé dans la représentation profonde/logique de la phrase (S. STAROSTA ds Langages. Paris 1975 no 38, p. 118).

Rem. Notion abandonnée, remplacée par celle d'agent.

c) Synon. de thème. Le SUJET est alors conçu comme le « point d'appui » du jugement, sa « source », son « point de départ dans la pensée ». C'est à cette conception que correspond la notion

de « thème », fréquemment utilisée pour décrire le rôle du SUJET (Gramm. auj. 1986, p. 657).

SUJET psychologique. Synon. vieilli de thème. Dans Demain, je sortirai, répondant à une question du type Que ferez-vous demain?, le SUJET psychologique, ou thème, est constitué par demain (Lang. 1973).

d) SUJET logique. Toute langue suppose, dans une approche sémantico-logique, qu'une place soit faite à la notion de « SUJET logique ». Si je dis: Le facteur vient de passer, alors je parle d'un être d'univers (au sens le plus général), d'un objet du monde si l'on préfère, dont on dit qu'il est facteur, c'est-à-dire qu'il est un être animé, doué de raison, jouant un certain rôle dans l'organisation sociale, et de qui l'on affirme qu'il vient de passer. Facteur (F) et vient de passer (V) sont des prédications complexes sur $x : V(Fx)$. On dira de x , qui n'a pas en soi de sens et dont la raison d'être unique est dans la référence à l'univers, qu'il est le SUJET logique de F, ainsi que de la prédication du second ordre de V sur Fx. Le SUJET ainsi conçu n'est rien d'autre que le lieu de la désignation (R. MARTIN, Pour une log. du sens, 1983, p. 215).

3. SÉMIOT. L'une des grandes fonctions du récit; celle qui regroupe tous les attributs et toutes les actions du héros principal, lequel désire et recherche l'objet; par exemple Ulysse dans son retour vers Ithaque` (Media 1971).

En partic. [Dans le schéma actantiel de A. J. Greimas] Actant en quête d'un objet. Le schéma narratif, modèle hypothétique d'une organisation générale de la narrativité, qui cherche à rendre compte des formes à l'aide desquelles le SUJET conçoit sa vie en tant que projet, réalisation et destin (GREIMAS-COURTÈS 1979).

II. Être vivant considéré dans son individualité.

A. Être vivant considéré dans son individualité et du point de vue de ses qualités, de ses besoins, de ses actions ou de son évolution.

1. [À propos de pers.] Brillant SUJET; SUJET doué; SUJET d'élite. La comtesse mène une vie héroïque (...). Elle s'est consacrée à l'éducation de ses enfants qu'elle a parfaitement élevés. L'aîné est un charmant SUJET (BALZAC, Gobseck, 1830, p. 436). Saint-Nicolas fut sous sa direction [de l'abbé Frère] (...) un séminaire par anticipation, ouvert aux seuls SUJETs qui se destinaient à l'état ecclésiastique (RENAN, Souv. enf., 1883, p. 165).

Bon, mauvais SUJET. Avec un homme comme le sien, bon SUJET, ne buvant pas, elle était certaine de faire ses affaires et de ne pas être mangée (ZOLA, Assommoir, 1877, p. 478). Caire débaucha Zerbin et en fit en peu de temps un mauvais SUJET (A. FRANCE, Pt Pierre, 1918, p. 208).

P. plaisant. [Forme fam. d'interpellation] Elle interpella de nouveau le jeune homme à la barbe blonde. Allons, mauvais SUJET, reprit-elle, invitez vite une de ces demoiselles et faites-nous vis-à-vis (THEURIET, Mariage Gérard, 1875, p. 11).

CHORÉGR. Se dit d'une danseuse qui quitte le corps de ballet pour entrer dans les pas. Elle devient SUJET de la danse. Il y a des degrés: premier SUJET, deuxième SUJET` (BOUCHARD 1878). L'élégance de madame Colleville allait de pair avec celle de Tullia, premier SUJET de l'Opéra, qu'elle voyait beaucoup (BALZAC, Pts bourg., 1850, p. 28). La seconde partie [du corps de ballet comprend] : les petits SUJETs, les grands SUJETs, les premières danseuses et les Étoiles (MEUNIER, Danse class., 1931, p. 123).

LING. SUJET parlant

Émetteur d'un message oral (D.D.L. 1976). Synon. locuteur. L'activité du SUJET parlant doit être étudiée dans un ensemble de disciplines qui n'ont de place dans la linguistique que par leur relation avec la langue (SAUSS. 1916, p. 37).

Être humain capable de langage et possédant une compétence linguistique qui est la grammaire de sa langue (Ling. 1972).

2. [À propos d'animaux] SUJET reproducteur. Un vol de pigeons bien organisé se compose d'une bande de 12 à 16 SUJETs (LEDIEU, CADIAT, Nouv. matér. nav., t. 2, 1890, p. 463).

3. SYLVIC. Arbrisseau apte à recevoir une greffe. Synon. porte-greffe. Le greffage a pour objet de souder une portion de végétal, que l'on nomme greffon, sur une autre portion de végétal, que l'on désigne sous le nom de porte-greffe ou de SUJET et qui fournit les aliments nécessaires au développement du greffon (BRUNET, Matér. vitic., 1909, p. 47).

SUJETs co-dominants. Arbres dont les sommets forment le niveau général de la voûte foliacée et qui reçoivent pleine lumière du haut` (Forest. 1946). SUJETs dominés. „Arbres dont la cime est entièrement en-dessous du niveau général de la voûte foliacée et complètement privée de lumière directe (Forest. 1946).

B. En partic. Être soumis à l'observation scientifique, notamment biologique, psychologique, sociologique. SUJET jeune, normal, sain, vivant; SUJET âgé de. J'ai essayé de saisir en lui, comme en un « SUJET » particulièrement favorable à cette observation, une infirmité essentielle à l'esprit humain (PROUST, Past. et mél., 1919, p. 187). Il est curieux de noter que l'antipathie semble avoir été, dans les expériences de Casper, le facteur le plus favorable. Les SUJETs masculins ou féminins réussissaient mieux avec la personne de l'autre sexe pour laquelle ils avaient le moindre attachement (AMADOU, Parapsychol., 1954, p. 233).

MÉD. SUJET déprimé, nerveux; SUJET vacciné. Ces lésions du larynx sont fréquentes chez les SUJETs atteints de phtisie chronique (CALMETTE, Infection bacill. et tubercul., 1920, p. 173).

En compos. SUJET-contact, subst. masc. „Individu vivant dans l'entourage d'un malade contagieux, susceptible d'avoir été contaminé et devant faire l'objet d'une surveillance attentive ou de mesures prophylactiques` (Méd. Flamm. 1975).

C. PHILOS. Être ou principe actif susceptible de posséder des qualités ou d'effectuer des actes. La raison n'est pas subjective; le SUJET, c'est le moi, c'est la personne, la liberté, la volonté (COUSIN, Hist. philos. mod., t. 1, 1846, p. 139).

SUJET de la connaissance. Être qui connaît, considéré, non dans ses particularités individuelles, mais en tant que condition nécessaire à l'unité d'éléments représentatifs divers, unité en vertu de laquelle ces représentations apparaissent comme constituant un objet` (LAL. 1968). Kant entreprit de faire porter sur le SUJET même de la connaissance les recherches qui jusque-là ne s'étaient appliquées qu'à ses objets (COUSIN, Philos. Kant, 1857, p. 33).

En partic. [Chez Kant] SUJET transcendantal. Faculté a priori qui en tant que telle agit sur le réel et détermine les conditions de l'expérience` (THINES-LEMP. 1975).

PSYCHOL. SUJET secondaire. Processus inconscient qui possède une énergie suffisante pour exercer une action sur la conscience du Moi sans parvenir à la prise de conscience. Il constitue une sorte de conscience secondaire qui représente une composante de la personnalité dissociée du Moi conscient primaire (VIREL Psych. 1977).

P. ext. Celui, celle qui agit, qui a l'initiative d'une action. Paradoxalement, ces femmes qui exploitent à l'extrême leur féminité se créent une situation presque équivalente à celle d'un homme; à partir de ce sexe qui les livre aux mâles comme objets, elles se retrouvent SUJETs (BEAUVOIR, Deux. sexe, t. 2, 1949, p. 392).

Prononc. et Orth.: []. Att. ds Ac. dep. 1694. Étymol. et Hist. I. Subst. masc. A. 1. ca 1370 « ce dont on parle, ce qui est soumis à la réflexion et constitue le support de qualités, de caractères » sujet et cause matériel (ORESME, Ethiques, X, 6, éd. A. D. Menut, p. 507, note 7); 2. 1680 gramm. le SUJET de la proposition (RICH.). B. 1. 1532 « ce qui, dans une œuvre littéraire, constitue le contenu de la pensée sur lequel s'est exercé le talent créateur d'un auteur » (Cl. MAROT, Préface des poésies de Villon ds Œuvres compl., éd. P. Jannet, t. 4, p. 192); 2. 1556 « idée centrale autour de laquelle se développe une conversation, s'organisent des propos écrits ou oraux » suivre son SUJET (RONSARD, Hymne de Calais, et de Zetes, 25 ds Œuvres compl., éd. P. Laumonier, t. 8, p. 256); 1656 sortir ... de notre SUJET (PASCAL, Provinciale, VIII ds Œuvres compl., éd. L. Lafuma, p. 405); 3. a) 1580 « ce à propos de quoi s'exerce la pensée, la réflexion; ce qui est soumis à l'esprit à fin d'examen » (MONTAIGNE, Essais, éd. P. Villey et V.-L. Saulnier, Au lecteur, p. 3); 1636 le Suiet de l'Astrologie (MONNET); b) 1580 « matière à réflexion » (MONTAIGNE, op. cit., I, 8, p. 32); d'ou av. 1783 « texte d'un exercice imposé à des candidats » la liste des SUJETs ... proposés pour le prix d'éloquence (D'ALEMB., El. Mongin, note 1 ds LITTRÉ); 4. a) 1660 [éd.] « motif principal d'un tableau, d'un dessin, d'une œuvre plastique » (D'AUBIGNÉ, Divorce satyrique ds Œuvres compl., éd. Réaume et de Caussade, t. II, p. 666); 1777 spéc. « motif ornemental composé d'une ou plusieurs figurines représentant des personnages » pendule à SUJETs (Annonces, affiches divers, 26 juin ds HAVARD t. 4); b) 1690 mus. (FUR.). C. 1. 1562 «

être vivant ou mort pris comme objet d'expérience ou d'étude » (PARÉ, Anatomie, I, 21 ds Œuvres compl., éd. J. Fr. Malgaigne, t. 1, p. 148); 2. av. 1585 « être individuel, personne considérée comme le support d'une action, d'une influence » (RONSARD, De l'envie ds Œuvres compl., éd. P. Laumonier, t. 18, p. 463, ligne 59); 3. 1637 « individu faisant montre d'une personnalité déterminée et considérée par rapport à ses qualités » ce digne SUJET (CORNEILLE, Le Cid, I, 3, vers 167, var.); 1690 un bon SUJET (FUR.); 1740 un mauvais SUJET (Ac.); 4. 1703 bot. « sauvageon » (L. LIGER, Dict. gén. des termes propres à l'agric., Paris, D. Beugnié, p. 341); 5. 1754 danse (Encyclop. t. 4, p. 629a, s.v. danseur); 6. 1775 « être animé faisant l'objet de soins » (BUFFON, Hist. nat. des oiseaux, Paris, Impr. royale, t. 5, p. 205); 7. ca 1824 philos. « être pensant dans la mesure où il se saisit comme connaissant par une intuition interne » (MAINE DE BIRAN, Examen des leçons philosophiques, III ds ROB. 1985, s.v. réflexion); 8. 1916 SUJET parlant (SAUSS., loc. cit.); 9. 1936 SUJET d'un droit (CAP.). D. 1. 1555 « ce qui fournit un motif ou prétexte à une action, un comportement, un sentiment » le SUJET de douleur, de misère (RONSARD, Hymne de la mort, 144 ds Œuvres compl., éd. P. Laumonier, t. 8, p. 170); a) 1574 avoir SUJET pour + inf. « avoir un motif légitime de, avoir matière à » (GARNIER, Cornélie, V, 1858 ds Tragédies, éd. W. Foerster, I, 144); fin XVIe s. avoir SUJET de + inf. « id. » (PASQUIER, 559 ds IGLF); b) fin XVIe s. prendre SUJET de + inf. « saisir l'occasion de » (ID., 541, *ibid.*); c) 1604 sans SUJET « sans motif » Sans SUJET, sans raison (MONTCHRÉTIEN, Aman, II ds Tragédies, éd. L. Petit de Julleville, p. 260); d) 1626 donner SUJET de + inf. « procurer une raison légitime de; fournir prétexte à » (RICHELIEU, Lettres, II, 215 ds HASCHKE Richelieu, p. 131); e) 1644 à quel SUJET? (SCARRON, Le Typhon, chant III ds Œuvres, Paris, J. Fr. Bastien, t. 5, p. 454); 2. 1578-83 « personne considérée comme la cause, le motif d'une action, d'un comportement, d'un sentiment » (D'AUBIGNÉ, Le Printemps, Préf. ds Œuvres compl., éd. Réaume et de Caussade, t. 3, p. 11: La plupart des Césars Sont les subjets de nos larmes). II. Loc. prép. 1580 sur le subject de « à propos de, relativement à » (MONTAIGNE, op. cit., II, 12, p. 556); 1588 [éd.] au SUJET de « id. » (ID., *ibid.*, III, 3, p. 824). Empr. au b. lat. *subjectum* « substance », neutre subst. de *subjectus* (v. SUJET) traduisant le gr. « ce qui sert de fondement à une discussion, texte, matière », opposé à *accidens* (v. *accident*) et distinct de *objectum* « objet », v. ce mot pour l'oppos. entre objet et SUJET; l'empl. gramm. A 1 b est un empr. au lat. des grammairiens (SOUTER Later Latin).

STAT. SUJET1 et 2. Fréq. abs. littér.: 15 674. Fréq. rel. littér.: XIXe s.: a) 28 200, b) 15 456; XXe s.: a) 14 786, b) 25 423. BBG. LAGANE (R.). Probl. de définition. Le SUJET. Lang. fr. 1969, no 1, pp. 58-62. MARTINET (A.). Thème, propos, agent et SUJET. Linguistique. Paris. 1985, no 21, pp. 207-220. PERROT (J.). Rem. sur la not. de SUJET. Mél. Cohen (M.). The Hague. Paris, 1970, pp. 107-112. POTTIER (B.). SUJET et prédicat en fr. B. Soc. Ling. 1949, t. 45, pp. XVI-XVIII. QUEM. DDL t. 19, 30. RUWET (N.). Montée du SUJET et extraposition. Fr. mod. 1975, t. 43, pp. 97-134. SAUVAGEOT (A.). Le Probl. du SUJET. B. Soc. Ling. 1974, t. 69, pp. 225-246. SØRENSEN (F.). La Position du SUJET en fr. et en dan. Analyses gramm. du fr. pour le 50e anniversaire de C. Vikner. Copenhague, 1983, pp. 38-49. Subjet and topic. Ed. by C. N. Li. New York, 1976, 594 p. VAILLANT (Ph.). À Propos de SUJET et objet. Parlure. 1987, no 3, pp. 59-63. ZEMB (J. M.). La Fallacieuse équipollence du SUJET et du thème. Fr. mod. 1978, t. 46, pp. 333-346.

ANEXO B – O LÉXICO SUJEITO NO NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO

Do lat. *subjectu*, ‘posto debaixo’].

Adjetivo.

1. Súdito (1).
 2. Escravizado, cativo.
 3. Obrigado, constringido, adstrito.
 4. Que se sujeita à vontade dos outros; obediente, dócil.
 5. Dependente, submetido:
- “Tudo à morte anda SUJEITO” (José Albano, *Rimas*, p. 28).

6. Exposto, passível:

Esta decisão é sujeita a futura reformulação.

Substantivo masculino.

7. Indivíduo indeterminado, ou cujo nome se quer omitir:

“Deixara sua casa e filho único sob a vigilância de um irmão clérigo, SUJEITO de clara fama e varão doutíssimo.” (Camilo Castelo Branco, *O Bem e o Mal*, p. 39); “Dinheiro corria como água da serra; qualquer SUJEITO tinha contos de réis.” (Afrânio Peixoto, *Bugrinha*, p. 173).

8. Súdito, vassalo.

9. Assunto, tema.

10. Indivíduo que não se nomeia:

É um SUJEITO sem moral.

11. E. Ling. Denominação que, partindo da identificação da oração com uma proposição lógica, veio a substituir, ainda na Idade Média, a tradicional denominação de suposto² (q. v.) para a nomeação do termo da oração a respeito do qual se enuncia algo.

12. Filos. O indivíduo real, que é portador de determinações e que é capaz de propor objetivos e praticar ações. [Cf., nesta acepç., *objeto* (10).]

13. Filos. Na relação de conhecimento, o correlato objeto, isto é, o que conhece, em oposição ao que é conhecido: o pensamento, a percepção, a intuição, etc. [Cf., nesta acepç., *conhecimento* (10), *objeto* (9) e *teoria do conhecimento*.]

14. Filos. Agente, fonte de atividade.

15. Jur. Titular de um direito.

16. Jur. Cada uma das pessoas vinculadas a uma relação jurídica.

17. Lóg. Na proposição, termo de que se nega ou se afirma alguma coisa.

18. Mús. O tema em que se baseia a fuga.

19. Bras. Designação que davam os sertanejos aos escravos.

20. Bras. Pej. Indivíduo reles, imprestável, mau:

É um SUJEITO sem moral.

SUJEITO composto. E. Ling. O que tem mais de um núcleo.

SUJEITO determinado. E. Ling. O que pode ser identificado na oração, quer se apresente de forma explícita, quer implícita.

SUJEITO indeterminado. E. Ling. O que não está expresso na oração, ou por não se desejar que ele seja conhecido, ou pela impossibilidade de sua explicitação.

SUJEITO oculto. E. Ling. O que se acha subentendido na oração, mas é passível de ser identificado.

SUJEITO simples. E. Ling. O que só tem um núcleo, i. e., aquele em que o verbo se refere a um único elemento.

SUJEITO zero. E. Ling. Em análise sintática, SUJEITO (11) inexistente:

A oração Choveu muito tem SUJEITO zero.

ANEXO C – TABELA HIERÁRQUICA DE FREQUÊNCIA IGUAL OU SUPERIOR A 50 DE ÉCRITS (1966) E ESCRITOS (1978 e 1998) COM SINAIS DE PONTUAÇÃO

	<i>Écrits</i> (1966)	Frequência (f)	<i>Ecritos</i> (1978)	Frequência (f)	<i>Ecritos</i> (1998)	Frequência (f)
1	,	6887	,	7558	,	9908
2	<i>de</i>	5324	<i>que</i>	5438	<i>que</i>	5492
3	<i>la</i>	4324	<i>a</i>	4079	<i>a</i>	4225
4	<i>l'</i>	3502	<i>de</i>	3896	<i>de</i>	4003
5	-	3152	<i>o</i>	3582	<i>o</i>	3374
6	<i>à</i>	2903	-	3136	-	3122
7	<i>le</i>	2732	<i>se</i>	2533	<i>se</i>	2237
8	<i>que</i>	2292	<i>do</i>	2207	<i>do</i>	2087
9	<i>est</i>	2127	<i>é</i>	1852	-	1762
10	<i>qu'</i>	1769	<i>da</i>	1682	<i>é</i>	1756
11	<i>en</i>	1678	<i>e</i>	1583	<i>da</i>	1620
12	<i>il</i>	1634	_	1557	<i>e</i>	1612
13	<i>d'</i>	1619	<i>não</i>	1550	<i>em</i>	1460
14	<i>dans</i>	1586	<i>em</i>	1425	<i>não</i>	1319
15	<i>qui</i>	1540	<i>um</i>	1206	<i>um</i>	1151
16	<i>du</i>	1526	<i>para</i>	1007	<i>para</i>	1076
17	_	1502	<i>uma</i>	1004	<i>por</i>	1066
18	<i>et</i>	1484	<i>sua</i>	887	<i>uma</i>	966
19	<i>ce</i>	1333	<i>ao</i>	876	<i>sua</i>	884
20	<i>un</i>	1273	<i>por</i>	846	<i>no</i>	873
21	<i>nous</i>	1206	<i>no</i>	829	<i>na</i>	838
22	<i>les</i>	1168	<i>na</i>	804	<i>como</i>	829
23	<i>pour</i>	1036	<i>ele</i>	780	<i>com</i>	822
24	<i>une</i>	1020	<i>como</i>	756	<i>ao</i>	729
25	<i>s'</i>	873	<i>seu</i>	733	<i>seu</i>	695
26	<i>pas</i>	859	"	644	<i>ele</i>	693
27	<i>ne</i>	857	:	590	"	602
28	<i>se</i>	840	<i>com</i>	587	<i>nos</i>	592
29	<i>n'</i>	833	<i>os</i>	579	<i>os</i>	544
30	<i>des</i>	799	<i>à</i>	578	<i>mais</i>	536
31	<i>c'</i>	777	<i>mais</i>	577	<i>à</i>	517
32	<i>son</i>	760	<i>nos</i>	565	<i>sujeito</i>	485
33	<i>au</i>	760	<i>mas</i>	492	<i>mas</i>	482
34	<i>par</i>	723	<i>sujeito</i>	485	:	476
35	<i>a</i>	678	<i>ai</i>	460	<i>ou</i>	475
36	<i>y</i>	663	<i>ela</i>	434	<i>ser</i>	462

37	<i>on</i>	651	<i>as</i>	425	<i>as</i>	422
38	<i>sa</i>	638	<i>ser</i>	399	<i>dos</i>	387
39	:	581	<i>mesmo</i>	395	<i>ela</i>	363
40	<i>elle</i>	577	<i>dos</i>	386)	360
41	<i>où</i>	576)	368	(349
42	<i>plus</i>	551	(359	<i>esse</i>	347
43	<i>comme</i>	548	<i>qual</i>	356	<i>essa</i>	329
44	<i>cette</i>	512	<i>onde</i>	339	<i>freud</i>	322
45	<i>mais</i>	496	<i>ou</i>	337	<i>isso</i>	317
46	<i>sujet</i>	491	<i>esse</i>	326	<i>qual</i>	312
47	<i>même</i>	487	<i>sobre</i>	324	<i>das</i>	294
48	<i>être</i>	471	<i>freud</i>	321	<i>mesmo</i>	280
49	<i>dont</i>	450	<i>essa</i>	302	<i>pois</i>	278
50	<i>lui</i>	371	<i>pode</i>	297	<i>outro</i>	273
51	<i>sur</i>	367	<i>das</i>	289	<i>pode</i>	262
52	<i>autre</i>	356	<i>pois</i>	285	<i>pelo</i>	262
53	<i>peut</i>	353	<i>outro</i>	277	<i>significante</i>	259
54	<i>si</i>	342	<i>significante</i>	262	<i>pela</i>	242
55)	338	<i>sem</i>	257	<i>sem</i>	237
56	(336	<i>aqui</i>	235	<i>só</i>	235
57	<i>fait</i>	328	<i>pelo</i>	234	<i>seja</i>	235
58	<i>freud</i>	321	<i>lo</i>	222	?	216
59	<i>bien</i>	306	<i>pela</i>	209	<i>aqui</i>	204
60	«	298	<i>assim</i>	207	<i>lhe</i>	201
61	»	288	?	206	<i>seus</i>	185
62	<i>ou</i>	282	<i>isso</i>	194	<i>sentido</i>	185
63	<i>notre</i>	276	<i>sentido</i>	191	<i>assim</i>	183
64	<i>dire</i>	276	<i>efeito</i>	190	<i>fala</i>	177
65	<i>leur</i>	271	<i>fala</i>	183	<i>já</i>	173
66	<i>sans</i>	257	<i>senão</i>	180	<i>inconsciente</i>	171
67	<i>car</i>	252	<i>lhe</i>	177	<i>fato</i>	171
68	<i>tout</i>	249	<i>bem</i>	176	<i>quanto</i>	170
69	<i>ses</i>	240	<i>seja</i>	175	<i>nada</i>	168
70	<i>ici</i>	231	<i>seus</i>	173	<i>lo</i>	168
71	<i>là</i>	229	<i>lugar</i>	170	<i>homem</i>	166
72	<i>signifiant</i>	277	<i>inconsciente</i>	170	<i>efeito</i>	165
73	<i>effet</i>	224	<i>verdade</i>	169	<i>nossa</i>	163
74	<i>avec</i>	222	<i>tempo</i>	164	<i>lugar</i>	161
75	<i>aux</i>	211	<i>homem</i>	164	<i>verdade</i>	156
76	<i>ces</i>	206	<i>somente</i>	162	<i>função</i>	156
77	<i>soit</i>	202	<i>são</i>	161	<i>está</i>	156

78	<i>faire</i>	199	<i>dizer</i>	157	<i>dizer</i>	155
79	<i>?</i>	199	<i>sob</i>	156	<i>linguagem</i>	154
80	<i>sens</i>	198	<i>nada</i>	155	<i>são</i>	153
81	<i>sont</i>	197	<i>linguagem</i>	153	<i>apenas</i>	152
82	<i>ils</i>	194	<i>função</i>	153	<i>tempo</i>	151
83	<i>je</i>	183	<i>nossa</i>	152	<i>onde</i>	151
84	<i>aussi</i>	172	<i>relação</i>	150	<i>foi</i>	150
85	<i>homme</i>	168	<i>objeto</i>	150	<i>desejo</i>	150
86	<i>sous</i>	164	<i>discurso</i>	147	<i>até</i>	150
87	<i>non</i>	164	<i>desejo</i>	147	<i>objeto</i>	149
88	<i>ainsi</i>	161	<i>eles</i>	140	<i>eu</i>	147
89	<i>deux</i>	160	<i>forma</i>	139	<i>discurso</i>	145
90	<i>temps</i>	159	<i>eu</i>	139	<i>relação</i>	143
91	<i>rien</i>	157	<i>000000</i>	139	<i>sobre</i>	141
92	<i>parole</i>	155	<i>saber</i>	138	<i>numa</i>	138
93	<i>inconscient</i>	154	<i>nosso</i>	137	<i>eles</i>	135
94	<i>langage</i>	153	<i>menos</i>	137	<i>ainda</i>	135
95	<i>fonction</i>	152	<i>quanto</i>	131	<i>qualquer</i>	134
96	<i>objet</i>	150	<i>fato</i>	130	<i>tão</i>	133
97	<i>désir</i>	150	<i>tal</i>	129	<i>nem</i>	132
98	<i>moins</i>	47	<i>ainda</i>	129	<i>entre</i>	132
99	<i>discours</i>	145	<i>la</i>	126	<i>menos</i>	131
100	<i>dit</i>	144	<i>experiência</i>	125	<i>forma</i>	129
101	<i>toute</i>	142	<i>desde</i>	125	<i>experiência</i>	127
102	<i>quoi</i>	141	<i>toda</i>	124	<i>quando</i>	126
103	<i>savoir</i>	141	<i>quando</i>	123	<i>análise</i>	125
104	<i>lettre</i>	134	<i>faz</i>	123	<i>nosso</i>	125
105	<i>celle</i>	134	<i>todo</i>	118	<i>há</i>	124
106	<i>cet</i>	131	<i>preciso</i>	118	<i>vez</i>	122
107	<i>vérité</i>	128	<i>análise</i>	118	<i>suas</i>	122
108	<i>tant</i>	128	<i>tem</i>	117	<i>tem</i>	121
109	<i>encore</i>	128	<i>próprio</i>	117	<i>la</i>	120
110	<i>avons</i>	126	<i>então</i>	117	<i>faz</i>	119
111	<i>forme</i>	125	<i>momento</i>	114	<i>momento</i>	115
112	<i>expérience</i>	124	<i>isto</i>	114	<i>desse</i>	114
113	<i>vous</i>	120	<i>desse</i>	114	<i>tal</i>	112
114	<i>celui</i>	120	<i>só</i>	113	<i>própria</i>	111
115	<i>analyse</i>	120	<i>suas</i>	110	<i>dois</i>	107
116	<i>faut</i>	117	<i>fazer</i>	110	<i>sob</i>	107
117	<i>seulement</i>	110	<i>nós</i>	108	<i>ali</i>	105
118	<i>quand</i>	110	<i>mesma</i>	108	<i>próprio</i>	103

119	<i>symbolique</i>	108	<i>tão</i>	107	<i>isto</i>	102
200	<i>moment</i>	105	<i>dois</i>	107	<i>muito</i>	102
201	<i>entre</i>	105	<i>cada</i>	107	<i>fazer</i>	101
202	<i>ceci</i>	103	<i>carta</i>	107	<i>psicanálise</i>	101
203	<i>dès</i>	103	<i>nem</i>	106	<i>bem</i>	100
204	<i>donc</i>	102	<i>entre</i>	105	<i>carta</i>	100
205	<i>psychanalyse</i>	101	<i>psicanálise</i>	100	<i>efeitos</i>	100
206	<i>effets</i>	99	<i>aos</i>	100	<i>num</i>	100
207	<i>terme</i>	98	<i>já</i>	99	<i>ter</i>	99
208	<i>quelque</i>	97	<i>até</i>	98	<i>nas</i>	99
209	<i>place</i>	97	<i>efeitos</i>	98	<i>outra</i>	98
210	<i>déjà</i>	96	<i>razão</i>	95	<i>senão</i>	98
211	<i>autant</i>	96	<i>ter</i>	94	<i>aos</i>	97
212	<i>voire</i>	93	<i>dessa</i>	93	<i>modo</i>	97
213	<i>propre</i>	93	<i>termo</i>	93	<i>nós</i>	95
214	<i>question</i>	92	<i>própria</i>	90	<i>cada</i>	93
215	<i>logique</i>	92	<i>esta</i>	89	<i>quem</i>	93
216	<i>relation</i>	91	<i>medida</i>	88	<i>dessa</i>	92
217	<i>chez</i>	91	<i>deve</i>	86	<i>si</i>	90
218	<i>reste</i>	90	<i>seria</i>	86	<i>medida</i>	88
219	<i>avoir</i>	90	<i>caso</i>	85	<i>razão</i>	88
220	<i>nos</i>	89	<i>questão</i>	85	<i>antes</i>	87
221	<i>toujours</i>	87	<i>nas</i>	85	<i>também</i>	87
222	<i>serait</i>	87	<i>termos</i>	82	<i>seria</i>	86
223	<i>autres</i>	85	<i>real</i>	82	<i>ponto</i>	84
224	<i>cas</i>	84	<i>às</i>	81	<i>cuja</i>	82
225	<i>histoire</i>	83	<i>ego</i>	81	<i>me</i>	82
226	<i>ont</i>	82	<i>estrutura</i>	81	<i>nele</i>	82
227	<i>était</i>	82	<i>segundo</i>	81	<i>termo</i>	82
228	<i>structure</i>	81	<i>ponto</i>	81	<i>história</i>	81
229	<i>doute</i>	81	<i>outros</i>	81	<i>podemos</i>	80
230	<i>moi</i>	79	<i>me</i>	80	<i>saber</i>	80
231	<i>été</i>	79	<i>maneira</i>	79	<i>estrutura</i>	79
232	<i>raison</i>	77	<i>outra</i>	78	<i>segundo</i>	79
233	<i>ni</i>	76	<i>dar</i>	78	<i>real</i>	79
234	<i>va</i>	76	<i>foi</i>	78	<i>cujo</i>	78
235	<i>point</i>	75	<i>esses</i>	77	<i>preciso</i>	78
236	<i>ait</i>	75	<i>há</i>	77	<i>disso</i>	77
237	<i>telle</i>	74	<i>vez</i>	76	<i>além</i>	76
238	<i>jusqu'</i>	74	<i>quais</i>	76	<i>nesse</i>	76
239	<i>pourtant</i>	73	<i>nesse</i>	75	<i>quer</i>	76

240	<i>mort</i>	73	<i>além</i>	74	<i>portanto</i>	75
241	<i>dialectique</i>	73	<i>sempre</i>	73	<i>toda</i>	75
242	<i>part</i>	72	<i>realidade</i>	73	<i>às</i>	74
243	<i>tous</i>	71	<i>porque</i>	73	<i>caso</i>	74
244	<i>t</i>	71	<i>numa</i>	73	<i>então</i>	74
245	<i>ceux</i>	71	<i>antes</i>	73	<i>nela</i>	73
246	<i>tel</i>	70	<i>primeiro</i>	72	<i>quais</i>	73
247	<i>donne</i>	70	<i>lá</i>	72	<i>será</i>	73
248	<i>imaginaire</i>	69	<i>cuja</i>	72	<i>todos</i>	73
249	<i>jamais</i>	68	<i>dúvida</i>	71	<i>trata</i>	73
250	<i>elles</i>	68	<i>tudo</i>	71	<i>esses</i>	72
251	<i>termes</i>	66	<i>todos</i>	70	<i>deve</i>	71
252	<i>lors</i>	66	<i>dá</i>	69	<i>outros</i>	71
253	<i>fois</i>	66	<i>parte</i>	67	<i>desde</i>	70
254	<i>trouve</i>	65	<i>história</i>	67	<i>sempre</i>	70
255	<i>ordre</i>	65	<i>melhor</i>	67	<i>ordem</i>	70
256	<i>étant</i>	65	<i>tenha</i>	67	<i>termos</i>	70
257	<i>technique</i>	64	<i>trata</i>	66	<i>tudo</i>	69
258	<i>pourquoi</i>	63	<i>elas</i>	66	<i>lhes</i>	69
259	<i>analyste</i>	63	<i>tanto</i>	66	<i>justamente</i>	68
260	<i>sait</i>	62	<i>diz</i>	65	<i>parece</i>	68
261	<i>premier</i>	62	<i>eis</i>	65	<i>dar</i>	67
262	<i>notion</i>	62	<i>analista</i>	64	<i>mesma</i>	67
263	<i>réalité</i>	61	<i>ordem</i>	64	<i>campo</i>	66
264	<i>reconnaitre</i>	61	<i>encontra</i>	63	<i>maneira</i>	66
265	<i>réel</i>	61	<i>jogo</i>	63	<i>dúvida</i>	65
266	<i>peu</i>	61	<i>noção</i>	63	<i>através</i>	64
267	<i>après</i>	61	<i>poderia</i>	62	<i>eis</i>	63
268	<i>vient</i>	60	<i>portanto</i>	62	<i>palavras</i>	63
269	<i>ci</i>	60	<i>quem</i>	62	<i>primeiro</i>	63
270	<i>abord</i>	60	<i>dialética</i>	61	<i>todo</i>	63
271	<i>agit</i>	59	<i>enquanto</i>	61	<i>valor</i>	63
272	<i>avant</i>	59	<i>muito</i>	61	<i>partir</i>	62
273	<i>eux</i>	59	<i>nossos</i>	61	<i>analista</i>	61
274	<i>façon</i>	59	<i>parece</i>	61	<i>coisa</i>	61
275	<i>mot</i>	59	<i>visto</i>	61	<i>dialética</i>	60
276	<i>usage</i>	59	<i>modo</i>	60	<i>realidade</i>	60
277	<i>valeur</i>	59	<i>poder</i>	60	<i>tanto</i>	60
278	<i>SUJETs</i>	58	<i>simbólica</i>	59	<i>letra</i>	59
279	<i>vie</i>	57	<i>valor</i>	59	<i>simbólica</i>	59
280	<i>doit</i>	57	<i>vida</i>	59	<i>este</i>	58

281	<i>mouvement</i>	57	<i>pouco</i>	58	<i>melhor</i>	58
282	<i>seul</i>	56	<i>morte</i>	58	<i>nessa</i>	58
283	<i>chacun</i>	56	<i>movimento</i>	58	<i>sendo</i>	58
284	<i>puisque</i>	56	<i>palavras</i>	58	<i>constitui</i>	57
285	<i>champ</i>	55	<i>aquele</i>	57	<i>morte</i>	57
286	<i>comment</i>	55	<i>cujo</i>	57	<i>movimento</i>	57
287	<i>jeu</i>	55	<i>num</i>	57	<i>noção</i>	57
288	<i>lieu</i>	55	<i>primeira</i>	57	<i>porque</i>	57
289	<i>loi</i>	55	<i>técnica</i>	57	<i>questão</i>	57
290	<i>contre</i>	54	<i>vai</i>	57	<i>sujeitos</i>	57
291	<i>leurs</i>	54	<i>sabe</i>	56	<i>técnica</i>	57
292	<i>loin</i>	54	<i>si</i>	56	<i>vida</i>	56
293	<i>me</i>	54	<i>sujeitos</i>	56	<i>tenha</i>	56
294	<i>plutôt</i>	54	<i>também</i>	56	<i>diz</i>	56
295	<i>esprit</i>	53	<i>entretanto</i>	55	<i>lei</i>	56
296	<i>transfert</i>	53	<i>lhes</i>	55	<i>nome</i>	56
297	<i>mesure</i>	52	<i>palavra</i>	55	<i>nossos</i>	56
298	<i>métaphore</i>	52	<i>quer</i>	55	<i>essas</i>	55
299	<i>mon</i>	52	<i>campo</i>	54	<i>imagem</i>	55
300	<i>pensée</i>	52	<i>duas</i>	54	<i>simples</i>	55
301	<i>voie</i>	52	<i>lei</i>	54	<i>dela</i>	54
302	<i>chose</i>	51	<i>metáfora</i>	54	<i>esta</i>	54
303	<i>texte</i>	51	<i>posição</i>	54	<i>metáfora</i>	54
304	<i>donner</i>	50	<i>qualquer</i>	54	<i>aquilo</i>	53
305	<i>mieux</i>	50	<i>vê</i>	54	<i>dele</i>	53
306	<i>nature</i>	50	<i>essas</i>	53	<i>duas</i>	53
307	<i>toutes</i>	50	<i>nome</i>	53	<i>lógica</i>	53
308			<i>ver</i>	53	<i>parte</i>	53
309			<i>este</i>	52	<i>primeira</i>	53
310			<i>passa</i>	52	<i>texto</i>	53
311			<i>sendo</i>	52	<i>uso</i>	53
312			<i>igualmente</i>	51	<i>jogo</i>	52
313			<i>pensamento</i>	51	<i>nisso</i>	52
314			<i>texto</i>	51	<i>palavra</i>	52
315			<i>todas</i>	51	<i>pensamento</i>	52
316			<i>era</i>	50	<i>teoria</i>	52
317			<i>nessa</i>	50	<i>todas</i>	52
318				50	<i>entanto</i>	51
319				50	<i>obra</i>	51
320				50	<i>contra</i>	51
321				50	<i>dá</i>	51

322	50	<i>elas</i>	51
323	50	<i>convém</i>	50
324	50	<i>exemplo</i>	50
325	50	<i>reconhecer</i>	50

ANEXO D – AS CONCORDÂNCIAS DE SUJET EM ÉCRITS (1966)

OR 6a	promu à soutenir la structure du SUJET . C' est bien là que nos élève
OR 6b	du terme , cette division où le SUJET se vérifie de ce qu' un objet l
OR 6d	is comme la cause du désir où le SUJET s' éclipse , et comme soutenant
OR 6d	éclipse , et comme soutenant le SUJET entre vérité et savoir .
OR 7c	ique) où il nous faut situer le SUJET de l' inconscient , si nous dev
OR 8b	analytiques déterminants pour le SUJET : tels que la forclusion (Verw
OR 9a	dre symbolique qui est , pour le SUJET , constituant , en vous démontr
OR 9b	la détermination majeure que le SUJET reçoit du parcours d' un signif
OR 25c	idéal » : la communication d' un SUJET à l' autre à l' intérieur de la
OR 27a	Il se situe là où le SUJET ne peut rien saisir sinon la su
OR 28b	suprématie du signifiant dans le SUJET . Tel opère Dupin , quand il p
OR 47a	mme le titre l' indique , est le SUJET véritable du conte : puisqu' el
OR 47d	nous commentons , c' est que le SUJET suit la filière du symbolique ,
OR 47d	ore : ce n' est pas seulement le SUJET , mais les SUJETs , pris dans l
OR 66c	bécillité qui tient justement au SUJET . C' est ce qui va donner leur
OR 67e	prééminence du signifiant sur le SUJET .
OR 76a	un langage formel détermine le SUJET . Mais l' intérêt d' un tel pr
OR 76a	mple : puisqu' il suppose qu' un SUJET ne le remplira qu' à y mettre d
OR 77a	que fois qu' à s' expliquer leur SUJET de tous les jours , leur patient
OR 78a	, 000000 ne sont pas sans qu' un SUJET s' en souviennent , nous objecte
OR 79c	critique kantienne indûment , le SUJET bienveillant à faire un sort à
OR 80a	s à répondre à la question d' un SUJET , qu' à le coucher d' abord ?
OR 97c	a pu entrer dans cet ordre comme SUJET . Mais il n' a pu faire cette
OR 97d	se reproduit chaque fois que le SUJET s' adresse à l' Autre comme abs
OR 98c	schéma , entre cet en - deçà du SUJET et cet au - delà de l' Autre ,
OR 100d	nons à recouvrir la structure du SUJET (S de notre schéma L) , en ta
OR 102a	notre schéma L , symbolisant le SUJET supposé complété du Es freudien
OR 102a	osé complété du Es freudien , le SUJET de la séance psychanalytique pa
OR 103a	C' est de là aussi que le SUJET S reçoit son message sous une f
OR 103c	d' une mémoration primordiale au SUJET et d' une structuration dont il
OR 104d	eur dans l' histoire qui sera le SUJET du présent séminaire , comme ce
OR 105a	' en dénonce le leurre . Ici le SUJET est l' interrogé : il répond à
OR 106c	déré par son adversaire comme un SUJET qui l' objective , car il est v
OR 106c	, car il est vrai qu' il soit ce SUJET , et dès lors le voilà pris ave
OR 108a	, c' est - à - dire qui suis le SUJET actif , mon effort à chaque ins
OR 109b	et à long terme les choix d' un SUJET , n' arrive à gagner au - delà
OR 111c	s affirmons du signifiant sur le SUJET . Si c' est là une vérité , el
OR 118b	ier argument . On appelle A le SUJET réel qui vient conclure pour lu
OR 125d	titué d' un procès logique où le SUJET a transformé les trois combinai
OR 126b	impliquent de se produire d' un SUJET de pure logique et faire échoue
OR 126d	bjection du logicien ou doute du SUJET , se révèle à chaque fois comme
OR 126d	r mieux dire , comme la fuite du SUJET dans une exigence formelle .
OR 129b	, à savoir l' attribut ignoré du SUJET lui - même . Dans ce passage ,
OR 129b	i - même . Dans ce passage , le SUJET rencontre la suivante combinai

OR 129c	' est là une intuition par où le SUJET objective quelque chose de plus
OR 130a	onstater chez l' autre et que le SUJET manifeste dans les termes qu' i
OR 131b	l' assertion sur soi , par où le SUJET conclut le mouvement logique da
OR 131c	ectivement , se poursuit chez le SUJET en une réflexion , où cette ins
OR 132a	c et d' un noir , il apparaît au SUJET qu' il ne diffère pas logiqueme
OR 133a	ence du mouvement logique que le SUJET précipite à la fois son jugemen
OR 133b	qui manifeste aux autres que le SUJET a conclu . Mais arrêtons - no
OR 133b	rrêtons - nous en ce point où le SUJET dans son assertion atteint une
OR 134b	mule dans l' assertion par où le SUJET conclut son mouvement logique ,
OR 134d	n avec l' originalité logique du SUJET de l' assertion : en raison de
OR 134e	ion subjective , à savoir que le SUJET logique n' y est autre que la f
OR 134e	utre que la forme personnelle du SUJET de la connaissance , celui qui
OR 135a	me ne peut être porté que par le SUJET qui en a formé l' assertion sur
OR 135a	- au contraire des relations du SUJET impersonnel et du SUJET indéfin
OR 135a	tions du SUJET impersonnel et du SUJET indéfini réciproque des deux pr
OR 135b	llement transitives , puisque le SUJET personnel du mouvement logique
OR 135b	ifeste bien la valeur logique du SUJET de l' assertion . Le premier
OR 135c	e donne que la forme générale du SUJET noétique : il peut être aussi b
OR 136a	Le « je » , SUJET de l' assertion conclusive , s'
OR 137a	Le SUJET , en effet , a saisi le moment
OR 137b	voir , c' est que , s' il y a un SUJET qui doit déclarer à l' enquête
OR 138b	suspendue et qu' il manifeste au SUJET sa limite dans le temps pour co
OR 138d	la fonction de ce doute quant au SUJET de l' assertion , voyons ce que
OR 141a	e à lui pourtant maintenant ; le SUJET , en effet , qui aurait conclu
OR 141d	r qu' à ce même moment , si tout SUJET peut , à l' enquête , exprimer
OR 141e	ongé dans l' erreur » , ce même SUJET peut aussi exprimer cette même
OR 141f	e avancée comme véritable par le SUJET , dès qu' il a constitué le mou
OR 141g	comme telle être assumée par ce SUJET que personnellement , - mais qu
OR 143a	un « je » à la commune mesure du SUJET réciproque , ou encore : des au
OR 146b	ivoiser les oreilles au terme de SUJET . Celui qui nous en donne l' o
OR 147c	valeur la primauté du rapport de SUJET à SUJET dans toutes les réactio
OR 147c	a primauté du rapport de SUJET à SUJET dans toutes les réactions de l'
OR 148a	tout entière dans ce rapport de SUJET à SUJET , en signifiant par là
OR 148a	tière dans ce rapport de SUJET à SUJET , en signifiant par là qu' elle
OR 148b	s une psychanalyse en effet , le SUJET , à proprement parler , se const
OR 149e	lyste pour un point de vue où le SUJET n' est plus qu' objet ?
OR 152d	ructures où se transmute pour le SUJET la vérité , et qui ne touchent
OR 152d	ais sa position même en tant que SUJET dont sont fonction ses « objets
OR 153a	posé est identique au progrès du SUJET , c' est à - dire à la réalité
OR 153c	sfert qu' on dit négatif dans le SUJET , comme l' opération de l' anal
OR 157b	e un intérêt pour la personne du SUJET - rival , intérêt dont la natur
OR 161b	tte aliénation primordiale où le SUJET se reconnaît comme je ... Aus
OR 168d	fert n' est rien de réel dans le SUJET , sinon l' apparition , dans un
OR 170c	qu' il n' y a de progrès pour le SUJET que par l' intégration où il pa
OR 183b	ut qu' y reconnaître un alibi du SUJET . Essayons de dessiner la topi
OR 194a	A RÉALISATION PSYCHANALYTIQUE DU SUJET Donne en ma bouche
parole vraie	
OR 195b	il à analyser le comportement du SUJET pour y trouver ce qu' il ne dit
OR 195c	Mais qu' était donc cet appel du SUJET au - delà du vide de son dire ?
OR 195d	ur l' autre par les moyens où le SUJET met sa complaisance et où il va
OR 198b	e notre obtusion à l' endroit du SUJET . Demandons - nous plutôt d' o
OR 198c	it inhérente au discours même du SUJET ? Le SUJET ne s' y engage - t
OR 198c	au discours même du SUJET ? Le SUJET ne s' y engage - t - il pas dan

OR 199b) t frustration non d' un désir du SUJET , mais d' un objet où son désir
 OR 199b) tant plus s' approfondit pour le SUJET l' aliénation de sa jouissance
 OR 199c) ond degré donc , et telle que le SUJET en ramènerait - il la forme en
 OR 199c) à l' image passivante par où le SUJET se fait objet dans la parade du
 OR 200a) adéquate à ce discours , car le SUJET tiendra comme de mépris toute p
 OR 200a) méprise . L' agressivité que le SUJET éprouvera ici n' a rien à faire
 OR 200c) scours , démonte l' objet que le SUJET a construit pour le satisfaire
 OR 201a) » qui viserait à transformer le SUJET dans son présent par des explic
 OR 201b) quelque moment bénéfique pour le SUJET , ceci n' a pas d' autre portée
 OR 201d) t y être lu concernant le moi du SUJET , qui ne puisse être réassumé p
 OR 202a) rmanente de l' assumption que le SUJET fait de ses mirages , où pourra
 OR 202a) à l' objet revient à projeter le SUJET dans une illusion aliénante qui
 OR 202b) t pas de la réaction négative du SUJET , mais bien plutôt de sa captur
 OR 202c) e de suspendre les certitudes du SUJET , jusqu' à ce que s' en consumen
 OR 204a) ui donne son sens au discours du SUJET . C' est pourquoi la suspensio
 OR 205a) à l' objet revient à projeter le SUJET dans une illusion aliénante qui
 OR 205b) contact éprouvé de la réalité du SUJET . Cette tarte à la crème de la
 OR 206c) ire de réfracteur du discours du SUJET , et qu' ainsi est présentée to
 OR 207b) objet au - delà de la parole du SUJET , comme certains s' astreignent
 OR 207c) elation imaginaire qui le lie au SUJET en tant que moi et , faute de p
 OR 208b) celui de la parole vide , où le SUJET semble parler en vain de quelqu
 OR 210d) ils n' ont pas à connaître si le SUJET s' est ressouvenu de quoi que c
 OR 212c) ' une et l' autre constituant le SUJET comme gewesend , c' est - à - d
 OR 214c) itue le peu de liberté par où le SUJET les fait présentes . Les méand
 OR 214d) s effets à chaque tournant où le SUJET se restructure , c' est - à - d
 OR 215a) ' événement reste latent dans le SUJET . C' est - à - dire qu' il ann
 OR 215b) qui précipitent la méditation du SUJET vers le sens à décider de l' év
 OR 215c) est bien cette assumption par le SUJET de son histoire , en tant qu' el
 OR 216c) la réalité transindividuelle du SUJET ; ses opérations sont celles de
 OR 216c) Premièrement en effet , quand le SUJET s' engage dans l' analyse , il
 OR 217a) uyer sur ce que l' allocution du SUJET y comporte un allocutaire , aut
 OR 217b) ntinuité dans les motivations du SUJET . L' examen opérationnel de ce
 OR 217c) s où se constitue l' histoire du SUJET . C' est ainsi que le SUJET pe
 OR 217c) du SUJET . C' est ainsi que le SUJET peut vaticiner sur son histoire
 OR 218b) fait défaut à la disposition du SUJET pour rétablir la continuité de
 OR 219a) bouche pour donner à l' acte du SUJET qui en reçoit le message , le s
 OR 221d) articuliers de l' histoire d' un SUJET .
 OR 225a) Ce que nous apprenons au SUJET à reconnaître comme son inconsc
 OR 225c) le symbole le mirage même où le SUJET s' est trouvé pris . Pour dire
 OR 231b) pas châtré » , où s' affirme le SUJET , la forme compulsive où r
 OR 231d) ud a fait réaliser les effets au SUJET par ses offices avant de nous l
 OR 232b) . Mais qu' est - ce donc que ce SUJET dont vous nous rebattez l' ente
 OR 232c) besoin de fermer les yeux . Le SUJET va bien au - delà de ce que l'
 OR 233a) Que l' inconscient du SUJET soit le discours de l' autre ,
 OR 233b) que . Coïncidence des propos du SUJET avec des faits dont il ne peut
 OR 234c) par réduction de l' histoire du SUJET particulier que l' analyse touc
 OR 236d) ns une telle subodoration de son SUJET , obtenue après deux ou trois a
 OR 238c) orsives ou séductrices , dont le SUJET module son discours onirique .
 OR 238d) ir même de le contredire chez le SUJET qu' il a tenté d' en convaincre
 OR 241c) tous dans l' histoire propre du SUJET , c' est qu' ils étaient déjà l
 OR 241c) qui ont déterminé la destinée du SUJET , force est d' admettre que c'
 OR 241d) tout ce que l' analyse révèle au SUJET comme son inconscient .
 OR 244b) nt dépassée par la trouvaille du SUJET , - nulle part la distinction q

OR 250a) t) , vous arriverez à ce que le SUJET , à moduler cet ordre lui - mêm
 OR 252d) toute expérience particulière du SUJET .
 OR 258d) jectivité : à savoir , ce que le SUJET peut connaître de sa participati
 OR 259b) es objets interdits aux choix du SUJET , toute licence au reste n' éta
 OR 259d) ssoication de la personnalité du SUJET peut exercer une filiation fals
 OR 261c) vec les relations réelles que le SUJET soutient avec l' image et l' ac
 OR 264a) analyse est l' avènement dans le SUJET du peu de réalité que ce désir
 OR 264b) e est celui des rapports dans le SUJET de la parole et du langage .
 OR 264d) ur ou idéaliste - , objective le SUJET dans un langage sans dialectique
 OR 265a) téréotypies d' un discours où le SUJET , peut - on dire , est parlé pl
 OR 265b) c' est une erreur de dire que le SUJET les assume : la résistance à le
 OR 265b) que dans les névroses , quand le SUJET y est induit par une tentative
 OR 266b) dans les fonctions naturelles du SUJET , pour peu qu' une épine organi
 OR 266b) tion du vivant à l' existence du SUJET , - ou bien dans les images qui
 OR 266c) ifié refoulé de la conscience du SUJET . Symbole écrit sur le sable d
 OR 267d) langage à la parole est celui du SUJET qui perd son sens dans les obje
 OR 268a) ' aliénation la plus profonde du SUJET de la civilisation scientifique
 OR 268b) us rencontrons d' abord quand le SUJET commence à nous parler de lui :
 OR 269a) Mais une issue s' offre au SUJET pour la résolution de cette imp
 OR 269d) particulier de sa vie . Si le SUJET ne retrouvait dans une régressi
 OR 271b) st authentique , à savoir que le SUJET y est parlé plutôt qu' il ne pa
 OR 277a) omme un double mouvement dans le SUJET : l' homme fait un objet de son
 OR 280c) st la certitude anticipée par le SUJET dans le temps pour comprendre q
 OR 280d) qui fait du propre mouvement du SUJET erreur ou vérité .
 OR 282a) un progressive de l' histoire du SUJET dont Freud nous souligne qu' il
 OR 285b) rsubjective et la temporalité du SUJET . III . LES RÉSONANCES DE L'
 OR 285b) L' INTERPRÉTATION ET LE TEMPS DU SUJET DANS LA TECHNIQUE

PSYCHANALYTIQ

OR 287a) aissance toujours plus grande du SUJET , faute d' être compris dans le
 OR 287c) fois de plus cette exhaustion du SUJET qui , dans les textes freudiens
 OR 287d) laissé prendre à encourager son SUJET à passer outre à ses premières
 OR 288b) orce ce récit dans la mémoire du SUJET , et non plus donc la portée de
 OR 288c) aircissements théoriques dont le SUJET requiert le gage pour poursuivre
 OR 288c) il paraît entrer dans le jeu du SUJET . Mais le caractère extrêmemen
 OR 288e) l' équivalence symbolique que le SUJET institue dans sa pensée , des r
 OR 289b) s' en servant pour impliquer le SUJET dans son message . Aussi bien
 OR 289b) niveau d' une conversation où le SUJET dès lors perpétuerait sa séduct
 OR 289d) e à l' interrogation profonde du SUJET , il faut en effet que le SUJET
 OR 289d) SUJET , il faut en effet que le SUJET l' entende comme la réponse qui
 OR 290a) Notons au passage qu' ici le SUJET en avait eu un avant - goût à e
 OR 291a) nt n' atteint authentiquement le SUJET qu' à le décentrer de la consci
 OR 291d) e subordonne à la réalisation du SUJET .
 OR 292b) se réalise comme disjoignante du SUJET , et sans en appeler à demain .
 OR 292b) té dans l' individu , puisque le SUJET y introduit la division , aussi
 OR 294c) age . Pour libérer la parole du SUJET , nous l' introduisons au langa
 OR 295b) il est absolument particulier au SUJET . Langage premier , disons - n
 OR 296c) qu' il porte ses effets dans le SUJET , qu' il se fasse entendre , ca
 OR 300b) ge . Car need et demand pour le SUJET ont un sens diamétralement oppo
 OR 300c) en de moins qu' à transformer le SUJET à qui elle s' adresse par le li
 OR 303c) relais de l' action , dont aucun SUJET ne le détache en tant que symbo
 OR 304a) d' un : « Tu es ma femme » , un SUJET se scelle d' être l' homme du c
 OR 305c) mitives , des noms secrets où le SUJET identifie sa personne ou ses di
 \$

OR 305c) mitives , des noms secrets où le SUJET identifie sa personne ou ses di
 OR 307a) Ce qui me constitue comme SUJET , c' est ma question . Pour m
 OR 308d) e on le dit d' être reçue par le SUJET comme approbation ou rejet de s
 OR 308d) econnaître ou de l' abolir comme SUJET .
 OR 309b) ervention parlée est reçue par le SUJET en fonction de sa forme structu
 OR 309d) donne à la méconnaissance par le SUJET de sa propre réalité .
 OR 310a) ges corporelles qui captivent le SUJET ; ils peuvent engrosser l' hysté
 OR 310b) aginaires dont le patient est le SUJET . On se souvient de la Wespe (
 OR 311c) a satisfaction qu' en éprouve le SUJET . Ainsi la parole peut devenir
 OR 311c) maginaire , voire réel , dans le SUJET et , comme tel , ravalé sous p
 OR 312a) e vraie et la réalisation par le SUJET de son histoire dans sa relatio
 OR 312c) agit d' atteindre à la vérité du SUJET . A un moment , il aperçoit le
 OR 312c) oposition de mariage apportée au SUJET par sa mère à l' origine de la
 OR 313a) ' hésite pas à en interpréter au SUJET l' effet , comme d' une interdi
 OR 313c) res qui lient narcissiquement le SUJET à la fois à son père mort et à
 OR 313d) s termes imaginaires pour que le SUJET tente même de le réaliser , de
 OR 314d) bolique que sont tombées chez le SUJET les ruses de sa servitude , la
 OR 315a) Pour savoir comment répondre au SUJET dans l' analyse , la méthode es
 OR 315a) de savoir par qui et pour qui le SUJET pose sa question . Tant qu' o
 OR 315b) le tiers par le médium de qui le SUJET jouit de cet objet où sa questi
 OR 316a) Pour le premier SUJET , vous avez à lui faire reconna
 OR 316b) ujours dans le rapport du moi du SUJET au je de son discours , qu' il
 OR 316b) s du discours pour désaliéner le SUJET . Mais vous ne sauriez y parve
 OR 316b) en tenez à l' idée que le moi du SUJET est identique à la présence qui
 OR 316d) le système des objectivations du SUJET , au moi conçu comme corrélatif
 OR 317d) atique où l' analyste apprend au SUJET à se saisir comme objet ; la su
 OR 317e) livrée de tout frein , laisse le SUJET livré à toutes les intimations
 OR 318b) sous une forme démythifiée ; le SUJET transformé en un cela a à se co
 OR 318c) nalyse . La moitié de l' ego du SUJET passe de l' autre côté du mur q
 OR 318c) it poussée dans l' opinion où le SUJET sera venu de lui - même , toute
 OR 319a) Mais comment le SUJET d' une analyse axée sur le prin
 OR 319c) alyse a déjà engagé plus loin le SUJET dans une reconnaissance authenti
 OR 321b) s de souffrance dans la chair du SUJET , s' efface . Cette thaumaturg
 OR 324b) Ainsi menés à en faire appel au SUJET , puisque après tout c' est à s
 OR 325a) l' analyste guide le discours du SUJET vers la réalisation de sa vérité
 OR 325b) pousse à chercher la réalité du SUJET au - delà du mur du langage est
 OR 325c) gage est la même par laquelle le SUJET croit que sa vérité est en nous
 OR 326b) - il , abuser de la docilité du SUJET que de vouloir le persuader en
 OR 326d) isager dans la phénoménologie du SUJET , en tant que le SUJET se const
 OR 326d) ologie du SUJET , en tant que le SUJET se constitue dans la recherche
 OR 327c) lement omis pour sa proximité du SUJET . Nous évoquons ici l' invecti
 OR 329b) otif qui s' ensuit que c' est au SUJET qu' il appartient de retrouver
 OR 329c) éfiniment ; quand la question du SUJET a pris forme de vraie parole ,
 OR 330a) s rien que donner à la parole du SUJET sa ponctuation dialectique .
 OR 330c) e ne peut être anticipée pour le SUJET que comme indéfinie . Ceci pou
 OR 330d) ins : nous ne pouvons prévoir du SUJET quel sera son temps pour compre
 OR 330d) - l' autre qui est proprement du SUJET et par où la fixation d' un ter
 OR 330f) re que nous rétablissons dans le SUJET son mirage originel en tant qu'
 OR 331b) n exemple , laissera toujours le SUJET dans l' aliénation de sa vérité
 OR 332d) on pas pourtant qu' admettre un SUJET à être nourri aux frais du pryt
 OR 334c) nction de l' analyste . Pour le SUJET en analyse , d' autre part , on
 OR 336b) pris à partie de la sincérité du SUJET , dépositaire du procès - verba
 OR 336d) pas ne pas être éprouvée par le SUJET comme une ponctuation dans son

OR 337c| ompt les moments de hâte dans le SUJET , peut être fatale à la conclus
 OR 338b| qu' il prête à la connivence du SUJET : non pas seulement ouverte à l
 OR 338c| ote de travail forcé qui chez ce SUJET enveloppe jusqu' à ses loisirs
 OR 339b| Car non seulement l' oeuvre du SUJET lui est dérobée par un autre ,
 OR 339c| , mais la reconnaissance par le SUJET de sa propre essence dans son o
 OR 340a| langage en disant que l' ego du SUJET cherche à séduire son super - e
 OR 340b| tique , où le working through du SUJET est en effet utilisé pour la sé
 OR 340c| jamais de se produire . Et le SUJET de repartir dans une élaboration
 OR 341a| La résistance du SUJET peut s' en trouver absolument d
 OR 341b| pu faire venir au jour chez tel SUJET mâle , des fantasmes de grosses
 OR 341d| uée comme moyen de révélation du SUJET dans l' ascèse traditionnelle d
 OR 342b| me aucun danger d' aliénation du SUJET . Car elle ne brise le discours
 OR 347b| ite de la fonction historique du SUJET . Cette limite est la mort , n
 OR 347b| ni comme certitude empirique du SUJET , mais selon la formule qu' en
 OR 347c| e et comme telle indéterminée du SUJET » , entendons - le du SUJET déf
 OR 347c| e du SUJET » , entendons - le du SUJET défini par son historicité . E
 OR 348c| vons maintenant y saisir que le SUJET n' y maîtrise pas seulement sa
 OR 349a| s élémentaires , annonce dans le SUJET l' intégration diachronique de
 OR 350a| et cette mort constitue dans le SUJET l' éternisation de son désir .
 OR 350b| e dans la tradition perpétuée de SUJET à SUJET . Comment ne pas voir
 OR 350b| a tradition perpétuée de SUJET à SUJET . Comment ne pas voir de quell
 OR 351d| sions l' instinct de mort . Le SUJET dit : « Non ! » à ce jeu de f
 OR 352a| d nous voulons atteindre dans le SUJET ce qui était avant les jeux sér
 OR 353b| lectique qui se produit quand le SUJET réalise sa solitude , soit dans
 OR 353c| du moment où la satisfaction du SUJET trouve à se réaliser dans la sa
 OR 353d| ce entre l' homme du souci et le SUJET du savoir absolu .
 OR 354a| as séparable de l' engagement du SUJET dans sa pratique . Qu' y renon
 OR 359b| les apparences dans notre double SUJET . Psychanalyste nous - même et
 OR 361a| au monde , pour introduire notre SUJET . On sait le « comment peut -
 OR 365b| clair en doit passer inaperçu du SUJET . De même et de façon plus ins
 OR 365c| es plus accidentels de la vie du SUJET dans la mesure de l' obstacle q
 OR 366b| qui dépasse l' individualité du SUJET , en ce qu' elle structure son
 OR 367c| rôle fondamental du discours du SUJET et de son écoute . C' est bie
 OR 369c| ipline fondée sur l' histoire du SUJET vient à culminer : ce couple de
 OR 372d| n siège et où l' inconscient du SUJET peut régler ses habitudes .
 OR 378d| gnifications qui asservissent le SUJET , bien plus : pour se manifester
 OR 378e| fiant qui connote la relation du SUJET au signifiant .
 OR 389a| Soit au deuxième SUJET de notre propos où nous sommes
 OR 389a| e s' exerçant sur la relation du SUJET au signifiant , ce qu' elle a c
 OR 421c| stitution qui s' y opère pour le SUJET du signifiant qui motive ces ef
 OR 433b| hiques qui le desservent chez le SUJET parlant . Pour la raison premi
 OR 433c| te à l' entrée qu' y fait chaque SUJET à un moment de son développem
 OR 434a| irera de ce qui va suivre . Le SUJET aussi bien , s' il peut paraître
 OR 437c| jet dans l' apprentissage par le SUJET infans de sa langue maternelle
 OR 447c| le dialogue peut opérer dans le SUJET . Mais la linéarité que F. de
 OR 450d| pérer qu' à être présent dans le SUJET .
 OR 451a| qui importe ce n' est pas que le SUJET en cache peu ou prou . (HOMME
 OR 451c| plus souvent indéfinissable) du SUJET : à savoir celle d' indiquer la
 OR 451d| celle d' indiquer la place de ce SUJET dans la recherche du vrai .
 OR 469c| e la « relation d' objet » où le SUJET est censé se typifier . La te
 OR 470d| révèle pas mois ces lois chez le SUJET normal que chez le névrosé .
 OR 473c| provisoirement avec la place du SUJET . C' est la fonction du SUJET
 OR 473d| u SUJET . C' est la fonction du SUJET , ainsi introduite , à laquelle

OR 474a| la liaison à la transparence du SUJET transcendantal de son affirmatio
OR 474c| avers cette épuraton extrême du SUJET transcendantal , ma liaison est
OR 475a| 'inhibition . Car la notion de SUJET est indispensable au manie
OR 475c| . La place que j' occupe comme SUJET de signifiant est - elle , par
OR 475c| port à celle que j' occupe comme SUJET du signifié , concentrique ou e
OR 478c| réalité plus consistante dans le SUJET que l' immédiat ; c' est de la
OR 479b| la signification inaccessible au SUJET conscient où il peut se résoudre
OR 480c| a été dans son histoire , que le SUJET crie par son symptôme , comme l
OR 483c| uestion que l' être pose pour le SUJET « de là où il était avant que l
OR 483c| « de là où il était avant que le SUJET vint au monde » (cette subordo
OR 483d| qu' il pose sa question pour le SUJET .
OR 484a| e ? Il ne la pose pas devant le SUJET puisque le SUJET ne peut venir
OR 484a| e pas devant le SUJET puisque le SUJET ne peut venir à la place où il
OR 484a| , mais il la pose à la place du SUJET , c' est - à - dire qu' à cette
OR 484a| lace il pose la question avec le SUJET , comme on pose un problème ave
OR 485a| ouvrir ce déplacement qu' est le SUJET , d' une résistance essentielle
OR 489c| gue « oubliée » de l' enfance du SUJET) la curiosité brûlante qui l'
OR 503c| à savoir l' installation dans le SUJET d' une position inconsciente sa
OR 505a| - ci démontrent une relation du SUJET au phallus qui s' établit sans
OR 508b| es que ce dernier a consacrés au SUJET , est spécialement suggestive :
OR 512b| erminants pour l' institution du SUJET . A cette épreuve une topologi
OR 513a| ça parle dans l' Autre , que le SUJET l' entende ou non de son oreille
OR 513a| le , c' est que c' est là que le SUJET , par une antériorité logique à
OR 517d| cette relation provoque dans le SUJET à la lui « signifier » doubleme
OR 517d| elle suscite , en demande sur le SUJET du besoin ; ambiguïté présentif
OR 518a| ndre patente , à savoir : que le SUJET comme l' Autre , pour chacun de
OR 518b| aussi la condition du bonheur du SUJET : et camoufler sa béance en s'
OR 519b| onctions , marque sa relation de SUJET au signifiant . Le phallus est
OR 520b| entarité dans l' instauration du SUJET par le signifiant : laquelle ex
OR 520c| 'achève . A savoir : I. que le SUJET ne désigne son être qu' à barre
OR 521b| it à la place de l' Autre que le SUJET y ait accès . Mais ce signifia
OR 521c| e comme tel qu' il est imposé au SUJET de reconnaître , c' est - à - d
OR 521c| re en tant qu' il est lui - même SUJET divisé de la Spaltung signifiant
OR 522c| elle s' oppose déjà à ce que le SUJET se satisfasse de présenter à l'
OR 522d| est pas décisive en tant que le SUJET y apprend si lui - même a ou no
OR 523c| de donner d' une part réalité au SUJET dans ce signifiant , d' autre p
OR 527c| 0000 et le 000000. Subversion du SUJET et dialectique du désir dans l'
OR 529b| e médiation aisée pour situer le SUJET : d' un rapport au savoir . A
OR 529c| qui fait la science est bien un SUJET lui aussi , et même particulier
OR 530a| Or ce SUJET qui doit savoir ce qu' il fait
OR 530b| t seul mérite qu' on parle d' un SUJET de la science . Propos à quoi
OR 530c| qu' il en est de la question du SUJET telle que la psychanalyse la su
OR 532a| ons démontrer que la fonction du SUJET telle que l' instaure l' expéri
OR 532b| . Le critère en est l' unité du SUJET qui est sur des pré-supposés de
OR 532c| agissait du retour d' un certain SUJET de la connaissance ou s' il fal
OR 534c| rquoi » . Si nous conduisons le SUJET quelque part , c' est à un déché
OR 535c| eci n' est qu' approche de notre SUJET . Car il s' agit de serrer de
OR 539a| Qu' est ceci ? sinon un SUJET achevé dans son identité à lui
OR 539a| i - même . A quoi se lit que ce SUJET est déjà là parfait et qu' il e
OR 540c| soit , notre double référence au SUJET absolu de Hegel et au SUJET abo
OR 540c| e au SUJET absolu de Hegel et au SUJET aboli de la science donne l' éc
OR 541b| on dirait : skew) qui sépare le SUJET du sexe ? Rien donc , dans no
OR 541d| ct est inapte à tenir le rôle du SUJET protopathique , puisque c' est

OR 543a| l' inconscient , quelle sorte de SUJET pouvons - nous lui concevoir ?
 OR 543b| shifter ou indicatif qui dans le SUJET de l' énoncé désigne le SUJET e
 OR 543b| le SUJET de l' énoncé désigne le SUJET en tant qu' il parle actuelleme
 OR 543b| . C' est dire qu' il désigne le SUJET de l' énonciation , mais qu' il
 OR 543b| t au fait que tout signifiant du SUJET de l' énonciation peut manquer
 OR 543d| ons par exemple avoir reconnu le SUJET de l' énonciation dans le signi
 OR 544c| Qui parle ? quand il s' agit du SUJET de l' inconscient . Car cette
 OR 545a| où se divise la transparence du SUJET classique pour passer aux effet
 OR 545a| fets de fading qui spécifient le SUJET freudien de son occultation par
 OR 545c| le signifié . Là se surprend le SUJET qui nous intéresse puisque à se
 OR 546b| seule à vérifier la structure du SUJET comme discontinuité dans le rée
 OR 548a| texte à illustrer la relation du SUJET au signifiant , par une énoncia
 OR 548c| ' est ainsi qu' advient Je comme SUJET qui se conjugue de la double ap
 OR 548c| lance avec celui que Hegel comme SUJET a forgé , d' être le SUJET qui
 OR 548d| comme SUJET a forgé , d' être le SUJET qui tient sur l' histoire le di
 OR 549b| gelienne , ces deux relations du SUJET au savoir . Et qu' il n' en es
 OR 549c| liaison qu' il faut que garde le SUJET à l' antique connaissance , pou
 OR 549c| se de la raison veut dire que le SUJET dès l' origine et jusqu' au bou
 OR 551d| essager de l' usage antique , le SUJET qui en porte sous sa chevelure
 OR 554a| situe le désir par rapport à un SUJET défini de son articulation par
 OR 556c| ur l' issue . La soumission du SUJET au signifiant , qui se produit
 OR 557a| cet Autre n' est rien que le pur SUJET de la moderne stratégie des jeu
 OR 557b| conjecture , pour autant que le SUJET réel , pour y régler le sien ,
 OR 557c| , mais seulement du fait que le SUJET ne se constitue qu' à s' y sous
 OR 557d| utre comme site préalable du pur SUJET du signifiant , y tient la posit
 OR 558a| e , puisque c' est de lui que le SUJET se constitue , par quoi c' est
 OR 558b| r quoi c' est de l' Autre que le SUJET reçoit même le message qu' il é
 OR 558b| ngeront en formes pures dans le SUJET de la psychose , celui qui se s
 OR 559b| ui serait déjà pour lui se faire SUJET du signifiant . Tout ceci n' a
 OR 560c| mbler la marque invisible que le SUJET tient du signifiant , aliène ce
 OR 560c| tient du signifiant , aliène ce SUJET dans l' identification première
 OR 560d| ffect de rétroversion par quoi le SUJET à chaque étape devient ce qu' i
 OR 561a| connaître . Car tout ce dont le SUJET peut s' assurer , dans cette ré
 OR 561c| Quoi qu' il en soit , ce que le SUJET trouve en cette image altérée d
 OR 562a| ixé , moi idéal , du point où le SUJET s' arrête comme idéal du moi .
 OR 563a| conscience comme essentielle au SUJET dans la séquelle historique du
 OR 567d| besoins supposés à l' origine du SUJET , de négliger le fait qu' il n'
 OR 568b| re ordre , qu' on la rapporte au SUJET ou à la politique ? Pour le
 OR 569b| aux accidents de l' histoire du SUJET (notion du traumatisme comme c
 OR 571d| ence il se soutient au - delà du SUJET qui est amené à occuper réellem
 OR 573b| la Toute - puissance non pas du SUJET , mais de l' Autre où s' instal
 \$
 OR 573c| l de la demande d' amour , où le SUJET reste dans la sujétion de l' Au
 OR 575b| stion de l' Autre qui revient au SUJET de la place où il en attend un
 OR 576a| claire aliénation qui laisse au SUJET la faveur de buter sur la quest
 OR 576e| oment d' un fading ou éclipse du SUJET , étroitement lié à la Spaltung
 OR 578a| rammatinal en l' appliquant à un SUJET auquel elle est mieux destinée ,
 OR 578c| sur la fonction qui supporte le SUJET de l' inconscient , de saisir q
 OR 578c| de le désigner nulle part comme SUJET d' un énoncé , donc comme l' ar
 OR 579a| i advient de la demande quand le SUJET s' y évanouit . Que la demande
 OR 580d| être pour autant l' envers , du SUJET même qu' on prend pour le SUJET
 OR 580d| SUJET même qu' on prend pour le SUJET de la conscience .
 OR 581a| Car ce SUJET qui croit pouvoir accéder à lui

OR 583b) nt , c' est ce qui représente le SUJET pour un autre signifiant . Ce
OR 583b) tres signifiants représentent le SUJET : c' est dire que faute de ce s
OR 584a) 111111. C' est ce qui manque au SUJET pour se penser épuisé par son c
OR 584b) Nous ne pouvons le demander à ce SUJET en tant que Je . Pour le savo
OR 584b) lui manque tout , puisque si ce SUJET , moi J' étais mort , nous l' a
OR 586b) e ignoré d' aucune pensée sur le SUJET . Dans la psychanalyse sans do
OR 586c) u' on avance ici : structural du SUJET , il y constitue essentiellemen
OR 588c) re les lignes pour quiconque est SUJET de la Loi , puisque la Loi se f
OR 588d) anderait - elle : Jouis , que le SUJET ne pourrait y répondre que par
OR 589a) lle - même qui barre l' accès du SUJET à la jouissance , seulement fai
OR 589a) ne barrière presque naturelle un SUJET barré . Car c' est le plaisir
OR 593c) ermet de faire apparaître que le SUJET ici se fait l' instrument de la
OR 595a) possible de l' évanouissement du SUJET , l' autre chez l' hystérique p
OR 596a) , ce qui vaudrait autant pour le SUJET . On voit là un des écueils qu
OR 596c) re et que la suite convainque le SUJET que le désir de l' analyste n'
OR 596d) e de sa nescience quant à chaque SUJET venant à lui en analyse , de so
OR 598b) ouant son désir : la division du SUJET qu' il porte en lui - même s' a
OR 602c) ut se matérialiser le rapport du SUJET au signifiant . De la sympathi
OR 605c) ce qui opère pour constituer le SUJET . L' inconscient n' est pas un
OR 606b) onnons au langage comme cause du SUJET , nous force de préciser : l' a
OR 616a) Le SUJET même du prétendant à soutenir c
OR 618b) s de la question) , à savoir le SUJET , l' alternative se propose en
OR 618d) est la cause introduite dans le SUJET .
OR 619a) sans lequel il n' y aurait aucun SUJET dans le réel . Mais ce SUJET
OR 619a) n SUJET dans le réel . Mais ce SUJET , c' est ce que le signifiant r
OR 619b) t : à quoi dès lors se réduit le SUJET qui écoute . Le SUJET donc ,
OR 619b) éduit le SUJET qui écoute . Le SUJET donc , on ne lui parle pas . Ç
OR 619c) sse à lui , il disparaisse comme SUJET sous le signifiant qu' il devie
OR 619c) de cette refente originelle , le SUJET traduit une synchronie signifi
OR 620b) ier en projetant la topologie du SUJET dans l' instant du fantasme ; i
OR 620b) ; il le scelle , en refusant au SUJET du désir qu' il se sache effet
OR 628a) étue la raison qui subordonne le SUJET à l' effet du signifiant . C'
OR 629b) ion . Ce sont respectivement le SUJET et l' Autre , ces domaines n' é
OR 629b) thèses sur l' inconscient . Le SUJET , le SUJET cartésien , est le p
OR 629b) l' inconscient . Le SUJET , le SUJET cartésien , est le présupposé d
OR 629c) ient de formuler la causation du SUJET . Opérations qui s' ordonnent
OR 629d) l' aliénation , est le fait du SUJET .
OR 630a) r origine cette donnée qu' aucun SUJET n' a de raison d' apparaître da
OR 630b) compris de sa part animée . Un SUJET ne s' y impose que de ce qu' il
OR 630b) te priorité au signifiant sur le SUJET , c' est , pour nous , tenir co
OR 630c) nous pouvons dire , avant que le SUJET s' en avise , au point que dans
OR 630c) , par exemple , il surprenne le SUJET . Par son flash , ce qu' il éc
OR 630d) éclaire , c' est la division du SUJET avec lui - même .
OR 631c) ur quelqu' un , mais pas pour un SUJET . Le registre du signifiant s'
OR 631c) qu' un signifiant représente un SUJET pour un autre signifiant . C'
OR 632a) plique la division originnaire du SUJET . Le signifiant se produisant
OR 632a) encore repéré , y fait surgir le SUJET de l' être qui n' a pas encore
OR 632c) ion . Que L' Autre soit pour le SUJET le lieu de sa cause signifiante
OR 632c) e motiver la raison pourquoi nul SUJET ne peut être cause de soi . Ce
OR 632d) , si nous devons le penser comme SUJET - saint Augustin l' a fort bien
OR 633a) ation réside dans la division du SUJET que nous venons de désigner dan
OR 634c) berté de mourir . De même notre SUJET est mis au vel d' un certain se
OR 635a) quoique produit comme éclipse du SUJET . La chose vaut d' être dite ,

OR 636b| on , où se ferme la causation du SUJET , pour y éprouver la structure
 OR 636c| ppelle Ichspaltung ou refente du SUJET , et saisissons pourquoi , dans
 OR 636d| la fonde dans une refente non du SUJET , mais de l' objet (phallique
 OR 637b| u manque au manque , par quoi le SUJET vient à retrouver dans le désir
 OR 637b| quivalence à ce qu' il est comme SUJET de l' inconscient . Par cette
 OR 637b| inconscient . Par cette voie le SUJET se réalise dans la perte où il
 OR 638b| , c' est de sa partition que le SUJET procède à sa parturition . Et
 OR 639a| C' est pourquoi le SUJET peut se procurer ce qui ici le
 OR 639b| ant sous lequel il succombe , le SUJET attaque la chaîne , que nous av
 OR 639d| tout cas sous l' incidence où le SUJET éprouve dans cet intervalle Aut
 OR 640c| ir , mais c' est pour ramener le SUJET à l' opacité de l' être qui lui
 OR 640d| i est revenu de son avènement de SUJET , tel que d' abord il s' est pr
 OR 648a| rque la relation , à laquelle le SUJET prend sa part , de la sexualité
 OR 648a| ce qui s' en représente dans le SUJET , ce qui frappe , c' est la for
 OR 650b| l' extrême l' élasticité . Le SUJET parlant a ce privilège de révé
 OR 650c| nt comme tel , a , en barrant le SUJET par première intention , fait e
 OR 650d| e prendre dans la dialectique du SUJET .
 OR 651a| est cela de l' organisme que le SUJET vient à placer au temps où s' o
 OR 651c| tre voie où se manifeste dans le SUJET d' incidence de la sexualité .
 OR 651d| qui pourrait représenter dans le SUJET , le mode en son être de ce qui
 OR 652a| démontre de vacillation dans le SUJET concernant son être de masculin
 OR 652d| pulsions dites partielles où le SUJET cherche un objet qui lui rempla
 OR 653b| sion toujours ouverte - dans le SUJET dans son aliénation première ,
 OR 653b| ivent s' instaurer qui disent au SUJET ce qu' il faut faire comme homm
 OR 654b| . Appendice II LA METAPHORE DU SUJET Ce texte est le récit , fait e
 OR 659c| ustice gratuitement faite à tout SUJET d' un attribut par quoi n' impo
 OR 659c| t par quoi n' importe quel autre SUJET est suscité à l' entamer . « L
 \$

ANEXO E – AS CONCORDÂNCIAS DE SUJEITO EM ESCRITOS (1978)

7A 6a| os à sustentação da estrutura do SUJEITO . É exatamente nesse ponto q
 7A 6b| do termo , essa divisão em que o SUJEITO verifica que um objeto o atra
 7A 6d| , como a causa do desejo onde o SUJEITO se eclipsa , e como sustentand
 7A 6d| e eclipsa , e como sustentando o SUJEITO entre verdade a saber .
 7A 7c| co) onde nos é precisa situar o SUJEITO do inconsciente , se devemos
 7A 8b| canalíticos determinantes para o SUJEITO : Tais como a forclusão (Ve
 7A 9a| a ordem simbólica que é , para o SUJEITO , constituinte , demonstrando
 7A 9b| tória a determinação maior que o SUJEITO recebe do percurso de um sign
 7A 25c| smo ideal : A comunicação de um SUJEITO com o outro no interior da mau
 7A 26c| vidade . Ele se situa lá onde o SUJEITO não pode apreender nada mais
 7A 28a| r a supremacia do significante no SUJEITO . Assim opera Dupin , quando
 7A 47c| que como o título o indica , é o SUJEITO verdadeiro do conto : Visto
 7A 48a| o texto que comentamos , é que o SUJEITO segue a rota do simbólico , m
 7A 48a| endente ainda : Não é somente o SUJEITO , mas os SUJEITOS , tomados e
 7A 66c| ilidade que provém justamente do SUJEITO . É o que vai dar seu sentid
 7A 68a| minência do significante sobre o SUJEITO . Nem por isso deixa de ser
 7A 76a| uma linguagem formal determina o SUJEITO . Mas o interesse de um tal
 7A 76a| es : Posto que ele supõe que um SUJEITO não o preenche senão a pôr -
 7A 77a| ada vez que ao se explicarem seu SUJEITO de todos os dias , seu pacient
 7A 77d| 0000 , 000000 não são sem que um SUJEITO deles se recorde , nos objeta
 7A 79b| ítica kantiana indevidamente , o SUJEITO disposto a dar um destino a n

7A 79c| is que responder à questão de um SUJEITO , senão ao deitá - lo primeir
 7A 96a| ele pôde entrar nessa ordem como SUJEITO . Mas ele não pôde dar essa
 7A 96b| eta , se reproduz cada vez que o SUJEITO se dirige ao Outro como absol
 7A 97b| o esquema , entre esse aquém do SUJEITO e esse além do Outro , onde s
 7A 99b| mos para recobrir a estrutura do SUJEITO (S de nosso Esquema L) , na
 7A 100c| nosso Esquema L , simbolizando o SUJEITO suposto completado do Es freu
 7A 100c| o completado do Es freudiano , o SUJEITO da sessão psicanalítica por e
 7A 101c| omo tal . É de lá também que o SUJEITO S recebe sua mensagem sob uma
 7A 102a| de uma memoração primordial ao SUJEITO e de uma estruturação da qual
 7A 103b| ciosamente na estória que será o SUJEITO do presente seminário , como
 7A 103c| e se denuncia o logro . Aqui o SUJEITO é o interrogado : Ele respon
 7A 104d| erado por seu adversário como um SUJEITO que o objetiva , pois é verda
 7A 104e| , pois é verdade que ele é esse SUJEITO , e desde então ei - lo tomado
 7A 106a| a adivinhar , isto é , que sou o SUJEITO ativo , meu esforço a cada in
 7A 107b| longo prazo , as escolhas de um SUJEITO , chegue a ganhar , para - al
 7A 109b| firmamos do significante sobre o SUJEITO . Se é isso uma verdade , el
 7A 116c| imeiro argumento . Chamamos A o SUJEITO real que vem concluir sozinho
 7A 123d| do por um processo lógico onde o SUJEITO transformou as três combinaçõ
 7A 124b| implicam de se produzirem de um SUJEITO de pura lógica e fazerem frac
 7A 124d| , objeção do lógico ou dúvida do SUJEITO , se revela a cada vez com o
 7A 124d| mpo , ou melhor , como a fuga do SUJEITO numa exigência formal .
 7A 127b| o atributo ignorado pelo próprio SUJEITO . Nessa passagem , o SUJEITO
 7A 127b| o SUJEITO . Nessa passagem , o SUJEITO encontra a seguinte combinaçã
 7A 127d| uma intuição por meio da qual o SUJEITO objetiva alguma coisa a mais
 7A 128b| deve constatar no outro e que o SUJEITO manifesta nos termos que ele
 7A 129c| asserção sobre si , pela qual o SUJEITO conclui o movimento lógico na
 7A 129c| a objetivamente , se continua no SUJEITO em uma reflexão , onde esta i
 7A 130b| branco e de um preto , parece ao SUJEITO que não difere logicamente do
 7A 131b| gência do movimento lógico que o SUJEITO precipita ao mesmo tempo seu
 7A 131c| o que manifesta aos outros que o SUJEITO concluiu . Mas paremos nesse
 7A 131c| Mas paremos nesse ponto em que o SUJEITO em sua asserção atinge uma ve
 7A 132b| formula na asserção pela qual o SUJEITO conclui seu movimento lógico
 7A 133a| ão com a originalidade lógica do SUJEITO da asserção : Em razão de q
 7A 133a| asserção subjetiva , a saber que o SUJEITO lógico aí não é outro senão a
 7A 133a| é outro senão a forma pessoal do SUJEITO do conhecimento , aquele que
 7A 133b| ofisma só pode ser efetuado pelo SUJEITO que formou sua asserção sobre
 7A 133b| , - ao contrário das relações do SUJEITO impessoal e do SUJEITO indefi
 7A 133b| lações do SUJEITO impessoal e do SUJEITO indefinido recíproco dos dois
 7A 133c| lmente transitivos , visto que o SUJEITO pessoal do movimento lógico o
 7A 133c| manifesta bem o valor lógico do SUJEITO da asserção . O primeiro , q
 7A 133d| ue ... , só dá a forma geral do SUJEITO noético :
 7A 134b| a de seu tempo próprio . O eu , SUJEITO da asserção conclusiva , se i
 7A 135b| atributo do qual é portador . O SUJEITO , com efeito , apreendeu o mo
 7A 135d| r pode prever , é que , se há um SUJEITO que deve declarar na inquiriç
 7A 137a| suspensão e que ele manifesta ao SUJEITO seu limite no tempo para comp
 7A 137c| a função dessa dúvida quanto ao SUJEITO da asserção , vejamos o que v
 7A 139d| etanto se impõe a si agora ; O SUJEITO , com efeito , que teria concl
 7A 140b| ue nesse mesmo momento , se todo SUJEITO pode , na inquirição , exprim
 7A 140d| induzido no erro) , esse mesmo SUJEITO pode também exprimir essa mes
 7A 141a| r adiandata como verdadeira pelo SUJEITO , desde que ele constituiu o
 7A 141b| e como tal ser assumida por esse SUJEITO só pessoalmente - mas que , s
 7A 142c| ência de um eu a medida comum do SUJEITO recíproco , ou ainda : Dos
 7A 145c| mesticar as orelhas para o termo SUJEITO . Aquele que nos dá essa opo

7A 146c| lorizar a primazia da relação de SUJEITO a SUJEITO em todas as reações
 7A 146c| primazia da relação de SUJEITO a SUJEITO em todas as reações do indivi
 7A 147a| la inteiramente nessa relação de SUJEITO a SUJEITO , significando por
 7A 147a| mente nessa relação de SUJEITO a SUJEITO , significando por aí que ela
 7A 147b| uma psicanálise , com efeito , o SUJEITO , propriamente dito , se cons
 7A 148d| a por um ponto de vista em que o SUJEITO não passa de um objeto ?
 7A 151d| ruturas onde se transmuta para o SUJEITO a verdade , e que não concern
 7A 151d| sua sua própria posição enquanto SUJEITO do qual são função seus objet
 7A 152a| sição é idêntico ao progresso do SUJEITO , isto é , à realidade da cur
 7A 152b| erência que chamamos negativa no SUJEITO , como a operação do analista
 7A 156c| onde um interesse pela pessoa do SUJEITO - rival , interesse cuja natu
 7A 160b| essa alienação primordial onde o SUJEITO se reconhece como eu ... Ass
 7A 168b| nferência não é nada de real no SUJEITO , senão a aparição , num mome
 7A 169e| que não existe progresso para o SUJEITO a não ser pela integração , n
 7A 181d| senão reconhecer aí um álbi do SUJEITO .
 7A 192c| a na realização psicanalítica do SUJEITO Donne em ma bouche parole vra
 7A 193d| em a analisar o comportamento do SUJEITO para aí encontrar o que ele n
 7A 194a| as , o que era pois esse apelo do SUJEITO para além do vazio de seu diz
 7A 194b| bre o outro pelos meios em que o SUJEITO põe em sua complacência e em
 7A 197a| s de nossa obtusão em relação ao SUJEITO . Perguntemo - nos antes de
 7A 197b| ia inerente ao discurso mesmo do SUJEITO ? O SUJEITO não se engaja aí
 7A 197b| discurso mesmo do SUJEITO ? O SUJEITO não se engaja aí numa deposes
 7A 198b| É frustração não de um desejo do SUJEITO , mas de um objeto onde seu d
 7A 198b| abora , mais se aprofunda para o SUJEITO a alienação de seu gozo . F
 7A 198c| tanto , e tal que ainda quando o SUJEITO em seu discurso levasse sua f
 7A 198c| gem passivante através da qual o SUJEITO se faz objeto na cerimônia do
 7A 199a| dequada a esse discurso , pois o SUJEITO considerará como de desprezo
 7A 199a| quívoco . A agressividade que o SUJEITO experimentará aqui nada tem a
 7A 199c| scurso , desmonta o objeto que o SUJEITO construiu para satisfazê - las
 7A 200a| alista que visaria transformar o SUJEITO em seu presente por explicaçõe
 7A 200b| momento qualquer benéfico para o SUJEITO , isso não tem outro alcance
 7A 200c| aí ser lido concernindo o ego do SUJEITO , que não possa ser reassumido
 7A 201a| nta permanente na assunção que o SUJEITO faz de suas miragens , onde p
 7A 201a| o não poderia acuar sem perigo o SUJEITO na intimidade de seu gesto ,
 7A 201b| í não está na reação negativa do SUJEITO , mas bem ao contrário , de s
 7A 201c| ser a de suspender as certezas do SUJEITO , até que se consumam as últi
 7A 203a| ue dá seu sentido ao discurso do SUJEITO . Eis por que a suspensão da
 7A 203d| objeto é o mesmo que projetar o SUJEITO numa ilusão alienante que não
 7A 204a| to experimentado da realidade do SUJEITO . Esse arroz e feijão da psi
 7A 205b| mesmo de refrator do discurso do SUJEITO , e que assim é apresentada i
 7A 206b| o um objeto para além da fala do SUJEITO , como alguns se restringem a
 7A 206c| relação imaginária que o une ao SUJEITO enquanto ego e , na falta de
 7A 207b| grato , o da fala vazia , onde o SUJEITO parece falar em vão de alguém
 7A 209c| ue não têm por que conhecer se o SUJEITO se lembra de alguma coisa ?
 7A 211a| ana que uma e outra constituem o SUJEITO como gewesend , isto é , como
 7A 212d| o pouco de liberdade por onde o SUJEITO as faz presente .
 7A 213b| eus efeitos em cada curva onde o SUJEITO se reestrutura , isto é , tan
 7A 213c| de o evento permanece latente no SUJEITO . Isto é , que ele anula os
 7A 213c| ir que precipitam a meditação do SUJEITO em direção ao sentido a decidi
 7A 214b| lise . É bem essa assunção pelo SUJEITO de sua história , enquanto co
 7A 215c| da realidade transindividual do SUJEITO ; Suas operações são as da h
 7A 215c| iramente , com efeito , quando o SUJEITO se engaja na análise , ele ace
 7A 216a| sobre o fato de que a alocação do SUJEITO aí comporta um alocutário , e

7A 216b| a continuidade nas motivações do SUJEITO se liberta para nós . O exa
7A 216c| onde se constitui a história do SUJEITO . É assim que o SUJEITO pode
7A 216c| ória do SUJEITO . É assim que o SUJEITO pode vaticinar sobre sua hist
7A 217b| ual , que falta na disposição do SUJEITO para reestabelecer a continui
7A 218b| de mão em mão para dar ao ato do SUJEITO que recebe a mensagem , o sen
7A 221b| s particulares da história de um SUJEITO . Ela é exatamente a que sep
7A 224b| evidente . O que ensinamos ao SUJEITO a reconhecer como seu inconsc
7A 224d| símbolo , a miragem mesma onde o SUJEITO se encontrou preso .
7A 230a| sou castrado , onde se afirma o SUJEITO , a forma compulsional onde pe
7A 230c| nflito cujos efeitos Freud fez o SUJEITO perceber através de seus ofic
7A 231a| Mas que é então esse SUJEITO do qual os senhores rebatem o
7A 231b| essidade de fechar os olhos . O SUJEITO vai bem para além do que o in
7A 231c| alívio . Que o inconsciente do SUJEITO seja o discurso do outro , é
7A 232a| Coincidência dos propósitos do SUJEITO com fatos de que ele não pode
7A 233b| que é por redução da história do SUJEITO particular que a análise toca
7A 235a| audar numa tal suboflação de seu SUJEITO , obtida após dois ou três an
7A 236d| orsvias ou sedutoras , com que o SUJEITO modula seu discurso onírico .
7A 237a| esejo mesmo de contradizê - lo no SUJEITO que ele tentou convencer diss
7A 240b| e todos , na história própria do SUJEITO , é porque estavam já latentes
7A 240b| as que determinaram o destino do SUJEITO , é forçoso admitir que é na
7A 240c| e tudo o que a análise revela ao SUJEITO como seu inconsciente . Vere
7A 243c| ultrapassada pela descoberta do SUJEITO , - em nenhum lugar a disting
7A 248d| : Contract) , chegarão a que o SUJEITO , ao modular ele próprio essa
7A 251a| m toda experiência particular do SUJEITO . E que considerar esta últi
7A 257a| A saber , o que o SUJEITO pode conhecer de sua particip
7A 257c| objetos interditos à escolha do SUJEITO , toda licença quanta ao rest
7A 258a| dissociação da personalidade do SUJEITO , pode exercer uma filiação fa
7A 260a| esmo com as relações reais que o SUJEITO mantém com a imagem e a ação
7A 262b| e uma psicanálise é o advento no SUJEITO do pouco de realidade que ess
7A 262c| e o problema é o das relações no SUJEITO da fala e da linguagem . Tr
7A 263b| ador ou idealista - , objetiva o SUJEITO numa linguagem sem dialética
7A 263b| eotipias de um discurso em que o SUJEITO , pode - se dizer , é antes fa
7A 263c| los . Mas é um erro dizer que o SUJEITO os assume : A resistência a
7A 263d| enor que nas neuroses , quando o SUJEITO aí é induzido por uma tentat
7A 264c| porte ou nas funções naturais do SUJEITO , por pouco que um espinho org
7A 264d| ução do vivente na existência do SUJEITO , - ou então nas imagens que
7A 265a| cado recalçado da consciência do SUJEITO . Símbolo escrito sobre a ar
7A 266a| o da linguagem com a fala é o do SUJEITO que perde seu sentido nas obj
7A 266b| stá a alienação mais profunda do SUJEITO da civilização científica e é
7A 266b| ramos em primeiro lugar quando o SUJEITO começa a falar de si : Igual
7A 267a| Mas uma saída se apresenta ao SUJEITO para a resolução desse impass
7A 267c| particular de sua vida . Se o SUJEITO não reencontrasse numa regress
7A 269a| acima é autêntica , a saber que o SUJEITO aí é falado mais do que fala
7A 274c| senta como um duplo movimento no SUJEITO : O homem faz um objeto de s
7A 278b| que é a certeza antecipada pelo SUJEITO no tempo para compreender que
7A 278c| que faz do próprio movimento do SUJEITO erro ou verdade . Vê - se p
7A 279b| ensão progressiva da história do SUJEITO a respeito de que Freud sublin
7A 282a| ersubjetiva e a temporalidade do SUJEITO . III . As ressonâncias da
7A 282b| as da interpretação e o tempo do SUJEITO na técnica psicanalítica Entr
7A 284a| esquecimento cada vez maior do SUJEITO , por falta de serem compreen
7A 284c| do uma vez mais essa exaustão do SUJEITO que , nos textos freudianos ,
7A 284d| se deixou levar a encorajar seu SUJEITO a passar além de suas primeir
7A 285b| rar essa narrativa na memória do SUJEITO , e não mais portanto o alcan

7A 285c| eimentos teóricos cujo penhor o SUJEITO requer para prosseguir seu di
7A 285c| nge que parece entrar no jogo do SUJEITO . Mas o caráter extremamente
7A 286b| na equivalência simbólica que o SUJEITO institui em seu pensamento ,
7A 286c| rvindo - se dela para implicar o SUJEITO em sua mensagem . Igualmente
7A 286c| o nível de uma conversação onde o SUJEITO desde então perpetuaria sua s
7A 287b| ponda à interrogação profunda do SUJEITO , é preciso com efeito que o
7A 287b| ito , é preciso com efeito que o SUJEITO a ouça como a resposta que lh
7A 287c| Notemos de passagem que aqui o SUJEITO tinha tido um antegozo ao ent
7A 288b| ante não atinge autenticamente o SUJEITO senão ao descentrá - lo da co
7A 289b| eto se subordina à realização do SUJEITO . Mas , se permanecesse algo
7A 289c| se realiza como desconjuntante do SUJEITO , e sem evocar o amanhã . D
7A 289c| idade no indivíduo , visto que o SUJEITO aí introduz a divisão , assim
7A 291d| uagem . Para libertar a fala do SUJEITO , introduzimo - la na linguae
7A 292b| la é absolutamente particular ao SUJEITO . Linguagem primeira , dizem
7A 293c| , para que traga seus efeitos no SUJEITO , que ele se faça ouvir , poi
7A 297b| ção . Pois need e demand para o SUJEITO têm um sentido diametralmente
7A 297c| ada menos do que a transformar o SUJEITO a quem ela se dirige pelo laço
7A 300c| relais) da ação , de que nenhum SUJEITO o destaca enquanto símbolo da
7A 301a| por um : És minha mulher , um SUJEITO se sela como o homem do conj
7A 302c| ivas , dos nomes secretos onde o SUJEITO identifica sua pessoa ou seus
\$
7A 302c| ivas , dos nomes secretos onde o SUJEITO identifica sua pessoa ou seus
7A 304a| O que me constitui como SUJEITO , é minha questão . Para fa
7A 305c| te , como se diz , recebida pelo SUJEITO como aprovação ou recusa de se
7A 305d| econhecê - lo ou aboli - lo como SUJEITO .
7A 306b| tervenção falada é recebida pelo SUJEITO em função de sua estrutura ,
7A 306c| o que dá ao desconhecimento pelo SUJEITO de sua própria realidade .
7A 307a| imagens corporais que cativam o SUJEITO ; Elas podem engravidar a hi
7A 307b| maginários de que o paciente é o SUJEITO . Lembramo - nos da Wespe (
7A 308b| da satisfação que experimenta o SUJEITO . Assim a fala pode tornar -
7A 308c| o imaginário , e mesmo real , no SUJEITO e , como tal , diminuir sob m
7A 308d| a verdadeira e a realização pelo SUJEITO de sua história na sua relaça
7A 309b| se trata de atingir a verdade do SUJEITO . Num dado momento , ele per
7A 309c| proposta de casamento trazida ao SUJEITO por sua mãe na origem da fase
7A 309c| o , não hesita em interpretar ao SUJEITO o efeito , como uma interdição
7A 310b| ue ligam de maneira narcisista o SUJEITO ao mesmo tempo a seu pai mort
7A 310d| os termos imaginários para que o SUJEITO tente mesmo realizá - lo , da
7A 311c| se pacto simbólico que caíram no SUJEITO as astúcias de sua servidão ,
7A 312a| Para saber como responder ao SUJEITO na análise , o método é recon
7A 312a| s , saber por quem e para quem o SUJEITO faz a sua pergunta . Enquan
7A 312b| á no terceiro por meio de quem o SUJEITO goza desse objeto onde sua p
7A 313a| tro deixa ver . Para o primeiro SUJEITO , devem fazê - lo reconhecer
7A 313b| anto sempre na relação do Ego do SUJEITO ao eu de seu discurso , que lh
7A 313b| do do discurso para desalienar o SUJEITO . Mas os senhores não poderã
7A 313c| e apegam à idéia de que o Ego do SUJEITO é idêntico à presença que lhes
7A 313d| como sistema das objetivações do SUJEITO , ao Ego concebido como corre
7A 314c| asista onde o analista ensina ao SUJEITO a se apreender como objeto ;
7A 314d| liberada de todo freio , deixa o SUJEITO entregue a todas as intimaçõe
7A 315b| b uma forma desmistificada ; O SUJEITO transformado em um isto tem d
7A 315c| na análise . A metade do Ego do SUJEITO passa para o outro lado do mu
7A 315c| eja impelida na opinião em que o SUJEITO chegará de si próprio , toda
7A 316a| Mas como o SUJEITO de uma análise centrada no pr
7A 316c| análise já engajou mais longe o SUJEITO num reconhecimento autêntico

7A 318b| m carta em instância na carne do SUJEITO , se apaga . Essa taumaturgi
 7A 321a| gem ? Assim levados a invocar o SUJEITO , visto que no final das cont
 7A 321c| r do analista guia o discurso do SUJEITO em direção à realização de su
 7A 322a| impele a procurar a realidade do SUJEITO para além do muro da language
 7A 322a| linguagem é a mesmo pela qual o SUJEITO crê que sua verdade é em nós
 7A 322d| ía ele , abusar da docilidade do SUJEITO o querer persuadi - lo em tod
 7A 323b| ar - mo - lo na fenomenologia do SUJEITO , na medida em que o SUJEITO
 7A 323b| do SUJEITO , na medida em que o SUJEITO se constitui na procura da ve
 7A 323d| e omitido por sua proximidade ao SUJEITO .
 7A 325c| vo que disso decorre de que é ao SUJEITO que cabe reencontrar sua medi
 7A 326a| Quando a questão do SUJEITO tomou forma de verdadeira fal
 7A 326b| azemos mais do que dar à fala do SUJEITO sua pontuação dialética . Vê
 7A 326d| o não pode ser antecipada para o SUJEITO senão como indefinida .
 7A 327a| confins : Não podemos prever do SUJEITO qual será seu tempo para comp
 7A 327b| - a outra que é propriamente do SUJEITO e por onde a fixação de um te
 7A 327c| , isto é , que restabelecemos no SUJEITO sua miragem original na medid
 7A 328b| r seu exemplo , deixará sempre o SUJEITO na alienação de sua verdade .
 7A 329c| de , entretanto , que admitir um SUJEITO a ser mantido às custas do pr
 7A 331c| da função do analista . Para o SUJEITO em análise , por outro lado ,
 7A 333b| stemunha tomada da sinceridade do SUJEITO , depositário do auto de seu
 7A 333d| sessão não pode ser sentida pelo SUJEITO como uma pontuação em seu pro
 7A 334c| terrompe os momentos de pressa no SUJEITO , pode ser fatal à conclusão
 7A 335a| ue ele se preste à convivência do SUJEITO : Não somente aberta ao obse
 7A 335b| nota de trabalho forçado que no SUJEITO envolve até seus lazeres . E
 7A 336b| te . Pois não somente a obra do SUJEITO lhe é furtada por um outro ,
 7A 336b| alho , mas o reconhecimento pelo SUJEITO de sua própria essência em su
 7A 337a| inguagem ao dizerem que o Ego do SUJEITO procura seduzir seu Superego
 7A 337b| ítica , onde o working trough do SUJEITO é com efeito utilizado para a
 7A 337c| íxa nunca de se produzir . E o SUJEITO parte novamente numa elaboraçã
 7A 337d| tal trabalho ? A resistência do SUJEITO pode encontrar - se absolutam
 7A 338b| as , pudemos fazer nascer em tal SUJEITO macho , phantasias de gravide
 7A 338d| licada como meio de revelação do SUJEITO na ascese tradicional de cert
 7A 339b| sma perigo algum de alienação do SUJEITO . Pois ela só quebra o disc
 7A 343d| o limite da função histórica do SUJEITO .
 7A 344a| o , nem como certeza empírica do SUJEITO , mas segundo a fórmula que l
 7A 344b| gura e como tal indeterminada do SUJEITO , entendamo - lo do SUJEITO d
 7A 344b| a do SUJEITO , entendamo - lo do SUJEITO definido por sua historicidad
 7A 345b| Podemos agora aí apreender que o SUJEITO não domina somente sua privaç
 7A 345d| ulação elementares , anuncia no SUJEITO a integração diacrônica da di
 7A 346c| oisa , e essa morte constitui no SUJEITO a eternização de seu desejo .
 7A 347a| perder na tradição perpetuada de SUJEITO a SUJEITO . Como não ver de
 7A 347a| tradição perpetuada de SUJEITO a SUJEITO . Como não ver de que altura
 7A 348b| heçamos o instinto de morte . O SUJEITO diz : Não ! A esse jogo de
 7A 348c| mente quando queremos atingir no SUJEITO o que estava antes dos jogos
 7A 350a| dialético que se produz quando o SUJEITO realiza sua solidão , seja na
 7A 350b| do momento em que a satisfação do SUJEITO chega a se realizar na satisf
 7A 350c| entre o homem da preocupação e o SUJEITO do saber absoluto . É també
 7A 350d| endo separável do engajamento do SUJEITO na sua prática . Que a ela
 7B 361b| dela deve passar despercebido ao SUJEITO . Do mesmo modo , e de manei
 7B 361c| entos mais acidentais da vida do SUJEITO na medida do obstáculo que el
 7B 362b| ultrapassa a individualidade do SUJEITO , no que ela estrutura sua in
 7B 363c| papel fundamental do discurso do SUJEITO e de sua escuta . É bem a is
 7B 365d| lina fundada sobre a história do SUJEITO vem a culminar :

7B 369b| cadeira e onde o inconsciente do SUJEITO pode reger seus hábitos . Te
7B 375b| nas significações que subjagam o SUJEITO , bem mais : Para se manifes
7B 375c| tificante que conota a relação do SUJEITO com o significante . Iguale
7B 386c| se exercendo sobre a relação do SUJEITO com o significante , o que el
7B 418c| stituição que aí se opera para o SUJEITO do significante que motiva es
7B 429c| as e psíquicas que a produzem no SUJEITO falante . Pela razão primord
7B 429c| iste à entrada que nela faz cada SUJEITO a um dado momento de seu dese
7B 430a| e segue . Da mesma maneira , o SUJEITO , se parece servo da language
7B 434a| do um objeto no aprendizado pelo SUJEITO infans de sua língua materna
7B 443c| ica que o diálogo pode operar no SUJEITO . Mas a linearidade que F. d
7B 446c| pode operar ao estar presente no SUJEITO . É a isso mesmo que eu resp
7B 447a| Pois o que importa não é que o SUJEITO oculte sobre ele mais ou meno
7B 447c| aioria das vezes indefinível) do SUJEITO : A saber , a função de indi
7B 447c| função de indicar o lugar desse SUJEITO na busca da verdade . Basta
7B 465b| ão de objeto onde se supõe que o SUJEITO se tipifica . A técnica que
7B 466d| e não revela menos essas leis no SUJEITO normal que no neurótico .
7B 469c| o provisoriamente com o lugar do SUJEITO . É a função do SUJEITO , as
7B 469c| gar do SUJEITO . É a função do SUJEITO , assim introduzida , sobre a
7B 470a| a , a ligação à transparência do SUJEITO transcendental de sua afirmaç
7B 470c| ravés dessa depuração extrema do SUJEITO transcendental , minha ligação
7B 471a| s de inibição . Pois a noção de SUJEITO é indispensável à manipulação
7B 471c| rso . O lugar que eu ocupo como SUJEITO de significante será , em rel
7B 471c| relação àquele que eu ocupo como SUJEITO do significado , concêntrico
7B 474c| ma realidade mais consistente no SUJEITO que o imediato ; é da verdade
7B 475b| . A significação inacessível ao SUJEITO consciente onde ele pode se r
7B 476b| seja foi em sua história , que o SUJEITO grita pelo seu sintoma , como
7B 479b| a questão que o ser coloca para o SUJEITO de lá onde ele estava antes q
7B 479b| de lá onde ele estava antes que o SUJEITO viesse ao mundo (esta subord
7B 479c| ue ele coloca sua questão para o SUJEITO . Que quer isto dizer ? El
7B 479c| er ? Ele não a coloca diante do SUJEITO visto que o SUJEITO não pode
7B 479c| ca diante do SUJEITO visto que o SUJEITO não pode chegar ao lugar onde
7B 479d| a , mas ele a coloca no lugar do SUJEITO , isto é , que nesse lugar el
7B 479d| lugar ele coloca a questão com o SUJEITO , como se coloca um problema
7B 480d| btertar esse deslocamento que é o SUJEITO , com uma resistência essenci
7B 484d| língua esquecida da infância do SUJEITO) a curiosidade ardente que o
7B 498b| l : A saber , a instalação , no SUJEITO , de uma posição inconsciente
7B 500a| Eles demonstram uma relação do SUJEITO ao falo que se estabelece sem
7B 508a| erminantes para a instituição do SUJEITO . Nesse exame aparece uma to
7B 508c| . Se isto fala no Outro , que o SUJEITO o escute ou não com seus ouvi
7B 508c| seus ouvidos , é que é lá que o SUJEITO , por uma anterioridade lógic
7B 513b| igma que essa relação provoca no SUJEITO ao lhe significar duplamente
7B 513b| ela suscita , em demanda sobre o SUJEITO da necessidade ; Ambigüidade
7B 513c| - la patente , a saber : Que o SUJEITO como o Outro , para cada um d
7B 514a| mbém a condição da felicidade do SUJEITO : E camuflar sua hiância , e
7B 514d| s funções , marca sua relação de SUJEITO ao significante .
7B 516b| mplementaridade na instauração do SUJEITO pelo significante : A qual
7B 516b| se acaba . A saber : 1. que o SUJEITO não designa seu ser senão ao
7B 517b| que seja no lugar do Outro que o SUJEITO lhe tenha acesso . Mas esse
7B 517b| o Outro como tal que se impõe ao SUJEITO reconhecer , isto é , o outro
7B 517c| o outro no que ele é ele próprio SUJEITO dividido da Spaltung signific
7B 518b| , em que ela já se opõe a que o SUJEITO se satisfaça ao apresentar a
7B 518c| ão é decisiva na medida em que o SUJEITO aí fica sabendo se ele mesmo
7B 519c| ar , de uma parte , realidade ao SUJEITO nesse significante , de outra

7B 523c	00000 e o 000000. 8. SUBVERSÃO DO SUJEITO E DIALÉTICA DO DESEJO NO INCO
7B 525b	sábio que faz a ciência é bem um SUJEITO igualmente e mesmo particular
7B 525c	to ou prematuração). Ora esse SUJEITO que deve saber o que faz , pe
7B 526a	Só isso merece que se fale de um SUJEITO da ciência . Propósito a qu
7B 526b	que ponto se está da questão do SUJEITO tal como a psicanálise a subv
7B 528a	vamos demonstrar que a função do SUJEITO tal como o instaura a experiê
7B 528b	ico . O critério é a unidade do SUJEITO que está nos pressupostos des
7B 528b	tratasse do retorno de um certo SUJEITO do conhecimento ou se precisas
7B 530b	diga por quê . Se conduzimos o SUJEITO a algum lugar , é num decifra
7B 534b	perar . Que é isso ? Senão um SUJEITO acabado em sua identidade con
7B 534b	o mesmo . Ao que se lê que esse SUJEITO está já aí perfeito e que ele
7B 535d	for , nossa dupla referência ao SUJEITO absoluto de Hegel e ao SUJEITO
7B 535d	ao SUJEITO absoluto de Hegel e ao SUJEITO abolido da ciência dá a luz n
7B 536c	- se - ia : Skew) que separa o SUJEITO do sexo ? Nada pois , em nos
7B 536d	inapto a desempenhar o papel do SUJEITO protopático , posta que é um
7B 538a	da no inconsciente , que tipo de SUJEITO podemos conceber - lhe ? Po
7B 538b	do shifter ou indicativo que no SUJEITO do enunciado designa o sujeit
7B 538b	o SUJEITO do enunciado designa o SUJEITO enquanto ele fala no momento .
7B 538b	nto . É dizer que ele designa o SUJEITO da enunciação , mas que ele n
7B 538b	fato de que todo significante do SUJEITO da enunciação pode faltar no
7B 538c	os por exemplo ter reconhecido o SUJEITO da enunciação no significante
7B 539c	Quem fala ? Quando se trata do SUJEITO do inconsciente . Pois esta
7B 540a	que se divide a transparência do SUJEITO clássico para passar aos efei
7B 540a	tos de fadig que especificam o SUJEITO freudiano de sua ocultação po
7B 540c	gnificado . Lá se surpreende o SUJEITO que nos interessa posto que a
7B 541b	nico ao verificar a estrutura do SUJEITO como descontinuidade no real
7B 542c	texto para ilustrar a relação do SUJEITO como significante , por uma e
7B 543b	nte , é assim que sucede Eu como SUJEITO que se conjuga pela dupla apo
7B 543c	alança com aquele que Hegel como SUJEITO forjou , por ser o SUJEITO qu
7B 543c	como SUJEITO forjou , por ser o SUJEITO que faz sobre a história o dis
7B 544a	geliana , essas duas relações do SUJEITO com o saber . E que não há
7B 544b	igação que é precisa que guarde o SUJEITO ao antigo conhecimento , para
7B 544b	astúcia da razão significa que o SUJEITO desde a origem e até o fim sa
7B 546b	o - mensageiro do uso antigo , o SUJEITO que traz sob sua cabeleira o
7B 548d	situa o desejo em relação com um SUJEITO definido graças a sua articula
7B 551b	o para a saída . A submissão do SUJEITO ao significante , que se prod
7B 552a	ro não é nada mais do que o puro SUJEITO da moderna estratégia dos jog
7B 552a	o da conjectura , contanto que o SUJEITO real , para aí reger o seu ,
7B 552b	, mas somente pelo fato de que o SUJEITO não se constitui senão ao sub
7B 552c	O Outro como sede prévia do puro SUJEITO do significante , aí ocupa po
7B 552d	nsagem , posto que por ele que o SUJEITO se constitui , pelo que é do
7B 552d	itui , pelo que é do Outro que o SUJEITO recebe mesmo a mensagem que e
7B 553a	e distinguirão em formas puras no SUJEITO da psicose , aquele que se co
7B 554b	o que seria já para ele se fazer SUJEITO do significante . Tudo isso
7B 555b	cumular a marca invisível que o SUJEITO recebe do significante , alie
7B 555b	be do significante , aliena esse SUJEITO na identificação primeira que
7B 555c	de retroversão através do qual o SUJEITO em cada etapa se torna o que
7B 556a	cer . Pois tudo aquilo de que o SUJEITO pode assegurar - se , nessa r
7B 556c	life . Seja como for , o que o SUJEITO encontra nessa imagem alterad
7B 557a	, Ego ideal , do ponto em que o SUJEITO se detém como ideal do Ego .
7B 558a	da consciência como essencial ao SUJEITO na seqüela histórica do cogito
7B 562c	cessidades supostas na origem do SUJEITO , negligenciar o fato de que

7B 562e| nte outra , segundo se refira ao SUJEITO ou à política ?

7B 563c| e , aos acidentes da história do SUJEITO (noção do traumatismo como c

7B 566a| nça ele se sustenta para além do SUJEITO que é levado a ocupar realmen

7B 567b| antasma da Toda - potência não do SUJEITO , mas do Outro onde se instal

7B 567d| onal da demanda de amor , onde o SUJEITO permanece na sujeição do Outr

7B 569b| questão do Outro que retorna ao SUJEITO do lugar onde ele espera um o

7B 570a| na clara alienação que deixa ao SUJEITO o favor de tropeçar sobre a q

7B 570e| omento de um fading ou eclipse do SUJEITO , estreitamente ligado à Spal

7B 572a| go gramatical aplicando - a a um SUJEITO ao qual ela é mais destinada

7B 572c| se sobre a função que suporta o SUJEITO do inconsciente , de perceber

§

7B 572c| ná - lo , em parte alguma , como SUJEITO de um enunciado , 222222 GRÁF

7B 573b| o que advém da demanda quando o SUJEITO aí se dissipa . Que a demand

7B 575a| , sem ser por isso o avesso , do SUJEITO mesmo , que se toma pelo sujei

7B 575a| SUJEITO mesmo , que se toma pelo SUJEITO da consciência . Pois esse

7B 575a| ito da consciência . Pois esse SUJEITO que crê poder aceder a si pró

7B 577b| ignificante é o que representa o SUJEITO para um outro significante .

7B 577b| tros significantes representam o SUJEITO : é dizer que por falta dess

7B 578b| saber : 111111 É o que falta ao SUJEITO para se pensar esgotado por s

7B 578b| Não podemos perguntá - lo a esse SUJEITO enquanto Eu . Para sabê - l

7B 578c| a - lhe tudo , posto que se esse SUJEITO , Eu estivesse morto , nós o

7B 580c| ado por pensamento algum sobre o SUJEITO . Na psicanálise , sem dúvid

7B 581a| se afirma aqui : Estrutural do SUJEITO , ele aí constitui essencialm

7B 582d| linhas para quem quer que seja o SUJEITO da Lei , posto que a Lei se f

7B 583a| a - lhe tudo , posto que se esse SUJEITO , Eu poderia responder - lhe po

7B 583a| ela mesma que barra o acesso do SUJEITO ao gozo , ela somente faz de

7B 583b| de uma barreira quase natural um SUJEITO barrado . Pois é o prazer q

7B 587c| sia permite fazer aparecer que o SUJEITO aqui se faz o instrumento do

7B 588c| impossível do desvanecimento do SUJEITO ; O outro no histórico , na

7B 589c| o , o que valeria o mesmo para o SUJEITO . Vê - se aí um dos perigos

7B 589d| a e que a continuação convença o SUJEITO de que o desejo do analista n

7B 590b| sua nesciência no tocante a cada SUJEITO vindo a ele em análise , de s

7B 592a| A divisão do SUJEITO que ele traz em si próprio co

7B 595d| ode se materializar a relação do SUJEITO com o significante .

7B 599a| o do que opera para constituir o SUJEITO . O inconsciente não é uma e

7B 599b| damos à linguagem como causa do SUJEITO , nos força a precisar : A a

7B 608c| iscurso , em sua enunciação . O SUJEITO mesmo do candidato a sustentar

7B 611a| s alças da questão) , a saber o SUJEITO , a alternativa se propõe em

7B 611b| uagem , é a causa introduzida no SUJEITO . Por esse efeito ele não é

7B 611c| te sem o qual não haveria nenhum SUJEITO no real . Mas esse SUJEITO ,

7B 611c| nhum SUJEITO no real . Mas esse SUJEITO , é o que o significante repr

7B 611d| : A que desde então se reduz o SUJEITO que escuta .

7B 612a| Ao SUJEITO pois , não se lhe fala . Iss

7B 612a| reça a ele , ele desapareça como SUJEITO sob o significante que fica se

7B 612b| nasce dessa escisão original , o SUJEITO traduz uma sincronia signific

7B 612d| imeira projetando a topologia do SUJEITO no instante da phantasia ;

7B 613a| Ela a esconde , recusando ao SUJEITO do desejo que ele se saiba ef

7B 620a| perpetua a razão que subordina o SUJEITO ao efeito do significante .

7B 621a| njunção . São respectivamente o SUJEITO e o Outro , esses domínios nã

7B 621b| teses sobre o inconsciente . O SUJEITO , o SUJEITO cartesiano , é o

7B 621b| ue inconsciente . O SUJEITO , o SUJEITO cartesiano , é o pressuposto

7B 621c| ue convém formular a causação do SUJEITO . Operações que se ordenam n

7B 621c| eira , a alienação , é o fato do SUJEITO . Num campo de objetos , não

7B 622a| o origem esse dado de que nenhum SUJEITO tem razão de aparecer no real
7B 622a| sive de sua parte animada . Um SUJEITO só se impõe aí pelo fato de q
7B 622b| ioridade ao significante sobre o SUJEITO , é , para nós , levar em con
7B 622b| , se podemos dizer , antes que o SUJEITO se dê conta , a ponto de que
7B 622c| , por exemplo , ele surpreenda o SUJEITO . Com seu flash , o que ele
7B 622c| que ele ilumina , é a divisão do SUJEITO consigo mesmo . Mas que ele
7B 623b| do como alguém , mas não como um SUJEITO . O registro do significante
7B 623b| ue um significante representa um SUJEITO para um outro significante .
7B 623c| explica a divisão originária do SUJEITO . O significante se produzim
7B 623c| ão refereciado , aí faz surgir o SUJEITO do ser que não tem ainda a fa
7B 624b| nação . Que o Outro seja para o SUJEITO o lugar de sua causa signific
7B 624c| motivar a razão pela qual nenhum SUJEITO pode ser causa de si . O que
7B 624c| lo , se devemos pensá - lo como SUJEITO - Santo Agostinho o viu muito
7B 624c| A alienação reside na divisão do SUJEITO que acabamos de designar em s
7B 626c| de morrer . Do mesmo modo nosso SUJEITO é posto no vel de um certo se
7B 626d| embora produzido como eclipse do SUJEITO .
7B 628a| ão , onde se fecha a causação do SUJEITO , para aí experimentar a estr
7B 628b| chama Ichspaltung ou escisão do SUJEITO , e apreenderemos porque , no
7B 628c| ele a funda numa escisão não do SUJEITO , mas do objeto (fálico nota
7B 628d| a da falta a falta , pela qual o SUJEITO vem a reencontrar no desejo d
7B 628d| a equivalência ao que ele é como SUJEITO do inconsciente .
7B 629a| Por essa via o SUJEITO se realiza na perda em que su
7B 630a| . Aqui é de sua partitura que o SUJEITO procede a seu parto . E iss
7B 630b| ilho ao marido) . Eis porque o SUJEITO pode se prover o que aqui o c
7B 631a| cante sob o qual ele sucumbe , o SUJEITO ataca a cadeia , que reduzimo
7B 631b| ma , é sob a incidência em que o SUJEITO experimenta neste intervalo O
7B 632b| desejo , mas é para reconduzir o SUJEITO à opacidade do ser que lhe re
7B 632b| lhe retornou pelo seu advento de SUJEITO , assim como primeiro ele se
7B 638d| ela marca a relação , na qual o SUJEITO toma sua parte , da sexualida
7B 639a| Do que se representa disso no SUJEITO , o que espanta , é a forma d
7B 641a| ao máximo sua elasticidade . O SUJEITO falante tem esse privilégio d
7B 641b| nte como tal , fez , ao barrar o SUJEITO por primeira intenção , entra
7B 641c| vem a se colocar na dialética do SUJEITO . Esse órgão do incorporal n
7B 641c| sexuado , é o do organismo que o SUJEITO vern colocar no tempo em que
7B 642a| outra via em que se manifesta no SUJEITO incidência da sexualidade .
7B 642b| ber a que poderia representar no SUJEITO , o modo em seu ser do que é
7B 642b| iência demonstra de vacilação no SUJEITO concernindo seu ser de mascul
7B 643b| pulsos , ditos parciais , onde o SUJEITO procura um objeto que lhe sub
7B 643c| o , a divisão sempre reaberta no SUJEITO em sua alienação primeira , d
7B 643d| devem se instaurar que dizem ao SUJEITO o que é preciso fazer como ho
7B 645a| 10. APÊNDICE II : A METÁFORA DO SUJEITO O presente texto é o reescri
7B 650c| sticha gratuitamente feita a todo SUJEITO de um atributo pelo qual qual
7B 650c| tributo pelo qual qualquer outro SUJEITO e suscitado a encetá - la .
§

ANEXO F – CONCORDÂNCIA DE SUJEITO EM ESCRITOS (1998)

a| 6a| vemos a sustentar a estrutura do SUJEITO . É exatamente aí que nossos
a| 6b| o , a divisão onde se verifica o SUJEITO pelo fato de um objeto o atrav
a| 6d| , como causa do desejo em que o SUJEITO se eclipsa e como suporte do
a| 6d| ito se eclipsa e como suporte do SUJEITO entre verdade e saber .
a| 7c| rico) em que convém situarmos o SUJEITO do inconsciente , se devemos

al 8b| canalíticos determinantes para o SUJEITO , tais como a foraclusão (Ve
 al 9a| bólica que é constituinte para o SUJEITO , demonstrando - lhes numa hi
 al 9b| a determinação fundamental que o SUJEITO recebe do percurso de um sign
 al 26a| que por isso a comunicação de um SUJEITO com outro , no interior da mul
 al 27b| tividade . Situa - se ali onde o SUJEITO nada pode captar senão a próp
 al 28b| a supremacia do significante no SUJEITO . Assim opera Dupin , quando
 al 48c| indica o título , é o verdadeiro SUJEITO do conto : é por poder sofre
 al 49a| o texto que comentamos , é que o SUJEITO segue o veio do simbólico , m
 al 49a| impressionante : Não é apenas o SUJEITO , mas os SUJEITOS , tornados
 al 68b| ilidade que provém justamente do SUJEITO . É isso que vai dar sentido
 al 69c| primazia do significante sobre o SUJEITO . No entanto , fato é que um
 al 77b| uma linguagem formal determina o SUJEITO . Mas o interesse de tal pro
 al 77b| é simples , já que supõe que um SUJEITO só cumprirá colocando algo d
 al 78b| , para explicar a si mesmos seu SUJEITO de todos os dias - seu pacien
 al 79a| 0000 e 000000 não são sem que um SUJEITO se lembre deles , objetam - n
 al 80c| sgressão da crítica kantiana , o SUJEITO benevolente em dar um destino
 al 81a| r que responder à pergunta de um SUJEITO senão fazendo - o primeiro de
 al 98b| ele pôde entrar nessa ordem como SUJEITO . Mas ele só pôde fazer essa
 al 98b| a , reproduz - se toda vez que o SUJEITO se dirige ao Outro como absol
 al 99b| , esquema , entre esse aquém do SUJEITO e esse para - além do Outro e
 al 101b| inamos a abranger a estrutura do SUJEITO (S de nosso esquema L) , na
 al 102c| nosso esquema L , simbolizando o SUJEITO suposto completado pelo Es fr
 al 102c| completado pelo Es freudiano , o SUJEITO da sessão psicanalítica , por
 al 103b| como tal . É também dali que o SUJEITO S recebe sua mensagem sob for
 al 104a| de uma memorização primordial no SUJEITO e de uma estruturação em que é
 al 105c| se denuncia o engodo . Ali , o SUJEITO é o interrogado : Ele respon
 al 106d| siderado pelo adversário como um SUJEITO que o objetiva , pois é verda
 al 106d| , pois é verdade que ele é esse SUJEITO ;
 al 108b| divinizado , isto é , se eu for o SUJEITO ativo , meu esforço consistir
 al 109b| saiba , modula as escolhas de um SUJEITO , venha a ganhar acima de qua
 al 111c| firmamos do significante sobre o SUJEITO . Se há nisso uma verdade ,
 al 119a| imeiro argumento . Chamamos A o SUJEITO real que vem concluir por si
 al 126c| por um processo lógico em que o SUJEITO transformou as três combinaçõ
 al 127a| mplicam deixe de se produzir num SUJEITO de pura lógica , e fazer com
 al 127c| , objeção do lógico ou dúvida do SUJEITO , revela - se a cada vez como
 al 127c| melhor dizendo , como a fuga do SUJEITO para uma exigência formal .
 al 130b| o atributo ignorado pelo próprio SUJEITO . Nessa passagem , o SUJEITO
 al 130b| io SUJEITO . Nessa passagem , o SUJEITO depara com a seguinte combina
 al 130d| Eis aí uma intuição pela qual o SUJEITO objetiva algo mais do que os
 al 131b| de constatar no outro , e que o SUJEITO manifesta nos termos que liga
 al 132c| asserção sobre si , pela qual o SUJEITO conclui o movimento lógico na
 al 132c| nta objetivamente , prossegue no SUJEITO como uma reflexão , na qual e
 al 133b| não diferir logicamente , para o SUJEITO , do tempo que lhe foi necess
 al 134b| gência do movimento lógico que o SUJEITO precipita simultaneamente seu
 al 134c| o que evidencia aos outros que o SUJEITO concluiu . Mas , detenhamo -
 al 134c| nhamo - nos nesse ponto em que o SUJEITO , em sua asserção , atinge um
 al 135b| formula na asserção pela qual o SUJEITO conclui seu movimento lógico
 al 135d| da com a originalidade lógica do SUJEITO da asserção :
 al 136a| o subjetiva , ou seja , nela , o SUJEITO lógico não é outro senão a for
 al 136a| é outro senão a forma pessoal do SUJEITO do conhecimento , aquele que
 al 136b| sofisma só pode ser portado pelo SUJEITO que formou a asserção sobre s
 al 136b| o - ao contrário das relações do SUJEITO impessoal e do SUJEITO indefin
 al 136b| lações do SUJEITO impessoal e do SUJEITO indefinido recíproco dos dois

al 136b	cialmente transitivos , já que o SUJEITO pessoal do movimento lógico o
al 136c	evidencia bem o valor lógico do SUJEITO da asserção . O primeiro , q
al 136c	... , dá apenas a forma geral do SUJEITO noético : Ele pode igualmen
al 137a	O [eu] , SUJEITO da asserção conclusiva , isol
al 138a	O SUJEITO , com efeito , captou o moment
al 138b	dor pode prever é que , se há um SUJEITO que , inquirido , deverá decl
al 139b	moção suspensa , e manifesta ao SUJEITO seu limite no tempo para comp
al 139c	a função dessa dúvida quanto ao SUJEITO da asserção , vejamos o que v
al 141d	uma imposição ; Com efeito , o SUJEITO que houvesse concluído a prim
al 142b	, nesse mesmo momento , se cada SUJEITO pode , na inquirição , exprim
al 142d	rgulhado no erro) , esse próprio SUJEITO também pode exprimir essa mes
al 143a	r formulada como verdadeira pelo SUJEITO , uma vez que ele constituiu o
al 143b	ó pode como tal ser assumida pelo SUJEITO pessoalmente - mas conclusã
al 144c	m [eu] ao denominador comum do SUJEITO recíproco , ou ainda , aos out
al 147c	a a amestrar os ouvidos ao termo SUJEITO . Aquele que nos dá essa opo
al 148c	lorizar a primazia da relação de SUJEITO a SUJEITO em todas as reações
al 148c	primazia da relação de SUJEITO a SUJEITO em todas as reações do indiví
al 149a	la inteiramente nessa relação de SUJEITO a SUJEITO , expressando com i
al 149a	mente nessa relação de SUJEITO a SUJEITO , expressando com isso preserv
al 149b	Numa psicanálise , com efeito , o SUJEITO propriamente dito constitui -
al 150e	a por um ponto de vista em que o SUJEITO já não passa de objeto ?
al 153d	o das estruturas em que , para o SUJEITO , a verdade se transmuta , e
al 153d	mas em sua própria posição como SUJEITO da qual seus objetos são func
al 154a	ção é idêntico ao progresso do SUJEITO , isto é , a realidade da aná
al 154b	nsferência chamada negativa no SUJEITO , como sendo uma operação do
al 158b	cara um interesse pela pessoa do SUJEITO - rival , interesse este cuja
al 161d	na alienação primordial em que o SUJEITO se reconhece como [eu] ...
al 170a	nsferência não é nada de real no SUJEITO senão o aparecimento , num mo
al 171c	e que só existe progresso para o SUJEITO através da integração a que e
al 184c	ode reconhecer nisso um álibi do SUJEITO . Tentemos esboçar a tópica
al 195c	A NA REALIZAÇÃO PSICANALÍTICA DO SUJEITO Dá em minha boca fala
verdade	
al 196c	sa a analisar o comportamento do SUJEITO para ali encontrar o que ele
al 197a	qual foi , então , esse apelo do SUJEITO , para - além do vazio de seu
al 197b	tro , através dos meios em que o SUJEITO coloca sua complacência e em
al 200b	e nossa obtusidade em relação ao SUJEITO . Indaguemos , antes : De
al 200c	inerente ao próprio discurso do SUJEITO ? O SUJEITO não se empenha n
al 200c	róprio discurso do SUJEITO ? O SUJEITO não se empenha neste numa desp
al 201b	frustração , não de um desejo do SUJEITO , mas de um objeto em que seu
al 201b	e elabora , mais se aprofunda no SUJEITO a alienação de seu gozo . F
al 201c	, e de tal ordem que , viesse o SUJEITO a reduzir - lhe a forma em se
al 201c	imagem apassivadora pela qual o SUJEITO se faz objeto na exibição do
al 202a	uado para esse discurso , pois o SUJEITO tomará por desprezo qualquer
al 202a	quívoico . A agressividade que o SUJEITO experimenta aqui nada tem a v
al 202c	scurso , desmante o objeto que o SUJEITO construiu para satisfazê - la
al 203a	ta , que visaria a transformar o SUJEITO em seu presente através de do
al 203b	lguum momento ser benéfico para o SUJEITO , eis o que não tem outra impo
al 203d	nisso , no que concerne ao eu do SUJEITO , que não possa ser reassumid
al 204a	tar permanente da assunção que o SUJEITO faz de suas miragens , onde p
al 204a	to , não pode sem perigo acuar o SUJEITO na intimidade de seu gesto ,
al 204b	o não está na reação negativa do SUJEITO , mas antes em sua captura nu
al 204c	stir em suspender as certezas do SUJEITO , até que se consumem suas úl
al 206a	na que dá sentido ao discurso do SUJEITO . É por isso que a suspensão

al 206d	m o objeto equivale a projetar o SUJEITO numa ilusão alienante , que só
al 207a	experimentado com a realidade do SUJEITO . Essa pérola da psicologia
al 208b	então de refrator do discurso do SUJEITO , e assim , apresenta - se in
al 209b	um objeto para - além da fala do SUJEITO , como alguns se empenham em
al 209c	relação imaginária que o liga ao SUJEITO como eu , e , na impossibilita
al 210b	ato , o da fala vazia , em que o SUJEITO parece falar em vão de quem
al 212c	izando que não têm que saber se o SUJEITO se lembrou do que quer que fo
al 214b	geriana , que ambos constituem o SUJEITO como gewesend , isto é , como
al 214c	aído um outro ente , que faria o SUJEITO ter sido totalmente diverso .
al 216b	a escassa liberdade pela qual o SUJEITO as faz presentes . Os meandr
al 216c	eus efeitos a cada volta em que o SUJEITO se reestrutura , isto é , tan
al 216d	ontecimento permanece latente no SUJEITO .
al 217a	, que precipitam a meditação do SUJEITO do rumo ao sentido a ser deci
al 217b	sa assunção de sua história pelo SUJEITO , no que ela é constituída pe
al 218c	da realidade transindividual do SUJEITO ; Suas operações são as da h
al 218c	iramente , com efeito , quando o SUJEITO se engaja na análise , ele ace
al 219a	de insistir em que a alocação do SUJEITO comporta um alocutário , ou ,
al 219b	a continuidade nas motivações do SUJEITO . O exame operacional desse
al 219c	em que se constitui a história do SUJEITO . É assim que o SUJEITO pode
al 219c	ória do SUJEITO . É assim que o SUJEITO pode vaticinar sobre sua hist
al 220b	dual , que falta à disposição do SUJEITO para restabelecer a continuid
al 221b	mão em mão , para dar ao ato do SUJEITO que recebe sua mensagem o sen
al 224b	ntos peculiares à história de um SUJEITO . Ela é exatamente a que sep
al 227b	contestável . O que ensinamos o SUJEITO a reconhecer como seu inconsc
al 227d	mbolo a própria miragem em que o SUJEITO se descobre preso .
al 233a	sou castrado em que se afirma o SUJEITO , a forma compulsiva em que fi
al 233c	onflito cujos efeitos Freud fez o SUJEITO perceber mediante seus présti
al 234a	- Mas , então , que é esse SUJEITO cujo entendimento vocês nos r
al 234b	e é preciso fechar os olhos . O SUJEITO vai muito além do que o indivi
al 234d	alívio . Que o inconsciente do SUJEITO é o discurso do outro , eis o
al 235a	Coincidência das colocações do SUJEITO com fatos de que ele não pode
al 236b	ue é pela redução da história do SUJEITO particular que a análise toca
al 238b	audar nessa sub - olfação de seu SUJEITO , obtida após dois ou três an
al 240b	aliadoras ou sedutoras com que o SUJEITO modula seu discurso onírico .
al 240c	o desejo de contradizê - lo , no SUJEITO que ele tentou convencer , co
al 243c	, na história característica do SUJEITO , é porque eles já estavam la
al 243c	os que determinaram o destino do SUJEITO , é forçoso admitir que é na
al 243d	e tudo o que a análise revela ao SUJEITO como seu inconsciente .
al 246c	stamente superada pelo achado do SUJEITO - em parte alguma a distinção
al 251d	ract) , vocês conseguirão que o SUJEITO , ao modular ele mesmo essa o
al 254a	alquer experiência particular do SUJEITO . E que considerar esta últi
al 260b	vidade : Ou seja , aquilo que o SUJEITO pode conhecer de sua particip
al 260d	etos interditados às escolhas do SUJEITO , aliás continuando a não ser
al 261b	dissociação da personalidade do SUJEITO , que pode exercer uma filiaçã
al 263a	e eles e as relações reais que o SUJEITO mantém com a imagem e a ação
al 265b	uma psicanálise é o advento , no SUJEITO , do pouco de realidade que e
al 265c	o problema é o das relações , no SUJEITO , entre a fala e a linguagem
al 266b	atório ou idealista - objetiva o SUJEITO em uma linguagem sem dialétic
al 266b	eotípias de um discurso em que o SUJEITO , pode - se dizer , é mais fa
al 266c	los . Mas é um erro dizer que o SUJEITO os assume : A resistência a r
al 266d	r do que nas neuroses , quando o SUJEITO é induzido a ela por uma tenta
al 267c	o , quer nas funções naturais do SUJEITO , por menos que um espinho org
al 267d	ução do vivente na existência do SUJEITO , quer nas imagens que organiz

al 268a	cado recalçado da consciência do SUJEITO . Símbolo escrito na areia d
al 269a	o da linguagem com a fala é o do SUJEITO que perde seu sentido nas obj
al 269b	stá a alienação mais profunda do SUJEITO da civilização científica , e
al 269b	ramos em primeiro lugar quando o SUJEITO começa a nos falar de si :
al 270a	Mas uma saída se oferece ao SUJEITO para a resolução desse impass
al 270c	o particular de sua vida . Se o SUJEITO não encontrasse numa regressão
al 272b	êntica , ou seja , em que nela o SUJEITO e mais falado do que fala , r
al 277c	- se como um duplo movimento no SUJEITO : O homem faz de sua ação um
al 281b	que e a certeza antecipada pelo SUJEITO no tempo para compreender que
al 281c	que faz do próprio movimento do SUJEITO erro ou verdade . Vê - se p
al 282b	ensão progressiva da história do SUJEITO que Freud nos sublinha faltar
al 285a	ersubjetiva e a temporalidade do SUJEITO . III . AS RESSONÂNCIAS DA
al 285b	AS DA INTERPRETAÇÃO E O TEMPO DO SUJEITO NA TÉCNICA PSICA-
	NALÍTICA Entr
al 287a	esconhecimento cada vez maior do SUJEITO , por não serem compreendidos
al 287d	se deixou levar a incentivar seu SUJEITO a superar suas primeiras hesi
al 288b	trar vigorosamente na memória do SUJEITO , nem tampouco , portanto , a
al 288c	ecimentos teóricos cujo penhor o SUJEITO requer para prosseguir em seu
al 288c	onto que parece entrar no jogo do SUJEITO . Mas o caráter extremamente
al 289b	na equivalência simbólica que o SUJEITO institui em seu pensamento em
al 289c	ervindo - se dela para implicar o SUJEITO em sua mensagem . Do mesmo
al 289d	a em que , a partir de então , o SUJEITO perpetuaria sua sedução e sua
al 290b	ponda a interrogação profunda do SUJEITO , é preciso , de fato , que o
al 290b	to , é preciso , de fato , que o SUJEITO a escute como a resposta que
al 290c	- se de passagem que , aqui , o SUJEITO tivera uma prévia delas ao ent
al 291b	cador só atinge autenticamente o SUJEITO ao descentrá - lo da consciên
al 292b	eto se subordina a realização do SUJEITO . Mas se restava algo de pro
al 292c	realiza como desarticuladora do SUJEITO , e sem apelar para o amanhã
al 292c	otalidade no indivíduo , já que o SUJEITO introduz nele a divisão , bem
al 295a	Para liberar a fala do SUJEITO , nós o introduzimos na lingu
al 295c	er , é absolutamente peculiar ao SUJEITO . Linguagem primeira , dizem
al 297a	pois , para que surta efeitos no SUJEITO , que ele se faça ouvir , poi
al 300d	. Pois need e demand tem para o SUJEITO um sentido diametralmente opo
al 301a	nada menos do que transformar o SUJEITO a quem se dirige , através da
al 304a	missora da ação , da qual nenhum SUJEITO a isola como símbolo da comun
al 304c	ndo por um Tu és minha mulher um SUJEITO marca - se como sendo o homem
al 306a	as , dos nomes secretos em que o SUJEITO identifica sua pessoa ou seus
al 307b	outro . O que me constitui como SUJEITO é minha pergunta . Para me
	\$
al 307b	outro . O que me constitui como SUJEITO é minha pergunta . Para me
al 309a	mo se diz , a de ser aceita pelo SUJEITO como aprovação ou rejeição de
al 309a	reconhecê - lo ou aboli - lo como SUJEITO . É essa a responsabilidade
al 309c	tervenção falada e recebida pelo SUJEITO em função de sua estrutura ,
al 309d	que dá ao desconhecimento , pelo SUJEITO , de sua própria realidade .
al 310a	imagens corporais que cativam o SUJEITO ; Podem engravidar a históri
al 310b	inários dos quais o paciente é o SUJEITO . Estamos lembrados da Wespe
al 311b	sfação que com ela experimenta o SUJEITO . Assim , a fala pode tornar
al 311c	se objeto imaginário ou real no SUJEITO e , como tal , degradar sob m
al 311d	verdadeira e a realização , pelo SUJEITO , de sua história em sua rela
al 312b	se trata de atingir a verdade do SUJEITO . Num dado momento , ele per
al 312c	roposta de casamento , levada ao SUJEITO por sua mãe , na origem da fa
al 312c	ele não hesita em interpretar ao SUJEITO o efeito dela , como uma proib
al 313b	feros que ligam narcisicamente o SUJEITO , ao mesmo tempo , ao pai mor

al 313d ir seus termos imaginários que o SUJEITO tenta até mesmo realizá -
 al 315a) cto simbólico que se desfazem no SUJEITO os artificios de sua servidão
 al 315b) . Para saber como responder ao SUJEITO na análise , o método consist
 al 315c) saber através de quem e a quem o SUJEITO formula sua pergunta . Enqu
 al 316a) o terceiro por cujo intermédio o SUJEITO goza com o objeto em que sua
 al 316c) o dá a ver . Quanto ao primeiro SUJEITO , para quem o termo acting ou
 al 316d) , portanto , na relação do eu do SUJEITO com o [eu] de seu discurso
 al 316d) do discurso , para desalienar o SUJEITO .
 al 317a) ativerem à ideia de que o eu do SUJEITO é idêntico à presença que lhe
 al 317b) omo o sistema das objetivações do SUJEITO , para o eu concebido como co
 al 318b) stica , onde o analista ensina o SUJEITO a se apreender como objeto ;
 al 318c) livre de qualquer freio , livra o SUJEITO a todas as intimações de sua
 al 319a) de uma forma desmistificada ; O SUJEITO , transformado num isso , tem
 al 319b) o na análise . Metade do ego do SUJEITO passa para o outro lado do mu
 al 319c) a opinião a que houver chegado o SUJEITO por si mesmo , toda margem a
 al 319c) ração da análise . Mas como o SUJEITO de uma análise centrada no pr
 al 320b) ada análise tenha comprometido o SUJEITO com um reconhecimento autênti
 al 322b) letras de sofrimento na carne do SUJEITO , se apaga . Essa taumaturg
 al 325b) ? Assim levados a apelar para o SUJEITO , uma vez que , no fim das co
 al 326a) r do analista guia o discurso do SUJEITO para a realização de sua verd
 al 326b) s impele a buscar a realidade do SUJEITO para - além do muro da língua
 al 326b) a linguagem é a mesma pela qual o SUJEITO crê que sua verdade já está d
 al 327b) , seria abusar da docilidade do SUJEITO querer persuadi - lo , na tot
 al 327d) considerado na fenomenologia do SUJEITO , na medida em que o SUJEITO
 al 327d) do SUJEITO , na medida em que o SUJEITO se constitui na busca da verd
 al 328c) e omitido por sua proximidade do SUJEITO . Evocamos aqui a invectiva
 al 330b) otivo daí decorrente de que é ao SUJEITO que cabe descobrir sua dimens
 al 330c) ntada ; Depois que a questão do SUJEITO assume a forma de fala verd
 al 331a) fazemos a não ser dar à fala do SUJEITO sua pontuação dialética ? V
 al 331c) só podemos ser antecipada para o SUJEITO como indefinida . Isso , po
 al 332a) Não podemos prever no SUJEITO qual será seu tempo para comp
 al 332a) ; - outra que é propriamente do SUJEITO , e pela qual a fixação de um
 al 332b) ada , ou seja , restabelecemos no SUJEITO sua miragem original , na med
 al 333b) uir seu exemplo , sempre deixa o SUJEITO na alienação de sua verdade .
 al 334b) no entanto , que admitir que um SUJEITO seja mantido à custa do p
 al 336c) da função do analista . Para o SUJEITO em análise , por outro lado ,
 al 338b) que responde pela sinceridade do SUJEITO , depositário do processo - v
 al 338d) deixar de ser experimentada pelo SUJEITO como uma pontuação em seu pro
 al 339c) terrompe os momentos de pressa no SUJEITO pode ser fatal para a conclus
 al 340b) ue ele se presta à convivência do SUJEITO : Não apenas acessível ao ob
 al 340c) de trabalho forçado que , nesse SUJEITO , envolve até seu lazer . E
 al 341b) e . É que não somente a obra do SUJEITO lhe é furtada por um outro ,
 al 341c) o , como o reconhecimento , pelo SUJEITO , de sua própria essência em
 al 342a) m rude , ao dizerem que o ego do SUJEITO procura seduzir seu super - e
 al 342b) tica , onde o working through do SUJEITO é efetivamente utilizado para
 al 342c) nca deixa de se produzir . E o SUJEITO trata de partir novamente num
 al 343a) A resistência do SUJEITO pode ver - se absolutamente d
 al 343b) pudemos fazer vir à luz num dado SUJEITO masculino fantasias de gravid
 al 343d) licada como meio de revelação do SUJEITO na ascese tradicional de certa
 al 344b) si nenhum perigo de alienação do SUJEITO . Pois ela só rompe o disc
 al 348d) o limite da função histórica do SUJEITO .
 al 349a) o , nem como certeza empírica do SUJEITO , mas , segundo a fórmula que
 al 349b) e , como tal , indeterminada do SUJEITO , quer dizer , do SUJEITO def

a1 349b] ada do SUJEITO , quer dizer , do SUJEITO definido por sua historicidad
 a1 350b] . Podemos agora discernir que o SUJEITO não domina aí apenas sua priv
 a1 350d] amentos elementares , anuncia no SUJEITO a integração diacrônica da di
 a1 351c] oisa , e essa morte constitui no SUJEITO a eternização de seu desejo .
 a1 352a] rder , na tradição perpetuada de SUJEITO para SUJEITO . Como não ver
 a1 352a] dição perpetuada de SUJEITO para SUJEITO . Como não ver de que altura
 a1 353b] hecemos o instinto de morte . O SUJEITO diz Não ! A esse brincar - d
 a1 353c] sso , quando queremos atingir no SUJEITO o que havia antes dos jogos se
 a1 355a] dialético que se produz quando o SUJEITO se apercebe de sua solidão ,
 a1 355b] do momento em que a satisfação do SUJEITO encontra meios de se realizar
 a1 355c] entre o homem da preocupação e o SUJEITO do saber absoluto . Isso tam
 a1 355d] tica separável do engajamento do SUJEITO em sua prática .
 b2 366c] deva passar despercebido para o SUJEITO . Do mesmo modo e ainda mais
 b2 366d] entos mais acidentais da vida do SUJEITO , conforme o obstáculo que el
 b2 367b] ultrapassa a individualidade do SUJEITO , na medida em que estrutura
 b2 368c] papel fundamental do discurso do SUJEITO e de sua escuta . Foi justam
 b2 371a] isciplina baseada na história do SUJEITO vem culminar : A par do hic
 b2 374b] , e nos quais o inconsciente do SUJEITO pode ordenar seus hábitos .
 b2 380c] nas significações que subjagam o SUJEITO , e mais ainda : Para se man
 b2 380d] ificante que conota a relação do SUJEITO com o significante .
 b2 392a] ica da psicanálise na relação do SUJEITO com o significante , o que el
 b2 424c] mento que nela se opera , para o SUJEITO , do significante que motiva
 b2 435d] s e psíquicas que a desservem no SUJEITO falante .
 b2 436a] ra , preexiste à entrada de cada SUJEITO num momento de seu desenvolvim
 b2 436b] o que virá a seguir . Também o SUJEITO , se pode parecer servo da lí
 b2 440b] endizagem da língua materna pelo SUJEITO infans , ou pelo emprego dos
 b2 450c] ica que o diálogo pode operar no SUJEITO . Mas se , com efeito , é ne
 b2 453b] ode operar por estar presente no SUJEITO . É justamente a isso que re
 b2 453c] . Pois o importante não é que o SUJEITO o reconheça mais ou menos .
 b2 454a] (quase sempre indefinível) do SUJEITO : A saber , a de indicar o l
 b2 454a] ber , a de indicar o lugar desse SUJEITO na busca da verdade . Basta
 b2 471c] em da relação de objeto em que o SUJEITO deve supostamente se tipifica
 b2 472d] é menos revelador dessas leis no SUJEITO normal do que no neurótico .
 b2 475c] o provisoriamente com o lugar do SUJEITO . É na função do SUJEITO , a
 b2 475c] gar do SUJEITO . É na função do SUJEITO , assim introduzida , que dev
 b2 475d] da sua afirmação existencial do SUJEITO com sua transparência transe
 b2 476b] ravés dessa extrema depuração do SUJEITO transcendental , minha ligaçã
 b2 477a] Pois a noção de SUJEITO é indispensável ao manejo de
 b2 477b] iverso . O lugar que ocupo como SUJEITO do significante , em relação
 b2 477c] e , em relação ao que ocupo como SUJEITO do significado , será ele con
 b2 480c] ma realidade mais consistente no SUJEITO do que o imediato ; e da ver
 b2 481b] a significação , inacessível ao SUJEITO consciente onde ele pode se r
 b2 482b] desejo foi em sua história que o SUJEITO grita através de seu sintoma
 b2 485b] a questão que o ser coloca para o SUJEITO lá de onde ele estava antes q
 b2 485b] lá de onde ele estava antes que o SUJEITO viesse ao mundo (essa subordin
 b2 485c] e que ele formula sua questão ao SUJEITO . Que significa isso ? Ele
 b2 485c] so ? Ele não a coloca diante do SUJEITO , pois o SUJEITO não pode vir
 b2 485c] oloca diante do SUJEITO , pois o SUJEITO não pode vir para o lugar ond
 b2 485d] oca , mas coloca - a no lugar do SUJEITO , ou seja , nesse lugar , ele
 b2 485d] gar , ele coloca a questão com o SUJEITO , tal como se enuncia um prob
 b2 486d] evestindo o deslocamento que é o SUJEITO de uma resistência essencial
 b2 490d] a língua esquecida da infância do SUJEITO) a ardente curiosidade que o
 b2 504b] io , ou seja , a instalação , no SUJEITO , de uma posição inconsciente

b2 506a| Estes demonstram uma relação do SUJEITO com o falo que se estabelece
 b2 514a| erminantes para a instituição do SUJEITO . Nessa experiência aparece
 b2 514c| Se isso fala no Outro , quer o SUJEITO o ouça ou não com seu ouvido
 b2 514c| eu ouvido , é porque é ali que o SUJEITO , por uma anterioridade lógic
 b2 519c| igma que essa relação provoca no SUJEITO , ao significá - la duplamente
 b2 519c| a suscita , como demanda sobre o SUJEITO da necessidade ; E ambígüida
 b2 519d| e , qual seja , que tanto para o SUJEITO quanto para o Outro , no que
 b2 520a| ali a condição da felicidade do SUJEITO : E camuflar sua hiância , r
 b2 520d| uas funções marca sua relação de SUJEITO com o significante .
 b2 522b| mplementaridade na instauração do SUJEITO pelo significante , a qual ex
 b2 522b| se consuma . Qual seja : 1. o SUJEITO só designa seu ser ao barrar
 b2 523b| que seja no lugar do Outro que o SUJEITO tem acesso a ele . Mas , co
 b2 523c| o Outro como tal que se impõe ao SUJEITO reconhecer , isto é , o outro
 b2 523c| o outro enquanto ele mesmo é um SUJEITO dividido pela Spaltung signif
 b2 524b| o Outro , por já se opor a que o SUJEITO se satisfaça em apresentar ao
 b2 524c| la não é decisiva pelo fato de o SUJEITO nela aprender se ele mesmo te
 b2 525b| , por um lado , dar realidade ao SUJEITO nesse significante e , por ou
 b2 529d| Nous e o Logos . Subversão do SUJEITO e dialética do desejo no inco
 b2 531b| uma mediação fácil para situar o SUJEITO : Por uma relação com o sabe
 b2 531b| douto que faz ciência é também um SUJEITO , ele próprio , e até particu
 b2 531c| ou prematuraçãõ) . Ora , esse SUJEITO que deve saber o que faz , ao
 b2 532a| só , justifica que se fale de um SUJEITO da ciência . Afirmacão à qua
 b2 532b| o que acontece com a questãõ do SUJEITO , tal como a psicanálise prop
 b2 534a| remos demonstrar que a função do SUJEITO , tal como a instaura experiê
 b2 534b| o . Seu critério é a unidade do SUJEITO que existe com base nos press
 b2 534b| tratasse do retorno de um certo SUJEITO do conhecimento , ou fosse pr
 b2 536b| diga por quê . Se conduzimos o SUJEITO a algum lugar , é a uma decif
 b2 540d| sperar . Que é isso , se não um SUJEITO consumado em sua identidade c
 b2 541a| No se lê que esse SUJEITO já é perfeito ali e constitui
 b2 542c| modo , nossa dupla referência ao SUJEITO absoluto de Hegel e ao SUJEITO
 b2 542c| ao SUJEITO absoluto de Hegel e ao SUJEITO abolido da ciência dá o escla
 b2 542e| s , diríamos skew) que separa o SUJEITO do sexo ?
 b2 543b| incapaz de desempenhar o papel do SUJEITO protopático , uma vez que ess
 b2 544c| em no inconsciente , que tipo de SUJEITO podemos conceber - lhe ? Po
 b2 544d| o shifter ou indicativo que , no SUJEITO do enunciado , designa o suje
 b2 544d| SUJEITO do enunciado , designa o SUJEITO enquanto ele fala naquele mom
 b2 545a| O que quer dizer que designa o SUJEITO da enunciaçãõ , mas não o sig
 b2 545a| fato de que todo significante do SUJEITO da enunciaçãõ pode faltar no
 b2 545b| por exemplo , ter reconhecido o SUJEITO da enunciaçãõ no significante
 b2 546c| falando ? , quando se trata do SUJEITO do inconsciente . Pois essa
 b2 546d| que se divide a transparência do SUJEITO clássico , para passar aos ef
 b2 546d| itos de fading que especificam o SUJEITO freudiano , por sua ocultaçãõ
 b2 547b| gnificado . Ali se surpreende o SUJEITO que nos interessa , pois , ao
 b2 548a| co para verificar a estrutura do SUJEITO como descontinuidade no real
 b2 549b| texto para ilustrar a relação do SUJEITO com o significante , através
 b2 550a| é assim que advém o [Eu] como SUJEITO que se conjuga pela dupla apo
 b2 550b| ança com o que Hegel forjou como SUJEITO , por ser o SUJEITO que suste
 b2 550b| forjou como SUJEITO , por ser o SUJEITO que sustenta sobre a história
 b2 550d| geliana , essas duas relações do SUJEITO com o saber .
 b2 551a| ade pelo mínimo de ligação que o SUJEITO precisa guardar com o antigo
 b2 551b| astúcia da razão significa que o SUJEITO , desde a origem e até o fim
 b2 553b| ãõ do grilhão de antigo uso , o SUJEITO que traz sob sua cabeleira o
 b2 555d| e situa o desejo em relação a um SUJEITO definido por sua articulaçãõ

b2 558b) para a saída . A submissão do SUJEITO ao significante , que se prod
 b2 559a) e esse Outro nada é senão o puro SUJEITO da moderna estratégia dos log
 b2 559a) conjectura , na medida em que o SUJEITO real , por nele pautar o seu
 b2 559b) mas unicamente pelo fato de que o SUJEITO só se constitui ao se subtrai
 b2 559c) Outro , como sítio prévio do puro SUJEITO do significante , ocupa a pos
 b2 560a) em , uma vez que é por ela que o SUJEITO se constitui , uma vez que é
 b2 560a) i , uma vez que é do Outro que o SUJEITO recebe a própria mensagem que
 b2 560b) r - se - ão como formas puras no SUJEITO da psicose , aquele que se co
 b2 561b) já seria , para ele , fazer - se SUJEITO significante . Tudo isso foi
 b2 562b) reencher a marca invisível que o SUJEITO recebe do significante , alie
 b2 562c) be do significante , aliena esse SUJEITO , na identificação primeira q
 b2 562d) feito de retroversão pelo qual o SUJEITO , em cada etapa , transforma -
 b2 563a) onnaître] . Pois tudo de que o SUJEITO pode se assegurar , nessa ret
 b2 563d) ? Como quer que seja , o que o SUJEITO encontra nessa imagem alterad
 b2 564a) u ideal , desde o ponto em que o SUJEITO se detém como ideal do eu .
 b2 565a) da consciência como essencial ao SUJEITO , na consequência histórica d
 b2 569d) ssidades presumidas na origem do SUJEITO , negligenciar o fato de que
 b2 570b) sa , quer seja relacionado com o SUJEITO ou com a política ? Explicit
 b2 571b) e , aos acidentes da história do SUJEITO (idéia do trauma como contin
 b2 573d) ele se sustenta , para - além do SUJEITO levado a ocupar realmente o l
 b2 575a) fantasma da Onipotência , não do SUJEITO , mas do Outro em que se inst
 b2 575c) l da demanda de amor pela qual o SUJEITO permanece na sujeição do Outr
 b2 577b) nta do Outro , que retoma para o SUJEITO do lugar de onde ele espera u
 b2 578a) na clara alienação que deixa ao SUJEITO o benefício de esbarrar na qu
 b2 578e) mento de um fadings ou eclipse do SUJEITO , estreitamente ligado à Spal
 b2 580a) gramatical , aplicando - a a um SUJEITO a que ela se destina melhor ,
 b2 580c) os sobre a função que sustenta o SUJEITO do inconsciente , apreender q
 \$
 b2 580c) signá - lo em qualquer lugar como SUJEITO de um enunciado , e portanto
 b2 581a) o que advém da demanda quando o SUJEITO aí desvanece . Que a demanda
 b2 582d) tanto serem o avesso , do próprio SUJEITO tomado por SUJEITO da consciê
 b2 582d) , do próprio SUJEITO tomado por SUJEITO da consciência .
 b2 583a) Pois esse SUJEITO , que acredita poder ter aces
 b2 585a) icante é aquilo que representa o SUJEITO para outro significante . Es
 b2 585a) tros significantes representam o SUJEITO : Ou seja , na falta desse s
 b2 586a) 111111 É isso que falta ao SUJEITO para se pensar esgotado por s
 b2 586a) Não podemos perguntá - lo a esse SUJEITO na condição de [Eu] . Par
 b2 586b) - lhe tudo , uma vez que se esse SUJEITO , [Eu] , estava morto , com
 b2 588b) do por nenhum pensamento sobre o SUJEITO . Na psicanálise , sem dúvida
 b2 588c) ue expomos aqui : Estrutural no SUJEITO , o complexo de castração con
 b2 590c) trelinhas por quem quer que seja SUJEITO da Lei , já que a lei se fund
 b2 590c) viesse a Lei a ordenar Goza , o SUJEITO só poderia responder a isso co
 b2 591a) Lei em si que barra o acesso do SUJEITO ao gozo ; Ela apenas faz de
 b2 591a) de uma barreira quase natural um SUJEITO barrado . Pois é o prazer qu
 b2 595c) antasia permite evidenciar que o SUJEITO , aqui , faz - se instrumento
 b2 596c) possibilidade do evaaciamento do SUJEITO , e outro no histórico , na m
 b2 597c) o que teria o mesmo valor para o SUJEITO . Vê - se aí um dos escolhos
 b2 598a) nto e que a seqüência convença o SUJEITO de que o desejo do analista n
 b2 598c) de sua insciência quanto a cada SUJEITO que vai procurá - lo em análi
 b2 600b) e , nessa ocasião , a divisão do SUJEITO que ele traz em si . Assim
 b2 604c) e pode materializar a relação do SUJEITO com o significante . Da sim
 b2 607c) uilo que opera para constituir o SUJEITO . O inconsciente não é uma e
 b2 608a) erimos à linguagem como causa do SUJEITO força - nos a precisar : A a

b2 617b) ão . Nessa hipótese , o próprio SUJEITO do pretendente a sustentar es
 b2 619d) ortes da questão) , ou seja , o SUJEITO , a alternativa propõe - se c
 b2 620b) nguagem é a causa introduzida no SUJEITO . Por esse efeito , ele não
 b2 620b) te sem o qual não haveria nenhum SUJEITO no real . Mas esse SUJEITO é
 b2 620b) nhum SUJEITO no real . Mas esse SUJEITO é o que o significante repres
 b2 620c) e se reduz , por conseguinte , o SUJEITO que escuta . Com o SUJEITO ,
 b2 620c) , o SUJEITO que escuta . Com o SUJEITO , portanto , não se fala . I
 b2 620d) rigir a ele - desaparecer como SUJEITO sob o significante em que se
 b2 621a) nascer dessa fenda original , o SUJEITO traduz uma sincronia signific
 b2 621c) eira , projetando a topologia do SUJEITO no instante da fantasia , mas
 b2 621c) asia , mas o sela , recusando ao SUJEITO do desejo que ele se saiba ef
 b2 629b) perpetua a razão que subordina o SUJEITO ao efeito do significante .
 b2 630b) Estes são , respectivamente , o SUJEITO e o Outro , só devendo esses
 b2 630c) teses sobre o inconsciente . O SUJEITO , o SUJEITO cartesiano , é o
 b2 630c) o inconsciente . O SUJEITO , o SUJEITO cartesiano , é o pressuposto
 b2 630d) ue convém formular a causação do SUJEITO .
 b2 631a) ira , a alienação , é própria do SUJEITO . Num campo de objetos , não
 b2 631b) por origem o dado de que nenhum SUJEITO tem razão de aparecer no real
 b2 631b) sive de sua parte animada . Um SUJEITO só se impõe nela por haver no
 b2 631c) de ao significante em relação ao SUJEITO e , para nos , levar em conta
 b2 631c) , por assim dizer , antes que o SUJEITO constate isso , a ponto de ,
 b2 631d) por exemplo , ele surpreender o SUJEITO .
 b2 632a) ele ilumina é a divisão entre o SUJEITO e ele mesmo . Mas o fato de
 b2 632c) mado por alguém , mas não por um SUJEITO . O registro do significante
 b2 632c) e um significante representar um SUJEITO para outro significante . Es
 b2 633a) explica a divisão originária do SUJEITO . Produzindo - se o signific
 b2 633a) iscernido , ele faz surgir ali o SUJEITO do ser que ainda não possui a
 b2 633c) nação . Que o Outro seja para o SUJEITO o lugar de sua causa signific
 b2 633c) , aqui , a razão por que nenhum SUJEITO pode ser causa de si mesmo .
 b2 633d) tivéssemos que pensar nele como SUJEITO - sto .
 b2 634a) A alienação reside na divisão do SUJEITO que acabamos de designar em s
 b2 635d) morrer . Do mesmo modo , nosso SUJEITO é colocado no vel de um senti
 b2 636a) sar de produzido como eclipse do SUJEITO . A coisa merece ser dita po
 b2 637b) ão , onde se fecha a causação do SUJEITO para nela constatar a estrutu
 b2 637c) omina de Ichspaltung ou fenda do SUJEITO , e compreenderemos por que ,
 b2 637c) e a fundamenta numa fenda não do SUJEITO , mas do objeto (fálico , no
 b2 638b) a pela falta , através da qual o SUJEITO reencontra no desejo do Outro
 b2 638b) a equivalência ao que ele é como SUJEITO do inconsciente . Por essa v
 b2 638b) inconsciente . Por essa via , o SUJEITO se realiza na perda em que su
 b2 639b) Aqui , é por sua partição que o SUJEITO procede a sua parturição .
 b2 640a) Por isso é que o SUJEITO pode se proporcionar o que lh
 b2 640c) nificante sob o qual sucumbe , o SUJEITO ataca a cadeia , que reduzimo
 b2 640d) r , e sob a incidência em que o SUJEITO experimenta , nesse intervalo
 b2 641c) tro como desejo , mas restitui o SUJEITO a opacidade do ser que lhe co
 b2 641c) que lhe coube por seu advento de SUJEITO , tal como ele se produziu ini
 b2 648d) ela marca a relação , da qual o SUJEITO participa , entre a sexualida
 b2 649a) Do que dela se representa no SUJEITO , o que impressiona é a forma
 b2 651b) ua elasticidade ao extremo . O SUJEITO falante tem o privilégio de r
 b2 651b) barrando por intensão primeira o SUJEITO , nele fez penetrar o sentido
 b2 651c) em a ser apanhado na dialética do SUJEITO . Esse órgão do incorpora n
 b2 651c) uado é aquilo do organismo que o SUJEITO vem estabelecer no momento em
 b2 652b) outra via em que se manifeste no SUJEITO a incidência da sexualidade .
 b2 652c) quilo que pudesse representar no SUJEITO o modo , em seu ser , do que

b2 652c	iência demonstra de vacilação no SUJEITO , no tocante a seu ser de mas
b2 653b	amadas pulsões parciais , onde o SUJEITO busca um objeto que lhe reponh
b2 653c	o , a divisão sempre reaberta no SUJEITO em sua alienação primária , a
b2 653d	e a ordem e a norma que dizem ao SUJEITO o que ele deve fazer como hom
b2 655a	. Apêndice II : A METÁFORA DO SUJEITO Este texto é a reescrita , fe
b2 660b	da gratuitamente contra qualquer SUJEITO , de um atributo com que um ou
b2 660b	de um atributo com que um outro SUJEITO qualquer é levado a atingi -
\$	\$

ANEXO G – CONCORDÂNCIA DE SUJETOS EM ÉCRITS (1966)

OR 16b	rois places qu' elle assigne aux SUJETS qu' elle départage . Cette d
OR 17a	is regards , supportés par trois SUJETS , à chaque fois incarnés par d
OR 18a	xte de Freud . La pluralité des SUJETS bien entendu ne peut être une
OR 18b	te la notion de l' immixtion des SUJETS , naguère introduite par nous
OR 18c	' lui , c' est la façon dont les SUJETS se relaient dans leur déplacem
OR 25c	eut réunir un nombre indéfini de SUJETS dans un même « idéal » : la co
OR 47d	as seulement le sujet , mais les SUJETS , pris dans leur intersubjectiv
OR 48a	ment du signifiant détermine les SUJETS dans leurs actes , dans leur d
OR 48c	la question de la façon dont les SUJETS s' y relaient . Notre apologue
OR 96a	ais ou retards à quoi ils soient SUJETS , viennent comme toute réactio
OR 114c	pos accepté , on pare nos trois SUJETS chacun d' un disque blanc , sa
OR 115a	Comment les SUJETS peuvent - ils résoudre le prob
OR 115a	eux un certain temps , les trois SUJETS font ensemble quelques pas qui
OR 117b	éciale méconnaissance , chez ces SUJETS , de la réalité d' autrui .
OR 120b	problème . A désigne chacun des SUJETS en tant qu' il est lui - même
OR 121a	u , pour mieux dire , chacun des SUJETS étant A en tant que réel , c'
OR 122a	nt et reproduire chez chacun des SUJETS le même doute et le même arrêt
OR 122d	C' est - à - dire que les trois SUJETS sont cette fois confirmés dans
OR 123b	dans l' acte même où chacun des SUJETS manifestes qu' il l' a mené à
OR 124a	s attributs caractéristiques des SUJETS : deux noirs , un blanc , - u
OR 124b	ivaudrait à un signal par où les SUJETS se communiqueraient l' un à l'
OR 125c	ncent , ce n' est pas ce que les SUJETS voient , c' est ce qu' ils ont
OR 128b	uisse tenir pour acquise par les SUJETS avec les données du problème ,
OR 130c	avec la forme qu' il engendre de SUJETS indéfinis sauf par leur récipr
OR 135b	ments . La référence à ces deux SUJETS manifeste bien la valeur logiq
OR 136d	nt le départ simultané des trois SUJETS , pour affirmer d' aucun s' il
OR 137c	acte dans le geste du départ des SUJETS . On pourrait imaginer d' aut
OR 138d	essé à la motion d' ensemble des SUJETS .
OR 140c	emps de suspension . Chacun des SUJETS , s' il a ressaisi la certitud
OR 141a	e , même si l' un quelconque des SUJETS ne l' avait pas saisi encore ,
OR 141c	tatées synchrones chez les trois SUJETS , ne peut douter d' aucun d' e
OR 141g	conde forme , exige que tous les SUJETS aient consommé la descente log
OR 142a	ant pas même exclu que l' un des SUJETS , mais un seul , y parvienne ,
OR 142a	manifestée chez les deux autres SUJETS . La vérité du sophisme comme
OR 144d	iquement à un nombre illimité de SUJETS , étant posé que l' attribut «
OR 144d	en un nombre égal au nombre des SUJETS moins un .
OR 174d	preuve quant à leur autonomie de SUJETS , d' une méconnaissance si exo
OR 200d	n agressive des fantasmes de ses SUJETS .
OR 250c	- t - il créé chez un groupe de SUJETS , une configuration hautement
OR 251a	été curieux d' apprendre si les SUJETS ainsi éduqués réagissent aussi
OR 251d	s effets ainsi observés chez les SUJETS conditionnés lui paraîtraient

OR 252b)	d' interroger les réactions des SUJETS conditionnés à l' ordre don' t
OR 260d)	ctères , introduit donc chez les SUJETS soumis à ces discordances de l
OR 265c)	que la culture a assignées à ces SUJETS , spécialement quant à leur af
OR 265d)	n des facteurs qui désignent ces SUJETS aux effets de rupture produite
OR 272b)	. Faire état du petit nombre de SUJETS qui supportent cette création
OR 296c)	expliquant maintes réactions des SUJETS normaux autant que névrosés ,
OR 305c)	ahir , et les confidences de nos SUJETS , sinon nos propres souvenirs ,
OR 318a)	la division du travail entre les SUJETS en présence . Et cet usage dé
OR 340c)	es intentions de l' ego chez nos SUJETS , le fantasme de la mort de l'
OR 402c)	' est par fil individuel que les SUJETS sont informés ; cette informati
OR 409a)	u système comme moyen de tri des SUJETS , et celle - ci se conjoignant
OR 427b)	s reste entière à l' endroit des SUJETS dont ils prennent la charge .
OR 451c)	gue m' est commune avec d' autre SUJETS , c' est - à - dire où cette l
OR 467a)	ans l' apparence d' un tableau à SUJETS les clichés plutôt rébarbatifs
OR 494b)	devons admettre l' existence de SUJETS , non point par quelque mirage
OR 518a)	, ne peuvent se suffire d' être SUJETS du besoin , ni objets de l' amo
OR 545a)	l' intra - dit d' un entredeux - SUJETS , est celle même où se divise
\$	

ANEXO H – CONCORDÂNCIA DE SUJEITOS EM ESCRITOS (1978)

Ha 16b)	três lugares que ela designa aos SUJEITOS que ela desempata . Esta de
Ha 16c)	s olhares , sustentados por três SUJEITOS , de cada vez encarnados por
Ha 18b)	o de Freud . A pluralidade dos SUJEITOS , não pode evidentemente , s
Ha 18c)	escenta a noção de a imissão dos SUJEITOS , outrora introduzida por nó
Ha 18c)	hoje , é a maneira pela qual os SUJEITOS se revezam no seu deslocamen
Ha 25c)	e reunir um número indefinido de SUJEITOS em um mesmo ideal : A comun
Ha 48a)	Não é somente o sujeito , mas os SUJEITOS , tomados em sua intersubjet
Ha 48c)	nto do significante determina os SUJEITOS nos atos , no destino , nas
Ha 49a)	questão da maneira pela qual os SUJEITOS aí se revezam . Nosso apólo
Ha 113b)	ção aceita , ornamos nossos três SUJEITOS cada um de um disco branco ,
Ha 113c)	mente dois exemplares . Como os SUJEITOS poderão resolver o problema ?
Ha 113c)	tre eles um certo tempo , os três SUJEITOS dão juntos alguns passos que
Ha 115c)	hecimento todo especial , nesses SUJEITOS , da realidade de outrem .
Ha 116c)	vem concluir sozinho , B e C os SUJEITOS refletidos sobre cuja condut
Ha 118c)	roblema . A designa cada um dos SUJEITOS na medida em que está ele pr
Ha 119b)	a dele , ou melhor , cada um dos SUJEITOS sendo A enquanto real , isto
Ha 120b)	ento e reproduzir em cada um dos SUJEITOS a mesma dúvida e a mesma int
Ha 121a)	branco . Quer dizer que os três SUJEITOS são desta vez confirmados em
Ha 121b)	Próprio ato em que cada um dos SUJEITOS manifesta que ele o levou a
Ha 122b)	os atributos característicos dos SUJEITOS : Dois pretos , um branco -
Ha 122c)	uivaleria a um sinal por onde os SUJEITOS se comunicariam um ao outro
Ha 123b)	ensas denunciam , não é o que os SUJEITOS vêem ; é o que eles encontr
Ha 126b)	ossa considerar como obtida pelos SUJEITOS com os dados do problema , o
Ha 129a)	com a forma que ele engendra de SUJEITOS indefinidos salvo pela sua r
Ha 133c)	tos . A referência a esses dois SUJEITOS manifesta bem o valor lógico
Ha 135b)	e da partida simultânea dos três SUJEITOS , para afirmar a cerca de ne
Ha 136a)	esse ato no gesto de partida dos SUJEITOS . Poder - se - ia imaginar
Ha 137c)	essamos na moção do conjunto dos SUJEITOS . Nada mais do que isso :
Ha 139a)	o de suspensão . Se cada um dos SUJEITOS se reapoderou da certeza sub
Ha 139c)	o que , mesmo se qualquer um dos SUJEITOS não a havia apreendido ainda
Ha 140b)	s constatou sincrônicas nos três SUJEITOS , não pode duvidar de nenhum
Ha 141b)	gunda forma , exige que todos os SUJEITOS tenham consumido o descenso

Ha 141b| o sendo mesmo excluído que um dos SUJEITOS , mas um só , aí chegue , se
 Ha 141c| ação manifestada nos dois outros SUJEITOS . A verdade do sofisma como
 Ha 144a| camente a um número ilimitado de SUJEITOS , estando estipulado que o a
 Ha 144a| em um número igual ao número dos SUJEITOS menos um . Mas a objetivaçã
 Ha 199d| agressiva das phantasias de seus SUJEITOS .
 Ha 249a| nosso autor , criou num grupo de SUJEITOS , uma configuração altamente
 Ha 249c| o a nós , gostado de saber se os SUJEITOS assim educados reagem também
 Ha 250b| os efeitos assim observados nos SUJEITOS condicionados continuariam p
 Ha 250d| ade de interrogar as reações dos SUJEITOS condicionados à ordem don '
 Ha 259b| s caracteres , introduz então nos SUJEITOS submetidos a essas discordân
 Ha 264a| s que a cultura conferiu a esses SUJEITOS , especialmente quanto à sua
 Ha 264b| um dos fatores que designam esses SUJEITOS para os efeitos de ruptura p
 Ha 270b| Fazer caso do pequeno número de SUJEITOS que suportam essa criação se
 Ha 293c| , explicando várias reações dos SUJEITOS normais assim como dos neuró
 Ha 302c| os , e as confidências de nossos SUJEITOS , quando não as nossas própr
 Ha 315a| na divisão do trabalho entre os SUJEITOS em presença . E essa utiliz
 Ha 337b| o das intenções do Ego em nossos SUJEITOS , a phantasia da morte do an
 Hb 400b| tiva é por via individual que os SUJEITOS são informados ; Esta infor
 Hb 406d| sistema como meio de escolha dos SUJEITOS e se conjugando à insonorida
 Hb 423d| es permanece inteira para com os SUJEITOS dos quais eles tomam a carga
 Hb 447b| língua é comum a mim e a outros SUJEITOS , isto é , na medida em que
 Hb 489b| devemos admitir a existência de SUJEITOS , não por uma miragem projet
 Hb 513c| lação , não podem se bastar como SUJEITOS da necessidade , nem objetos
 Hb 540a| intra - dito de um entre – dois SUJEITOS, é o mesmo em que se divide
 §

ANEXO I – CONCORDÂNCIA DE SUJEITOS EM ESCRITOS (1998)

9A 16c| três lugares que ela atribui aos SUJEITOS, os quais ela desempata .
 9A 17a| s olhares , sustentados por três SUJEITOS , alternadamente encarnados
 9A 18c| Naturalmente , a pluralidade dos sujeitos não pode ser uma objeção par
 9A 18d| acrescenta a noção de imissão dos SUJEITOS , outrora introduzida por nó
 9A 19a| teressa hoje e a maneira como os SUJEITOS se revezam em seu deslocament
 9A 26a| e reunir um número indefinido de SUJEITOS num mesmo ideal , sem que po
 9A 49b| Não é apenas o sujeito , mas os SUJEITOS , tornados em sua intersubje
 9A 49c| nto do significante determina os SUJEITOS em seus atos , seu destino ,
 9A 50a| com a questão da maneira como os SUJEITOS se revezam . Nosso apólogo
 9A 115b| roposta , cada um de nossos três SUJEITOS é adornado com um disco bran
 9A 115c| número de dois . Como podem os SUJEITOS resolver o problema ? A sol
 9A 115c| si por um certo tempo , os três SUJEITOS dão juntos alguns passos , q
 9A 117d| hecimento todo especial , nesses SUJEITOS , da realidade do outro .
 9A 119a| vem concluir por si , e B e C os SUJEITOS refletidos , com base em kuj
 9A 121a| roblema . A designa cada um dos SUJEITOS como aquele que está pessoal
 9A 121c| melhor dizendo , sendo todos os SUJEITOS A como real , isto é , como
 9A 122d| o , e reproduzirá em cada um dos SUJEITOS a mesma dúvida e a mesma par
 9A 123c| ser branco . Ou seja , os três SUJEITOS , desta vez , são confirmado
 9A 123d| o próprio ato em que cada um dos SUJEITOS evidencia que chegou à sua c
 9A 124c| dos atributos característicos dos SUJEITOS : Dois pretos e um branco ,
 9A 125a| ivaleria a um sinal pelo qual os SUJEITOS comunicariam uns aos outros
 9A 126a| spensas denunciam não é o que os SUJEITOS vêem , mas o que eles descob
 9A 129b| possa tomá - la por obtida pelos SUJEITOS com os dados do problema , o
 9A 132a| entido , com a forma que gera de SUJEITOS indefinidos , a não ser por
 9A 136c| tos . A referência a esses dois SUJEITOS evidencia bem o valor lógico

9A 137d| nte da saída simultânea dos três SUJEITOS , para afirmar de algum dest
 9A 138c| r esse ato no gesto da saída dos SUJEITOS . Poderíamos imaginar outro
 9A 139d| mos no movimento de conjunto dos SUJEITOS .
 9A 141a| o de suspensão . Se cada um dos SUJEITOS recuperou a certeza subjetiv
 9A 141c| ato de que , mesmo que algum dos SUJEITOS ainda não o houvesse captado
 9A 142b| s constatou sincrônicas nos três SUJEITOS , não pode duvidar que qualqu
 9A 143b| gunda forma , exige que todos os SUJEITOS tenham consumado a incursão
 9A 143b| ão é sequer impossível que um dos SUJEITOS , mas apenas um , chegue a e
 9A 143c| ão , evidenciada nos outros dois SUJEITOS . A verdade do sofisma como
 9A 146a| camente a um número ilimitado de SUJEITOS , posto que o atributo negat
 9A 146a| ir num número igual ao número de SUJEITOS menos um . Contudo , a obj
 9A 176a| stras , quanto à sua autonomia de SUJEITOS , de um desconhecimento tão
 9A 202d| agressiva das fantasias de seus SUJEITOS .
 9A 252a| nosso autor , criou num grupo de SUJEITOS uma configuração altamente i
 9A 252c| ficado curiosos em saber se os SUJEITOS assim educados também reagem
 9A 253b| os efeitos assim observados nos SUJEITOS condicionados continuariam a
 9A 253d| ecisar interrogar as reações dos SUJEITOS condicionados à ordem don ' t
 9A 262b| ada um , introduz portanto , nos SUJEITOS submetidos a essas discordânc
 9A 267a| s que a cultura conferiu a esses SUJEITOS , especialmente quanto à sua
 9A 267b| m dos fatores que destinam esses SUJEITOS aos efeitos da ruptura produ
 9A 273b| evar em conta o pequeno número de SUJEITOS que sustentam essa criação s
 9A 297a| licar muitas reações , tanto dos SUJEITOS normais quanto dos neurótico
 9A 306b| os , e as confidências de nossos SUJEITOS , senão nossas próprias lemb
 9A 318d| na divisão do trabalho entre os SUJEITOS presentes .
 9A 342c| o das intenções do ego em nossos SUJEITOS , a fantasia da morte do ana
 9B 405c| identificação coletiva , que os SUJEITOS são informados ; Essa infor
 9B 411d| sistema como meio de triagem dos SUJEITOS e , conjugando - se esta com
 9B 430a| permanece intacta em relação aos SUJEITOS de quem eles se encarregam .
 9B 453d| sua língua me é comum com outros SUJEITOS , isto é , em que essa língu
 9B 495b| devemos admitir a existência de SUJEITOS , não por alguma miragem pro
 9B 519d| ros da relação , não basta serem SUJEITOS da necessidade ou objetos do
 9B 546c| intra - dito de um entre - dois - SUJEITOS , é justamente aquele em que
 \$